A
0000 089 529
2
UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY

Digitized by the Internet Archive
in 2007 with funding from
Microsoft Corporation

http://www.archive.org/details/poesiabatalhadeh00cordiala

Maria Adelaide Figueiredo
Offerece ao seu Querido
sobrinho o (Actor) Bernualdo
Fg^do

ESTUDOS LITTERARIOS.

Lisboa 18 de Dezembro 1913

A POESIA

BATALHA DE HUMAYTÁ

E A CRITICA

LANÇADA NO JORNAL DA PARAHYBA.

ANALYSE

PUBLICADA NO DESPERTADOR

PELO

DR. ANTONIO DA CRUZ CORDEIRO.

PARAHYBA.

TYPOGRAPHIA LIBERAL PARAHYBANA.

RUA NOVA, N. 7

1869.

PRIMEIRA PARTE.

Un excellent critique serait un artiste qui aurait beaucoup de science et de gout, sans prejugés et sans envie.

(*Voltaire.*)

170001

ARTIGO I.

Exercer a critica litteraria parece álguns individuos uma cousa facil, uma tarefa simples! Entretanto este genero de trabalho intellectual é um dos mais difficeis na opinião dos homens eruditos e pensadores.

Os ignorantes e malevolos entendem que bastam algumas phrases grosseiras, lançadas a pedido em um jornal, contra qualquer producção litteraria, para que façam cahir o ridiculo sobre o seu autor, e se tornem elles assim verdadeiros arbitros do merito dos outros:

Os verdadeiros homens de lettras, porem, riem-se desses fatuos pigméos, porque sabem que o critico tem necessidade de instrucção, tem necessidade de bom senso, tem necessidade de gôsto e de muita cousa mais, que não é por certo esse simples desejo de mentir á multidão para deprimir os seus adversarios.

Mas como, infelizmente, a maioria daquelles predomina, ápesar dos conselhos d'estes sabios e pensadores, não ha remedio senão supportal-os.

O que devemos é lamentar, que a lucta, que devera ser entretida pela intelligencia, seja invadida pela inveja, falseada pela calumnia, desvirtuada pelas paixões, e rebaixada pela ignorancia.

As paixões más são como lampejos do raio, porque cegam.

E a cegueira em litteratura é a ignorancia.

E a ignorancia é o maior elemento do erro!

Cerrados assim os horisontes da intelligencia, o espirito não pode mais ver a luz do pharol que illumina.

O critico deixa então de ser Juvenal para ser Triboulet; e a semelhança dos Tartufos e Figaros faz tregeitos e diz chalaças para devertir as turbas ociosas.

O *critiqueiro* que assim procede é um dos verdadeiros *esbocetos da typographia humana* do Sr. Cascaes:

« Pregador de vão conceito,
Demócrito, a novo geito,
Que de tudo ri, desdenha
Desentranhando-se empetas
Ao compasso de carêtas. »

E assim vemos a critica quase sempre desamparada pelos verdadeiros litteratos, e exercida entre nós por esses tatibitatibes, que precisam tanto de freio e correcção como os pobres desvalidos precisam das obras de caridade.

Entregues taes criticos ás suas paixões e vaidades não podem prever os resultados asquerosos de seus juizos parciaes, e muito menos o ridiculo de que se cobrem, por isso que nenhum caminho os conduz a porto seguro, nenhuma luz os esclarece, nem mesmo os escolhos os salvam.

O naufragio é a consequencia, infallivel desde que o piloto sem bússola se arroja á mares desconhecidos. Semelhantemente os disparates são consequencias infalliveis desde que o sensor apaixonado descorre em publico sobre uma materia de que não entende, no intuito de deprimir a todo transe os seus desafectos.

A criticos taes cabe perfeitamente o que disse uma illustração de Portugal a respeito dos zoilos do Sr. Palmeirim :

« Parasitas da litteratura não podendo ter

uma vida propria procuram viver á sombra dos outros.

« Ignorantes das regras da arte, incapazes de sentir e avaliar o que é bello, arvoram-se atrevida e loucamente em juizes do que não entendem.

« Em cosendo e vestindo á portugueza quatro retalhos de Jules Janin, Gustave Planche ou *Eugenio Sue*, ficam todos vaidosos de si mesmos e julgam ter feito uma obra prima. »

A critica armada por mãos de inimigos envejosos e pequeninos é sempre assim, recheada de calumnias e inçada de erros; mas o erro só produzirá o erro, e a verdade compremida pela calumnia áfinal aparece cada vez mais bella e radiante.

Alguns ignorantes ha que não respeitam as luzes dos outros, é verdade, mas respeitam ao menos o juizo publico, e se retrahem para não se exporem ao rediculo; outros porem, que nem ao menos tem o bom senso da propria dignidade, dão o triste espectaculo da ran da Fabula que não obstante se achar esmagada debaixo do casco do boi ainda suppunha encommoda-lo !

Loucura insana !

Bem dizia o moralista portuguez :—O mundo compõe-se de tudo, tem pavões e tem gralhas : ser gralha não é vileza, mas querer ser pavão é loucura.

Os que se deslembram desta justa maxima, que é um saudavel aviso tão justificado pelas lições da experiencia, de ordinario dão por páus e por pedras, e afinal são victimas de sua imprudencia ou vaidade, merecendo que se diga delles o que disse Miguel do Couto Guerreiro na sua Arte poetica dos que se mettem a criticos sem espirito, e a poetas sem veia:

« Por isso de seus loucos desvarios
Tiram só pateadas e assovios. »

A politica mesquinha e desleal do « Jornal da Parahyba » é cega, nada disto comprehende ; e por tanto não admira que os seus corypheos dêem taes espectaculos no intuito de offenderem os seus adversarios politicos.

Baldado esforço !

E' assim que os redactores do « Jornal da Parahyba » acceitam em sus paginas os maiores desparates (até mesmo em litteratura ! ! !) com tanto que a setta envenenada seja disparada contra o alvo que miram !

Elles valem-se d'esses homens de apoucadissima mediania, que vendem a sua omnimoda cooperação a quem quer, que os tire de sua obscuridade.

Elles tiram interesses desses manequins com quanto reconheçam sua nullidade, elles os consideram, ajudam seus trabalhos, alimentam suas

vaidades e promettem-lhes posição, embora se riam ás escondidas da credulidade inepta que nesse indigno jogo apenas serve de instrumento !

E o que mais admira é que assim procedam os homens do « Jornal da Parahyba, » olvidando a reputação litteraria que deve manter todo o Jornal, visto como não se envergonham de serem os seus pobres litteratos apanhados em flagrante como ignorantes e calumniadores em face de provas irrecusaveis!

Tal é o prazer que os homens do « Jornal da Parahyba » teem em deprimir que tão pouco caso fazem assim da dignidade propria, e dos seus creditos litterarios.

Tudo que brilha ao lado e acima d'elles os dilacera e encommoda, porque vêem com os olhos da inveja a elevação dos outros, cuja prosperidade os amesquinha !

Os successos que engrandecem os seus adversarios, ainda mesmo em uma arena estranha á politica, distillam veneno em seus corações, e espalham em toda a sua vida amargor e humilhação ! ...

Em vista destas considerações, suscitadas pela leitura dos artigos alludidos no « Jornal da Parahyba » não admira, que a *Batalha de Humaytá*, cuja producção tanto me tem honrado, fosse o meu proprio calvario naquelle jornal,

Ha, porem, uma cousa verdadeiramente bella e moral, que a ignorancia e pedantismo não podem gosar e nem destruir : é a opinião publica.

Não é a opinião individual, o capricho, o interesse, o despeito, o odio, a inveja e a vingança que a subjugam; o culto á verdade é que a domina, e mais nada.

Querer que no mundo da sciencia e das lettras aproveitem as mentiras e doestos politicos, é fazer máo uso da imprensa, e só a ignorancia tem este triste privilegio.

Armar-se a orthodoxia politica, inflexivel, apaixonada, invejosa e myope contra o cultivo das lettras, é, como já disse alguem, uma cousa tão ridicula, que só nos recorda aquelle rei do Ponto, que mandava açoitar as ondas do oceano, porque todos os dias invadiam-lhe as esplainadas do regio palacio !

Querer entorpecer a marcha dos que estudam, por meio de combinações cavilosas, é suppôr que os trabalhos subterraneos da topeira podem influir na marcha progressiva de humanidade !

Quem assim volta as costas ás luzes do progresso litterario debalde tentará assumir a superentendencia da opinião publica para impor aos outros o—*nec plus ultra*, cuja legenda só Deus impôz ao oceano.

Deve inspirar compaixão o pobre de espirito

que estagna e patinha sem poder acompanhar a caravana que se move para o futuro, como se move o helianto para a luz do sol.

O juizo critico do « Jornal da Parahyba » é de tal natureza, que repugna uma discussão litteraria. Eu tinha em mente não dar a elle a menor resposta, porque entendo que o silencio tambem tem sua dignidade em face de escriptos de tal ordem.

Entretanto o seu *digno autor*, não só por falta de idéas, mas tambem por malignidade assacou-me perfidas calumnias, que não posso e nem devo tolerar que corram impressas sem um protesto. Do contrario deixaria elle no gôso ineffavel da comtemplação de si proprio, saboreando pelo menos a duvida que faria gerar em certos espiritos menos cultivados.

Neste caso o meu silencio poderia ser interpretado como o do réo convicto, ou do olvido dos meus deveres; e por tanto resolvi antes olvidar o proposito em que estava para cumprir esse dever, senão em minha defesa, ao menos em homenagem á opinião publica, e aos meus concidadãos, que tantas vezes me teem dispensado animação com a sua benevolencia.

Parahyba 10 de Fevereiro de 1869

———

ARTIGO II.

Tive resignação e paciencia bastante para esperar a conclusão da *critica* lançada no *Jornal da Parahyba* contra o—*Episodio da esquadra brasileira em operações nas aguas do Paraguay a 19 de fevereiro de 1868*—cujo trabalho poetico compuz e publiquei em março do mesmo anno.

Essa critica, saturada de insultos, e feita em tom de chalaça, occupa sete artigos !

Numero fatidico pela tradicção !

Os dous primeiros forão publicados em setem-

bro, o terceiro, quarto e quinto em novembro, o sexto em dezembro, e o setimo em janeiro do corrente anno.

Sete artigos em cinco mezes !

A critica mercenaria de que falla Gustave Planche apparece sempre a proposito.

Ella estava premeditada; alguem havia de satisfazer o «Jornal da Parahyba.»

O tempo é contado precisamente; cada um de seus minutos tem sua tarifa; o zoilo não falta á sua promessa; pois a maledicencia é sua alegria, a calumnia é a sua vida.

Não precisa muito estudo para se formar um juizo semelhante, e chegar-se a um fim premeditado.

Para descriminar-se o verdadeiro sentido de um trabalho litterario, e procurar depois analyzar o seu pensamento, a sua forma, o seu fundo de verdade, o seu prestimo, ou inutilidade, é preciso estudar, pensar e reflectir. Mas isso é uma puerilidade; o que se quer não é um juizo recto, é um juizo para vender, para agradar, e para rir.

E o critico é talhado para isso, porque sendo ignorante, diz ao publico que é sabio; tem botica na praça publica para apregoar as pomadas, as panacéas e ruins drogas que vende.

E' quanto basta para lançar a immundicia, a la-

má e o proprio veneno sobre aquelles que o desprezam, e incençar aquelles que o pagam, se não com dinheiro ou admiração, ao menos com vans promessas.

Eos papalvos, que nada sabem, batem palmas, dão-se por satisfeitos e bem contentes de terem assim abocanhado o adversario politico.

Ainda bem:

Durante esse longo praso em que o «Jornal da Parahyba» publicou o seu julgamento conservei-me na posição muda, que me competia, para não interromper, e nem desviar o autor de taes artigos de suas profundas meditações; certo de que esse Aristharco, ou Zoilo, em seu *exame* ou *julgamento* não destruiria aquelle eterno principio, de que se servio o grande Chateaubriand em sua defesa, quando foi injuriado pelos criticos de sua mais importante obra—*Genio do Christianismo*. Eil-o:

« Si un livre est bon, la critique tombe; s'il est mauvais, la apologie ne le justifie pas. »

Desejo a critica, porque esta palavra significa em seu sentido geral, em sua propria etymologia, *exame, analyse, gosto, discernimento, juizo*.

Esse juizo tem como regra infallivel o criterio; e o criterio é o termo pelo qual em philoso-

phia se designa o caracter da verdade, ou da certeza.

Em dous estados pode achar-se o espirito humano; na sciencia e na ignorancia, no erro e na verdade: e por tanto a critica luminosa antepõe-se ao homem em todas as espheras, apontando-lhe o verdadeiro caminho, que deve trilhar em sua marcha e progressão.

O puro e fiel desenvolvimento da verdade é o seu fim.

A critica assim concebida, sendo a propria verdade, jamais so accommodará ao involucro do sophisma, com que intelligencias bastardas e superficiaes tentam acobertal-a.

E' a critica, em linguagem de litteratura, uma arte liberal, como diz Freire de Carvalho, que ensina a discernir o verdadeiro merecimento da obra, assim como do seu autor, apontando os principios que servem para fazer sentir mais vivamente as suas bellezas, assim como os seus defeitos, e ensinando-nos, finalmente, a admirar aquellas, e a vituperar estes com exacto conhecimento.

Estimo, pois, a critica sob estas bases, porque, sendo uma verdadeira arte liberal, anda inteiramente ligada ao estudo das Bellas Lettras, e a observação dos seus cultores, que consideram ella a origem do bom senso e do gôsto.

Amo a critica que assim revela bôa fé, sciencia e consciencia daquelle que a escreve, embora aggrida o fruto do homem que estuda e trabalha. Esta critica é justamente a que corrige respeitando o adversario, porque em primeiro logar se faz respeitar a si.

Mas haverá alguem que diga, que a critica feita á «*Batalha de Humaitá*» está n'estas condicções ?

Não por certo.

Em meu primeiro artigo já fiz sentir esta verdade.

Não é uma critica leal e nem fecunda; é pelo contrario uma daquellas, de que falla o escriptor portuguez, que vem do soalheiro para a imprensa sem dignidade, conspurcando em lingoagem das praças os frutos, que não pode produzir por sua esterilidade.

Esta critica repugna, porque não raciocina, não reflecte, não discute, e nem julga;—abate por capricho, aborrece por inveja, e causa tedio por ignara!

Em taes criticas se vê que o amigo sendo mediocre, e até mesmo ignorante, é exaltado, o indifferente é votado ao silencio do desprezo por ser desconhecido; e o inimigo é, apezar de sua lealdade, chasqueado e convertido em victima sacrificada na hecatombe, julgando o inepto censor attestar

por este meio a grandeza e infallibilidade de seu juizo!

Criticos desta ordem se revestem de uma autoridade ridicula; e mal sabem elles que os seus proprios juizos serão a condemnação de suas apreciações sophisticas e malévolas.

A critica do «Jornal da Parahyba» feita á poesia *Batalha de Humaytá* é desta natureza; o seu fim não é nem animar o autor deste trabalho, e nem dirigil-o apontando-lhe os defeitos. O seu fim é injurial-o; porque entende o censor que na pessôa de um adversario politico não pode haver um homem de bem; em suas obras não pode haver uma verdade; em suas inspirações não pode haver um sentimento nobre; em suas manifestações esteticas não pode haver uma belleza.

Entretanto Cezar, o grande Cezar, mandava levantar as estatuas de Pompeo, porque era um inimigo generoso!

E Cicero aproveitando-se do exemplo dava aos criticos esta proveitosa lição dizendo :

« E' levantando o teu proprio inimigo que consolidas a tua gloria. »

Aprendi este exemplo desde o meu curso de eloquencia nacional; mas o meu critico esqueceos se d'elle. Pouco importam aos criticos do *Jornal da Parahyba* essas sentenças de moralidade antiga.

Aristoteles e Quintiliano nada valem.

Ainda bem; na grande praça das lettras ha logar para todos. Juvenal, Parny ou Ecouchard Lebrun, todos cumprem o seu destino. Cada um viva como melhor lhe aprouver, ou imitando o cego que negava as cores, ou reagindo contra os preceitos da litteratura, da sciencia e da moral.

O critico do «Jornal da Parahyba» tomando ao serio o seu papel ridiculo arvora-se em preceptor e accusa-me de erros—de poetica, de metrificação, de grammatica; e me calumnia até—chamando-me plagiario!

O critico faz esse grande achado, e por isso o applaudem os nescios de sua grey.

E' a primeira vez que se me imputa esse crime em toda a minha vida litteraria, o qual assenta bem nos litterutos do *Jornal da Parahyba*.

Haja vista áquelle arremedo dramatico intitulado *Fatalidades*, que ainda hoje serve de mofa e escarneo nas tabernas.

Opportunamente cotejarei os meus versos com os daquella fonte de onde elles procedem no dizer do critico, e provarei até que ponto chega o seu descaro.

O publico conhecerá a toda luz que o meo trabalho nada tem de commum com o do Sr. Palhares, ainda mesmo quando nos encontramos em algum pensamento, em alguma palavra, que

não podemos deixar de usar, desde que escrevemos versos em portuguez.

Os zoilos esquecem que a moralidade, o criterio, a justiça e a verdade são a lei commum de todo o escriptor; pois bem, desde já eu lanço um protesto á imputação que se me faz de *plagiario*, compromettendo-me a desmacarar o *caramujo litterario*, suspeito e covarde, que sob a capa do anonimo tentou desviar e illudir a oppinião publica para chafurdar-me no lodo, em que só elle vive immerso.

As accusações já foram cabalmente destruidas em um longo e bem elaborado communicado, impresso n'este jornal em 11 de janeiro. (Despertador n. 588).

Depois de um tão erudito quanto delicado artigo litterario, eu nada teria a dizer em minha defesa, se não entendesse de meu dever protestar solemnemente contra a má fé e calumnia do meu adversario na elaboração da sua critica.

Ao meu generoso advogado, que por modestia guardou para o publico e para mim o mais rigoroso incognito, rendo a sincera homenagem, a que tem jus por sua luminosa analyse, agradecendo-lhe publicamente a urbanidade com que se dignou tratar-me.

Cabe-me agora a palavra para analysar por minha vez os erros e calumnias que me são as-

sacadas a pretexto da critica á «Batalha de Humaytá.» Eu reservo essa analyse para a segunda parte deste trabalho. E aos proprios leitores do *Jornal da Parahyba* peço toda attenção para que melhor nos julguem.

Procurarei affastar-me tanto quanto me for possivel da senda trilhada pelo meu adversario, que tornou-se indigno do nome de cavalleiro pela sua linguagem baixa e de má fé, e sobre tudo pela mascara que tomou em uma discussão litteraria, que aliás deve ser sempre delicada e cortez, esclarecida e sincera.

Se o autor dos artigos, a que vou responder, envergonhou-se do papel que representou occultando o seu verdadeiro nome sob o pseudonymo de *Gùstavo Bustamente*, eu, pelo contrario, despresando os seus insultos e calumnias, irei assignando os meus artigos em homenagem á opinião publica.

Parahyba 15 de Fevereiro de 1869.

——

ARTIGO III.

Antes de entrar na analyse promettida farei algumas considerações sobre o objecto da critica do « Jornal da Parahyba. »

Factos e acontecimentos se dão na vida das nações, que as immortalisam, não só porque assombram os nacionaes e estrangeiros, que os observam, como tambem porque maravilham as gerações posteriores, que os commemoram.

O Brasil teve a gloria de registrar nas paginas de sua historia um destes esplendidos acon-

tecimentos, o qual teve logar em 19 de Fevereiro do anno passado.

Fallo da Batalha de Humaytá, dessa grande victoria naval, alcançada pela 3.ª divisão da esquadra imperial em operações nas aguas do Paraguay, a respeito da qual um jornal inglez impresso em Buenos-Ayres assim se exprimio :

« Nenhum acontecimento de igual importancia occorrêo nesta parte do mundo nesta geração; e, para honra do pavilhão brazileiro, é necessario confessar que a victoria alcançada é a todos os respeitos digna de figurar a par de Aboukir e de Trafalgar. »

A autoridade é a mais competente.

O qne admira é que haja brasileiro, que pague com despreso, e até mesmo com injurias as nobres abnegações, os esforços generosos de seus patricios dedicados ao engrandecimento da patria.

E' uma especie de obstinação, e de encarniçamento cego que affecta áquelles, que não comprehendem os deveres de cidadão, porque confundem muitas vezes a paixão politica com o patriotismo.

Mal sabem elles, que a paixão politica não é, e nem pode ser legitima, se não quando o patriotismo é sua base.

O mesquinho interesse politico, as paixões desvairadas, a inveja e o odio em certos indivi-

duos obscurecem a razão, e aconselham o mal, o erro e a calumnia, não só contra irmãos, como até mesmo contra o interesse commum da mãe Patria.

Cumpre, pois, que a historia restabeleça os factos, illuminando com seu facho da verdade as sombras do passado, afim de que apareçam á toda luz os grandes acontecimentos, e as venerandas imagens de seus heroicos protogonistas.

Neste caso considero a *Batalha de Humaytá* e os seus heróes.

Agradavel coincidencia !...

Recordo-me agora que hoje é o dia de seu primeiro anniversario; ainda bem.

Prestando uma sincera homenagem a esse dia immorredouro, occupar-me-hei hoje somente dessa batalha em honra de minha Patria.

Sim, farei neste artigo um bosquejo, repetindo, como sentinella do povo, os feitos que ganharam a immortalidade para o Brazil.

Será o meu pequeno presente de festa neste dia anniversario das glorias de meu paiz.

Possa elle encitar os animos que desfallecem.

Batalha de Humaytá.

A natureza dormia envolta no seu manto de trevas no meio da solidão; o Céo era êrmo de estrellas.

O tétrico silencio do rio Paraguay era quebrado apenas pelo monótono sôpro da brisa, que vinha das selvas longinquas.

Mas no meio desse rio deserto ha um profundo mysterio.

Em suas aguas alguns vultos se erguem como negros phantasmas! E lá se movem atravez da cerração da noite com direcção a Humaytá!

Ao oriente como ao occidente um véo de vapores turvos envolvem aquelles vultos cercados pelo horisonte.

E avante singram até despertarem os echos da solidão com o abafado ruido das machinas, que os empellem.

São afinal presentidos nas margens oppostas!

As vedetas os denunciam; e o alarma chega a Humaytá, que estremece e desperta como o Briareo tremendo sob o peso do mysterio! ..... Se não tinha como aquelle fabuloso gigante cem braços, ao menos dispunha de perto de duzentos canhões!

O cacique de Humaytá sae do seu escondrijo, em que affagava uma illusão continua, um engano constante, para observar esses vultos negros e terriveis, que ousaram accommetter-lhe os passos:

Olha-os, encara-os com ardente cobiça, reprimindo uma risada surda, sarcastica e sinistra,

porque suppõe chegada a hora de fazer sepultar no fundo do rio os phantasmas que o perseguem.

E com essa premiditação de facinora attingia a lascivia da malvadez!

Entretanto naquelles pequenos vultos obscuros transparecia uma especie de serenidade assombrosa, que contrastava com o abrasamento interior dos bravos marinheiros do imperio.

Elles navegavam em seus pequenos vasos de guerra sem hesitar.

Envoltos pelo nevoeiro vogavam, fluctuavam e crescium sobre Humaytá, para forçarem-lhe a passagem, e deixarem para traz os nescios.

Havia nesses vultos o que quer que fosse de inexpugnavel.

A natureza externa era trevosa e calma, ao passo que o fôro intimo desses guerreiros tinha sua tensão electrica, porque dominava-os a idéa e, como mui bem diz Hugo, uma idéa é um meteóro!

De repente trava-se a lucta.

O baluarte paraguayo dardeja seus raios e projectis contra os encouraçados brasileiros.

O brilho phosphorecente das lavas precede ao estampido das granadas!

A artilharia faz reboar o espaço accordando a natureza agreste daquelle somno profundo e calmo dos seculos!

E os vultos, que no meio do rio se destacam das sombras, apenas correspondem ás saudações das bombas e metralhas inimigas.

E avante sempre farejando a presa sem desorientarem, e nem retrocederem.

Ainda estavam longe daquelle dragão de granito, emboscado á margem do rio, mas ah ! já se achavam elles inteiramente dentro do raio da refrega !

As bombas e metralhas açoutam as aguas ; as aguas crescem nas margens e batem nas barrancas; a detonação fere o espaço, sobre o qual se contrahem e dilatam inopinadamente os raios dos projectis, como meteóros ephemeros, que se levantam dos negros pantanos.

Aquelle clarão alternado, óra dilata-se nas trevas, óra reverbera nas aguas, como reflexos de estrellas de fôgo semeadas em um céo escuro.

E no meio dessa tempestade aquelles vultos negros, que não são outra cousa mais do que os vasos brasileiros, singram avante como que guiados pelo destino, e empellidos por uma força sobre-humana ! Suas couraças comprimem-se ao choque das balas, e dilatam-se repellindo-as em angulos de reflexão sobre as aguas !

Nem torpedos, nem correntes, nem as trevas da noite, nem o incognito lhes embargam a marcha triumphante.

E lá vão elles sulcando as aguas revoltas do rio, como se fossem sorrindo para uma festiva regata !

Se eletrica e horrorosa é a lucta no meio da quella trevosa solidão, inexoravel é tambem o destino, que os conduzio a ella.

A aproximação effectua-se com uma especie de terror da parte dos contendores, porque ambos procuram uma incognita para resolver um problema difficil.

Calcular um triumpho e supportar um supplicio, é o mesmo que affagar o punhal e assucarar o veneno. Nada mais difficil, nada mais doloroso.

O momento decisivo chega !

Os vasos de guerra lá se aproximam do pavoroso baluarte, que por sua vez abre todas as suas cratéras como se fora um volcão, para lançar raios sobre elles.

As lavas de fôgo brilham no espaço negro, e recrudescem como num incendio atravez das nuvens de fumo. Parecem relampagos que refulgem, e numa contracção se apagam... !

Irradiações igneas, rectilineas e convexas dilatam-se no espaço como serpentes de fôgo, annunciando a explosão ! ....

Era um jôgo de luz e sombras como um fluxo e refluxo de ardentias sobre a densidade vitrea das aguas do mar.

E, no meio dessa magnifica rede de fogo vivo, lá seguem aquelles heroicos vultos brazileiros, já illuminados pelas fogueiras do chaco!

Lá se aproximam elles do abysmo, lá desaparecem no torvelinho espesso do fumo dos canhões como no meio de um sorvedouro! . .

Sossobraram?! . . . Não, lá reaparecem ao brilho das chammas, que os circundam; lá ferem os torpedos; lá tocam as correntes e estacam como fremente ginetes!

Um delles desgoverna... mas lá se apruma de novo, e abre lucida carreira, repellindo as balas com suas espêssas couraças!

Ainda bem; lá segue elle de novo, e galga os torpedos e as correntes!

Que angustia, e ao mesmo tempo que enlevo!

A noite, a luz, os raios as sombras, se combinam e se confundem ao som daquella orchestra terrivel e medonha dos instrumentos mortiferos de guerra.

Do lado do chaco uma barra vermelha se estendia formando um segmento de circulo no horisonte, a semelhança do reflexo de um grande incendio.

Não se pode imaginar nada mais sorprehendente; o horrivel toca o sublime.

E os temerarios são sublimes, quando trocam

suas affeições mais caras, suas proprias vidas pelas glorias da patria.

Quem se obstina a vencer o que parece impossivel, disse o desterrado de Guernessey, tem a grandesa do martyrio ou do triumpho.

E ninguem por certo negará essa grandesa aos nossos bravos marinheiros.

A' medida que os vasos avançavam, o furor do cacique Paraguayo augmentava. Dir-se-hia que aquella natureza agreste e tenaz enlouquecia.

O baluarte de pedra descarregando a um só tempo sua grossa artilharia num troar medonho tenta o seu ultimo esforço, e parece querer desabar sobre aquelles magestosos vultos, para com o seu peso enorme submergil-os no fundo do rio!

Mas de balde!

Uma convulsão terrivel se faz sentir por toda parte, acompanhada de um prolongado estertor de agonia em distancia de algumas milhas!

Neste momento supremo direi com o mimoso poeta que cantou o Barão da Frente:

« Choviscam bombas mil, as peças uivam!
« E o abysmo entôa o cantico agoureiro....
« Incendeia-se o ar, ao Céo une-se á terra,
« Brazeiro é o rio, arde o horisonte inteiro!

« Quando ao travez da rubra labareda
« O ferreo monstro sacudio as patas
« Surgio-te lindo em tolda de vapores
« Teu ninho d'aguia—a serra das cascatas !

« A cadêa fundio-se: na voragem
« Prisioneiro o torpedo estremecia,
« Gemeu humilde a bala, o obuz cantava,
« Era orchestra festiva à artilharia !

« Que scena immensa ! Cupolas de fumo...
« Os horisontes a tremer de luz.....
« O soalho das aguas côr de sangue....
« E, lá no alto, os braços de uma cruz !

« A cruz do sacrificio, a cruz da patria
«—Honra e martyrio —amor e redempção !.
« A noite, as aves, o ruido, o tempo,
« Tudo fallou naquella solidão ! ..... »

Quem por certo contemplasse este quadro sorprehendente ficaria arrebatado de admiração, e senteria despertarem-lhe no intimo d'alma sensações sublimes.

A alma daquelle, que por ventura esguardasse esse sublimado feito, encontraria então alguma cousa de desconhecido, alheia á materialidade da

existencia terrestre : sim, alguma cousa desse esquecimento do mundo com que a religião fortalece os seus martyres, caracterisando assim a vida da eternidade !

Realidade homerica !

Os Hercules dessa frota invicta e grande, composta de pequenas naves representam no meio desse largo incendio, desse trovejar sem fim a honra da nação brasileira.

E' o transumpto dos vultos de Ossian, representados pelos bravos de Riachuelo, de Mercedes, de Cuevas, de Itapirú, e de Curupayti !

A lucta chega ao paroxismo!

Eil-os na voragem debaixo das calibrosas baterias de Humaytá.

E' estreito o boqueirão; sinistro o aspecto daquelles pequenos monitores, attrahidos áquelle fosso sem bordas! ....

Mas ei-los que surgem alem, como aquelle soffrego e indomito corsel dos stepps do mar negro, onde agonisava o heroe do poema de Byron....

Farejar o momento opportuno, não hesitar, advinhar a sorte, forçar a passagem, e deixar ficar para traz o inimigo convulso e pasmo, é obra de um momento ! .....

Indomitos marujos !

Lá forçam elles triumphantes os passos do

mysterioso baluarte; lá tocam a meta; lá erguem suas pezadas comportas, lá seguem e lá vão ! ....

E' assim, que os marinheiros do Imperio escarnecem dos barbaros saqueadores de Bella-Vista, dos invasores de Matto-Grosso, dos assassinos de S. Borja, dos roubadores de mulheres de Corrientes, dos covardes de Iatay, dos carrascos de Corumbá ! .....

A tespestade amaina; a convulsão acalma; as trevas se espancam; a grita infernal se some; ouve-se alem um brado de victoria; murmura o rio um cantico ao som dos hymnos de *gloria ao pavilhão brasileiro* ! Esse triumpho era o prodromo da manumissão daquelles servos da gléba que serviam ao tyranno acorrentados e mudos como escravos.

Todos se descobrem e proclamam unisonos essa immensa victoria, alcançada pela Esquadra brasileira ao romper da aurora do dia 19 de Fevereiro de 1868.

Gloria a esses vultos, a esses nautas gigantes, que nunca ante os perigos vacillaram !

Gloria a esses indomitos marujos de juvenil ardor, que prodigios de vontade praticaram, fazendo de seus estreitos e acanhados lenhos um eterno Capitolio ! .....

Parahyba 19 de Fevereiro de 1869.

ARTIGO IV.

Não ha duvida a Batalha de Humaytá, que descrevi em o meu artigo anterior, foi um dos feitos mais grandiosos da America do Sul; foi a epopéa mais brilhante que podia engrandecer uma nação confiada ao inaudito heroismo de seus dilectos filhos.

Humaytá, cuja fama aterrava as nações poderosas pela sua posição inaccescivel, pela natureza do rio que dominava, pelas suas extensas fortificações, pelas suas famosas boccas de fôgo, pelas suas correntes e cadeias, pelos seus trai-

çoeiros torpedos, pelas suas machinas infernaes, pelos seus mysterios, e, finalmente, pela crença geral de que ninguem alli passaria, vio naquelle dia fatal cahir a tunica despedaçada do seu Charlestown !

Humaytá emmudecêo por uma vez os seus imponentes canhões para cortejar a esquadrilha brasileira, que teve a ousadia de forçar o seu paço, nunca dantes navegado pelo estrangeiro sem a previa licença do seu dictador !

A dictadura moribunda do cacique do Paraguay soffrêo então a decepção mais cruel que se pode imaginar, vendo o lábaro santo da Liberdade sobre as aguas atravessar incolume o seu maior baluarte, e por terra erguer-se fluctuante sobre as ameias do seu reducto *Estabelecimento !*

Era o triumpho após a lucta desesperada que fulminava o despota, como um raio do Sinai illuminando um povo escravisado pelo seu fatal dominio !

A Providencia Divina quiz com este maravilhoso acontecimento avisar o tyranno de que o seu papel estava findo, e que devia preparar-se para deixar a scena á quem melhor soubesse governar aquelle infeliz povo.

Todavia o heroe decahido, longe de comprehender a licção, desde esse dia até hoje cumpre o seu fatal destino, parodiando com os esbirros

de sua dictadura o martyrio de Sisypho nos infernos, ou de Prometheo no Caucaso, cujas entranhas eram espicaçadas e ruidas pelo abutre!

Baldado esforço, tenacidade infeliz!

A febre de consumpção tambem devora o pthisico sem extinguir-lhe de todo a esperança.

Naquelle mesmo dia o nosso brioso exercito ferio uma batalha sanguinolenta em frente do Estabelecimento, cujo reducto foi afinal escalado a ferro frio, emquanto a passagem de Humaytá era forçada pela tenacidade e valor dos navegadores brasileiros, esses modernos Moysés, regeneradores de uma nação corrupta.

Emquanto o bombardeio da esquadra brasileira illuminava as aguas do Paraguay desde a Lagôa Pires e Curuzú até Curupayti e Humaytá, toda a extensa linha, que o exercito occupava pela extrema esquerda deste baluarte, sustentava um fogo vivo contra os reductos Paraguayos.

O terreno era escalavrado pelas balas que se crusavam; os cadaveres rolavam no chão isolados, ou abraçados, de bruços ou de costas, estendidos, dobrados, partidos pelas couxas, rasgados pelas entranhas, encolhidos pela contorção da dor, de olhos abertos, labios contrahidos, bôcca cerrada com signaes tetanicos, e aspecto guerreiro!

Bem custosa foi esta batalha, mas o nosso va-

lente exercito não recuou um só momento, embora ficassem alli sepultados centenas de bravos com feridas horriveis na cabeça, no rôsto, no pescôço, no peito, no ventre; rasgados á espada á lanças e bayonetas, e com os ossos esmigalhados a projectis de revolvers, de peças e de granadas!

O exercito brasileiro, afinal, auxiliado pelo feito inaudito da esquadra avança *a marche-marche* sobre as ultimas trincheiras do Estabelecimento e trava lucta desesperada a ferro frio, debaixo do incendio, e de uma chuva de balas e granadas dirigidas por grossa artilharia inimiga.

O solo ficou juncado de cadaveres de homens, de animaes, confundidos com os destroços e munições! O soldado sobre o official, a carreta sobro o cavallo, o cavallo sobre o homem, o homem sobre as lanças, carabinas, mochilas, cornetas e tambores! Tudo nadava sobre um leito de sangue! mas tudo isso naquelle famoso dia attestou a victoria esplendida do nosso exercito, cujos bravos trocando suas vidas pela honra da Patria ergueram-n'a á altura da Roma dos Pompeos.

E os paraguayos abandonaram o reducto, e fugiram espavoridos como os soldados do Czar diante dos clarões afogueados de Kremlim, quando em chammas ardia Moscow.

Commemorando a historia da Batalha de Ilu-

maytá não podia esquecer este feito brilhante do exercito, que dêu tanto realce ás glorias daquelle dia assignalado na historia pela Esquadra brasileira.

Sim, a Batalha de Humaytá, em nada inferior áquellas luctas collossaes de Farragut na America do norte, seria admirada até mesmo pelo almirante Hyde Parker, visto como o seu resultado não foi menos assombroso, que o feito heroico de Copenhague pela esquadra ingleza do Baltico ao mando de Nelson.

O exercito distinguiu-se admiravelmente; mas o que constituio o brilho resplendente, o louro immarcescivel do grandioso feito de 19 de Fevereiro, não foi a peleja de arma branca, a lucta de peito a peito, a força de braço a braço tão heroicamente sustentada em terra por suas forças.

Não foi o quadro vivo e animado do recontro furioso das hostes inimigas, ao som dos instrumentos bellicos e do tropel da cavallaria, no meio da confusão, do alarido, das golfadas de sangue, dos membros dilacerados, esparsos, palpitantes e sem dono! ....

Não foi o destroço do inimigo, a destruição de suas tendas, a tomada do seu reducto Estabelecimento, a morte de centenas de soldados, a perda dos seus melhores chefes.

Não foi a acquisição de bandeiras, de canhões, de armas, de mochilas e munições, que são os premios materiaes da victoria campal e os tropheos do vencedor ! ...

Não!

Estas glorias couberam nesse dia ao nosso bravo exercito; mas não foi nada disto que sublimou a nossa Patria.

A victoria esplendida e completa de 19 de Fevereiro foi a victoria naval, que significa mais que tudo isto perante a historia; porque inaugurou a civilisação do Paraguay, libertando o seu rio do jugo de Humaytá, e abrindo os seus portos á livre navegação e ao commercio das nações civilisadas do mundo ! .....

A gloria inexcedivel dos nossos bravos marinheiros consistio em tentarem elles o desconhecido affrontando a morte quasi certa em honra da Patria.

E assim navegaram para o incognito sobre torpedos e correntes, combatendo nas trevas por baixo de uma abobada de balas e ao lado de um volcão, que os cobria de lavas, com esse sangue frio da bravura enexcedivel, com essa verdadeira coragem, com essa energia e desciplina, com esse enthusiasmo e patriotismo, com essa abnegação inabalavel só propria dos Turennes e Condés no seculo de Luiz XIV, ou dos maiores capi-

tães dos seculos dos Leonidas, dos Camillos, e do Povo Romano !

Não admira, pois, que este glorioso triumpho, alcançado no Paraguay em 19 de Fevereiro pelo esforço homerico dos nossos bravos marinheiros, repercutisse em toda America, e echoasse alem do athlantico.

Ninguem podia deixar de curvar-se respeitoso diante de um tal acontecimento; e portanto não creio que houvesse coração brasileiro, que deixasse de sentir orgulho e enthusiasmo com a faustosa noticia que para logo se derramou em todos os angulos do Imperio.

O espectaculo tinha sido magestoso, e impunha por sua grandeza e magnificencia um culto á Patria, um canto á Liberdade e uma homenagem ao heroismo dos nossos bravos.

E usando agora das expressões de Napoleão III ao Ministro Rouher, por occasião das pompas e magnificencias de 15 de Agosto, anniversario de Napoleão o grande, direi :

« Despertar os grandes feitos historicos é reanimar a fé no futuro; honrar a memoria dos grandes homens é reconhecer uma das mais maravilhosas manifestações da vontade divina. »

Os bardos brasileiros não foram indifferentes a esse grandioso espectaculo; inspirados por nossas glorias militares empunharam a Lyra e deixa-

ram ouvir seus cantos em honra de tão sublimado feito.

E o povo, arrastado pelos empulsos mais generosos do coração, applaude sempre com enthusiasmo os accentos patrioticos desferidos na lyra dos poetas, cujos cantos adoçam-lhe os soffrimentos nas horas do trabalho.

Os gondoleiros de Veneza, segundo referem Madame de Estael em seu bello livro sobre a Alemanha, e outros escriptores mais modernos em varias obras, ainda hoje cantam nas horas do trabalho as estancias marciaes de Tasso, assim como desde as margens do Rheno até o Baltico se repetem os cantos heroicos dos poemas de Gœthe e de Burger.

Os versos de Shakespeare e Milton na Inglaterra, os de Beranger na França, os de Ossian na Escocia, os de Calderon e Cervantes na Hespanha, os de Camões e Palmeirim em Portugal, produzem no coração do povo os mesmos effeitos patrioticos; porque igualmente traduzem as calamidades e as glorias da Patria.

E' bem merecida essa homenagem que o povo vota aos poetas, assim como os poetas votam á Patria em cantos sentidos no coração.

E' bem merecida essa homenagem, digo; porque os poetas, como todas as almas elevadas, seguindo os empulsos do coração, traduzem o amor

de suas crenças. Se elles tomam a lyra, e desferem amargos quixumes lançando imprecações, quando o povo soffre e geme opprimido, tambem desferem alegres cantos, quando pelo contrario a Patria se eléva, se engrandece, e o povo por sua vêz sente regosijo e enthusiasmo.

Parahyba 23 de Fevereiro de 1869.

ARTIGO V.

Aos poetas cabe a gloria de fallar ao povo e á historia na linguagem dos sentimentos nobres e elevados. A elles e dado o patentear em estrophes sentidas e enthusiasticas os acontecimentos sociaes ou politicos, que predominam nessas situações criticas, em que o amor da Patria e da Liberdade é a expressão intima de uma nacionalidade inteira.

Os poetas são os historiadores do coração das nacionalidades.

Dante sentindo profundamente as calamidades

de sua infeliz Italia, dilacerada pelos Guelfos e Ghibelinos, pulsou a lyra, e accendeu o patriotismo no coração do povo!

Sombrio Alighiere, desterrado Guelfo de Florença, quanta vez desafogastes as saudades da Patria, cantando as glorias colhidas em Campaldina e Caprona?

Ossian o bardo rei, o poeta ancião de Morwen, canta sobre o hervaçal e os penhascos desertos de Inisfail as historias de Erim e Tura, assim como os heroicos feitos de Fingal e Oscar, fazendo repercutir seus melodiosos accentos nos saguões desertos dos Paços reaes de Selma.

Os louros do poeta de Leonôra foram em grande parte colhidos por sua grande epopéa, que celebrou a lucta Christan, travada com todo esforço pelos Crusados á sombra dos palmares santos da Palestina.

O dinamarquez OEhlenschlœger tornou-se celebre na litteratura do Norte e no proprio theatro da Alemanha tomando por assumpto de suas peças as tradicções heroicas de sua Patria!

Cervantes cantou os feitos heroicos das campanhas de Hespanha na Italia e as gentilezas do Lepanto, antes mesmo dos carmes bucolicos de sua Galatéa.

Victor Hugo, Casimiro Delavigne, Lamartine, Delphine Gay cantaram, depois do combate na-

val de Navarino, os feitos heroicos da Grecia moderna, onde finou-se Byron, o maior poeta deste seculo.

Essa lucta gigante dos Hellenos foi commemorada por estes poetas celebres em estrophes ardentes e apaixonadas.

As poesias de Thomaz Moore em memoria dos heróes de sua patria foram adaptadas á melodia dos canticos populares da Irlanda.

As *Canções populares* de Herder accendem a imaginação dos povos da Alemanha pelo seu caracter nacional, assim como os seus capitulos so bre Persépolis e Babilonia fazem levantar das ruinas do mundo antigo os monumentos derrocados.

O que constituio a originalidade de Beranger, no pensar de Saint-Beuve foram suas odes patrioticas, nas quaes teve a arte de combinar a sua veia sensivel com o sentimento publico, do qual elle se fez echo:—*Le vieux Sergent*, *Le vieux drapeau*, *La sainte Alliance des peuples* e muitas outras odes revelam o seu acrisolado patriotismo e seu amor ao povo e á liberdade.

E por ventura esses cantos, assim como os de Victor Hugo no desterro, não teem sido para a França um echo daquelle—*Allons enfants de la patrie*, de Rouget de l'Isle, cujo hymno despertara o enthusiasmo crescente de uma nacionalidade inteira ? ! . .

Sem duvida. O estribilho patriotico da Marselheza, entoado por entre os clamores das victimas de 89, fará lembrar eternamente não só o enthusiasmo da França republicana, como tambem o amor da Patria e da liberdade, ás gerações vindouras.

E se alguma cousa ha, que possa commemorar os feitos heroicos de um povo, e até mesmo sobreviver no meio do cataclysma das nações, é por certo a poesia que não morre.

O que seria das glorias passadas de Portugal se não fora Camões, que abraçado com as quinas lusitanas salvou-as do esquecimento escrevendo os Lusiadas?

E actualmente os versos de Palmeirim, intitulados—*Gomes Freire, o Veterano, o Granadeiro*, são cantados junto a lareira nas noites de inverno pelo povo laborioso do campo desde os pantanos de Riba-Tejo até as pitorescas varseas do Minho e Traz-os-Montes, como uma recordação da guerra peninsular. *O Masanielo, Portugal, o Guerrilheiro, o Mutilado, o Soldado e a Vivandeira* do mesmo autor são outras tantas recordações nacionaes.

Os gregos de Homero e os Romanos de Virgilio já não existem; o braço da conquista arrasou os monumentos de seu orgulho; a sua linguagem universal e sabia perdeu-se nos dialectos barba-

tos dos vencedores; mas a poesia, como mui bem o disse Rabello da Silva tractando do Elmano da Arcadia, triumphou, a pesar dos homens e dos tempos.

Depois de milhares de annos os canticos da poesia e a voz da historia subjugam o silencio e a destruição, restituindo-nos as epochas que já morreram.

E ninguem mais hoje ignora, que foi por meio da poesia que Homero e Virgilio immortalisaram as glorias da Grecia e as solemnes catastrophes de Troia.

O bedoino selvagem que andar errante pelas ruinas da Bethamia não verá mais rodar por alli os carros triumphantes dos heróes, que a poesia commemora atravez dos seculos.

Os incolas das margens do mar negro atravessando hoje os campos solitarios de Troia, sacrificada á formosura de Hellena, não poderão extasiar-se mais na comtemplação daquelles gigantescos monumentos, diante dos quaes a antiguidade commemorava os feitos heroicos do povo.

Entretanto os versos de Homero nos fallam ainda não só d'elles, como até mesmo do Palacio de Priamo, das tendas de Achilles o invulneravel, da lucta de Patroclo e de Heitor o mais valente dos Troianos.

Se a Iliada commemora a epocha mais impor-

tante desta guerra; a Eneida do poeta Mantuano nos traz á memoria, com aquelle seu—*ubi Troja fuit*, os combates de Hercules, de Evandro e o filho de Anchises, e finalmente as recordações de um passado heroico e glorioso.

Sendo, pois, a Patria e os seus heroes, assim como a Liberdade e os seus martyres, fontes de inspirações para a poesia, e sendo a poesia a encarnação de todos os grandes cultos, e, na phrase de Lamennais, de todas as aspirações elevadas, não podia deixar de ter echo tambem nos corações patrioticos dos brasileiros.

Perdoem-me os leitores se fui demasiado longo na enumeração dos cantores da Patria e da Liberdade, pois muitos outros podera ainda citar.

Não pude occultar as emoções que me despertaram n'alma essas reminiscencias do verdadeiro patriotismo, que é o laço que mais fortalece as nacionalidades.

Bem haja essa brilhante pleiade de genios universaes, que nos teem dado essas brilhantes e inspiradas licções.

Se esses genios engrandeceram em versos immortaes as gerações passadas e presentes, e tornam-se, na eloquente expressão de Madame d'Estael, os contemporaneos dos seculos futuros, é por que com os seus cantos elevados e sentidos resuscitam as crenças desfallecidas, e aproximam

os homens de seus deveres, os quaes repousam sobre o dogma da liberdade.

Neste ponto penso com Jules Simon, esse celebre philosopho e orador distincto, que actualmente defende a causa da Liberdade, ao lado de Eugenio Pelletan, Thiers, Olivier e outros no parlamento francez.

A mocidade brasileira, que recebeu de seus antepassados, a par de uma tradicção gloriosa, o legado santo da liberdade; que foi educada nas idéas de independencia, de virtudes civicas e de heroismo, não pode deixar de apreciar as grandes e nobres acções, e de procurar imitar esses talentos predestinados, que servem de modelos ás novas gerações.

Bem haja o visconde d'Almeida Garret, Castilho, Herculano, João de Lemos, Palmeirim, Thomaz Ribeiro e outros poetas populares de Portugal, porque sustentam ainda suas glorias.

Bem haja Bazilio da Gamma, Santa Rita Durão, Alves Branco, Odorico Mendes, Magalhães e Gonsalves Dias que vieram regenerar a nossa poesia nacional.

Bem hajam aquelles môços qne teem o nobre impulso de imital-os, cantando em estrophes apaixonadas, em hymnos inspirados de patriotismo, os feitos que ennobrecem a nossa Patria.

O feito heroico de 19 de Fevereiro é por certo

uma historia de alto ammettimento, de grandeza sem conta; e por tanto nenhum brasileiro devera esquecel-a.

E a mocidade que tem alma, que tem coração, que sente, que estuda e que comprehende a religião do sentimento, e o sentimento do dever, não podia deixar de registrar um tão brilhante feito em seus cantos patrioticos.

Eu, que sou o menos habilitado dos cantores, e o minimo de toda essa mocidade intelligente, não posso deixar de prestar o meu fraco contingente, quando a inspiração espande-se-me n'alma e vibra-me o coração.

Aquelle que renega um passado de ufanias, e esquece victoriadas glorias do seu paiz, trocando toda a sua actividade e intelligencia por esse pantano tedioso de marasmo, de indifferentismo e de maledicencia, não pode comprehender o philosophico pensamento de Jules Simon quando disse, que a verdadeira eschola da humanidade é o patriotismo, assim como a eschola do patriotismo é o espirito da familia.

Aprendemos a amar nossa patria e nossa familia desde o berço, desde a infancia; todos os nossos bons sentimentos nascem dahi, como por um contagio feliz e benigno. Devemos pois cuidar do seu engrandecimento e de suas glorias, de preferencia á satisfação de pequenas paixões,

odios e vinganças mesquinhas, que nos rojam perante a sciencia do dever, que é a sciencia dos sacrificios por amor da liberdade.

Viver para a Patria, para a sociedade, para a familia, e para a humanidade, eis tudo.

Nada é mais dôce, e nem mais agradavel do que associarmos a pouca ou muita gloria, que possa ter o nosso trabalho, ao nome de nossa patria, e por isso não me envergonhei de offerecer-lhe no canto—Batalha de Humaytá—o meu pequeno ôbolo.

Se nesse vôo, nem ao menos me aproximei dos nossos primeiros poetas,resta-me a consolação de que as inspirações que nos aproximam da arte pelos mysterios do coração—são as mesmas, embora fraco seja o meu entendimento.

Estou convencido que assim não entendem os politicos do « Jornal da Parahyba » ; tambem com elles não me quero entender em materia litteraria.

Tenham paciencia esses Tartufos, se não lhes presto obediencia.

Parahyba 28 de Fevereiro de 1869

———

ARTIGO VI.

A data de 19 de Fevereiro de 1868 perpetuará na historia do Brasil uma gloriosa recordação.

Atutela vexatoria e anachronica do velho regimen absoluto de Francia e Lopez foi naquelle dia substituida pela liberdade da navegação no rio Paraguay.

A liberdade resurgio para todos em nome do direito natural e eterno dos povos, que alli fora confiscado, usurpado e mutilado pelo absolutismo das dictaduras.

Choremos em paz os defensores e os martyres

de tao gloriosa epocha, que pereceram pela liberdade e pela patria, como os gladiadores no circo suspirando nos ultimos momentos aquelle —*Ave, Cesar, morituri te salutant.*

Se as grandes batalhas de Arbella, de Pharsalia e de Austerlitz, ganhas por Alexandre, Cesar e Napoleão, ainda hoje nos recordam as glorias da Grecia, de Roma e da França; a batalha de Humaytá por certo fará lembrar tambem ás futuras gerações o nome glorioso do Imperio do Cruzeiro, assim como os nomes de seus heróes.

O valor, a coragem, o patriotismo e a intelligencia são sempre admiraveis, tanto no Inglez e no Francez, como no Grego ou Bátavo. Os feitos brilhantes de Scipião o africano, de Melciades o vencedor de Dario, e de Leonidas pela passagem das Termopilas, que lhe fora commettida em honra dos Spartanos, são sempre feitos admirados pelas gerações que se succedem.

Cada povo escreve na historia universal o seu versiculo de gloria por intermedio dos seus poetas comtemporaneos.

E nós, mocidade brasileira, jamais deviamos esquecer as nossas grandes victorias nessa lucta gloriosa de quatro annos, que nos recorda de um lado tantos sacrificios e dedicações, e do outro um despotismo feroz !....

Brasileiro e dedicado as lettras, eu sahi de mi-

nha obscuridade para prestar uma homenagem ao meo paiz, iguorando que a minha producção lhe faria vergonha.

E cantei a—Batalha de Humaytá, se não com aquelle arrojo dos cantores de Moema, do Caramurú, dos Tymbiras, e dos Tamayos, ao menos como uma vóz muito secundaria no meio da grande orchestra desses nossos primeiros poetas.

E o meu pobre poemeto valeria bem pouco para mim, se nelle fora esquecida a grandeza do assumpto, e a memoria dos feitos que illustraram a minha patria, concedendo-lhe um logar tão eminente na historia da civilisação moderna.

Se o amor da patria, no dizer do sabio Chateaubriand, é o instincto exclusivo do homem, é porque certamente é o mais bello e o mais moral dos instinctos. E esse amor, ou esse instincto, ou sentimento natural, que nos atrahe, como um iman invencivel, é o proprio que nos dá a inspiração da verdadeira poesia; tanto assim que Homero, o divino Homero ja pintava Ulysses suspirando por ver o fumo das choupanas de sua Ithaca, apezar de se ver elle no meio dos voluptuosos prazeres, que lhe offerecia a nympha Calipso na ilha de Ogygia! E Fenelon não divergio nesse ponto quando escreveu o seu bello poema em prosa conhecido por Telemaco.

Os Scythas tambem fugiam das dilicias de Ro-

ma para cantarem as asperezas do seu solo, assim como os Laponios e selvagens do Canadá suspiram pelos seus pobres e rigidos paizes, quando por ventura se veem em Viena ou Pariz, no meio dos prazeres, e gosando o *confortable* de todas as commodidades.

Os gelos da Islandia, e as torridas areias da Africa teem sua poesia para os seus habitadores.

Assim, pois, é natural ao homem amar a patria; e esta paixão faz os maiores prodigios na guerra e nas lettras, dando valor aos guerreiros e inspirações aos poetas.

O valor conduz os seus guerreiros á gloria, e estes homericos Titans jámais deverão ser esquecidos pelos homens de lettras, e sobre tudo pelos seus noveis cantores.

E note-se que o sentimento da Patria, na opinião do Sr. Raposo de Almeida, é talvez o traço mais pronunciado da nossa litteratura nascente.

Devemos, pois, robustecel-o cada vez mais cantando essas enthusiasticas emoções, que nos inspira este solo americano.

Se o patriotismo no Brasil tem sido para muitos o patriotismo do interesse, creio que para a mocidade, que não tem a alma envelhecida no meio dessa corrupção politica em que vivemos que suffoca os talentos, o patriotismo é ainda uma religião, um ideal perfeito, que se realisará

um dia, depois de tanta lucta fratrecida, de tanta mentira politica, de tanta compressão, de tanta injustiça, de tanto exterminio, de tanta abjecção, de tanta loucura sanccionada pelos actos do governo.

Tanto melhor. E' uma cousa notavel, que quanto mais é a perseguição que se soffre na terra da Patria, mais encantos ella tem para nós, assim como mais profundos são os nossos sacrificios por ella

Foi sob taes impressões que eu cantei a Batalha de Humaytá logo que della tive noticia.

Se não fui o primeiro a vibrar as cordas da lyra em honra de tão sublimado feito, ao menos, que eu soubesse, ninguem se me havia anticipado em tão elevada honra.

Sonhando melhor futuro para esta nossa bôa terra, desejo do fundo d'alma a sua regeneração.

E desde a minha vida academica associei-me á essa pleiade de môços, que costumam não só reverenciar á Patria, como tambem costumam propugnar pelos seus direitos, combatendo os erros daquelles que a insultam e deprimem.

Era bem môço ainda, quando na Bahia comecei esta tarefa, ora redigindo com outros collegas—*o Prisma* e o *Estudante* (jornaes academicos) a *Esperança* e o *Recreio do bello-sexo*; (jornaes litterarios e recreativos) e ora collabo-

rando para o *Noticiador catholico*, (jornal religioso fundado sob a protecção do Sr. Arcebispo) para o *Paiz*, para o *Povo*, para o *Protesto*, para o *Caxeiro Nacional*, e para o *Diario da Bahia*, (jornaes de politica liberal)

Eram meus companheiros então nessas lides, alem de alguns lentes da Eschola, Luiz Alvares dos Santos, Agrario de Souza Meneses, Antonio Alvares da Silva, Junqueira Freire, Laurindo da Silva Rabello, Padre Francisco Bernardino de Souza, Frei Carneiro, (benedictino) Antonio Rodrigues da Costa, Cincinnato Pinto da Silva, João Francisco Dias Cabral, Luiz Quadros Junior, Constantino do Amaral Tavares, Cezar Augusto Marques, Antonio Augusto de Mendonça, e outros moços que por um incentivo poderoso trocavam as horas do ocio pelas do estudo.

E que môços eram estes?

Agrario era o autor de *Mathilde*, do *Callabar*, do *Retrato do Rei*, dos *Miseraveis* e de outras bellas composições poeticas e dramaticas.

Junqueira Freire era o autor das *Inspirações do Claustro*, da *India*, do *Padre Roma* e de outras composições, que podem servir de modelo a verdadeira poesia americana.

Padre Bernardino (hoje conego da Capella Imperial) era o redactor do «Noticiador catholico,» o primoroso autor das *Lendas biblicas*, que cor-

rem impressas em quasi todos os jornaes do paiz.

Laurindo era o poeta afamado pela aurea popular, o autor das *Trovas, da Saudade branca, da Revolução de 1848*, (poema inedito) o herdeiro dos grandes dotes da Eschola Bocagiana.

Amaral Tavares e Rodrigues da Costa eram poetas e autores dramaticos mui applaudidos.

Luiz Alvares e Fr. Carneiro eram jornalistas populares e oradores mui distinctos.

Alvares da Silva era um dos primeiros talentos da Eschola de Medecina, admirado nos estudos desta sciencia, assim como nos da litteratura.

Cincinato é o autor dos *Homens de Cera*, e foi um dos principaes redactores do *Direito*; o que basta para tornal-o vantajosamente conhecido do jornalismo illustrado.

Cezar Marques é actualmente o incansavel investigador das velhas chronicas historicas do Maranhão.

Deixo de citar outros illustrados collegas, que fazem hoje honra á sciencia e ás lettras em varias provincias do Imperio, para não me tornar fastidioso.

Eu era o menos conhecido destes môços, com os quaes elaborava então, e sinto hoje prazer em

confessal-o. Se pouco tenho produzido, ao menos consola-me o recordar-me delles, congratulando-me pelas posições que conquistaram no mundo das lettras, a custo de tanto estudo e trabalho.

Parahyba 1 de Março de 1869.

———

ARTIGO VII.

Se a natureza não me confiou uma lyra afinada, nem uma penna de ouro, como prodigalisara a muitos dos outros companheiros, de que me recordei com saudades no meu artigo passado, ao menos não me recusou os sentimentos d'alma e os estimulos do coração.

Os meus estudos não me desviaram dos meus deveres; os meus instinctos naturaes acrisolaram-se no amor, que todo o bom cidadão deve votar á Religião, á Patria, e á Liberdade.

Foram taes sentimentos, que acompanharam

os meus estudos, e que me inclinaram para a Poesia desde os meus vinte annos. E eu, no meio desta natureza patria tão garrida, sob este céo tão puro e anilado, em face de uma vegetação tão luxuriante, escutando o estalar das catadupas, e o doce murmurio dos rios serpejantes atravez dos vales e bosques, tudo na mais suave e doce harmonia americana, inspirei-me e cantei, certo de que não são as regras da lithurgia Aristotelica, e nem os preceitos de Horacio e Boileau, que nos dão as verdadeiras inspirações.

Creio antes no modo de pensar de Gœthe, quando diz que o sentimento vivo das situações e a faculdade de bem exprimil-as é que fazem o poeta.

E na verdade quando um facto moral, ou o objecto que delle dimana, me eleva o espirito na contemplação, e me enthusiasma inspirando-me sentimentos nobres, eu sinto que ahi ha poesia; e nem procuro outra regra para avaliar da sublimidade do assumpto, porque o coração não mente; e o sentimento do justo e do bello não pode subsistir fora da poesia.

A poesia tem seus acordes assim como a musica. A pintura tem seus reflexos, assim como os retractos tem os seus perfis. Eu creio nesses acordes e nesses reflexos, como nos effeitos physiologicos do coração; e portanto antes de

sobrecarregar a intelligencia com os preceitos lithurgicos de Aristoteles, de Despreaux, ou Marmontel, e com os farrapos dos outros em procura da forma por sua natureza material, contingente e limitada, interrogo o coração; porque é elle que deve dar a vibração e constituir o primeiro elemento da poesia, como nos demonstra Lamartine escrevendo—Jocelin ou Genoveva, Raphael ou Graziella.

E, pois, abraçando eu esta eschola não me envergonho de dizer, que os versos que escrevi na juventude e que correm impressos naquelles jornaes, que mencionei em meu artigo anterior, bons ou máos traduzem os meus sentimentos, qualquer que seja a forma que tenha adoptado para me tornar comprehensivel no mundo exterior.

Se muitas dessas poesias peccaram na forma, no contorno da estrophe, no rythmo, e na combinação plastica do verso com relação á imagem e á metaphora, ao menos as flores do sentimento nellas desabrocharam, vivificadas pelo orvalho do coração juvenil.

Era a encarnação intima dos affectos que elevam e engrandecem a alma, aproximando-a por vezes do infinito.

Eu sentia então que a poesia era o echo interior de minhas impressões: —*mens divinior!*

E como tudo que é divino não se pode bem definir por palavras, eu usarei das sentidas expressões de Lamartine, que é o maior interprete dos puros affectos da mocidade, para definir ao menos esse vago scismar, essas emoções suaves como eu as sentia então.

« A posia, diz elle, é a encarnação do que o homem tem de mais intimo no coração e de mais divino no pensamento; do que a natureza visivel tem de mais sublime nas imagens e de mais melodioso nos sons ! E' ao mesmo tempo sentimento e sensação, espirito e materia; e é por isso que ella é a linguagem completa, a linguagem por excellencia, que penetra e arrebata o homem em toda sua humanidade..... Eis porque esta linguagem, quando bem fallada, fulmina o homem como o raio, ou encanta como um philtro, e o embala como um infante no berço—immovel, encantado pelo sympathico estribilho da vóz de uma terna mãe ! .... »

A poesia assim considerada é uma linguagem toda mysteriosa e instinctiva, que só pelo sentimento se traduz.

Só aos talentos predestinados entrega a Providencia o verbo intimo dessa linguagem do céo, é uma verdade, mas em minha obscuridade eu sentia um pendor para esse culto contemplativo, em que a imaginação vagueia em scismas

vaporosas, em que, no pensar de Alfredo de Vigny, o seio se expande em emoções suaves.

« Jaime surtout les vers—cette langue immortelle
C'est peut-être un blasphème, et je le dis tout bas;
Mais je l'aime á la rage. »

Estes versos de Alfredo de Musset traduzem perfeitamente o amor, que consagrei á poesia, dos vinte aos vinte e cinco annos.

Durante essa epocha escrevi e publiquei perto de cem poesias, inclusive rimances, sem mais outra pretenção do que a de satisfazer o meu enthusiasmo pelo bello, e por tudo quanto no meu ideal se apresentava grande e generoso.

O céo, os astros, o ether, os mares, os rios, os bosques, as flores, o dia, a noite, a madrugada, a neblina, a aurora, o crepusculo, os vales, os montes, a luz, as sombras e todas estas poeticas scenas americanas offereciam-me inspirações; e eu cantei sem esforço o que me ditava o coração de mancebo.

Hoje sorrio-me da exageração desses meus primeiros ensaios, dessas trovas de creança, cujos sonhos retratam sempre um horisonte purpureo, em que despontam auroras de luz sobre manhans de flores! ....

Nessa idade, verde de mais para a reflexão e

analyse sempre se prefere a exageração da forma á simplicidade grandiosa, que é a expressão legitima da paixão reflectida.

Hoje pelo contrario amo a sublimidade natural que dimana dos assumptos, de preferencia a emphase e a antithese imaginosa dos meus cantos juvenis, os quaes entretanto recordam-me a quadra mais feliz de minha vida, e despertam-me saudades.

« Meu Deus ! que se ha de escrever aos vinte annos ? .... »

Quisera que respondessem esta pergunta de Casimiro de Abreu, o melodioso cantor das—*Primaveras*; pois quanto a mim, ninguem responderá melhor do que elle mesmo nas eloquentes paginas do seu thesouro poetico desde a *Canção do exilio* até a—*Ultima folha* do Livro negro ; pois nessa idade é preferivel uma pagina de Lamartine, ou de Alfredo de Vigny, ou de Bernardin de S. Pierre, ou mesmo de George Sand, á uma moeda, não de cobre, não de prata, mas de ouro.

Tudo tem o seu tempo; e nessa idade não se nega á alma as suas nobres aspirações; não se nega ao coração os seus sentimentos naturaes; não se nega á Religião os seus influxos e poder; não se nega á Liberdade o seu culto; não se nega á virtude a sua pureza; não se nega ao pen-

samento a sua manifestação e progresso; não se nega, emfim, ao direito a justiça em sua essencia, em sua divindade, como succede em outras epochas infelizes do homem, em que a ambição corrompe tudo, reconhecendo só a grandeza que vem da força, o direito que o absolutismo consagra, a eleição que as urnas falseam contra a liberdade do voto, o interesse que as operações mercantis offerecem nos dividendos da agiotagem.

Sim, ha tempo para tudo; e não se pode negar á mocidade que palpita, que estuda, que trabalha, que tem esperança, que tem fé no futuro e crê no aperfeiçoamento da humanidade, esses sentimentos generosos, essas idéas inspiradas pelo coração, pelo riso, pela dôr, pelas lagrimas, e pelo infinito desde a hora do seu genesis.

O cynismo e a descrença podem escarnecer de tudo isto, ou negando a verdade, ou corrompendo as virtudes ; mas o que nunca poderão fazer é materialisar o espirito.

Pensando assim naquella idade estudei, cantei, escrevi, e escrevi muito ! E no meio desse prurido scientifico e litterario nunca deixei de prestar, nas horas do enthusiasmo e da inspiração, o meu pobre feudo poetico em homenagem ás gloriosas recordações da minha Patria.

Lá na Bahia, naquella primogenita de Cabral

muitas vezes sahi de minha obscuridade para commemorar em nome da mocidade academica as grandes victorias, de que foram theatro Pirajá Cabrito, Itaparica e Caxoeira naquelle glorioso dia 2 de Julho, e saudar ao mesmo tempo os seus denodados guerreiros—Galvões, Limas, Labatús, Jacomes Argôlos e Bulcões!

Quanta vez recitei ao povo os meus humildes cantos para satisfazer o enthusiasmo que palpitava em todos os corações, registrando o facto que estava no animo de todos, em honra da Bahia e de seus heróes!

E bem mereciam elles os cantos da mocidade; porque a emancipação daquelle povo foi um dos mais brilhantes triumphos da Liberdade.

Nessa feliz epocha, eu combatia as trevas em nome da luz, do progresso e do futuro do meu Paiz sem importar-me de estudar as questões sociaes e politicas, que, no interesse da forma do governo e da pratica da constituição ou de sua reforma, se debatem hoje no terreno escorregadio do sophisma, do abuso e do erro.

A minha gloria consistia então na satisfação de minha inspiração sem veleidade e nem pretenções a louvores.

Eis tudo.

Não me envergonhava de meus cantos, porque se lhes faltava o quebro e a melodia, ao

menos traduziam os sentimentos da mocidade esperançosa, a quem eram dirigidos naquelles festins patrioticos, visto como por ella foram sempre acolhidos.

Nas horas tristes de minha vida de hoje, em que, no dizer de Latino Coelho, as illusões se perdem e as esperanças phantasiosas se desfolham no commercio do mundo positivo, recordo-me ainda com saudades daquelles festins litterarios e poeticos, assim como dos meus companheiros de então, entre os quaes se destacavam na poesia o nosso velho amigo e mestre Francisco Muniz Barreto, e na oração e sciencia o venerando Arcebispo D. Romualdo de Seixas com sua paternidade evangelica, um dos maiores vultos que tem produzido o Brasil.

Não me levem a mal a citação deste virtuoso prelado, quando assim trato das inspirações ardentes da mocidade.

Foi sob sua presidencia que ensaiamos os nossos primeiros passos na vida litteraria, e dahi nascêo talvez essa unção religiosa que transparece em meus escriptos desde o meu primeiro livro as—Impressões da Epidemia até o—Estudo biographico sobre o Vigario Marques.

Parahyba 6 de Março de 1869.

———

ARTIGO VIII.

Foi no proprio palacio archipiscopal, naquella residencia da virtude, da meditação e do trabalho, que commigo receberam as primeiras inspirações litterarias os jovens mais talentosos daquella epocha.

Alli se reuniam ás noites os membros do—*Ensaio litterario*, sob a presidencia do venerando e sabio arcebispo D. Romualdo de Seixas, o finado Marquez de Santa Cruz.

Fui muitas vezes conviva obscuro desses festins litterarios, onde só imperava a intelligencia.

E ainda me parece estar vendo o semblante bondoso e grave do venerando mestre abrir-se com um sorriso de animação para todo e qualquer môço, que lhe pedia uma explicação, um conselho, uma palavra de consolo e de esperança no caminho dessa peregrinação litteraria.

Era elle um sabio e virtuoso Prelado; Deus o tenha em sua gloria.

E' destes gremios de estudo, destes centros luminosos, dirigidos por esses venerandos mestres, que precisam os môços talentosos da nossa terra como succedia em Portugal, onde uma pleiade brilhante de môços entregavam-se a exercicios litterarios sob a presidencia dos sabios mestres Garret, Herculano e Castilho.

Mas infelizmente assim não succede entre nós, porque o governo do Paiz não tem tempo para animar taes gremios, e nem tão pouco para attender a educação litteraria, que delles possa provir.

Todas estas cousas são utopias para o governo do nosso Paiz; porque todo o seu cuidado é dirigido para o aperfeiçoamento da ginastica eleitoral, ou bacchanal politica, dos partidos dominantes.

A politica reactora é tudo; a derrubada é o seu principal elemento, e por si só occupa cada ministerio novo que assalta o poder, tornando-se logo tão absoluto senhor, como o Czar na Russia,

Izabel na Hespanha, Rosas em Buenos-Ayres, ou Lopez no Paraguay.

E esse poder corruptor entorpece, anesthesia, conduzindo á descrença e á inacção um povo vigoroso e forte para beber-lhe o sangue, como uma vespa manhosa que se entrodu no cortiço da abelhas para sugar-lhe os favos de mel tão custosamente trabalhados.

E' por isso que eu nas horas vagas de meus trabalhos medicos, ainda me recordo com saudades desses bellos tempos de enthusiasmo, que já lá vão, e que por certo nunca mais voltarão.

Não conhecia então, como hoje, essas horas tristes em que a politica nos enche de tedio e marasmo ; e por isso abandonava-me á poesia com fé viva, como hoje ainda rara vez o faço.

Não me criminem por isso.

Cumpre ter fé em alguma cousa, e eu a pesar de tudo ainda não descri da regeneração de nossa Patria.

Se não creio mais nas visões como Dante ou no amor como Tasso, creio ainda no heroismo como Camões, creio na liberdade como Hugo, creio no patriotismo como Beranger, e creio na Religião como Lamartine.

Esta disposição interior de minha natureza é que me torna susceptivel de affecções vivas e profundas, e que me empelle por tanto para a

poesia, que na phrase de Madame de Stael é a linguagem natural a todos os cultos.

Educado nestes principios não posso afastar-me delles, embora não saiba revelar pelo metro o que sinto no fundo do coração, como fazem os verdadeiros poetas.

Mas se a expressão me falta, o sentimento a supre, a ser verdade a maxima da sublime autora de Corinna: —*Le don de révéler par la parole ce qu'on ressent au fond du cœur est très-rare; il y a pourtant de la poésie dans tous les êtres capables d'affections vives et profondes.*

Dahi a razão porque ainda sonho com a poesia, quando procuro exprimir os meus sentimentos de liberdade e patriotismo cantando as glorias da Patria, e o heroismo dos nossos bravos irmãos.

Assim me tenho revelado com profunda e entranhada convicção nos meus pobres cantos patrioticos, publicados na Bahia sobre o—*Memoravel dia 2 de Julho*, sobre o—*Commercio nacional*, sobre a—*Mocidade academica*, sobre a —*Classe de artistas*, sobre o —*Povo, etc.*

Assim tambem me tenho revelado nos meus cantos patrioticos, publicados nesta nossa bôa terra.

Recolhido em minha tristeza, ou dando espansão á minha alegria, occultando o pranto, ou reprimindo o riso, tenho pegada da penna para

descrever os acontecimentos como os sinto, como elles me impressionam, e me commovem sem falsas contorsões, sem freneticas imprecações, sem artificio, sem atavios, e sem galas.

Foi assim que escrevi os meus poemetos sobre a—*Questão Ingleza Christe em 1862*; sobre os—*Movimentos politicos de 1863*; sobre o—*Prologo da guerra*; sobre o—*Voluntario da Patria*; e sobre—*outros assumptos bellicos em 1865*; sobre o—*Mariz e Barros e episodio da esquadra brasileira* em 1866; e, finalmente, sobre a—*Passagem de Humaytá em 1868*, cuja producção me accarretou tantas injurias da parte de misquinhos adversarios do « *Jornal da Parahyba*, » os quaes foram impellidos por despeitos mais misquinhos ainda.

Ninguem ignora que a litteratura em nossa terra exerce-se pela devoção expontanea, e não pelo proveito que della se possa tirar, e muito menos pelas seducções que offerece; pois todos sabem que ella ainda está muito atrasada para ser uma industria.

Para mim ella é um culto, uma religião, que em vez de gosos offerece aos seus adeptos o martyrio, e nada mais.

E ningem avalia que de esforço se emprega, e quanta vida se consome nesse delirio ardente da mocidade para resistir ás luctas e ao gélo da nos-

sa sociedade indifferente, como mui bem exprimio Alfredo de Musset naquelle seu verso:

Que les indifferents sont excellents bour eaux.

Lopes de Mendonça, cuja vida foi tão fadigosa e, direi mesmo, tão infeliz, escreveu uma verdade, quando disse que o mundo só se lembra das agonias do escriptor, quando ellas se terminam por uma sanguinolenta catastrophe.

E depois de tantos estudos, tantos sacrificios e tantas vigilias, sua catastrophe foi a loucura, cuja causa não importa saber á sociedade e muito menos aos indifferentes.

Deixemos o desvio e voltemos ao ponto.

Se na idade da reflexão tenho sido levado pelo patriotismo a escrever estas composições poeticas, como outr'ora o fiz escrevendo os sonhos dourados de minha juventude, releva dizer que nunca entrou em mim o calculo e a vaidade de parecer bem, como querem fazer crer alguns individuos que outr ora me encensavam, me consultavam, e hoje me abocanham.

Sim, nunca fui levado a escrever os meus pobres versos por calculo ou vaidade, compassando a dicção, desfarçando o estylo, joeirando o vocabulo, apurando o metro, moldurando a imagem, contornando a phrase, sopesando a figura e plagiando os outros!

Nada disto. O que me convida á poesia, o que me incita, o que me conduz, o que me arrasta é a inspiração, é o impulso, é o enthusiasmo, é o culto, é a devoção, é o arroubo, é a audacia talvez: mas nunca o calculo frio, o interesse ou a vaidade que seduz os meus detractores.

Em minhas pobres inspirações, ou enthusiasmo, amaldiçôo a corrupção e os crimes do despotismo, e abençôo os estimulos daquelles que amam as grandezas da Patria e hasteam o pendão da liberdade.

E' um iman invencivel que me arrasta para as idéas grandes e generosas, e que me leva a destinguir por entre a corrupção dos povos e a harmonia dos acontecimentos a penna dos sabios, a espada dos guerreiros, a virtude dos martyres e as glorias da Patria.

São estes sentimentos que me fazem repetir ou imitar o pensamento do autor das—*Auroras e Crepusculos* dizendo nesta rude prosa:—Gloria a Colombo, que descobrira o novo mundo a pezar da zombaria de cortesãos estultos;—gloria a Washington que libertara a mais poderosa republica do globo;—gloria a Cincinnatus e aos Camillos que nobilitaram Roma;—gloria a Lamartine que immortalisara a França;—gloria a Tell que libertara a Suissa;—gloria a Wilberforce o libertador das britannicas colomnias;—gloria a André Ché-

nier, que das escadas do patibulo entoou o seu derradeiro canto de liberdade ;—gloria á Sobieski o defensor da Succia ;—gloria a Kosciusque o martyr da Polonia ;—gloria a Kossut o libertador da Hungria:—gloria a Hugo o sonhador humanitario da liberdade universal :—gloria a Deus, a Jesu-Christo—gloria ! ! !

Parahyba 10 de Março de 1869.

ARTIGO IX.

Sim, gloria aos heróes e aos martyres ! ! !

Assim terminei o meu artigo passado, assim principio este.

Enthusiasta das idéas elevadas e das acções generosas, sou insensivelmente arrastado pelo coração para esses grandes apostolos, para essas almas grandes, que combatendo em favor da humanidade ou succumbem, como martyres em face da rigidez dos obstaculos, que cuerram-lhes a acção espontanea e civilisadora da

idéa, ou triumpham nessa lucta do espirito contra a materia.

Bem sei que o egoismo, como lepra devastadora, corróe em maxima parte as entranhas da grande familia brasileira!

Bem sei que ha de sobra indifferentismo, que ha quasi geral desapreciação e até mesmo desamor ás lettras patrias! Bem sei que os môços que affrontam essa condemnação tacita das lettras, das artes, da sciencia, ousando levar o seu cholo, por pequeno que seja, ao altar da Patria, dão motivos de sobra para o escarneo e a injuria! Bem o sei; mas nem por isso devemos desanimar ou descrer de sua regeneração e de seu futuro.

A geração nova, e sobre tudo a mocidade briosa e rica de talentos, deve ter bem presente a verdadeira maxima de Lamennais, quando disse — *que a incredulidade se apodera do espirito quando a fé sae do coração.*

Não percamos pois essa fé, que nos alimenta o espirito; e pelo contrario nas luctas da imprensa devemos preparar o terreno, semeando-o de bôas idéas, para a transformação da sociedade actual.

Os bons exemplos devem influir muito no animo do povo, e por isso entendo que rendemos um grande serviço á patria, quando destacamos os heróes e os martyres das idéas generosas no

meio desse quadro escuro, em que se estampam os interesses pessoaes, os caprichos, as paixões mesquinhas, as rivalidades, os odios, as ambições deslavadas e estremes!

Quando o poder publico torna-se apanagio de uma dictadura maçonica, que destribue pelo grão-mestre e seus validos as honras e grandezas do Estado; quando em um paiz livre o throno acerca-se de uma aristocracia bastarda, entregando-lhe todos os cargos civis e politicos; quando o vicio e o crime se installam para a combinação desse systema ferrenho de governo, que nos desgoverna; quando essa camarilha de aulicos desfigura as instituições livres, conculcando o direito, perdendo a honestidade e cevandijando titulos de benemerencia para expellir das posições officiaes, da representação nacional, e de todas as avenidas da governança—o merito, o valor e a lealdade; o povo soffre, e o sentimento do pudôr nacional revolta-se.

E a dictadura não vacilla e nem recua em face da soberania popular! Peor para ella.

Osorio, o vulto legendario do Brasil, cujas gloriosas cicatrizes valem mais que a corôa de duque, não pode receber o suffragio popular, porque a dictadura abafa a opinião publica e o repelle das urnas!!! E a nação que deve os seus maiores dias de gloria a essa Aguia ferida ficará

sendo representada pelos idolos do cortezanismo, cujos serviços a humilham por serem talvez de ignominiosa origem.

E Osorio, esse condôr brasileiro, generoso e grande como o imperio que illustra e defende, mal podendo suster-se nas azas feridas vai deixar saudoso o ninho e vôar de novo ao Paraguay atravez das ballas e metralhas para morrer pela patria opprimida e angustiada !

Se lá no paiz estrangeiro encontrar a sua urna funeraria, o que Deus não permitta, ao menos os esbirros da dictadura estarão longe della para profanal-a. Lá não poderão impedir que os bravos do exercito derramem o pranto sobre o seu cadaver em testemunho do muito que a patria lhe deve; e nem tão pouco poderão impedir o suffragio popular, que em vida lhe fora roubado nesta infeliz epocha de corrupção e insania.

Se a politica pessoal exorbita de sua esphera invadindo as mais legitimas aspirações, e apossando-se dos bens devidos ao povo, ao paiz e ao seus legitimos representantes, nem por isso a geração nova deve estagnar ou entorpecer, certa de que essa perniciosa influencia desapparecerá no futuro após um longo esforço quer no mundo social, quer no imperio das lettras.

E por entre esse ruidoso grasnar de corvos que especulam com a ceva, esvoaçando sobre o cada-

ver da Patria, por força deverá sobresahir o maravioso cantico dos cysnes, que não chafurdaram ainda suas candidas plumagens no lodo das especulações, dos desejos insaciaveis do ganho, das transações torpes de uma politica sem idéas, já cançada e gasta pelos proprios adeptos, que fizeram della uma industria vergonhosa.

Tenho fé que os esforços litterarios da mocidade brasileira a par do seu patriotismo muito concorrerão para a reforma, que ha de regenerar este rico paiz no futuro.

Recordo-me agora que, estando eu na Bahia o anno passado, vi no—*Outeiro patriotico-litterario* do Gymnasio Bahiano erguer-se um môço no meio daquella multidão juvenil, e recitar com voz firme, em versos alexandrinos, uma bella poesia, que me causou emoção !

O joven dizia assim :

. . . . . .

« Nós somos os gigantes da terra das palmeiras,
Colossos que brotamos do seio destes mares,
Condôres que tivemos por berço as cordilheiras,
Que são—ninhos dos astros que vôam pelos ares;
E quando sob a cúpula da umbella matizada
O sol arremettemos dos visos do granito
Varremos pelas trilhas pôeiras luminosas
De estrellas qu'em cascatas se lançam no infinito. »

« Na gleba onde nascemos o sol é sempre grande.
Vertentes oceanicas a terra serpenteiam,
E pulam cataractas dos picos lá dos Andes,
Coriscos prateados que as nuvens incendeiam;
E a brisa que sussurra dizendo vae : Sou livre.
Sou livre diz a selva no dôce suspirar—
Sou livre diz o povo na sombra das florestas.
Sou livre diz a onda que voga sobre o mar. »

. . . . . .

« Sou livre, diz o vento debaixo destas zonas,
Sou livre—o sol repete saltando as cordilheiras;
Sou livre diz um grito que parte do Amazonas,
Adamastor das agoas na terra das palmeiras.
Assim de luz envolta na lucida ardentia
A filha da floresta da America gigante
Ao lado tange a lyra de mystica harmonia,
E canta debruçada na riba-mar do Atlante. »

. . . . . .

E porque não havemos de confiar nessa mocidade que se levanta tão cheia de vida, que sente o patriotismo inundar-lhe o coração, e borbulhar-lhe os labios nessa torrente de harmonias ?

Era a voz da America que se ouvia sahir dos labios do môço naquelle Colosséo das lettras.

No meio do marasmo em que vivemos, peior

que a paz da Varsovia, pela dictadura que nos opprime postergando todos os direitos, curvando a seus pés a razão e a vontade, avassallando os homens, rasgando as paginas da constituição, escarnecendo do povo e mentindo ao paiz . é grato ver surgir protestos de todos os pontos, e especialmente é grato ouvir dentre a mocidade intelligente e estudiosa essa voz sympathica, eloquente e harmoniosa, como a voz de Moysés em nome dos Hebreos esmagados pelos Pharaóes, protestando vivamente, neste seculo magnifico em descobertas e feitos estrondosos, contra a usurpação da liberdade neste paiz da America tão cheio de uberdade e riqueza, tão risonho de esperanças no futuro !

Assistindo aquella magnifica e exemplar reunião da mocidade do Gymnasio Bahiano naquelle dia memoravel affigurava-se-me pela solemnidade da occasião, pela imponencia das circunstancias, pelo enthusiasmo dos espectadores, e finalmente pelas vozes puras e harmoniosas dos jovens oradores, uma geração nova que se erguia ensaiando-se para a lucta contra essas velhas usanças das dictaduras, em face das quaes o povo é um vil instrumento e a constituição uma burla, a dignidade é um delicto e a independencia um crime, o patriotismo é um attentado e a liberdade um escandalo !...

A verdade afflue sempre assim aos labios da mocidade que não especula, e não transige com a virgindade do coração.

Profunda é sempre a convicção inspirada pelo dever e pelas tradicções gloriosas da Patria, pelos principios moraes da religião, e pelo culto da Liberdade.

Assim, pois, as estancias poeticas, que ahi ficam impressas, ao sahirem dos labios do joven orador recordavam a espada de Damocles suspensa sobre a cabeça dos tyrannos.

A palavra é a luz, de que se servio o Christo para transformar o cahos em um mundo de harmonias. E a palavra solta pela voz da mocidade, que se levanta ao lado de uma dictadura, que retrograda considerando o povo inepto para exercer as funcções de sua soberania, é a semente que ha de germinar e produzir o seu fructo.

O homem, qualquer que elle seja, no meio dessa festa da mocidade sente-se sahir da esphera acanhada em que vive para elevar-se pela nobreza dos estimulos e grandeza dos sentimentos.

Tenho convicção que na grande alma do povo brasileiro não morrerão os estimulos da liberdade que lhe deo a independencia, consagrando o triumpho á democracia, e proclamando bem alto o grande principio da soberania nacional.

Resta-nos ainda a liberdade da palavra nos

clubs, nos comicios populares, na imprensa, usemos della contra o reinado dos abusos, contra a invasão dessa dictadura que vai polluindo com mãos profanas o sacrario das leis fundamentaes e rebaixando o pôvo aos olhos do soberano.

Ainda bem que na corte do Imperio e em algumas provincias já se ouve nos Clubs e nos comicios populares a palavra autorisada de illustres cidadãos proclamando as reformas, que podem salvar o paiz.

Ainda bem que a imprensa livre, afastando-se da velha rotina politica, e despresando as invectivas e questiunculas de interesses misquinhos de localidades, tem-se erguido a altura de sua sublime missão para pugnar pelos verdadeiros interesses do paiz. Os brilhantes artigos do *Diario do Povo*, do *Ipiranga*, do *Diario da Bahia*, da *Opinião Nacional*, do *Liberal* e de muitos outros jornáes são uma prova desta verdade.

Honra e gloria aos seus illustres redactores que n'esta epocha de insania são os apostolos da liberdade. Deos os fade bem e robusteça suas ideas no interesse commum dos brasileiros.

Ao menos a palavra será um bem para o espirito, um balsamo para o coração, um consôlo para o pôvo n'estas epochas em que o infortunio excita-lhe a imaginação. E mais ainda a palavra escripta se derramará por todo o paiz, como

uma luz benefica, para destacar nas trevas o governo que massacra, e as victimas condemnadas ao supplicio tantálico. Esse meio plastico elevará o pôvo ao nivel de suas altas prerogativas garantidas na constituição pelos nossos maiores, como disse um illustre parlamentar.

Se o rei encontra na constituição direitos e prerogativas sagradas que garantem a sua pessoa até a inviolabilidade, porque razão os verdadeiros patriotas não clamarão pela observancia das prerogativas constitucionaes que garantem e defendem os direitos do pôvo?

Se a constituição é o palladio do rei, seja tambem o livro dos subditos; mas não se sophisme e nem se restrinja os direitos destes e nem se amplie as prerogativas do soberano.

Se ella é o escudo da corôa, porque não será tambem a verdadeira garantia dos interesses nacionaes?

O pôvo soffre e clama justiça, mas de balde: porque a faustosa opulencia da côrte não se preoccupa com os seus soffrimentos! . . . Em face de sua miseria pavoneam-se altivos os parasitas do poder! . . . .

E assim marcha a dictadura no meio da sua orgia politica atropelando os direitos desse mesmo pôvo que os farta e os engrandece a custo de seu suor e trabalho.

A sociedade brasileira, pois, não pode ser indifferente, quando o paiz necessita de dedicações verdadeiras para salval-o das bordas do abysmo.

Na lucta da liberdade contra a oppressão realça a grandeza do homem.

Luctar pela verdade, combater pelos seus direitos, restabelecer a harmonia dos poderes e conquistar o aperfeiçoamento do systema que o rege a custo de sacrificio e esforço é o que mais destingue o cidadão no mundo moral e politico.

O homem deixaria de ser a imagem do criador, e perderia a propria dignidade se não luctasse pela sua liberdade, e pelos bens que a providencia lhe facultta.

O progresso nasce desta lucta, cuja resistencia desapparece logo que o direito é o grande meio de acção.

Acima da força está o direito; acima da corrupção dos governos está a coragem civica dos povos; acima dos desmandos está o cumprimento do dever.

Doutrinar o povo nestes principios é o dever da imprensa livre e da mocidade intelligente, que estuda para preparar com a sua seiva o terreno que ha de receber e fecundar a idéa da regeneração, pela qual suspiram e trabalham todos os povos no seculo XIX.

E a poesia inspirada e escripta nas circuns-

tancias difficeis e excepcionaes do Paiz, por mui-do pouco que faça, acompanhará esse movimento incitando o povo pelo coração a abraçar as idéas livres, grandes e generosas, lançadas no jornalismo illustrado pelos verdadeiros patriotas.

Sim; a poesia ou dará o seu brado de enthusiasmo, quando for grande a esperança, ou servirá de conforto no momento da dor, quando grande fôr o desalento nacional.

Não é preciso ser Ossian, O' Connell, Beranger ou Lamartine para inspirar confiança ao povo por meio de cantos patrioticos, basta em taes circunstancias vibrarmos a lyra com verdadeiro sentimento ou abraçarmol-o e soffrer com elle.

Assim pensando admiro a mocidade intelligente de meu Paiz, e deposito toda a confiança na educação litteraria e moral que se lhe der.

Sem poder acompanhal-a irei de longe ao menos continuando na minha marcha vagarosa, ora escrevendo em rude prosa para os jornaes, que pugnarem pelas idéas liberaes, ora escrevendo em verso os cantos que me dictarem o coração.

Não sou cabalmente um poeta, porque me falta, alem do mais, aquella luz mysteriosa que circunda a fronte daquelles que verdadeiramente o são.

Sim, ha em mim alguma cousa de menos para completar o ser predestinado ás harmonias terrestres, a que chamam poeta.

Se esta confissão é modesta para Junqueira Freire no prologo de suas *Inspirações do Claustro*, é para mim uma lealdade; e por tanto em mim assenta bem o fazel-a. Mas o que é verdade é que sinto em face de tudo que é grande, nobre e sublime o enthusiasmo palpitar-me no coração, fuzilar-me nos olhos, transparecer-me na fronte e sorrir-me nos labios.

Em taes occasiões escrevo somente o quo sinto, pois não tenho tempo para o plagio, e muito menos para torcer e adulterar as producções alheias em proveito proprio, como fazem outros já mui bem conhecidos nesta nossa bôa terra.

Podem assim os meus cantos não ser rigorosamente poeticos, como os daquelles protegidos das musas, mas sentidos hão de ser por força, porque de outra maneira não sei escrever.

A essa inspiração (rasteira embora) devo eu o ter escripto no meio de minhas occupações ordinarias o ensaio dramatico, sob o titulo—*Prologo da guerra*, em duas semanas apenas, assim como o—*Estudo biographico* em um mez!

O primeiro é um livro escripto em verso heroico ou endecasyllabo contendo cento e tantas

paginas; o segundo é um livro em prosa contendo 26 capitulos em 208 paginas.

A pezar dessa precipitação não fui abocanhado; e pelo contrario foram esses dous livros acolhidos por Institutos e Sociedades litterarias, que me honraram com seus diplomas de socio, pela imprensa illustrada do Paiz, que tanto me tem animado com suas felicitações, e até mesmo por alguns empresarios de theatros que me teem commettido e instado á novas publicações dramaticas.

Por tanta generosidade me consolo do odio que me vota por isso mesmo a gente do « *Jornal da Parahyba,* » a quem não podia escapar o *desaforo* dos jornaes que transcreveram espontaneamente a *Batalha de Humaytá*, e maxime daquelles de mais importancia e circulação que a respeito dessa minha pobre, rasteira e ruim producção, disseram o seguinte :

Diario de Pernambuco.

« *Revista diaria de 8 de Junho de 1868.* »

« Ante-hontem foi recitada pelo Sr Joaquim Augusto, em scena aberta e a caracter, no Santa Izabel, a linda poesia—*Um episodio da esquadra brasileira no Paraguay*, da penna do Sr Dr. Antonio da Cruz Cordeiro. »

« Essa poesia já foi por nós publicada, ha algum tempo, e nossos leitores, sem duvida, se lembrarão della, visto como o seu assumpto sahe um pouco da esphera do commum. »

O Sr. Joaquim Augusto recitou com a sua costumada mestria; e poesia e artista arrancaram enthusiasticos applausos, maxime quando após sua recitação a orchestra tocou o sempre grato e festejado hymno nacional. »

« Não é a primeira poesia do Dr. Cordeiro, que é recitada com geral agrado no Santa Izabel, e pois damos-lhe os nossos emboras por mais este triumpho. »

Bem; vejamos agora o *Oriente*, cujos illustrados redactores tambem não tenho a honra de conhecer pessoalmente.

O Oriente

« *Parte noticiosa de 7 de Junho de 1868.* »

« Poesia Patriotica : — De todas as posias que havemos lido sobre a passagem do Humaytá, e entre ellas algumas de subido merito, é nossa opinião, que a do Sr. Dr. Antonio da Cruz Cordeiro, residente na Capital da Parahyba, occupa o primeiro logar. »

« Tem as proporções de um poemeto; e na parte descriptiva ha um colorido tão natural que parece estar o leitor assistindo a essa dramatica

peripecia, ou antes a lucta de David com Goliath. »

« Felicitamos ao Sr. Dr. Cordeiro por mais este successo que obteve nas suas legitimas aspirações de homem de lettras, e o instamos a que continue a brindar a litteratura brasileira com producções semelhantes.«

Eis, o meu maior peccado.

Deixo de transcrever a respeito do mesmo assumpto o lisongeiro juizo da *Opinião Nacional*, *do Correio*, *do Jornal do Recife*; e de outros jornaes de varias provincias, para não massar o publico, a quem pesso desculpa por estas transcripções que me dizem respeito.

Não é por vaidade que eu penduro ao peito estas condecorações litterarias, como outr'ora o fizera o illustre autor do D. Jayme com toda galhardia; não é para me engrandecer que eu volas apresento, mas para aquilatar des do odio que ellas causaram ao meu zoilo e seus asseclas.

Recebido assim nos braços da ovação desde á entrada no templo das lettras, achei-me exposto aos perigos e seducções da popularidade, mas nunca me illudi com a minha vulgar mediocridade. Occulto por isso mesmo o nome de cavalheiros distinctos, que igualmente tiveram o máo gosto de me dirigirem honrosas cartas de felicitações por estas e outras producções litterarias.

que de vez em quando irritam os nervos dos homens do « Jornal da Parahyba, » afim de que elles por sua vez não sejam expostos ao ridiculo !

Ainda bem; para curar as suas dentadas e neutralisar o seu veneno, tenho o balsamo de consolação que me prodigalisaram esses litteratos e distinctos cavalheiros, os quaes conservo em minha memoria com o mais profundo reconhecimento.

Não sou do numero daquelles que creem na perfeição dos seus proprios trabalhos, e os publicam suppondo terem a isempção do—*Nolli me tangere.*

Não; o que desejo é que julguem os que sabem e podem julgar, pois eu entendo que não ha trabalho humano, que attinja a verdadeira perfeição. E assim pensando não iria, por certo, collocar-me voluntariamente no numero daquelles que se julgam exceptuados da critica justiceira e conscienciosa.

Prezo devidamente as correcções bem cabidas dos adversarios, e aprecio cordialmente os conselhos dos amigos; mas nunca desprezo os de minha intima consciencia.

E por isso dou hoje por finda a primeira parte do meu trabalho, para entrar na segunda, na qual me proponho a analysar a critica do Sr. Bustamente, assim como os erros e peccados, que diz

elle ter eu commettido na poesia—*Passagem de Humaytá*.

Estou convencido que nesta primeira parte ficam respondidas todas as allusões, motejos e improperios, que por vezes me tem dirigido o « *Jornal da Parahyba* » com relação á poesia e á litteratura.

E ainda mais; d'ora em diante estes artigos escriptos servirão de uma como resposta previa a tudo, quanto por ventura me possa dirigir o mesmo—*espirituoso jornal* em suas horas de estulticias litterarias ou de vertigem politica.

Bem; estamos de contas justas. Agora, nós, Sr. Bustamente.

Parahyba 15 de Março de 1869.

———

SEGUNDA PARTE.

C'est une grande misère que de n'avoir pas assez d'esprit pour bien parler, ni assez de jugement pour se taire.

(La Bruyère)

ARTIGO I.

O Sr. Bustamente, pseudo-critico do « Jornal da Parahyba », começa o seu primeiro artigo com uma arenga, que por certo seria dispensada, se não fosse preciso predispor os seus leitores em favor de sua erudicção.

Eu transcrevo o seu primeiro trecho com a propria orthographia e pontuação. Eil-o :

»*Com este titulo* (Passagem de Humaytá) *publicou ha poucos dias* (é falso; faziam cinco mezes.) *o Dr. Antonio da Cruz Cordeiro uma estirada po[illegible] que percorreu* urbi et orbi, *e*

foi tambem reduzida a um folheto homeopatico. »

Não posso entender onde está a ironia, ou antithese do enunciado, vejo antes uma contradicção neste periodo; porque se aquella poesia era estirada, é porque correspondia certamente a magnitude do assumpto; e como sendo estirada podia ficar reduzida a um folheto homeopathico?

E' indecifravel o enunciado, tanto mais sendo o folheto, de que se falla, impresso em quartos de papel commum, o que por certo não é homeopathico.

O paladar mais estragado ha de sentir por força o travo deste novo guisado, que o pseudo-critico offerece ao publico assim com ares de Juvenal ou Nicoláo Tolentino.

Antes de entrar em materia elle expõe o seu arsenal de guerra fallando sem applicação de obras e autores que não conhece.

E para ser tido e havido por litterato aproveita os logares communs, já mui sediços na generalidade dos trabalhos critico-litterarios, e os transcreve a êsmo, como se fora de lavra propria, ou como se fallasse da materia *ex-cathedra*.

Com essas banalidades proprias dos plagiarios (o que por certo é uma das fatalidades que per-

seguem o meu critico) *encabeça* a introducção do seu trabalho, confundindo alhos com bugalhos com uma coragem que admira.

E' assim que elle, sem vir ao caso, falla em Parnaso, Dante, Tasso, Sarnelha do Pegazo, Musas, Iliada de Homero, Jerusalem de Tasso, Paraizo de Milton, De Maistre, Sebastopol, Esculapio, Cythera do Deus da Musica &c.

Nesse afan de citar o que ignora, o meu critico esqueceu-se de que cythera e cithara são cousas differentes

A *cythera* de que elle falla não pode ser do Deus da Musica, porque cythera é uma ilha do Mediterraneo, ao meiodia do Peloponeso, onde Venus, segundo diz a mythologia, depois de ter nascido da escuma do mar fôra levada sobre uma concha marinha; pelo que alli teve seu templo, e foi venerada com um culto especial, não inferior ao que se lhe rendia em Amathonta e Paphos, cidades de Chypre.

E dahi vem que os poetas antigos usando da metonymia, ou sentido figurado, chamavam Cytherea a propria Venus, tomando o continente pelo conteúdo, isto é tomando o templo de Venus em Cythera, que foi um dos mais antigos da Grecia, pela propria Deusa.

O que me parece é que o Sr. Bustamente, quiz dizer cithara, a que os lexicographos dão etymo-

logias diversas, fazendo vir do Hebraico *kinara*, ou do Arabe *quitára*, no que—Constancio acha mais razão.

A citbara é que pode pertencer ao Deus da Musica; porque é uma especie de lyra, ou harpa com braço, cordas e trastes de latão.

Nem ao menos podemos desculpar a ignorancia do Sr. Bustamente com os typographos, porque o erro não está em uma lettra só, e alem disso sempre que repete essa palavra usa da mesma orthographia.

Já se vê, pois, que commetteu um barbarismo.

Termina o critico a primeira parte de sua arenga, á que chama *ingrato trabalho*, (o que ninguem duvida) plagiando um verso de Camões, á que sem a menor ceremonia adaptou outro do seu intellecto, que pode ser tudo, menos um verso. Eil-os.

Cantando espalharei por toda parte
A passagem da soberba Humaytá!

E os leitores ficaram a rir-se do seu dizer.

Entrando na segunda scena de sua comedia, a que chama trabalho critico vem todo cheio de si, como se fora o *Mennipe* de que falla o moralista La Bruyere, e principia assim:

« *A poesia, filha dilecta dos ceus, linguagem dos anjos encarnada no coração do melodioso*

e patriotico doutor, que faz parte daquelles que tem sido poeta ao menos uma vêz na sua vida, segundo o dizer de Mr. de Lamartine. »

Parece incrivel, mas é textual.

Quisera que o Sr. Bustamente ou alguem por elle nos dissesse, onde termina a oração principal deste periodo?

A poesia, filha dilecta dos ceus, linguagem dos anjos etc.

Aqui temos—*a poesia*, que é agente da oração principal, a qual é interrompida por algumas orações incidentes até o fim do periodo.

E onde está o verbo desta oração principal com que abre esse seu periodo?

Caminhando com o leitor atravez das orações incidentes deste periodo chegaremos afinal de contas ao seu termo sem encontrar o verbo, o attributo ou paciente, e nem mais complemento de natureza alguma da tal oração.

Explique-nos, pois, o critico o que quiz dizer, visto como não acabou o enunciado do seu juizo acerca da—*poesia*,—palavra que representa sem duvida o agente da proposição ou sentença que devera estar contida no tal periodo.

Procedendo a analyse grammatical encontramos ahi, segundo as regras da sintaxe, orações parciaes e incidentes que explicam e restringem varios attributos; encontramos orações subordi-

nadas e complexas que fazem sentido suspenso e dependente da idéa principal ; mas nunca acharemos o seu complemento, e por conseguinte ficamos ignorando o sentido da oração principal, que é a unica que deve fazer sentido absoluto e independente.

O principal erro da syntaxe consiste na ausencia de termos indispensaveis, e pois o Sr. Bustamente commetteu um erro que não pode ser apadrinhado pelo descuido. E' antes uma *fatalidade* das muitas que o persêguem, pois devia saber que nas orações interrompidas ou continuadas de outras incidentes, o sujeito ou attributo da primeira não pode deixar de ter ou subentender o verbo que o determina, assim como a toda e qualquer palavra relativa se deve subentender um complemento, que seja o objecto da acção impressa pelo attributo, quer seja o objecto da acção do verbo, ou o termo de sua relação.

Esta regra, aliás tão logica, quanto grammatical, foi esquecida pelo Sr. Critico logo no principio de suas *considerações geraes, e por de mais espirituosas* com relação a minha pobre individualidade.

Tenha paciencia o meu censor se o perturbo, desviando-o de *sua alta litteratura* para obser-

var-lhe estas insignificantes regras de grammatica.

Assim como importa collocar bem as palavras de cada oração para estas fazerem sentido claro e perfeito; assim tambem releva collocar bem as diversas orações que unidas fazem um sentido total.

E não são estes erros os unicos que o Sr. critico commette naquelle curto periodo.

Vejamos por exemplo aquellas duas orações :

—..*que faz parte daquelles, que tem sido poeta ao menos uma vêz na sua vida,....*

Não ha quem ignore que a palavra—*poeta*—tomada aqui adjectivamente deve estar no plural por amor da concordancia.

Eis ahi revelada a ignorancia grammatical do critico, que, para escarnecer dos seus leitores, mais adiante diz com o maior desplante o seguinte;

Desta(elle falla da poesia Passagem de Humaytá) *vamos nós occupar, quer pelo lado da concepção,quer pelo lado da collocação grammatical.*

Seria melhor que o Sr. Bustamente fosse primeiro estudar a syntaxe e sua coordenação para saber o uso que se deve fazer das palavras, que compoem os periodos, e dos periodos que compoem o discurso, ou um artigo qualquer de jornal.

Debalde Nicoláo Tolentino procurou ensinar o bom caminho a esta gente para expurgar a humanidade de suas impertinencias.

Fizeram mal os pseudo-criticos, como o Sr. Bustamente, em cerrar os ouvidos aos seus sabios e prudentes conselhos dados gratuitamente

Recordo-me agora de uma de suas judiciosas queixas que vem muito a proposito, eil-a :

« . . . . por mais que eu pregue,
São baldados meus officios,
Que ninguem jamais consegue
Marchar sobre precipicios
Sem que os pés lhes escorregue.»

O Sr. critico bem podia ter lido esta quintilha, e tomado para si um tão prudente conselho para não escorregar da maroma no precipicio.

Assim poderia andar por caminho seguro, se por ventura fosse estudar antes de tudo a sua grammatica com algum mestre-eschola, para que podesse vir depois fallar em publico de cousas que ainda hoje ignora.

E que cousas! Cousas que qualquer menino de primeiras lettras sabe desde que dá suas primeiras licções de syntaxe.

Deixando de parte agora a forma tosca e imperfeita de que se servio o Sr. Bustamente para manifestar naquelle mutilado periodo o seu es-

pirito contra mim, devo dizer-lhe que nem de leve me offendeu o seu sarcasmo.—

Pois em vêz de cuspir a turba ignara,
Quem cospe para o ar, cae-lhe na cara

Lendo eu o Aldo de George Sand encontrei uma epigraphe, que me serve agora de escudo contra esse dardo que me arremessou o Sr. critico no intuito de ferir-me.

A epigraphe reza assim :

« Não ha ninguem que não faça o seu pequeno Fausto, o seu pequeno D. João, o seu pequeno Manfredo, ou o seu pequeno Hamlet, a noite, ao pé do fogão, com os pés calçados de mui bons chinellos. »

Só o meu censor faz excepção á esta regra, e exaspera-se contra aquelles que, no dizer de Sand, ou de Lamartine, são poetas uma vêz na vida.

Tenha paciencia o meu critico, e não se desconsole, porque pode ainda S S. servir para alguma cousa.

E em quanto isto não succede devemos tomar o conselho de Faustino Xavier de Novaes:

« Aceito a parte minha,—a tua aceita :
Quem bôa cama faz n'ella se deita. »

Parahyba 19 de Março de 1869.

— —

ARTIGO II.

Se pelo lado da collocação grammatical e da sintaxe o Sr. Bustamente claudica *ingenuamente*, pelo lado da concepção commette peccados mortaes, para absolvição dos quaes é preciso que tenha um arrependimento e contricção verdadeira, entregando-se seriamente aos estudos.

Para prova do que fica dito, vejamos o periodo que se segue áquelle, que analysamos em o nosso artigo passado.

A transição rapida que o Sr. Bustamente fez daquelle celebre periodo para o que se lhe segue

é tão estranha, como é estranho o assumpto de que nelle se occupa.

Já não fallo dessa mutação de scena, que sorprehendeo os leitores, que ficaram com o juizo suspenso, esperando de balde pelo verbo e complemento da oração principal referida naquelle periodo:—*A poesia filha dilecta dos ceus* &c, de que nos occupamos no artigo passado.

Entremos em materia nova, e deixemos por uma vez aquelle solecismo.

Continúa elle:

« *Ossian quiz immortalisar os guerreiros de Fingal . . .* »

Vamos por partes.

Quem disse ao Sr. Bustamente, que Ossian quiz immortalisar os guerreiros de Fingal, quiz antes zombar de S. S. abusando de sua ingenuidade.

Eis o grande inconveniente que ha em citarmos aquillo que não lemos, ou, se lemos, não comprehendemos.

O Sr. Bustamente poderia ter lido de passagem alguma citação ligera sobre este ponto; mas não procurou penetrar o verdadeiro sentido, e por isso o transcreve adulterado.

Ossian, o celebre bardo escocez (que viveu, segundo Bouillet no seculo III) não só immortalisou os guerreiros de Fingal, seu pai e Rei de

Morven, como tambem immortalisou a lingua celtica, a Escocia e toda sua familia, sendo o ultimo de sua raça.

Depois dos trabalhos de James Macpherson (o preceptor do conde de Grahn) sobre as poesias de Ossian, não é mais licito a ninguem duvidar da immortalidade litteraria de seus poemas.

Ossian mitigava suas dores cantando os seus feitos d'armas, assm como os de seus compatriotas; e esses cantos, que pareciam rudes e selvagens, visto como não respiravam se não o fanatismo da guerra, o amor dos combates e uma especie de heroismo natural e singelo, offereciam entretanto verdadeiras bellezas e sublimidades bastantes para immortalisar toda a Caledonia, quanto mais para immortalisar os guerreiros de Fingal!

O Sr critico entendeu, que devia negar essa gloria á Ossian, apezar de não o terem feito o methodico e sabio Robertson, o elegante Hume, e o habil rhetorico Gibbon em seus trabalhos historicos.

Pois é pena, porque a Escocia, a França, a Alemanha e toda a Europa applaudiram esses trabalhos superiores e calmos.

Depois de taes producções, e principalmente depois das de Macpherson e Smith, se sabe que nas montanhas da Escocia ainda hoje se repe-

tem com enthusiasmo os cantos dos guerreiros de Fingal, compostos pelo velho bardo que vivêu, segundo Villemain, entre o seculo II e III de nossa era.

Se a poesia não é uma melodia vaga; se a aspiração e a idéa são o espirito immortal, que a levanta superior aos seculos e aos imperios com os pés calçando as urnas do passado, com a fronte tocando as estrellas do empyrio, como entende Rabello da Silva, a lyra de Ossian viverá atravez dos seculos; porque ninguem soube mais que elle traduzir em carmes viris o destino sublime do homem com relação a sua patria! Não é só o enlevo e o agrado o que attrahe nos cantos que Ossian legou aos seus compatriotas e ás gerações futuras; é a interpretação moral da vida, é a devoção dos sentimentos, é a revelação dos segredos das grandes almas, cuja passagem na terra assignala a gloria e a immortalidade.

Ossian deu alma e vida ás montanhas do seu paiz, como nos tempos modernos o seu compariota Walter Scott, e o famoso escriptor Cooper que illustrou a patria de Washington, desenhando as physionomias dos heroes das selvas e florestas virgens da America em lucta com a civilisação.

Esses cantos que immortalisaram os guerreiros de Fingal, assim como os poemas de *Oscar*, de

Malvina e de *Témora*, do cego Ossian, tornaram-se uma novidade original no seculo passado, o seculo do raciocinio e da philosophia.

Macpherson, publicando os poemas do velho bardo, transportou como por uma especie de resurreição a barbaria indigena ou primitiva do seculo de Ossian para o seculo XVIII. E ninguem ignora qual tem sido a influencia de taes poesias na litteratura moderna.

Até a prosa poetica do nosso tempo recebeu as impressões daquelle genio vago, melancolico, sonhador e sentimental. Ossian dominou o espirito pelo enthusiasmo do coração.

Da mesma maneira que o espirito francez, tinha inspirado a litteratura Anglo-escoceza, assim o genio de Ossian obrou poderosamente sobre a forma da litteratura franceza no fim do seculo XVIII, como nos affirma com todo o criterio Villemain em suas sabias licções sobre a litteratura do referido seculo.

O enthusiasmo que aquelle velho bardo escocez excitou foi um successo brilhante e curioso na historia das lettras. E por isso as poesias de Ossian pertencem pela epocha de sua effectiva renascença á litteratura do seculo passado.

Assim o entenderam Voltaire e Madama de Stael e até mesmo o conquistador da Italia, do Egypto e da França, que foi um dos maiores admirado-

res de Ossian. O Heróe moderno achava em sua intima consciencia uma especie de afinidade secreta entre o heroismo simples e rude dos guerreiros de Fingal e a simplicidade natural do seu genio marcial e do seu proprio heroismo.

Cesarotti, espirito facil e brilhante, preferia Ossian a Homero, e traduzio em bellos versos italianos os poemas do bardo escocez.

O celebre Gœthe tomado de admiração por Ossian faz o seu Werter lel-o antes do suicidio.

O notavel poeta Inglez Gray testemunhou o mais vivo enthusiasmo pelas poesias singulares de Ossian, e nellas inspirou-se para escrever suas mais bellas odes, em que deplora o massacre dos bardos do paiz de Galles que Eduardo 1.º mandou assassinar.

John Sinclair diz que as poesias de Ossian eram superiores a traducção de Macpherson, e que este devia por isso uma reparação á sua memoria !

Homens sabios, como o Dr. Blair, adoptam com enthusiasmo a gloria de Fingal e a immortalidade dos seus guerreiros, aponto de declararem authenticos e sublimes os seus feitos ! Entretanto o Sr. Bustamente, que nunca leu seriamente cousa alguma sobre os poemas de Fingal, ao que parece, tem a ingenuidade de contestar a historia e os sabios, dizendo que—*Ossian quiz immor*

talisar os guerreiros de Fingal—que é o mesmo que dizer, que não os poude immortalisar com os seus cantos!

Naturalmente o Sr. Bustamente entende que os poemas de Ossian não estão na altura dos assumptos ! ! ! . . .

E' o que se deprehende do seu enunciado.

Nem mesmo Malcolm-Laing, que procurou manchar a reputção do Homero Caledoniano, poderia ser mais espirituoso que o Sr. Bustamente.

Malcolm-Laing dizendo :—« Votre Ossian me parle *des joies de la tristesse*; c'est une expresion qu'il a prise d'Homere» —é menos original que o nosso critico.

O sabio Dr. Blair respondendo a Malcolm-Laing pelas mesmas palavras disse :—« Que grande poeta que é Ossian ! No meio da Escocia do 2.° seculo em um tempo de barbaria encontra expressões e imagens reveladas ao genio de Homéro ! Elle me falla como Homero—*des joies de la tristesse*.

Não é singular, Sr. Bustamente, que essas poesias Ossianicas, que nos fazem remontar ao seculo de Septimo Severo, tenham echoado de bôca em bôca desde as montanhas da Escocia até as capitaes do mundo civilisado, ha seguramente mil e sescentos annos ? !

Como, pois, acha que ellas não immortalisa-

ram os guerreiros de Fingal, cuja historia sceltica fielmente traduzem—em pleno seculo XIX ?

A proposito, Sr. Critico, ouça o que diz Villemain do alto de sua cadeira aos seus ouvintes:

« Voltaire refere que um Florentino,homem de lettras, de um espirito justo e de um gosto cultivado se achou um dia na bibliotheca de Mylord Chesterfield, com um professor de Oxford e um Escocêz que elogiava o poema de Fingal composto, dizia elle, na lingoa do paiz de Galles, cuja lingoa é em parte ainda aquella—*des Bas-Bretons*. Como é bella a antiguidade ! esclamou elle ; o poema de Fingal ha passado de bôca em bôca até nossos dias, ha perto de dous mil annos, sem nunca ter sido alterado ; tanta sublimidade e verdadeiras bellezas tem muita força sobre o espirito humano ! E logo depois começou a lêr o poema de Fingal para os seus companheiros ouvirem. »

D'ahi em diante houve um dialogo entre o Escocez e o Florentino, que por ser longo eu deixo de transcrever n'este artigo, mas conviria que o Sr. Bustamente lesse essa *interessante parodia* para saber o effeito que produziram os versos immortaes de Ossian.

Pense pois, Sr. Critico, nas considerações historicas que lhe acabamos de fazer, e de ora em

diante mude de rumo, para não excitar o riso dos seus leitores.

Deixe de citar obras que não lêo, e nem emita opinião sobre cousas que não entende.

Estude primeiro os bons autores para então escrever com acerto, pois é bem certo o conselho de Boileau, quando diz que só enunciamos claramente aquillo que concebemos :

« Ce que l'on conçoit bien s'enonce clairement
« Et les mots, pour le dire, arrivent aisement.»

Deixe, pois, de querer parecer aquillo que não é, tendo em vista a maxima franceza :

« *Nous gagnerions plus de nous laisser voir tels que nous sommes, que d'essayer de paraître ceque nous ne sommes pas.* »

Esta maxima de La Rochefoucauld é de uma moral religiosa e de uma practica philosophica, pelo que o Sr. critico deve tel-a sempre presente, se com effeito é serio que pretende trilhar o caminho destinado aos homens de lettras.

Este artigo já vai longo para continuarmos a analyse philologica do periodo que nos serve de argumento, deixemol-a para o artigo seguinte.

Parahyba 23 de Março de 1669.

——

ARTIGO III.

Continuemos á apreciar o paragrapho que em seu começo já nos forneceo materia para o argumento do artigo passado.

Deixando de parte a graça ou espirito, que o Sr. Bustamente revelou descobrindo em mim ciumes do velho bardo escocez, ao que não respondo, trataremos da sua ignorancia historica e litteraria manifestada na impropriedade do epitheto qualificativo que deo á Ossian, chamando-o — *Cego de Albion !*

A antonomasia é uma figura, ou uma especie

de metonymia ou de synédoche, por meio da qual muitas vezes empregamos um nome commum em logar do nome proprio, para darmos a entender a excellencia da pessoa ou cousa de que se falla.

Os gregos, por exemplo, quando diziam o poeta entendia-se que fallavam de Homero; quando diziam o *orador*, fallavam de Demosthenes.

Os latinos diziam :—*Eversor Carthaginis* por *Scipio; Pelides* por *Achilles, filius Pelei.*

Quando no sentido da Escriptura santa se diz o *Evangelista*, entende-se S. João; quando se diz o *sabio* entende-se Salomão. Mas os grammaticos e sobre tudo os rhetoricos recommendam muita circunspecção no uso de taes epithetos, que não sendo em rigor proprios d'aquelles objectos, á que se ajuntam, longe de concorrerem para a clareza da idéa e justeza do pensamento prejudicam a verdade, que sobre tudo é indispensavel na allocução.

E no bom uso dos tropos, assim como das figuras, devemos sempre seguir o exemplo dos bons autores em qualquer lingua culta.

Esta é a regra mais segura para os principiantes, visto como se os epithetos tropologicos e figurados, quando bem empregados, servem para dar maior força ou ornato a phrase, é claro tambem que serão ociosos e ridiculos, se não attingirem ao fim á que se dirigem.

E n'este caso consideramos o epitheto—*Cego de Albion* que impropriamente o Sr. critico deo á Ossian, como vamos demonstrar.

Se o nome da patria por meio d'este tropo, a que chamamos antonomasia, qualifica e singularisa o nome dos seus filhos mais famosos, como quando dizemos o *Mantuano* por Virgilio poeta natural de Mantua ; o *Paduano* por Tito Livio ; o *Macedonio* por Alexandre *etc* ; é claro que o Sr. critico não podia chamar Ossian, natural da Escocia, o *poeta de Albion*, e muito menos o *cego de Albion*, sobrecarregando assim o epitheto de mais uma metaphora que torna-o cada vez mais obscuro ; tanto mais havendo *Milton*, a quem com mais propriedade poderiamos attribuir o epitheto de *cego de Albion*, visto como é o poeta cego de que mais se orgulham os inglezes, desde que Addison proclamou o genio immortal, que produzio—o Paraizo perdido.

Bouillet diz ainda na ultima edição do seu—*Diccionario universal de Historia e de Geographia* o seguinte :

« O poema do *Paraizo perdido* é hoje o orgulho da Inglaterra, e os mais sabios criticos de todos os paizes o consideram como uma das mais sublimes producções do genio humano. »

Vê-se pois, que a antonomasia, de que usou o Sr. critico pode ser applicada a Milton ; mas não

pode ter lugar com relação á Ossian, a quem os inglezes procuraram contestar a gloria, como adiante mostraremos.

Vejamos entretanto se o Sr. critico se salva deste aperto sophismando com os *elevados conhecimentos* que tem da historia ou da geographia.

De qual Albion nos falla, Sr. critico ?

Da nova ou da velha ?

Se nos falla desta, isto é da velha Albion, cujo nome era usado n'aquella linguagem indigena dos tempos de Cesar, e mesmo depois da dominação romana, então diremos que só comprehende a parte meridional da Escocia actual.

Se nos falla daquella, isto é da nova Albion denominada por Drake, ainda peor, porque S. S. deixa o velho continente e vem trazer-nos o velho bardo escocez para aquella parte deste novo mundo americano chamada—Nova California ; o que por certo é, alem de anachronico, inverosimil.

Ora se não é da velha, e nem da nova Albion que o Sr. critico nos falla, naturalmente devemos suppor que quer dar toda a *Gran-Bretanha* por patria de Ossian, o que é igualmente um erro.

A Escocia ou Caledonia dos antigos, comquanto seja um dos tres reinos unidos que formam hoje a Gran-Bretanha, conservou por muito tem-

po seu titulo de reino independente desde Fergus II no seculo V até Jacques VI no seculo XVII, e ainda depois conservou seu parlamento e suas leis até o principio do seculo passado, (1707) em que a rainha Anna, filha de Jacques II fundio taes dominios em uma só Monarchia sob o nome de Gran-Bretanha.

Ninguem ignora que a Inglaterra predomina na união, e que Londres é a capital de toda a Monarchia britanica; e portanto quando dizemos hoje a Gran-Bretanha, o que nos vem logo ao pensamento é a Inglaterra, e o mesmo succede quando usamos em poesia do nome de *Albion*.

E tendo Ossian nascido, entre o seculo II e o seculo III, na Escocia durante a dominação romana, como podia representar então a Inglaterra e a Irlanda e toda a Gran-Bretanha, cuja união se deu no seculo XVIII, quinze ou dezases seculos depois de sua vida?

Já vê, pois, o Sr. critico que tendo Ossian vivido no seculo II ou III não lhe cabe o epitheto figurado de representar a nação que lhe era estranha! E portanto o epitheto de que usou, longe de significar Ossian significa aquelle, de quem *Junqueira Freire diz o seguinte*:

« Lá vai Milton, lá vai. Fatuos inglezes,
— Dobrae a curva ante o moderno Homero.

Nos campos de Albion, tremente e cego,
Inda tactêa inspirações e carmes. »

A este poeta é que se pode applicar o epitheto de cego de Albion, pois como cego e velho foi venerado por Cromwell ; e toda a Gran-Bretanha acatou-lhe o orgulho !

Os epithetos tropologicos, quando são bem apropriados, e sabem pintar vivamente o objecto que se pretende qualificar, são de excellente effeito na allocução ; mas taes effeitos são considerados de muito máo gosto, e até mesmo pessimos, quando não preenchem esse fim, e nos condemnam ao erro e a obscuridade, como o fez o Sr. Bustamente por ignorancia da geographia e da historia.

E não foram só a geographia e a historia, que soffreram a tortura, foi a litteratura tambem como passaremos a demonstrar.

Macpherson, o autor do poema *Montagnard*, depois de *Giraldus Cambrensis* ou antes *Gerald Barry*, escriptor do seculo XII, foi o primeiro que fallou a M. Home, o autor da tragedia de *Douglas*, sobre os cantos populares que tinha ouvido em sua infancia sobre as montanhas da Escocia, onde tinha nascido ; recitou-lhe alguns cantos e o seu compatriota, aliás bom poeta e litterato de bôa nota, não deixou de mostrar-se impresionado por aquella poesia rude e simples

que pela primeira vez ouvia causando-lhe admiração !

Sabia-se que nas montanhas da Escocia, como na Irlanda, na Bretanha, e no paiz de Galles, fragmentos da poesia *erse* (em linguagem celtica) ou gallica eram repetidos pelos pastores e homens do campo ; mas taes poesias eram desconhecidas na Inglaterra. Esses cantos transmittidos de paes a filhos, e de geração em geração com numerosas variações, foram recolhidos afinal no seculo passado por Macpherson e Smith, que fizeram assim resuscitar no meio do mundo moderno o bardo do mundo celtico.

Macpherson multiplicou as suas investigações, e publicou os seus primeiros ensaios sob o titulo de—*Fragments de poèsie ancienne recueillis dans les montagnes d'Ecosse, et traduits de la langue erse ou gaéllique.*

Este livro, segundo affirma Villemain em suas licções de litteratura, arrebatou todos os litteratos de Edimburgo, e essa admiração foi contagiosa em toda a Europa.

Eis o começo e a grande fortuna das poesias de Ossian, a quem o Sr. critico chama impropriamente poeta *cego de Albion*, confundindo-o com Miltón, o cego e celebre poeta Inglez, nascido em Londres em 1608 e que sobreviveu a Cromwell.

A Escocia occupada, ha muito, em defender a sua nacionalidade salvou com enthusiasmo a aparição de Ossian, quando Chaterton acabava de maravilhar a Inglaterra com a publicação do poeta—anglo-saxonio, apocrypho *Thomaz Rowley*.

O amor proprio escocêz, que, segundo *Johnson*, é o maior amor proprio nacional que se conhece no mundo, saudou a Macpherson, por ter dado tambem a Escocia o seu *Rowhey*. E d'ahi se originou uma longa controversia entre os sabios da Escocia e da Inglaterra.

E se isto é verdade, como nos diz o sabio encyclopedista *Ph. Chasles*—em seu estudo sobre Ossian, como podemos acreditar que os Escocezes cedessem de seu amor proprio e os Inglezes de seu orgulho, para que o Sr. critico tivesse o prazer de dar ao velho bardo escocez o epitheto de—*cego de Albion ? !*

Ora se a Escocia ja nutria contra a Inglaterra o seu odio por causa da conquista de sua nacionalidade ; e se os inglezes por sua vez não perdoavam a Escocia a satisfação que teve de ver um seu filho de nascimento tornar-se 1.° ministro do Rei de Inglaterra, é claro que dessa data em diante a rivalidade se estendeu da politica a litteratura.

E é certo que esta rivalidade nacional augmentou então entre os dous paizes visinhos, sus-

citando logo na Inglaterra discussões, em que se negavam as glorias do Homero das montanhas da Escocia.

O Dr. Johson, que era então o maior critico daquella epocha, foi o que mais atacou Macpherson o descobridor dos cantos de Ossian, e o fez com aquella virulencia propria dos escriptores do seculo XVI, entre os quaes sobresahiram Scioppin e Scaliger.

Essa lucta foi tão renhida que foi preciso, que se nomeassem arbitros das academias sabias da Europa para por meio de seus inqueritos e investigações authenticarem ou não a existencia de Ossian, e de suas celebres poesias annunciadas pelo genio esclarecido de Macpherson.

« E' certo, diz Villemam, segundo o testemunho de uma multidão de viajantes, que o nome de Ossian era nas montanhas da Escocia repetido de pai a filhos, e que se lhe ajuntava o epitheto de cego,—*Ossian dall.* »

Era o mais que o Sr. Bustamente podia fazer se imitasse os bons modelos; mas nunca dar-lhe um epitheto que não lhe cabia.

Os proprios inglezes que, a despeito da rivalidade e orgulho nacional admiravam os poemas de Ossian, como o Dr. Smith por exemplo, jamais se lembraram de chamar o bardo escocéz a sua nacionalidade, e pelo contrario davam aos

seus poemas o epitheto de caledonianos. Os Inglezes só citam com orgulho em litteratura Shakespeare, Milton, Pope, Byron, Addison, Bacon, Lock e outros, porque são filhos da Inglaterra!

E se hoje em sua litteratura adoptam alguns celebres Escocezes como Hume, Robertson e Walter Scott, é porque estes já nasceram sob o dominio da Gran-Bretanha.

Em vista pois destas considerações historico-litterarias evite, Sr. Bustamente, a mania de servir-se de epithetos obscuros, e de expressões deslocadas, porque taes cousas denotam sempre a falta do bom senso, que aliás é e deve ser em todo tempo a primeira qualidade de todo o escriptor, maxime se elle é critico, como S. S. tem a coragem ou ingenuidade de se apregoar.

Fique certo de hora em diante, que as *antonomasias*, as *synédoches*, as *metonymias*, e as *metalepses*, por meio das quaes se abusa das mudanças das palavras, de sua significação propria para outra, não autorisam o erro, e nem excluem a verdade da allocução.

Pode muito bem ser, que a culpa dos erros do Sr. Bustamente pertença a outros, de quem leu, ou ouviu, e transmittiu taes citações erroneas, como costumam fazer os papagaios, não duvido.

E se estou em erro, apraz-me alguma explicação que me conteste o exposto

Pouco me importa que os erros sejam do Sr. Bustamente ou de quem quer, que se julgue autorisado em litteratura para os transmittir como axiomas verdadeiros; pois eu, apoiado nos meus fracos conhecimentos historicos e litterarios, raciocino, e não me conformo com o—*Magister dixit*.

Como homem estou sujeito ao erro; mas em quanto não me o demonstrarem, não desprezo as minhas convicções só porque dizem, que ellas não prestam, os amantes das delicias de Capua.

Desculpem os leitores se eu me demorei mais do que era mister na apreciação de um pequeno periodo do *trabalho ingrato* do Sr. Bustamente.

Se este artigo já não fosse tão estirado commentaria ainda o espirito que revelou o Sr. Bustamente no fim do referido periodo—chamando por graça velho estupido a Ossian, a quem, ainda por engraçado, diz que dei uma licção cantando uma batalha.

Tudo isto é digno de apreciar-se no original, para onde pode recorrer quem melhor o quizer apreciar.

Parahyba 28 de Março de 1869.

——

ARTIGO IV.

Alem dos vicios e erros grammaticaes, historicos e litterarios, que temos apontado logo no começo da critica do Sr. Bustamente, seguem-se outros que são um verdadeiro menoscabo do bom senso.

Continuemos a ler o seu—*ingrato trabalho*.

Ao paragrapho, que analysamos nos dous artigos passados, segue-se outro em que, citando elle um pensamento de Victor Hugo, talha uma carapuça para sua propria cabeça, a qual lhe assenta bem.

Dahi dá um salto mortal para um periodo sem nexo, no qual teve por fim unicamente fallar em Shaspeare e Racine, sem applicação alguma, dizendo—*que o bello d'este autor era o romantico e o daquelle é classismo.*

O que quer isto dizer ? !

Risum teneatis, amici.

O Sr. Bustamente tem um dom tão particular de entortar o que é direito, que até a linguagem de que se servio para manifestar aquelle paradoxo é má; pois em vez de dizer—*o bello d'este é romantico e o daquelle é classico*, disse classismo ! E quando mesmo quizesse sustentar o seu *classismo* com relação a Shaspeare devia por harmonia da linguagem e elegancia da dicção dizer que o bello de Racine era romantismo, substantivando ou adjectivando ambos os attributos, e conservando o tempo do verbo ser, ou no presente ou no preterito, em ambas as orações.

Mas isto é o menos, o peior é que elle applaude-se do que não sabe, e vangloria-se do juizo que emittiu a respeito de Racine e Shaspeare, cujos autores nunca leu, sabendo apenas que elles existiram por ouvir dizer.

A linguagem do ignorante em litteratura e no meio da sociedade cultivada é a mais ridicula, porque procurando fazer espirito só produz frioleiras, que enojam.

Racine. Sr. Bustamente, (segundo Villemain) um dos maiores poetas do seculo XVII, e (segundo Philarète Chasle) o representante mais aperfeiçoado da tragedia na França, adoptou o gósto da litteratura classica, assim como Corneille, Molière o Boileau que foram seus preceptores.

Como, pois, o Sr. Bustamente o classifica de romantico ?

Racine, não obstante a educação severa e piedosa que recebera na Abbadia de *Port-Royal*, onde brilhavam então Nicole, Sacy e Lancelot, esposou o gosto da litteratura classica inspirando-se no theatro antigo: —*Les Plaideurs*, segundo Chasles, é uma imitação de Aristophano; o seu *Mithridate* é uma creação arrojada, cujo heróe é sublime e grande em sua lucta contra Roma.

O estylo de Racine em sua elegancia correcta e grave foi tão notavel e tão classico, quanto foi o seu genio, porque reunia a elegancia e delicadeza de Euripide, a grande magestade e pureza symbolica de Sophocle, e alem disso tinha alguns raros accentos de Eschylo.

Saiba mais, Sr. critico, que a primeira tragedia que Racine compôz, depois daquelles ensaios em honra de Luiz XIV, intitulados—*La Nymphe de la Seine, e la Renommée aux Muses*, foi o resultado de sua leitura secreta do romance grego de Théagène e Chlariclée, feita em *Port-Royal*,

cuja leitura os seus professores lhe haviam expressamente prohibido.

Leia o Sr. Bustamente a apreciação de Racine feita por Philarète Chasles, o resumo da historia da litteratura franceza por Noel e de La Place, as licções de litteratura de Villemain, os estudos litterarios de La Bruyère, ou de Fontenelle, sobre Corneille e Racine, assim como os de La Harpe sobre Racine e Voltaire, e eu lhe affirmo que depois dessas leituras ficará envergonhado de ter dito—que *o bello em Racine era o romantico.*

E' verdade que Racine era terno, gracioso, melifluo, e a exemplo de Despreaux estudou todos os effeitos da harmonia, todas as formas do verso, todas as maneiras de varia-lo, como refere La Harpe; o que de alguma maneira se adopta mais a Eschola moderna; mas o Sr. Bustamente devia saber que esse notavel tragico foi ainda contemporaneo de Moliére e de Corneille, de quem recebeo conselhos e inspirações, e que vivendo no seculo de Luiz XIV foi inspirar-se no theatro antigo, porque não lhe fora licito abraçar o genio da sociedade em que vivia.

Assim, pois, Sr. Bustamente, não confunda a regularidade harmoniosa das composições do filho illustre de *Ferté-Milon* com as exagerações do romantismo. Racine achou a origem real de suas inspirações não só na fé christan, como

tambem no estudo o mais delicado e mais precioso da antiguidade, como nos prova *Andromaca*, seu primeiro chefe d'obra, ao lado de *Esther*; *Ephigenia* ao lado de *Athalia*, tragedia sacra mais perfeita ainda. O amor, cujo sentimento predominava nas suas tragedias, não podendo desprender-se do laço da forma classica, não podia portanto ultrapassar aquelles limites e transbordar na forma romantica, como succedeu mais tarde com a liberdade d'arte.

E o Sr. Bustamente se lesse e apreciasse o espirito daquella epocha, em que sobresahia, como diz Chasles, a politica guerreira e a monarchia asiatica do grande rei, havia de saber que o absolutismo do amante de madama de Maintenon não consentia as liberdades do pensamento, senão áquelles histriões e validos, que distrahiam com a sua musa as *ridiculas preciosas* e os ocios da sua corte, que aliás foram condemnados, sem quebra do respeito que lhe era devido, pelo duque de Montausier, Saint-Simont, Vaubant e Fenelon. Ao passo que Luiz XIV fazia realçar as festas de Versailles com as condescendencias do talento, Racine, poeta melodioso e apaixonado, exalava os seus melodiosos accentos no meio daquella esphera social, obedecendo ao culto da antiguidade e as regras estabelecidas pelo despotismo das unidades d'arte aristotélica.

Já vê pois o Sr. Bustamente, que Racine não podia ser inspirado pela liberdade da Eschola romantica, que só veio hastear a sua bandeira um seculo depois daquella epocha, em que floresceu o autor de *Phedra*, de *Berenice* e de *Bajazet*, inspirado profundamente por Champmeslé, uma das mulheres mais bellas e mais intelligentes que tem assignalado a scena franceza.

Racine, com quanto não tivesse nem o genio, nem o caracter altivo e presumpçoso de Corneille, esperimentou como elle os mesmos desgostos no seu tempo; e por isso, diz Victor Hugo, que elle curvou-se silencioso, e abandonou aos desprezos da sociedade em que vivia a sua admiravel elegia de *Esther*, assim como a sua magnifica epopéa de *Athalia*. O que devemos crer é que se Racine não tivesse sido paralysado, como fôra pelos prejuizos do seu seculo, teria sido mais livre no systema tragico que concebeu baseado no molestissimo modelo da comedia classico-franceza representada pelo Tartufo e o Misantropo! Molière, que era o Corneille e o Racine da comedia, com as suas—*Les precieuses ridicules e Les Femmes savantes* castigou bem os vicios e as cousas ridiculas, que a sociedade daquelle seculo estimava. Estas comedias classico-francezas serviram de modelo a quaze todos os poetas comicos; e dahi nasceu—*Les Plaideurs* de Raci-

no, delicioso esbôço no genero classico de Aristophano, em que se alliaram toda a urbanidade attica dos antigos e os bellos gracejos do seu tempo,

Para que pois, Sr. Bustamente, falla em *romantico* se ignora a significação historico-litteraria deste termo assim como a sua procedencia ?

A palavra *romantico*, que servio para designar o termo do movimento intellectual na meia idade com relação as linguas *romanas*, estava bem longe de ter a significação que hoje lhe damos para designar em litteratura uma Eschola opposta á Eschola classica,

A palavra *romantismo* exportada da Inglaterra, segundo refere Fleury, no fim do seculo passado para servir de bandeira ao partido da liberdade litteraria, excitou vivamente os espiritos nessa singular controversia depois da revolução franceza.

Cada epocha tem suas idéas proprias, porque o espirito humano está sempre em marcha, e com elle marcham a politica e a litteratura, que são os reflexos dos costumes e das idéas de cada povo.

Se o corpo muda, diz Victor Hugo, quanto mais os habitos ; A lingua de Montaigne não é a de Rabellais; a lingua de Pascal não é a de Montaigne; a lingua de Montesquieu não é a lingua de Pascal Cada uma dessas linguas é admira-

vel considerada em seu tempo; mas convem que a forma da expressão e da lingua mude com as ideas.

Assim, pois, a differença fundamental que separou a arte moderna da arte antiga, a forma actual da forma passada, a litteratura romantica da litteratura classica, foi a liberdade d'arte. Este é o traço caracteristico da Eschola romantica.

As obras do genio foram escarnecidas no furor da controversia, em que se empenhara a geração nova nas reuniões populares, nas sociedades, nas academias, nos institutos, nos lyceos, em toda a Europa e até na America.

As obras de Young, de Ricardson, de Racine, de Corneille, de Molière, e do proprio Shaspeare e de Voltaire que assignalara o autor do *Hamlet*, foram fortemente atacadas pela critica dos reformadores.

Toda a geração nova se apaixonou pela Eschola romantica. Até mesmo os espiritos estranhos a este movimento procuraram dar ás suas idéas novas cores e nova forma, para dar-lhes ao mesmo tempo a aparencia de idéas novas.

Na verdade a reforma litteraria, propagada pelos romanticos, apezar de suas exagerações, tinha sua razão de ser: porque as imitações constantes dos antigos tinham prendido a nossa litte-

ratura, e sobre tudo o nosso theatro, ao rochedo esteril do empirismo.

Assim, pois, a poesia obedecendo a infallivel lei do progresso emancipou-se da passado.

As regras aristotélicas e os preceitos antigos reflectidos pela idade media até o seculo XVIII soffreram então suas modificações.

Na scena as representações dos antigos chefes d'obra tornaram-se nessa epocha incompativeis com a litteratura e a poesia do seculo XIX.

A arte symbolica estava para a *Arte classica*, assim como esta está para a *Arte romantica*. Na Arte symbolica ha um completo desacordo entre o sentimento e a forma da poesia ; a idéa não pode subsistir fora do elemento material em que o espirito se occulta; é na elegante phrase de T. Braga o reflexo do amor pantheista que se revela pela antithese na imaginação oriental.

Na Arte classica este desacordo transforma-se em harmonia, produzindo até essa união simultanea do sentimento com a forma, a alegria ou uma especie de voluptuosidade, como na poesia romana e na grega principalmente. Na Arte romantica o sentimento desprende-se do laço da forma, transborda e ultrapassa os limites do elemento contingente, visto como a palavra não pode mais exprimir toda a extenção das emoções

do coração, como já se revela nos genios creadores de Dante e Shaspeare.

Nessa lucta, presentida já no theatro desde o *Turcaret* de Lesage e o *Figaro* de Beaumarchais, cujas obras primas revelaram a energia da scena franceza, a liberdade d'arte caminhou sempre ao lado da civilisação e das novas idéas, que a philosophia do seculo XVIII não tinha comprehendido e mais de uma vez calumniara.

Essa reforma n'arte dramatica, assim como na litteratura e poesia, não podia nascer como formula completa se não depois da grande revolução de 89. Era mister ouvir primeiro os Mirabeaus, os Barnaves, os S. Justs, os Robespierres e Dantons, e presenciar o sacrificio de Chenier, que ao passar na carreta para a guilhotina proclamava a liberdade da arte e a reforma, proclamando ao mesmo tempo a liberdade dos homens, não perante a deusa razão, mais perante o verdadeiro Deus, como o christianismo havia estabelecido.

Os suspiros de Phedra, os clamores de Hermione, os deuses, os heróes antigos com suas catastrophes, as Naiades e Hamadryades, as Sylphides e Ondinas, as Fadas e Mouras encantadas, e finalmente as formulas antigas, não tinham mais razão de ser nas ficções poeticas. A poesia nobre, a poesia d'alma, a exaltação sublime, arrastava o homem no foro intimo de sua consciencia, e

com elle as nações,e com as nações toda uma época para as aspirações da liberdade.

E na verdade André Chenier como um dos athletas da nova forma poetica ensaiara logo em segredo um verso mais firme e aprimorado, de uma forma mais rithmica, e mais bem rimado que os de Voltaire.

Bernardim de S. Pierre e depois Chateaubriand e Madama de Stael escreveram seus modelos para a reacção litteraria; estabeleceram novos preceitos contra as regras de Moliére, Corneille, e Racine e as imitações de Ducis, Legouvé, Lancival e outros, que se deixaram arrastar pelo classismo de Oreste, de Hamlet, de Macbeth, de Œdipo, de Hector ou Agamemnon.

Os novos escriptores francezes, impellidos pela guerra do Imperio atravez da Europa, propagaram em suas viagens as idéas da Eschola romantica.

A Inglaterra e a sabia Alemanha tomaram parte nesta reacção, e disputaram o scetro da liberdade d'arte.

A lucta foi sustentada com todo o ardor, não só sobre o terreno litterario, como tambem sobre o terreno politico.

Os pamphletos politicos e os prefacios das obras d'arte, de litteratura e poetica,se debatiam com injurias apaixonadas, até que afinal a carta

do romantismo foi promulgade no prefacio de Cromwell; e a batalha então foi travada nas plateas do Theatro frencez por occasião das representações do Hernani, como nos demonstra J. Fleury.

O romantismo parecia seguro depois da revolução de Julho. O theatro foi inundado de obras que atacavam todas as regras de Moliére, Corneille e Racine, que até então eram inviolaveis.

O publico applaudio com phrenesi a Victor Hugo, o chefe principal das novas idéas no theatro, mas em breve fatigou-se deixando o grande enthusiasmo romantico para applaudir a *Lucrecia* de Ponsard aliás fria, e já opposta a exageração das novas idéas.

O romantismo fez uma revolução, não só nas ideas como tambem nas formulas e preceitos estabelecidos na litteratura e na poesia.

Os seus adeptos desvairaram-se n'esses ensaios emprehendidos na scena aventurosa dos theatros. Não ha duvida que o romantismo teve sua epocha de voga, de admiração, e de popularidade. Depois perverteu-se em composições calculadas para produzir effeito.

O melodrama sobre tudo appareceu povoando a scena de typos inverosimeis, de personagens caricatos, interpretando mal o coração humano com sentimentos exagerados e paixões impossiveis!

D'ahi nasceram abusos; e a luz brilhante das novas ideias que fulgurava no horisonte dos reformadores anuviou-se, projectando apenas seus pallidos reflexos.

Os chefes reformadores guardaram silencio, o movimento terminou, e depois os escriptores acceitaram dessa Eschola o que era somente justo e concentaneo com as idéas e costumes da epocha.

Foi esta propaganda romantica, Sr. Bustamente, que chegou até nós nestes ultimos trinta annos, porque as litteraturas classicas ou proponderantes não podiam excluir a liberdade d'arte, e nem proclamar eternamente as suas excellencias. Que este nosso seculo tem caracteres, propensões e tendencias, que o extremam do passado, todos o sabem. Que a litteratura de hoje não pode ser a de hontem, apezar dos que admiram ainda o seu maravilhoso, é cousa geralmente comprehendida, e que ninguem mais contesta.

Em vista disto, pois, Sr. Bustamente, acceitemos o poder dos factos e dos acontecimentos litterarios, e não procuremos contrariar absurdamente as verdades conhecidas na litteratura moderna com proposições frivolas, pois desta forma longe de ostentarmos erudicção e sciencia só revelamos falta de bom senso.

Quanto a Shaspeare o Sr. Bustamente tambem emittio uma proposição tão absoluta que revela

completa ignorancia não só das obras, como até mesmo da chronica litteraria desse genio typo que fecha o circulo da idade media.

O que quer dizer com relação a Shaspeare— *o bello deste autor é classismo ?*

Por ventura pode o Sr. Bustamente restringir as bellezas do genio creador de Shaspeare, o maior poeta da Inglaterra que soube consubstanciar toda a existencia de sua Patria, todas as dolorosas luctas da sociedade, assim como todos os segredos do genio?

Shaspeare como o Janus da fabula, Sr. Bustamente, apresenta uma face dupla; uma lança um olhar para o futuro scintillando todos os fogos do genio; a outra face é voltada para a barbaria do passado, e se corôa de luz, de sombras e de trevas. Elle falla do mundo dos espiritos como do mundo real; falla do passado como do futuro; elle falla da poesia como da historia.

No mundo dos espiritos—elle evoca uma multidão de sylphos, de genios, de espectros, de phantasmas e entes de concepções bizarras, cujos modelos não tinham sido descobertos pelos antigos e nem foram ainda excedidos pelos modernos! *O Elixir do Diabo, A Princeza de Brambella e Os quadros nocturnos* do phantastico Hoffmann, nem mesmo o *Orfêo nos infernos* de Hoffenback, o espirituoso escriptor da moda, ex-

cedem no seu genero o espectro representado no *Hamlét*, e nem o maravilhoso representado na— *Tempestade ou no Sonho de uma noute de estio*, de Shaspeare.

No mundo real—esse grande genio é digno successor de Tycho-Brahé, Copernic, Bacon e Kepler que tinham dissipado as trevas da meia idade.

No passado—Shaspeare associa-se á Biblia e a Homero, como o drama associa-se á ode e á epopéa. Assim entende Victor Hugo no prefacio de Cromwell dizendo: « Os personagens da ode são colossaes: *Adam*, *Caim*, *Noé*; os da epopéa são gigantes: *Achille*, *Atrée*, *Oreste*; os do drama são homens: *Hamlet*, *Macbeth*, *Othello*. A ode vem do ideal, a epopéa do grandioso, e o drama do real. Emfim esta triplice poesia nasce de tres grandes origens: a Biblia, Homero e Shaspeare. »

Na posteridade—esse genio foi abraçado por Voltaire, o maior encyclopedista do seculo XVIII, o qual transmittio até nós alguns de seus modelos, que sem duvida passarão ás gerações futuras.

Na poesia—inundou de luz e harmonia o seu seculo, como por sua vez o fizeram no meio dia da Europa Tasso e Dante, Camões e Calderon, Lope da Vega e Cervantes, que por uma singular coincidencia desceu ao tumulo no mesmo dia da morte de Shaspeare, segundo nos affirma Camillo

Turles na Encyclopedia. Assim ao norte e ao meio dia da Europa dous astros brilhantes se apagaram no céo da poesia.

Mas a posteridade admira ainda Shaspeare nos traços delicados, nas cores puras que imprimio em Ophelia, Romeo e Julietta, Desdemona e Catharina d'Aragão. Elle chegou a perfeição na litterattura como Raphael, como Miguel Angelo, como Rubens e seus discipulos na arte da pintura.

Shaspeare, segundo Lopes de Mendonça, foi o poeta providencial que criou o drama moderno, e inaugurou a liberdade d'arte. Elle tornou-se o echo dessas renhidas luctas religiosas que no seu tempo fizeram estremecer o solo da sua patria, e cantou não só as paixões humanas, como tambem chamou a vida da scena as classes laboriosas e desherdadas. Lopes de Mendonça diz mais ;— «Reis, soldados, tribunos, pastores, frades, coveiros, tudo tem uma vóz na sua gigantesca criação ; e desde a ambição de Macbeth até ao ciume de Otello, desde o amor delirante de Romêo até a loucura tremenda do Rei Lear, todas as paixões, até ali como abafadas na grade escura do confissionario, recebem a luz da existencia, movem-se no grandioso ambiente da poesia...»

As côrtes devassas e as sociedades em dissolução não podiam entender de certo aquellas explo-

sões grandiosas da paixão, misturadas com a admiração dos phenomenos da naturesa.

Na historia,—finalmente, elle retratou fielmente a revolução religiosa começada no tempo de Henrique VIII, a revolução politica operada sob o dominio de Carlos 1º., as luctas de Lencastre e York, as tragicas catastrophes de Maria Stuart e de seus amantes, assim como os costumes, e os habitos da sociedade de seu tempo.

Shaspeare é na verdade um classico considerado na expressão restricta desta palavra, não só pela puresa e excellencia da linguagem, pelo brilho e elegancia do estylo, como tambem pela autoridade que exerce no mundo da litteratura e da poesia ; mas ninguem lembrou-se ainda de dizer que o bello desse genio creador é *classismo*, como *ingenuamente* o fez Sr. Bustamente ignorando que o bello ideal do genio não se restringe á convencções artisticas, nem a methodos e nem á systemas de escholas.

A potencia creadora do genio de Shaspeare, Sr. Bustamente, lançou raios vivificadores sobre todos os generos litterarios. O poeta do seculo XVI foi um brilhante de uma limpidez tão luminosa, que o proprio Gustavo Planche, considerado o critico pessimista, no estudo que fez sobre o *Estado do theatro na França* reconheceu que a sua linguagem pertence a todos os tempos, á todas as ge-

rações, sem se moldar em nada a linguagem classica de Sophocle, o rei do theatro antigo.

Sim, Shaspeare escreveu em todos os generos, e forneceu exemplos á todas as escholas, sem se filhar á nenhuma dellas, porque o seu systema unico na opinião de Camillo Turles era o seo genio ; e a sua linguagem não era por isso nem menos poderosa e nem menos logica. E a prova é que elle é considerado por todos os litteratos de bôa nota o rei do theatro moderno assim como aquelle celebre tragico grego é o rei do theatro antigo. Sophocle e Shaspeare fundaram, pois, essas duas dynastias. E é fora de duvida que a forma lyrica moderna e a liberdade d'arte encontram sua origem no molde vasado por este genio creador, que surgio no condado de Warwik no meado do seculo XVI entre a revolução religiosa começada em Henrique VIII e a revolução politica prestes a se operar no tempo de Carlos primeiro. Shaspeare parece presentir o futuro ! E assim o entende tambem Lopes de Mendonça quando diz, que, historiando elle as luctas de Lencastre e York, quase que advinha o cadafalso de White-Hall, e a apparição de Cromwell. Não admira por tanto que o drama moderno tivesse nelle a sua origem.

Vê-se, pois, que Shaspeare não abraçava systema e nem eschola, para seguir os voos de seu

genio creador e arrojado ; e a humanidade transmittirá religiosamente o nome do poeta Inglez á mais remota posteridade, apezar de seus defeitos, sem restringir a sua esphera, como fez o Sr. Bustamente dizendo que o *seu bello é classismo !*

Leia-se os commentarios de Samuel Johson, os juisos de C. Turles, de Chateaubriand, de Madama de Stael, e de Villemain a cerca d'esse illustre personagem, ver-se-ha que o proprio drama moderno tem nelle a sua origem.

E se o Sr. Bustamente não quizer dar-se a este trabalho abra o seu Bouillet, que é mais commodo, e verá que elle, bem longe de considerar o bello de Shaspeare classismo, lhe dirá que Shaspeare é o pai da Eschola romantica.

Para evitar duvidas eu o transcrevo textualmente :—*A tous ces titres, Shaspeare est regardé comme le pére de l'ecole romantique.*

Quero dar-lhe um conselho, Sr. Bustamente, apezar da má vontade que S. S. me vota; ei-lo:— Pese as considarações que acabo de lhe fazer, estude tambem a litteratura, estude muito antes de arvorar-se em critico para não fazer rir o publico illustrado com as suas parvoices.

Parahyba 2 de Abril de 1869.

— —

ARTIGO V.

O Sr. Bustamente depois de calumniar Shaspeare e Racine, como fica demonstrado, vai por diante sonhando com *uma estrella pallida a lançar lampejos sulfuricos sobre o meu pobre estro*. E não contente em suffocar-me com o enxofre, á moda de Satan ou do prototypo de Kotzebue, traz comsigo um mocho e colloca sobre a cumieira de minha casa para infundir-me tristeza; visto como elle entende que para cantar feitos heroicos e os recontros de uma batalha não se pode prescindir da tristeza !

Ainda bem. Haja liberdade de pensar e de dizer lérias.

O Sr. Bustamente tem para este genero um fino olfacto de zombeteiro selvagem mais apurado que os entendedores da—*Arte de cozinha*; porque fareja o ridiculo a que vive affeito com uma grande naturalidade. Chega a conseguir que a gente solte a estralada do riso quando joga espirito!

Bem dizia o Sr. Cascaes:

« O critiqueiro palhaço
Faz de lérias calhamaço,
Que espalha por toda a parte,
Ora á tôa, ora com arte;
E diga verdade ou péta,
Onde está *lê* a *gaseta;*
E, vilão papel de bôbo
Seja, o que elle representa
Embora.....»

Como não tenho espirito, e nem sei dizer lérias, Sr. Bustamente, ha de permittir que vá lhe citando estes pedacinhos de autores conhecidos, para que pense nelles com seriedade deixando—*os recheios indigestos com que costuma a impapar os seus magros perús.*

Veja que esta phrase é de Camillo Castello

Branco; elle aqui emprega *perú* como synonimo de critica, e eu neste mesmo sentido a emprego.

Ficando assim respondidas as suas lérias com relação a minha pobre individualidade, passemos adiante a ver se encontramos alguma cousa seria no seu—*ingrato trabalho*.

Ahi temol-anos seguintes paragraphos; diz S S:

« *Bem dita tristeza, quanto influes na litteratura e na poesia!* »

« *Não obstante quanta poesia diversa tem havido desde Virgilio até Tasso, desde David até Homero, desde Milton até Corneille!* »

O que quer isto dizer?

Que analogia tem estes dous paragraphos entre s.?

Ignoramos completamente; mas deixando de parte a interpretação do pensamento do Sr. Bustamente nestas palavras ôcas de sentido; vejamos se elle ao menos teve consciencia do que avançou; ou se aquellas citações forçadas foram lançadas no papel a êsmo com o unico fim de mostrar-se familiar na litteratura.

De Virgilio a Tasso devia haver por certo muita variação na poesia, não só quanto a forma plastica como tambem quanto as leis da esthetica, porque, segundo os biographos, o poeta mantuano, considerado principe dos poetas latinos, nasceu 69 ou 70 annos antes da era christan; e

o poeta italiano nasceu em Sorrento no anno de 1544. O primeiro morreu 19 annos antes da era Christan e o segundo 1595 annos depois ; temos por tanto do fallecimento do primeiro ao nascimento do segundo 1563 annos, em cujo espaço de tempo diz o Sr. Bustamente que houve muita *poesia diversa* ! Vá lá esta grande novidade.

De David, o rei propheta e chefe da poesia lyrica, a Homero, o mais antigo dos poetas gregos, não houve lá essa grande distancia, porque o psalmista vencedor de Goliath nasceu em Bethlem, 1071 annos antes da vinda de Christo e o cego Homero, cuja patria se ignora, floresceu, segundo as tradicções, nove ou dez seculos antes da nossa era ! E aqui temos portanto uma differença quando muito de um seculo entre a poesia lyrica representada pelo primeiro e a poesia épica representada pelo segundo. E' pena que o Sr. Bustamente não nos mostrasse as variações das poesias intermediarias, que nem mesmo as tradicções nos revelaram ! Entretanto não nos oppomos aos *seus voos d'aguia*.

Mas o que não podemos admittir é a poesia diversa desde Milton até Corneille, pois são coévos; e quando mesmo a sua descahida dos seculos para os annos não fosse absurda, então devia dizer desde Corneille até Milton, porque este poeta é mais môço que aquelle dous annos !

Dizem os historiadores que o poeta Francez nasceu em 1606, e o poeta Inglez em 1603.

Estes seus *improvisos e ziguezagues*, Sr. Bustamente, fazem rir a gente.

Bem podia estar livre desto anachronismo se tivesse o bom senso de fallar somente daquillo que entende.

Em litteratura não se improvisa, Senhores do «Jornal da Parahyba.» Escrever um juizo critico-litterario não é o mesmo que escrever um artigo politico sem merito e nem criterio.

Assim como sois em politica são os vossos criticos em litteratura, que por falta de bom senso não podem determinar com a espada de Brenno a medida do merito de ninguem.

Esta doutrina está toda cifrada no canon da logica como mui bem disse um moralista portuguez :—*Nihil aggreditor, invita Minerva.*

—*Não se abalance á nada algum mortal*
Contra seu genio, e instincto natural.

O publico sensato, de sua parte, põe-se a rir dos infatuados ignorantes, que se desleembram desta justa maxima, procurando ostentar uma importancia que a natureza lhes não deu

Passemos adiante.

O Sr. Bustamente no ardor de citar autores e obras que não conhece diz o seguinte:

« *Se ao menos o Dr. fosse forte no improviso como foram José Tolentino e Bocage.....* »

Aqui temol-o de novo apanhado em flagrante a citar *José Tolentino* em vez de Nicoláo Tolentino, que é o improvisador e satyrico portuguez, de quem elle provavelmente ouvio fallar.

Sendo testemunha de ouvir dizer somente suppõe que deve ser accreditado fallando afinal em Tolentino, embora seja conhecido aquelle autor por Nicoláo ou José!

Ah! Coridon, Coridon quæ te dementia cepit!

Não é com periodos soltos e sem nexo, e nem com citações falsas, apanhadas aqui e alli, que se escreve litteratura.

Continuemos.

O Sr. Bustamente fallando das musas logo depois daquelle fatal incidente de *José Tolentino* diz o seguinte:

« *Coitadinhas! á quanto tempo desapparecerám da terra, depois que a musica não teve mais o reinado da flauta, harpa e cythera, sendo o universo invadido pelos trombonos, zabumbas e pratos.....* »

Nestas poucas linhas que transcrevemos textualmente e com a propria orthographia, com-

mette o Sr. Bustamente erros de grammatica e de mythologia, alem de dous formidaveis barbarismos.

O erro de grammatica, que notamos, é um daquelles que não ha mais menino de eschola que o commetta, eil-o :—*á quanto tempo....*

Ahi está a preposição á em vez do verbo haver na terceira pessôa do singular do tempo presente do modo indicativo,

O Sr. Bustamente revela ignorancia crassa da mythologia suppondo que as nove musas só se occupavam da musica. E é tão arraigada esta sua crença que diz, que ellas desappareceram da terra depois que a musica não teve mais o reinado da flauta, harpa e *cythera !* (Ahi temos de novo a cythera em vez de cithara).

Leia a mythologia, Sr. critico, ou então abra o seu *Diccionario da Fabula*, e verá que das nove musas só a Euterpe é que presidia á musica a par da Terpsicore que presidia á dansa, e as vezes aos instrumentos de cordas.

As outras filhas de Jupiter e de Mnemosyne eram deusas não só de outras artes como tambem da sciencia e da historia.

Clio, por exemplo, presidia á historia : Thalia —á comedia; Melpomene— á tragedia ; Erato— á poesia erotica e á elegia ; Calliope—á epopéa ; Urania—á astronomia; Polymnia—á eloquencia e

a poesia lyrica. E o magno Apollo presidia as suas reuniões.

E' isto o que nos ensina a mythologia antiga, e que o Sr. Bustamente devera saber desde que deu o seu latim.

O famoso poeta classico do seculo XVI—Pedro de Andrade Caminha, cujas poesias foram publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisbôa em 1791, exprime-se muito bem a respeito das musas na estancia seguinte:

« *A historia de Clio foi achada,*
Da frauta Euterpe foi descobridora,
A geometria de Erato inventada,
Do salterio Terpsicore inventora:
D'Urania a Astrologia investigada,
Polymnia da Oratoria fundadôra,
Calliope das lettras: da Tragedia
Melpomene, e Thalia da Comedia. »

Ve-se pois, que o Sr. Bustamente emittio um juizo falso com relação as musas, por suppol-as capazes tão somente de *tocar flauta, harpa e cythera* segundo a sua orthographia.

Se não quizer dar-se ao trabalho de folhear de novo o seu tratado de mythologia, Sr. Bustamente, decore ao menos esta estancia do classico Pedro de Andrade Caminha para se lembrar em

todo o tempo que as musas não eram somente deusas da musica, e sim tambem da dança, das sciencias, das artes, da memoria, e da metrica harmonia.

Quanto aos barbarismos do Sr. Bustamente, não precisa que os denunciemes, pois os leitores já os terão descoberto nas palavras—*trombonos* em vez de trombones,—*cythera* em vez de *cithara*. Estes dous ultimos vocabulos na nossa lingua significam cousas diversas, como já demonstramos em o nosso primeiro artigo. E a terminação da palavra trombone em—*e* não admitte o plural em—*os*, pois não só é um vicio, como tambem um erro contra as regras da lingua. E é isto justamente o que se chama barbarismo, segundo os grammaticos e lexicographos.

Paremos para tomar fôlego.

Temos até aqui analysado os erros commettidos pelo Sr. Bustamente, logo no principio do seu primeiro artigo, em cuja parte quiz mostrar-se lido e familiar na litteratura.

De proposito fizemos a dissecção de cada periodo dessa embrulhada, á que *ingenuamente* chamou elle considerações geraes, para que fique bem patente o rifão antigo que diz :—*Nem tudo que luz é ouro*, como poderiam suppôr os nossos patricios menos versados na litteratura.

aos quaes o Sr. Bustamente procurou ainda esta vez illudir com os seus falsos lampejos.

Bem razão tinha Garção quando escrevia :

E o pedantismo pode mais que tudo,
Pois arrasta a razão, pisa a verdade.

E' preciso que nos convençamos de que o êrro galvanisado é sempre êrro.

O Sr. Bustamente preparou-se mal para a especulação com os adubos insulsos de casa.

O disfarce torna-se inutil, quando o comediante é assaz conhecido em seus arreganhos. O esfarrapado manto tomado de emprestimo cahiolhe dos hombros, e, despojado assim das galas e apparato ficticio do immortal philosopho Gargettos, eis ahi a sua asqueroza ossada estendida no leito de Procusto, e tão patente ao escarneo publico, como se fôra alguma horrenda concepção de Henry Berthoud.

Fatal esterilidade, que ha de perseguil-o sempre, e tão implacavel como sua propria sombra !

Parahyba 5 de Abril de 1869.

———

ARTIGO VI.

Vamos agora analysar as accusações que me faz o Sr. Bustamente, ás quaes procurarei transcrever leal e litteralmente sem deixar uma só, afim de que o publico melhor avalie do seu caracter e de sua ignorancia.

Em primeiro logar diz elle no meio de chufas e lérias, que a poesia—*Passagem de Humaytá*, que publiquei em 1868 tinha sido feita e publicada em 1866 pelo Sr. Palhares, esquecendo-se que a verosimilhança é indispensavel até no *jogo de espirito*.

Ainda bem que a léria aqui é dirigida em grande parte ao Sr. Palhares, que figura senão de espiritista ao menos de arúspice, no dizer do Sr. critico, visto como escreveu em 1866 uma prophecia, que devia realisar-se em 19 de Fevereiro de 1863.

Até aqui nada tenho que refutar, porque isto só revela falta de bom senso.

Mais adiante, porem, vendo o Sr. critico que não podia ser acreditado, procura corrigir a sua necedade aproximando-se do verosimil e diz :— *que eu por condescendencia consultei a « Mocidade e tristeza » (livro do V. Palhares) e desta vez como borboleta beijei em todas as flores desse jardim poetico, sorvi-lhes o perfume, e borrifei com elle versos inteiros do meu novo e forte episodio—Passagem de Humaytá.* «

Bem, o Sr. critico encarregou-se de contradizer-se formulando uma nova calumnia. A minha poesia já não é a mesma do Sr. Palhares, mas é um plagio de um livro inteiro !

Ex digito gigans. Por esta repentina contradicção já se pode bem avaliar do caracter do censor, que preza tão pouco a sua dignidade.

Ora, se esta asseveração partisse da penna de um censor circunspecto e illustrado, eu por certo teria de que me envergonhar, porque as provas deveriam acompanhar logo o enunciado.

Mas o Sr. Bustamente, que não aprecia a propria dignidade de escriptor, e que não conhece obstaculos da verdade, quando lhe apraz calumniar, procede de uma maneira diversa para illudir o publico. E' assim que de longe em longe transcreve um ou outro verso de varias poesias do Sr. Palhares, em que se nota uma ou outra palavra, de que eu tambem usei em minha poesia, alem de tres curtas phrases em que fielmente nos encontramos, escrevendo elle um livro de 143 paginas, e eu um folheto de 31 ditas.

Lançar palavras ao papel pode ser facil; mas quando o escriptor perde o respeito á verdade e menoscaba da opinião, que aliás deve ser sempre acatada nas luctas da intelligencia, dá de si a peior idéa possivel.

Os erros de apreciação, o sophisma e a subtilesa do rhetorico de Aldéa podem, como disse alguem, ser desculpados, porem a má fé nunca.—Escrever no proposito de mentir e enganar, não é só rebaixar a sociedade a um auditorio frivolo ou alarve, é trahir tambem o mais cathegorico fim da imprensa.

Bom é que o escriptor, por mais mediocre que seja, tenha dignidade propria, sendo cauto em suas asserções, temperado em suas paixões, honesto em seus arrebatamentos e verdadeiro em suas palavras.

Desejando acompanhar passo a passo, e com summa exacção, os sette artigos do Sr. Bustamente eu me aguardarei para ir provando a sua necedade, e restabelecendo o que elle chama *plagios e erros*, a proporção que for lendo as accusações, pois até aqui as suas asserções teem sido vagas.

Neste proposito serei o mais leal possivel, transcrevendo todas as accusações sem deixar uma só, que por não tocada, na expressão do conselheiro Castilho, pareça merecer menos consideração. E o publico illustrado sentenciará finalmente como fôr de razão.

Entremos, pois, em materia.

Diz o Sr. Bustamente na ultima parte do seu primeiro artigo o seguinte:

« *As considerações geraes que fizemos a poesia do Dr. Cordeiro, nos levam ao penoso trabalho de uma analyse grammatical, poetica e litteraria.* »

«—*O trabalho é ingrato; mais não ha remedio.* »

E tão ingrato certamente, que já nos revelou a sua grammatica, a sua poetica e a sua litteratura !!...

Continúa elle:

«—*O poeta principia a sua obra por uma enargueia, que teria tido muita belleza e vida*

se fosse o resultado do pensamento de V. Palhares, na poesia a Mendiga. »

« — *Palhares principia assim* :

—E' noite. Sopra do norte
Frio vento glacial.

« — *O Dr. Cordeiro, collaborando a Palhares tambem principia :*

« *E' noite; fria bafagem*
Desce no rio Paraguay. »

E' falso o ter eu escripto—*Desce no rio Paraguay.* A particula—*no*—é de mais, pois eu escrevi :—*Desce o rio Paraguay,* e assim sahio impresso não só nos jornaes como na brochura. Adiante mostrarei a razão pela qual alterou elle de proposito aquelle verso.

Em tão poucas linhas nota-se a contradicção, a calumnia, e a má fé, como passamos a demonstrar.

Pobre Guttemberg, assim se prostitue o teu maravilhoso invento ! Se alguns homens de lettras procuram por meio de tua famosa descoberta enriquecer a lingua, e nobilital-a, outros, como mui bem diz Castilho, a desairam convertendo-a em algaravia ou giria, que justifica o ousado axioma de Buffon :—O estylo é o homem.

Examinemos a mina que o Sr. critico explorou.

Diz elle que eu principio a minha poesia por uma enargueia que não tem muita belleza e vida; porque não é o resultado do pensamento do Sr. Palhares: Daqui se conclue logicamente que ella é o resultado do meu proprio pensamento, embora não tenha para o Sr. critico muita belleza e vida.

Eis aqui logo a primeira contradicção e o primeiro dislate. De sorte que pecco porque plagio o Sr. Palhares, e pecco por não plagial-o, visto como a minha pobre enargueia não é o resultado do pensamento daquelle Sr! Isto importa o mesmo que dizer:— *Preso por ter cão e preso por não ter cão.*

Pois attenda, Sr. critico, que as flores não valem menos por ser esta ou aquella a mão que as colhe e as entretece; ellas só desmaiam e deixam cahir suas pétalas, quando, no dizer de um distincto parlamentar portuguez, não è de virgem o rosto que infloram.

Não queira, Sr. Critico, fazer o papel do Sr Gavicho prostituindo as minhas pobres flores e aconselhando-me a roubar o pensamento alheio.

Feito este reparo, passo a mostrar que o Sr. Critico falla da enargueia, sem saber distinguir o valor desta pintura, que pertence, segundo a es-

chola de Quintiliano, ao primeiro grão do *Ornato oratorio*.

De que especie de enargueia nos falla?

A enargueia simplesmente, de que o Sr. critico nos falla, é aquella que se limita a pintura da imagem do objecto toda junta em um só quadro, em um só momento, como por exemplo a pintura, que Camões faz do Deus da guerra ao dar o seu parecer no Conselho de Jupiter sobre a empreza da navegação do Gama. Veja-se o canto 1°. Estancia 36 e 37 do Lusiadas, que assim principia:

« Merencorio no gesto parecia;
O forte escudo ao cóllo pendurado
Deitando para trás mendonho e irado.
A viseira do elmo de diamente
Alevantando um pouco mui seguro
Por dar seu parecer, se pôz diante
De Jupiter, armado, forte e duro. »

Entretanto desde a primeira estrophe da *Batalha de Humaytá*, que se nota a hypotypósis, cuja especie de enargueia é composta de varios quadros successivos, que representam objectos, factos e acções de varios individuos em differentes momentos, e em varios logares, como se lê no mesmo Lusiadas, Canto 3°. da Est. 107 em

diante. Em geral, diz Alexandre Passos, os rhetoricos consideram a *hypotypósis* no numero dos trópos, porque nesta figura usamos do verbo na linguagem do presente em vez do preterito, pintando assim os objectos como se os estivessemos vendo. Em vista da descriminação, que acabamos de fazer, é claro que o Sr. critico confunde ás duas especies de enargueia, porque não comprehende a hypotypósis.

Passemos adiante.

Eu e o Sr. Palhares dissemos :—*E' noite*. Nisto consiste todo o meu plagio nos versos acima citados, porque é o unico ponto em que nos encontramos, como se encontram todas as velhas naquelle infallivel—Foi um dia—quando contam aos meninos as historias do *Trancozo*.

Eu bem podera ter evitado o plagio; bem podera não ter commettido este peccado mortal ; e o Sr. critico por sua vez bem podera ter-se poupado aos trabalhos fatigantes de uma tão grande descoberta, se por ventura a batalha de Humaytá tivesse sido travada em pleno dia. Ainda assim não escaparia do plagio, porque o Sr. Palmeirim portuguez já tinha dito no seu *Guerrilheiro* :

« Era dia : nas armas lusentes
Vinha em chapa batendo-lhe o sol....»

Sou até por isso culpado; e estou condemna-

do a não descrever feito algum que se tenha passado quer de dia, quer de noite, sem cahir na —*fatalidade* dos plagios !

Continúe o Sr. critico nestas audaciosas descobertas que terá a gloria de ser um homem raro nesta especialidade, e será talvez no futuro, quem sabe, o Colombo das escavações litterarias ! ....

Se Colombo, como citou o Sr. critico, disse á sua tripolação amotinada esperai 3 dias, e eu vos darei um mundo, poderá S. S. igualmente dizer aos seus leitores :—Esperai que eu leia 3 dias, e eu vos descobrirei um mundo de prosadores e poetas que tem dito—*é noite*, quando o facto que descrevem não se passa de dia.

Mas para que ? Assim o Sr. V. Palhares perderá a sua originalidade, assim como eu a perdi já para sempre.

Entretanto, Sr. critico, abra sempre, por desenfado ao menos, o—livro do Sr. Thomaz Ribeiro intitulado—*Sons que passam*;—leia a sua bella poesia—*Fiel-o-mollosso* ;—leia que vale apenas ler-se tudo quanto escreve o melodioso autor do D. Jayme :

Era uma noite gelada,
noite do mez de Janeiro;

Não serve, porque elle aqui falla do verbo ser

na terceira pessôa do singular do preterito imperfeito do modo indicativo; mas eu e o Sr. Palhares fallamos no tempo presente; adiante:

De noite, a filha enluctada
entrou na mansão medonha.

Aqui tanto faz dizer *de noite*, como *é noite;* porque a preposição—*de* mostra o termo donde parte a acção, designando o tempo que é o complemento circunstancial, v. g. De manhan, de tarde, &c.

Mas não serve, diz o Sr. critico, porque a formula material do plagio—*E' noite*, não é a mesma; adiante.

Alviçaras que achei. Leia mais um bocadinho, volte a pagina 276,—horror, que escandalo!

—*E' noite, noite profunda,*
noite nevoenta, pesada;—
ouve-se uma vòz pausada
dizer na taverna immunda:—

Acabou-se a nossa originalidade, Sr. Palhares; o illustre autor de D. Jayme commetteu um escandalo! .... porque só nós podiamos dizer—*E' noite;*—o Sr. como *uma originalidade*, e—eu como *seu plagiario vivo!*

Pobre zoilo, que é o Sr. Bustamente, pois nem ao menos comprehende que estas cousas causam riso a gente. . . .

Prometto perdoar-lhe todas estas estulticias, Sr. Bustamente, se por ventura S. S. se der tambem ao trabalho de ler as obras portuguezas de Garret, de Alexandre Herculano, de Palmeirim, de Thomaz Ribeiro, de Camillo Castello Branco, e dos nossos compatriotas Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo e muitos outros, onde encontrará muitas vezes repetidas em poesia as phrases:—*E' noite; era noite; alta noite; é meia noite; corria branda a noite; é dia; erã dia*; &c.

Estou certo, que depois desta leitura se arrependerá de ter chamado a esse principio eterno de todos os contos e historias—plagio, porque será forçado a concluir tambem que o Sr. Palhares plagiou o seu—*E' noite*, assim como todas estas notabilidades se plagiaram mutuamente.

Parahyba 8 de Abril de 1869.

ARTIGO VII.

Continuemos hoje a analyse da critica feita pelo Sr. Bustamente aos dous primeiros versos da poesia—*Batalha de Humaytá*, eil-os:

E' noite; fria bafagem
Desce o rio Paraguay;

Isto escrevi, e isto foi publicado nos jornaes, e na brochura, que por ahi corre impressa; mas os leitores vão ver agora o motivo que levou o meu critico, *sem criterio*, á alterar o segundo verso citando-o falsamente pelo modo seguinte:

—*Desce no rio Paraguay*.

Para que não reste a menor duvida no espirito dos leitores, que benevolamente nos acompanham, eu transcreverei *ipsis verbis*, e com a propria orthographia e pontuação a arenga do Sr. Bustamente a respeito dos versos acima referidos, eil-a :

« *Alem do—no rio—que é um verdadeiro but rhymeé, segundo Hugo, ou excrescencia metrica, segundo Boileau, o Dr. commette logo um imperdoavel erro de grammatica, deitando um ponto e vrgula depois do* E' noite, *quando devia ter deitado um ponto final, visto que* fria bafagem *não é oração continuada, sendo* E' noite *por si só um periodo.* »

E' impagavel o litterato do « Jornal da Parahyba. »

Eis ahi a sua analyse critica sobre litteratura, poetica e grammatica !

Não sei o que mais admire, se a audacia, se a ignorancia.

Audacia em mentir publicamente para me fazer responsavel por um erro que não commetti!

Ignorancia em fallar com imperturbavel fleuma sobre materia que não entende!

Todos vêem que o Sr. critico encaixou propositalmente aquella particula—*no*—naquelle segundo verso para ter o gósto de combatel-a, di-

vendo que é um verdadeiro—*but rhymeé* de Hugo, ou *excrescencia metrica* de Boileau!

Que intrepidêz ou despudor em menosprezar a verdade?!..

Que denodo em affrontar a opinião?!..

Levantar moinhos para ter o gôsto de combatel-os é um systema burlesco, inventado por D. Quixote. Louvo a propensão e gôsto que o Sr. critico revela para esse systema. Talvez seja eu imprudente em cortar-lhe os vôos, mas o que fazer se a isso sou obrigado?

O periodo analytico do Sr. critico, que ahi fica transcripto, nos fornecerá materia para este artigo.

Principiemos:

Que V. Hugo tivesse dito—*bouts rimés* eu accredito; porque é uma phrase de que usam os francezes, quando querem exprimir:—*consoantes para por ellas se fazer uma obra poetica qualquer*. Mas contesto que Hugo tivesse dito ou escripto—*but rhymeé*, como o Sr. critico cita inconscientemente e só por ouvir alguem erradamente dizer.

—*But rhymeé* é uma cousa que em francez não tem significação alguma; esta citação pois importa em uma algaravia, que jamais deverá ser attribuida a Hugo, e sim áquelles que citam

o que não comprehendem no intuito de passarem por sabios.

Em primeiro logar *but* e *bout* são dous vocabulos francezes, que tem significações diversas e distinctas.

Em segundo logar são ambos substantivos do genero masculino: e por tanto nem um e nem outro poderia concordar com o adjectivo errado, que o Sr. critico lhe ajuntou de variação feminina.

Em terceiro, finalmente, *rhymeé* não é palavra franceza, nem pela orthographia, nem pela accentuação. Se porem o Sr. critico usou desta palavra como adjectivo dependente do substantivo *but*, e sob a forma do participio do verbo francez *rimer*, devia então seguir esta mesma orthographia.

Do exposto se vê, que o Sr. Bustamente no intuito de calumniar-me, e de se mostrar litterato teve necessidade de improvisar, já alterando o meu pobre verso com o seu enxerto; já torturando a lingua franceza; já levantando falsos a Hugo e Boileau; e já confundindo a *excrescencia metrica* de que falla este com *as consoantes* ou *rimas* de que falla aquelle.

Assim, pois, a critica com que pretendeu ferir-me, Sr. Bustamente, produzio effeito contrario,

porque veio, como dizem os francezes—*á tout bout de champ*,—fora de proposito.

Se em vez de—*Desce o rio Paraguay*—eu tivesse escripto—*Desce no rio Paraguay*, como de má fé transcreveu S. S., não tinha commettido o peccado de—*bouts-rimés* como suppõe; o meu peccado consistiria então no erro da metrificação, accrescentando uma syllaba de mais no verso redondilho, visto como não podia mais fazer a elisão das vogaes—*e* e *o*—na segunda syllaba, por causa da particula—*no*—que é uma contracção da preposição—*em*—e o artigo definito—*o*—que precede o substantivo—*rio*.

Eis a analyse que o Sr. Critico devia fazer no caso vertente, sem que fosse preciso levantar falsos a Hugo e Boileau, pois estes notaveis escriptores jamais poderiam confundir a escrescencia metrica com—*les bouts rimés*,—que S. S. erradamente chamou—*but rhymeé ! ! ! !*

E' bem certo o rifão antigo que diz :—Mais depressa se pega um mentiroso que um côxo.

Bouts rimés commetteu o Sr. critico praticando voluntariamente uma acção má no proposito de offender-me. Quem o diz, não sou eu, é o moralista La Rochefoucauld naquella sua philosophica maxima :—*Nos actions sont comme*—les bouts rimés—*que chacun fait rapporter á ce qui lui plait.*

Já vê, pois, Sr. critico, que á força de abusar de sua consciencia chegou até a falsear o seu espirito. E a calumnia que me levantou deve agora envergonhal-o, tanto mais porque della não soube tirar o resultado que desejava, fazendo a analyse que lhe competia. E desta forma peccou duas vezes, como calumniador e como ignorante.

Eis a punição de um critico de má fé. Acaba elle sempre por perder o bom senso, diz o sabio Villemain.

Agora passaremos a apreciar o erro grammatical, de que falla o Sr. Bustamente na segunda parte do seu paragrapho, que já fielmente transcrevemos.

Diz elle *que eu commetti um imperdoavel erro de grammatica deitando ponto e virgula, depois de—E' noite—qae devera ter ponto final, porque forma por si só um periodo.*

Quem lhe metteu isto na cabeça Sr. critico ?

Sabe por ventura o que é um periodo? Dizem os grammaticos, que—*periodo é a comprehensão ou ajuntamento de uma ou muitas palavras e orações, formando um sentido completo.*

E os rhetoricos dizem mais ainda que periodo é um sentido fechado, composto de varios numeros de orações, com harmonia completa e conclusão; ou o circulo de palavras e de orações.

que constituem um pensamento plenamente enunciado.

E o Sr. critico deve saber que para se formar um sentido completo, em verso principalmente, não é bastante isolar a phrase principal, ainda que ella seja absoluta.

Nos periodos muitas vezes ha phrases principaes absolutas e phrases principaes relativas, assim como ha phrases totaes e parciaes; estas podem ser fundamentaes, integrantes e incidentes; aquellas podem ser simples, compostas ou complexas, e principaes ou subordinadas, segundo nos ensinam os grammaticos.

Ainda mais deve saber, que os periodos constam tambem de—*incisos e membros;*—que por —*inciso* se entende um sentido fechado em uma oração, de harmonia incompleta e sem conclusão final;—que por— *membro* se entende um sentido tambem fechado em uma ou mais orações, de harmonia completa, mas sem conclusão final; e que ha membros que para formarem um sentido completo enlaçam muitas proposições independentes umas das outras. Quando o periodo tem duas ou mais phrases ou orações principaes, uma dellas é a principal absoluta, e as orações e mais phrases totaes são divididas por conjunções, virgula, e ponto e virgula, como por ex:—*O céo é*

bello; os campos são virentes, as flores são cheirosas.

Eis ahi orações principaes, que podem existir no periodo independentes umas das outras, por que cada uma dellas forma um sentido completo; entretanto o padre Vieira enlaçando estas orações em um só periodo errou tambem na opinião do meu critico, porque não faz varios periodos dizendo:—*O ceo é bello. Os campos, são virentes. As flores são cheirosas.*(!)

Já vê o Sr. critico, que eu não errei pelo facto de não fazer do *E' noite* um periodo, embora outros o façam, porque não ha regra fixa para assignalar o numero de membros, de que ha de constar cada periodo.

O mesmo succede em materia de pontuação, que serve para indicar a distincção do sentido, e as pausas que se devem fazer na leitura. A orthographia ainda não poude achar a linha divisoria que o Sr. critico, que aliás ignora tanta cousa, quer agora estabelecer a ponto de *não perdoar* a quem della se afasta ! E' ridicula a imposição.

Eu não fiz do *E' noite* um periodo, Sr. critico, porque tinha de juntar á esta oração *de tempo ou occasião* orações circunstanciaes e relativas, que se ligavam entre si para esclarecer e especialisar a acção que pretendia descrever; e por isso

passei em seguida a enumerar outras circunstancias que especialisavam aquella mesma occasião ou tempo, como se vê em toda a estrophe, que constitue o periodo total. Assim praticando tive em vista a regra grammatical que diz, que as mais absolutas phrases deixam de ser encerradas por ponto, quando por ventura outras della dependem, por ex ;—*Deus é omnipotente*. Eis uma oração absoluta, que faz um sentido completo; mas deixará de formar periodo se lhe accrescentarmos alguma circunstancia, que amplie ou restrinja o sentido, como por ex:—*Deus é omnipotente; mas é justo*&c. Se a conjuncção adversativa aqui foi causa de ampliarmos o periodo, muitas vezes por elegancia na concurrencia de muitas phrases, supprimimos as conjuncções para dividirmos por virgula e ponto e virgula as phrases totaes. O padre Antonio Vieira, que é um dos modelos da nossa lingua nos dá disto um exemplo no seguinte trecho :—« *Começa a sahir e a crescer o sol, eis o gesto agradavel do mundo e a composição da mesma natureza toda mudada.*»

Eis aqui duas phrases totaes, uma complexa e a outra composta, tendo esta dous sujeitos e um attributo, que concorda com o substantivo mais proximo pela figura zeugma. E o Padre Vieira na opinião do Sr. critico devera ter deitado

ponto final depois da palavra sol; porque o sentido estava completo, mas não o fez para usar da virgula, e continuar as orações que della dependem.

O Sr. critico por ver na poesia—Mendiga—do Sr. Palhares um ponto depois de *E' noite*, entendeu que não se podia mais escrever *é noite* sem aquelle signal orthographico? ! Pois eu vou mostrar-lhe como o proprio Sr. Palhares se ri de sua credulidade, e vem concordar commigo em pontuação.

Abra a pagina 83 do volume de poesias que nos cita tantas vezes, e leia sob o titulo de *Fragmentos* :

« *E' noite : O ceo arqueia-se pesado*
De negras nuvens e tufões ruidosos. »

Eis aqui o *E' noite* sem formar periodo encerrado por ponto ! E' o proprio poeta que lhe serve de modelo, que zomba de S. S. !

Applique agora o Sr. Critico a regra facultativa de Constancio ao Sr. Palhares, e tel-o-ha commigo.

A regra é a seguinte :—*Alguns usam de ponto e virgula em vez de dous pontos e viceversa.*

Ainda não está satisfeito ?

Pois bem quero ser condescendente apontan-

do-lhe mais outra passagem do seu modelo á pagina 35. Abra-a, e leia a poesia—*Fatalidade.*—

« *Uma noite, assentados eu e ella*
Sobre a relva macia do jardim ; »

Eis uma verdadeira fatalidade ! porque o Sr. Palhares já não se ri do seu adepto, mas dá-lhe uma gargalhada, que é para desapontar, visto como nem mais usa de ponto, nem de dous pontos, e nem de ponto e virgula, como eu o fiz ! Elle me excede no peccado, e vai alem; porque usa de virgula simplesmente, que é o signal orthographico que marca a menor pausa possivel entre as orações !

Creio que o Sr. Palhares, que é o unico modelo do Sr. critico, me tem justificado cabalmente.

E o Sr. critico não o crimine por isso ; porque no primeiro caso elle justifica os seus dous pontos com o illustre autor da *Harpa do crente*, que na sua linda poesia—A perda d'Arzilla segue a mesma pontuação, eil-a.

« *Era noite : do ceo limpo e sereno*
Milhões de estrellas tremulas pendiam. «

E no segundo caso, justifica tambem a sua virgula com o illustre escriptor Camillo Castello

Branco, que principiou o canto VI do seu poemeto intitulado—um livro— com a mesma pontuação, eil-a :

« *Alta noite, a lua explendida*
No esmaltado azul fluctua. »

Theophilo Braga tambem usa da virgula em caso semelhante. Veja-se—A Ondina do Lago á pagina 160 :

« *Era alta a noite, silenciosa, escura*
A floresta gemia solitaria ! »

Veja-se a mesma obra á pagina 45, quando tracta da apparição de Angioletta :

« *Era uma tarde,*
Via ! a primeira vez, como era bella !

Agora passo a mostrar alguns exemplos de autoridades insuspeitas, que como eu usaram do ponto e virgula em casos identicos, sem que ninguem se lembrasse de lhes dizer que commetteram—*um imperdoavel erro de grammatica* ! Estava reservada uma tal descoberta ao Sr. critico, que no seu escripto usa da seguinte pontuação :

« *E assim; todo o homem tem &c.*

e de muitos outros erros que se podem dizer im-

perdoaveis; mas que eu os não notarei, por que todos nós estamos sujeitos a erros typographicos.

Passando a justificar agora a pontuação por mim usada, começarei pela mais bella das poesias de Thomaz Ribeiro, no seu volume intitulado —*Sons que passam*. Fallo da *Judia* á pagina 173. Elle principia assim :

« *Corria branda a noite; o Tejo era sereno;*
a riba, silenciosa; a viração, subtil;
a lua, em pleno azul erguia o rosto ameno ;
no ceo, inteira paz; na terra, pleno abril. »

Adiante falla a Judia :

«*Corria branda a noite; immersa em funda magua*
fui assentar-me triste e só no meu jardim. »

Mais adiante ainda lê-se :

« *Cresci; meu pai uma noite*
disse-me..... »

Este exemplo é o mais frisante possivel: porque a oração representada pelo verbo —*cresci* é tão absoluta que nenhuma relação tem com a seguinte; entretanto ahi vemos ponto e virgula, em vez de um periodo encerrado por ponto, como quer o Sr. critico.

Vejamos agora o poema—D. Jayme, que tanto

enthusiasmo causou ao Sr. Castilho Antonio, e a todos que amam a litteratura moderna. A' pagina 45 da 3ª. edicção lê-se:

« *Deu meia noite;*
manso e manso e muito a medo,
julgando-me adormecido.
(mas já vês que não dormi)
te levantaste, vestido
Como te havias deitado. »

Mas adiante á pag. 59. le-se:

« *Chegou a noite; a febre da vingança*
a casa me levou desses traidores
que tanto me insultaram!

Vejamos ainda—*A Ondina do Lago,* esse bello estudo poetico da historia dos Cyclos Cavalheirescos pelo Sr. Theophilo Braga, um dos jovens mais talentosos da nova geração portugueza:— (Pag 143).

« *Era ao romper da madrugada; a aurora,*
Como diz sempre a turba dos poetas
Desde Homero até hoje, lá do Oriente
Com seus dedos de rosa as portas abre. «

Veja-se mais o *Guerrilheiro* do Sr Palmei-

rim, cujo poeta é considerado geralmente o Beranger Portuguez, pois lá é repetida a mesma pontuação algumas veses.

Para pôr termo aos exemplos que nos offerecem os poetas portuguezes, basta citarmos Garret, aquelle de quem se disse, que era uma litteratura; aquelle que illustrou a liberdade da imprensa e da tribuna, que aviventou a nacionalidade portugueza aos raios poderosos do seu engenho.

Já nos ultimos tempos de sua vida elle celebrou a visita de Mrs. Northon á quinta do Liniar do Duque de Palmella; e essa inspirada poesia, que elle intitulou—*No limiar*, e que se acha no volume das—*Folhas cahidas*, principia assim :

« *Era um dia de Abril ; a primavera*
Mostrava apenas seu virgineo seio
Entre a folhagem tenra ; não vencêra,
De todo, o sol o mysterioso enleio
Da nevoa rara e fina que estendera
A manhan sobre as flores ; o gorgeio
Das aves ainda timido e infantil.....
Era um dia de Abril.

Eis o Sr. Garret corroborando os meus peccados, e cahindo no desagrado do Sr. critico que, segundo sua regra estabelecida, enchergará ahi 5 periodos em vez de um só ! ..

Estes poetas estão acima de toda a contestação; mas quero terminar com um exemplo, puramente nacional, para que o Sr. critico não taxe tudo isto de *estrangeirismo*. Qual o primeiro dos nossos poetas modernos? E' o Sr. Gonçalves Dias, não é verdade? Pois bem, leia o Sr. critico aquella sua bella poesia—*O Soldado Espanhol* e verá na sua ultima parte o ponto e virgula empregado, como eu o entendo, no seguinte exemplo:

« *Era noite hibernal; girava dentro*
Da casa do guerreiro o riso, a dansa,
E reflexos de luz, e sons, e vozes,
E deleite e prazer: e fora a chuva,
A escuridão, a tempestade e o vento,
Rugindo solto, indomito e terrivel
Entre o negror do céo e o horror da terra. »

Em vista destes numerosos exemplos, Sr. critico, ainda continuará a escrever necedades?!

Espero que se corrigirá, se disto ainda for susceptivel.

Parahyba 12 de Abril de 1869.

ARTIGO VIII.

Diz o Sr. Bustamente, que escrevendo eu no final da primeira estrophe—

Ninguem vê nas penedias
Uma luz, nem ardentias
Nas aguas se vê então !....

aproveitei o pensamento de Palhares nos seguintes versos :

Nem uma estrella nos ares
Nem ardentias nos mares.

E depois desta nova descoberta exclama elle todo ancho de si :

« *Reduza agora o leitor a poesia do Dr. a expressão mais simples, e veja senão é filha legitima da do Sr. Palhares, com pequenos toques de avaria.* »

E esta ? Onde está ahi o plagio ? Só a inveja e o odio seriam capazes de obscurecer assim a razão do meu hypercritico, que tanto se amofina e se consome, sem saber que com taes recursos, longe de prejudicar-me, vai inconsideradamente prestando-me homenagem. Do Sr. Palhares só tinha lido algumas poesias impressas no *Diario de Pernambuco*. Mas desconfiando de mim mesmo (attenta a insistencia do Sr. critico nestes meus plagios) procurei obter o seu indicado volume de poesias. Li-o todo sem enfado, e dou-me os parabens, porque realmente esse joven poeta revela talento e gosto, e muitas de suas poesias agradaram-me. Mas depois que cotejei os meus plagios com a sua paternidade reconheci, que o Sr. critico á força de abusar de sua consciencia chegou ao ponto de perder a razão, se é que não escreveu no proposito de mentir e enganar o publico, suppondo que eu não desceria a responder-lhe. Fez-me justiça neste ponto; mas eu quiz descer para desmascaral-o.

Ainda bem que o Sr. critico transcreve os pontos da nossa collaboração; e para que não reste a menor duvida no animo dos leitores eu completo a transcripção, que elle por malicia occultou :

Eu escrevi :

As trevas beijam as fraguas,
E se retratam nas aguas
Por toda aquella amplidão;
Ninguem vê nas penedias
Uma luz, nem ardentias
Nas aguas se vê então !.... »

O Sr. Palhares escreveu:

Tem, meu Deus, a natureza
Suas angustias tambem !
Terra, céu, tudo é tristeza,
Tudo estrebuxa de dor !
Nem uma estrella nos ares !
Nem ardentias nos mares !
Nem sobre a areia uma flor !
Tudo chora, tudo geme
Comigo, soluça e treme !.....
Assim..... padeço melhor.

Dahi por diante o Sr. Palhares varia a me-

trificação de arte maior, e trata da historia de uma orphan, que se lamenta dizendo :

« *Ae ! orphan deixou-me no mundo o destino*
Sem paes, sem marido, sem sombra de irmão;
Lancei-me nas trevas, perdi-me, sem tino
Até dos meus labios fugio a oração. »

Em quanto o Sr. Palhares continua neste gosto a sua bella poesia, intitulada—A virgem Mendiga, eu descrevo a batalha de Humaytá !!! E assim marchamos ambos por caminhos diversos, tanto no pensamento como na forma, para pontos diametralmente oppostos, como verá melhor quem por bondade quizer se dar ao trabalho de confrontar as nossas referidas producções poeticas, para por si mesmo avaliar de quanto è capaz um zoilo infeliz.

De sua propria revelação vê-se, que o plagio consiste em termos fallado em *ardentias*, escrevendo o Sr. Palhares uma poesia de 285 versos variados, e eu uma de trezentos de um só metro !

E são estes os meus plagios ! Avalie-se por esta amostra o que de calumnia e baixeza por ahi não vai !... E tudo o mais é assim como temos demonstrando.

Vejamos agora a analy[illegible] *calumnia e plagiarca*

que o Sr. critico applica aos meus dous versos seguintes, aos quaes chama elle—*planfrorio*.

—As trevas beijam as fraguas,
E se retratam nas aguas.

Diz elle:—« *Se o Dr. estudou um pouco de chimica e physica, (como estamos convictos) se leu ao menos as preliminares de Ganot deve saber que nas trevas não podem haver retratos, que são filhos do resultado da luz dando brilho as cores, na applicação optica da vista.* »

Esto final é impagavel, e desafia o riso.... *O que é applicação optica da vista, Sr. critico? !*

Para quo falla em chimica e physica, e cita Ganot? Não seria melhor que deixasse estas duas sciencias em paz, e fosse ler as *preliminares* de sua grammatica ou do seu compendio de Rhetorica ou de sua Arte poetica, para comprehender que naquelles versos não ha retratos chimicos, e sim retrato poetico denominado—*Ornato*, que se deriva de pensamentos, e que taes pensamentos são filhos da concepção, ou dos objectos da natureza fielmente pintados e imitados? ! O que são as—*Enargueias*, as *Semelhanças*, as *Parabolas*, as *Imagens*, os *Bosqueijos* e as *Emphases* se não especies de pinturas oratorias? Para que confunde, pois, as pinturas physicas

com as pinturas oratorias, a plastica com a esthetica, Sr. critico? Por ventura ignora que estas pinturas são feitas, não com o pincel nem com a palheta, e sim por meio de comparações metaphoricas, que dão um espaçoso campo a imaginação, subministrando innumeraveis confrontações?

Pois bem, é por meio do pensamento e da palavra que as trevas se retratam nas aguas imprimindo nellas sua imagem, ficando assim as aguas da cor das trevas, isto é negras por effeito da *similhança*, ou de uma *periphrase*, que representa um objecto por meio de outro. Leia o Sr. Bustamente a Primavera de Francisco Rodrigues Lobo, e verá como elle se expressa, querendo dizer que ia anoitecendo. Por ser longa a sua descripção eu cito apenas um trecho, em que verá corroborado o ornato, de que usei, e que S. S. não comprehendeu:

« Com sombras se entristece
Dos ramos a espessura,
Onde nada se vê que alegre seja.
Os passarinhos ledos
Mudos descançam já nos arvoredos,
O céo se mostra escuro,
Escurece-se o prado..... »

Eis aqui o céo reflectindo a sua escuridão so-

bre o prado da mesma maneira, que, na pintura que fiz, as trevas beijam as fraguas, e dahi se retratam nas aguas por uma metaphora; isto é o mesmo que dizer as fraguas e as aguas escurecem por effeito das trevas, que nellas imprimem a sua cor.

O classico Antonio Rodrigues de Mattos, socio das Academias de Lisbôa, e traductor da *Jerusalem libertada* de Torquato Tasso, pinta a escuridão da noite pelo modo seguinte:

« Da vista dos mortaes a sombra escura
De improviso arrebata o sol e o dia,
E no ar, que é do Cocyto atroz pintura,
Só o fogo dos relampagos luzia. ».

Eis aqui, Sr. critico, um bello exemplo. O Cocyto, á que Candido Lusitano em seu *Diccionario poetico* ajunta os epithetos de negro, turvo, escuro, lutulento, tenebroso, tartario, lugubre e pavoroso, é retratado no ar, sem que seja preciso a luz physica, e pelo contrario antes desse retrato a luz fôra pelas trevas arrebatada, diz o classico. Já vê pois, que foi preciso que as trevas triumphassem para que se podesse retratar o negro Cocyto. Poderamos aqui dizer como Camões:

« No manto envolve o lucido hemisferio.
E das luzes triumpha a espessa sombra. »

Vejamos agora Gabriel Pereira de Castro, o insigne lente canonista da Universidade de Coimbra, no seu bello poema heroico—*Ulyssea*, por ser esse distincto poeta, não só em palavras, mas em expressões, em idéas, e em conceitos, o mais assignalado imitador do grande poeta que mais elevou a nação portugueza, symbolisada em Vasco da Gama, circumnavegando a Africa, e abrindo caminho atravez dos mares do Oriente! Sim nesse immortal poema em que Gabriel Pereira de Castro celebrou a fundação de Lisbôa, alem de outras bellas pinturas, lê-se o seguinte exemplo:

« Boreas as negras asas sacudia
Sobre o mar todo em serras levantado,
Euro bramindo o centro revolvia,
Via-se o ar de sombras coroado. »

Aqui bastam as negras asas do vento para imprimir metaphoricamente o movimento nas aguas, e a escuridão no espaço!

Que bellos retratos, que rapidas pinturas não são estas, Sr. critico? Por ventura estes poetas precisaram da luz physica e dos ingredientes

Chimicos para fazel-as? Não por certo: estas bellas pinturas são feitas com o metrico pincel, e por meio do pensamento e da palavra.

Se o Sr. Bustamente cultivasse o seu espirito na leitura dos nossos poetas classicos, e entre elles—Gil Vicente, Luiz Pereira Brandão, Luiz de Camões, Antonio Ferreira, André Rodrigues de Mattos, Sá de Miranda, Leonel da Costa e outros, não havia de estranhar as pinturas figuradas e tropologicas com relação a noite. Este ultimo se exprime assim:

« Das negras trevas lugubre retrato
Nos liquidos cristaes se desenhava,

Este poeta justifica-me completamente, porque usa até da mesma expressão—retrato.

E sabe qual era esse lugubre retrato das negras trevas? Era a noite, que os poetas antigos personalisavam na figura de uma mulher de semblante fusco, coroada de dormideiras, asas negras nos hombros, vestido escuro e correndo pelo ar em um carro envolto em densas nuvens, e tirado por quatro cavallos de cor negra!

Quer exemplos de escriptores mais modernos?

Leia a Ode de Felinto Elisio em que descreve a noite. Leia *Os operarios do mar* de Victor Hugo, e verá como ello pinta aquelles retratos

negros das Douvres na solidão dos mares, e no meio das trevas de uma noite tempestuosa!

Leia, que verá o grande poeta do seculo dizer que no espaço negro desenhava-se negra aquella figura humana (de Clubin) em pé na plataforma do rochedo!

Já vê portanto o Sr. critico, que eu pintei a noite por meio do pensamento e da palavra, como costumam fazer os nossos mestres, servindo-se dos tropos, das figuras e do Ornato oratorio em vez da palheta, do pincel, das tintas, dos ingredientes chimicos e das combinações da luz, cujos phenomenos constituem a sciencia, á que se dá o nome de *Optica*, e que se subdevide em Captotrica e dioptrica.

Para taes retratos os poetas não precisam estudar os phenomenos physicos da reflexão e da refracção da luz, e muito menos a sua erradiação, o seu movimento e a sua intensidade; pelo contrario elles só descrevem, ou retratam as trevas, quando ha mais ou menos ausencia de luz; e por tanto não precisam estudar os seus phenomenos. Dispense por tanto o estudo do seu Ganot na poesia, para que não continue a dizer essas barbaridades que fazem rir a gente....

A luz de que precisam os poetas para as suas pinturas e retratos é o bello ideal, é o pensamento, é a imagem, porque a sua palheta é a ima-

ginação, o seu pincel é a palavra, e a sua tèla é a natureza.

Espero, Sr. critico, que, em vista das ponderações que acabo de lhe fazer, pedirá perdão ao publico protestando firmemente nunca mais confundir as pinturas oratorias, e ornatos poeticos, com a arte da pintura, e com os systemas mechanicos de Daguerreotypo ou ambrotypo.

Eis a razão porque eu não pude conter o riso ao ler a sua critica sobre retratos physicos e chimicos na poesia !

Com estes e outros disparates o Sr. critico vai dando logar aos maliciosos abusarem de sua ingenuidade; mas eu protesto não o fazer, servindo-me para isto do juramento de Faustino Xavier de Novaes :

Qando um jovem sem fundo e sem tino
Se metter em profunda questão,
Tente alguem que se julgue mais fino,
Ir contar-lhe as sandices. Eu não.....

Sim, não quero abusar de sua ingenuidade, mas como S. S. appellou para as sciencias physicas, quero sempre dizer para tranquilisal-o, que trevas absolutas, nas quaes haja ausencia total da luz, como suppõe, só podia haver no cahos, isto é antes do fiat. Se o Sr. critico estivesse a

par de qualquer uma das supposições admittidas por Descartes ou Neuton e seus sectarios Young e M Fresnel, sobre a origem e natureza da luz, assim como sobre o modo de acção da causa que produz a visibilidade dos corpos, quer pelo systema de *emissão*, quer pelo de *ondulações*, comprehenderia melhor as circunstancias minuciosas dos phenomenos da luz considerada no espaço livre. Mas como certamente não fez estudos especiaes, eu lhe direi que Pelletan, nosso mestre de Physica, e que é tambem da Faculdade medica de Pariz, nos ensina, que por mais negra que seja a sombra é sempre mais ou menos collorada, porque diz elle que não ha sombra absoluta por causa dos corpos mais ou menos luminosos, que nos cercam.

Assim pois, S. S. pelo lado da sciencia tambem não aproveitou nada, visto como se acha ainda tão atrasado. Se hade viver martyrisado n'esse circulo vicioso em que constantemente gira, como que por uma fatalidade, acceite o meu conselho Sr. critico:—Volte para sua grammatica, estude a sua Rhetorica e Arte poetica; mas antes de tudo deixe as sciencias physicas em paz.

Passando á analyse da segunda estrophe da *Batalha de Humaytá*, não é menos interessante o Sr. critico em suas apreciações, ouçamol-o:

Na segunda decima, ou estrophé, encontra-se ainda uma confusão horrivel. (note-se que é a primeira vez que elle falla de confusão) *O Dr. quiz pintar o profundo silencio que havia ao redor de Humaytá; e com todo o gongorismo principia :*

—Ouve-se apenas no rio
O vento rumorejar.
Qual o brando murmurio
De um gigante a resonar !

Não sei onde está aqui o gongorismo e a confusão, nem o Sr. critico se dignou especialisar taes defeitos; por tanto nada tenho a responder-lhe. A minha rudeza é talvez causa de não comprehendel-o, mas louvo-me no bom senso dos que nos leem.

Na terceira decima diz o Sr. critico que ha uma botica completa cheia de drogas; e para que os leitores avaliem taes accusações vagas eu transcrevo a estrophe :

E vela o vice-almirante
Da brasileira nação,
Dando á cada commandante
Suas ordens de instrucção :
Postam-se alli canhoeiras;
Aqui —chatas, bombardeiras,

Curvetas, balsas—alem;
Acolá mais um navio;
Em varios pontos do rio
Encouraçados tambem !

Eis aqui a botica com suas drogarias !!! Accusações vagas como estas podem ser commodas, mas não podem ser serias; e nem podem instruir a ninguem.

Entretanto cumpre-nos responder a pergunta que o Sr. critico nos fez nos seguintes termos:— *e diga-nos o Doutor qual é o complemento destas orações continuadas pelo reciproco postamos*. (O ponto interrogativo ficou no tinteiro)

Santo Deus! que heresia grammatical por ahi não vai !

O que em grammatica se chama reciproco, Sr. Critico, é a variação pronominal—*se* que conserva a sua qualidade primitiva e originaria do latim; mas não o verbo activo—*postar*. Ha todavia verbos a que cabe a denominação de *reflexivos* ou pronominaes, por se conjugarem com dous pronomes pessoaes, um como sujeito e outro como regime, como *affligir-se, lembrar-se, gloriar-se*, que grammaticalmente significam *affligir a si, lembrar a si, e gloriar a si*, v. g: *eu affijo-me, tu lembras-te, e elle gloria-se*.

O—*se*—e reciproco junto ao verbo activo, Sr.

Critico, quando os agentes da oração repartem entre si a acção do mesmo verbo, isto é participando mutuamente cada um da acção do outro, v. g:—*Dous guerreiros se batem*:—*Pedro e João feriram-se*: *Os cavallheiros comprimentaram-se depois do combate. (isto é um ao outro)*

Mas o verbo activo *postar*, acompanhado da variação pronominal—*se*—, como fica acima empregado, não pode ser qualificado de reciproco; porque exprime pelo contrario a voz passiva dessas orações continuadas até o fim da estrophe, cujas orações o Sr. critico não soube reger! Revelada assim por bocca propria essa impericia grammatical, não devo admirar a emphase (só propria da ignorancia) com que me pergunta pelo complemento das orações continuadas pelo *reciproco postam-se!*

Neste caso eu poderei responder com os grammaticos ao Sr. critico, que o complemento do verbo é a mesma variação—*se*, que posposta ou anteposta ao verbo activo exprime a voz passiva do mesmo verbo, como quando dizemos—*O Brasil descobrio-se em 1500*; *O navio virou-se*:—*Postam-se alli canhoeiras*. Isto é o mesmo que dizer:—*O Brasil foi descoberto em 1500*;—*O navio foi virado*; *Canhoeiras são postadas alli*.

Já vê pois, Sr. critico, que não é só por meio

dos verbos auxiliares —*ser* ou *estar*, e dos *participios passados* dos verbos activos, que reduzimos a passiva uma oração de voz activa; tambem se faz oração de voz passiva usando do verbo activo com o pronome —*se*, servindo de sujeito o paciente da acção, como na linguagem acima referida que S. S. por ignorancia criticou.

Não havendo no portuguez verbos passivos de uma só palavra, como no latim—*amor*, (sou amado) *laudor* (sou louvado) os antigos trovadores foram os primeiros que inventaram esta forma de *apassivar* os verbos activos, prescindindo dos verbos compostos por auxiliares, afim de variarem com rapidez a expressão, e facilitarem o quebro do verso e sua harmonia.

A' vista do que fica exposto vêem os leitores que eu empreguei nesta accepção convenientemente o verbo *postar* que significa—*Collocar gente ou cousa de guerra em posto conveniente para vigiar ou combater o inimigo.* (Constancio).

Em conclusão, pois, nos versos censurados pelo Sr. critico não ha solecismo de natureza alguma, e pelo contrario a linguagem é empregada em todo o rigor grammatical.

Agora restabeleçamos a ordem das orações que o Sr. critico censurou por não estabelecer-

ger. Omittindo a figura *zeugma* de que usei naquelles versos a linguagem é a seguinte:

Canhoeiras são postadas alli; Chatas e bombardeiras são postadas aqui; corvetas e balsas são postadas alem; Um navio mais é postado acolá; encouraçados são postados tambem em varios pontos do rio.

Autorisado pela figura *zeugma*, que é uma especie de ellipse, supprimi nestas orações continuadas até o fim da estrophe—o verbo postar—já expresso na oração visinha, para dar mais viveza a linguagem, mas belleza ao estylo e mais harmonia ao verso, como aconselham os mestres da lingua, apontando como modelos os melhores poetas. Eis o que a respeito diz Soares Barbosa. « As ellipses são uteis no estylo simples para lhes dar mais luz e clareza; porque quanto menos palavras se empregam em uma phrase, mais se chegam as idéas ás outras, e melhor se percebem assim suas relações. Ellas por outra parte são necessarias ao estylo pathetico e vehemente para dar mais fogo e vivacidade ao discurso, e assim imitar melhor a marcha precipitada das paixões. »

Eis ahi, a que fica reduzida a audaz accusação do Sr. critico. O que elle chama erro grammatical redunda n'uma locução correta, e concisa

e clara seguida pelos bons escriptores antigos e modernos.

Termino este artigo perguntando aos leitores, que qualificação merece o ignorante que arvora-se em critico para denominar êrro ao que não é?

Em quanto procuram o verdadeiro termo qualificativo, eu lembrarei, que o Conselheiro Castilho já disse em caso identico que a palavra —dislate—tem para isto privilegio exclusivo. Entretanto isto não obsta a que seja descoberto um termo que mais quadre ao Sr. Bustamente.

Parahyba 15 de Abril de 1869.

ARTIGO IX.

O Sr. Bustamente é um desses criticos singulares, que abordam todas as questões, penetram o sanctuario de todas as sciencias e artes, e fallam sobre tudo que ignoram com uma filaucia e sangue frio que admira! Elle não tem sciencia, mas dá conselhos aos sabios e aos artistas! Elle se julga capaz de planejar uma batalha, de guiar um general pela mão, de dar quinãos em Vauban sobre fortificações, em Lebrun sobre pintura, em Racine sobre poesia!

Para mostrar sua pujança litteraria e argucia

do seu espirito, no meio da sociedade a mais respeitavel, é capaz de interromper a conversação, a mais seria, com uma linguagem frivola e com impertinente minucia, revelando talvez que Nembrot era canhoto, que Sésostris era ambidextro... Ninguem o desbanca, porque elle imagina saber o que não sabe, e por tanto, desconhecendo que ignora vai como chibante condemnando tudo aquillo que não entende, ou —

—Como Tartufo invejoso
D'alheia reputação,
Desdenhoso e semi-serio
Põe elle em tudo senão,
E zomba d'escripto alheio,
Porque seu não tem nem meio!
Grão senhor, falla papudo,
Nada entende, masca em tudo,
D'artes, lettras, e sciencias,
Autores, obras, maldiz.
E a pezar da sapiencia,
Excepto em maledicencia,
Nunca passa de aprendiz! ...

Nestes versos, que são um arremêdo dos esbocetos typographicos do Sr. Cascaes, existe uma pura verdade.

E' o que continuaremos a demonstrar no arti-

go de hoje. Peço aos leitores que se armem de paciencia para aturarem ao Sr. Bustamente e a mim, pois não tenho remedio se não esmerilhar a sua critica sem criterio.

Fechemos os olhos aos doestos, e ás phrases burlescas e descomedidas, que elle me atira para amordaçar-me. Imaginemos suas accusações como feitas em palavras de uma critica verdadeira, no fallar da gente da bôa sociedade, e respondamos com placidez para demonstrarmos á evidencia, que o censor não entende nada do que censurou com relação a—*versos e metrificação*. E, para que a energia da censura nada perca sendo revelada por minha vóz, eu irei cuidadosamente transcrevendo os seus enunciados e erros.

Principiemos: A segunda estrophe da poesia Batalha de Humaytá começa pela quadra seguinte:

— Ouve-se apenas no rio
O vento rumorejar,
Qual o brando murmurio
De um gigante a resonar.

E o Sr. critico fazendo-lhe a autopsia (segundo sua propria expressão) diz:—« *O vento rumorejar é coxo por faltar-lhe um pé*... E mais adiante um pouco diz:—» *peçamos ao Dr., que*

nos meça por obsequio o verso—De um gigante a resonar, e diga-nos conscienciosamente quantas leguas de extensão tem, e se principiando na Parahyba não vae acabar na Groelandia.» ? (Como o Sr. critico esqueceu-se do ponto de interrogação no fim desta algaravia, eu por minha conta e risco encaixo aquelle que S. S. achou de mais na minha poesia.)

Santo Deus ! o que por ahi não vai de ignorancia e sangue frio !

Em primeiro logar o Sr. critico, ignorando a construcção ou structura do verso, confunde os *pés* do metro latino com as syllabas do verso portuguez, como mui bem notou o communicante deste jornal, que primeiro refutou a sua critica.

Em segundo logar não comprehende a contagem das syllabas, a pronunciação das vogaes, a accentuação predominante e as pausas, que constituem o mecanismo da linguagem chamada *verso*.

Em terceiro logar, finalmente, denomina--erro ao que não é, punindo com as circunstancias aggravantes de coxo e de longo de mais—dous versos que estão perfeitamente regulares e certos, assim como todos aquelles que elle suppõe errados em sua celebre critica, como iremos demonstrando opportunamente. Mas, antes de o fazer-

mos, conversemos um pouco sobre versos, afim de que fique bem patente a ignorancia do Sr. critico sobre esta materia.

Os Gregos e Romanos fundaram a versificação sobre a quantidade das syllabas, isto é, sobre a sua distincção em longas e breves; assim pois das *syllabas* com determinado numero, ordem e quantidade, fizeram—os *pés*; dos pés fizeram os *versos*; e dos versos—toda a qualidade de *poemas*.

Por este systema o verso grego ou latino contem uma serie de pés, de certo numero, de certo genero, e dispostos por ordem com uma certa cadencia e harmonia; ao passo que o verso portuguez é um ajuntamento de palavras, e até, em alguns casos, uma só palavra, comprehendendo determinado numero de syllabas, com uma ou mais pausas obrigadas, do que resulta uma cadencia aprazivel. (Castilho Antonio)

Os pés do verso latino são simples e compostos. Os primeiros constam de duas ou tres syllabas, por exemplo:—o espondéo como *servis*;—o dáctylo como *inclitus*. Os segundos constam de dous pés simples, por exemplo:—o dispondéo e o choriambo que tem quatro syllabas cada um, como *Maece-nati*, e *Histo-rias*.

Do que fica definido resulta que os versos latinos são denominados pelo numero de pés, e os

versos portuguezes pelo numero de syllabas. E' por tanto clara e manifesta a confusão, em que labora o Sr. critico a respeito da estructura do verso, desde o principio até o fim do seu celebre escripto, chamando—*pés* as *syllabas* do metro portuguez, illudido pelo uso vulgar—de chamar-se um máo verso—*verso de pé quebrado* ! ! !

E' lamentavel que ainda haja hoje quem se queira impôr ao publico como pavão, sendo gralha, ha muito conhecida !

Diz o conselheiro Bastos que—

«A natureza não se obriga a avanços de que não faça pagar bem caro os interesses.» E' uma pura verdade; e aquelles que contrariam a natureza para illudir o publico, fazem sempre um esforço de balde, como os remadores que teimam em remar contra a corrente impetuosa de uma *cheia*. E' o caso do Sr. critico, que mette-se a fallar em publico daquillo que não entende, para succeder-lhe—estas cousas, que vamos agora apreciar.

Os versos redondilhos, de que usei em todas as estrophes da poesia---*Batalha de Humaytá*, constam de 8 syllabas, segundo a arte metrica antiga, e de sette segundo a moderna, sustentada pelo erudito traductor dos *Fastos de Ovidio*, um dos classicos vivos da nossa lingua; mas o Sr. Bustamente, que nenhum conhecimento tem

dessas inovações, segue a eschola do nosso cego rimador Vieira, e chama taes versos de 8 *pés* !

Daqui se conclue que se taes pés forem simples, de duas syllabas, como o *jambo*, *o espondêo*, *o pyrrichio*, *o chorêo ou trochêo*, teremos no verso redondilho portuguez, (chamado tambem —*menor* vulgar, segundo Alexandre Passos) 16 syllabas breves e longas misturadas ! !

Se taes pés forem simples de tres syllabas, como o *dactylo*, o *anapésto*, o *molósso*, o *tribracho* e o *amphibracho*, teremos no dito verso 24 syllabas ! ! !

Se, finalmente, os pés de que falla o Sr. critico forem compostos como o *choriámbo*, o *dichorêo*, o *dijambo*, e o *jònico maior ou menor*, teremos pelo menos 32 syllabas ! ! ! !

E não pára ahi o absurdo ! porque se applicarmos o mesmo systema de pés ao verso portuguez, denominado alexandrino, teremos 12 pés multiplicados por 4 syllabas, e por tanto 48 syllabas para cada verso de tal metro ! ! ! ! !

Mire-se neste espelho, Sr. Bustamente, e veja que monstruosidade, que figura enorme e triste S. S. representa com os seus *pés* no verso portuguez ! ! ! ! ! !

Para que o Sr. critico não torne publicamente a enunciar taes blasphemias, (este vocabulo é empregado no sentido de proposição absurda e

desarrasoada; « Constancio ») aconselho-o á que volte á sua arte metrica latina. onde verá que os versos dessa lingua constam de seis pés chamados—*Senários* ou *Hexametros*, de cinco chamados—*Pentametros*; de quatro chamados—*Tetrametros*; de tres chamados—*Trimetros*; de dois chamados—*Dimetros*. E chamados *Acatalecticos* pés a que não cresce, e nem falta syllaba alguma, *Hypercatalécticos* ou *Hypérmetros* a que sobra uma syllaba, *Catalécticos*, que tem de menos uma syllaba, *Brachycatalécticos* que tem um pé de menos.

Advirta-se (diz Gomes de Moura, professor jubilado na cadeira de Historia Universal do Real collegio das Artes, hoje Lycéo de Coimbra) que os antigos medindo os versos latinos faziam algumas vezes de dous pés um só pé ou medida; e por isso chamavam *Dimetros* aos versos de quatro pés, *Trimetros* aos de seis pés, e *Tetrámetros* aos de oito pés.

Feito este estudo, Sr. critico, volte aos *Tratados de metrificação portugueza*, estude nelles tambem as especies de metros que ha na nossa lingua; confronte-os com os da lingua latina; reflecta, e verá que temos versos de duas syllabas, de tres, de quatro. de cinco, de seis, de sete, de oito de nove, de dez, de onze, de doze; mais nunca encontrará nelles os *pés* de que S. S. nos falla-

Alem destes metros geralmente usados na lingua portugueza, e exemplificados por Castilho, temos visto ainda metros de treze syllabas, e até de uma só, como na lingua franceza. Thomaz Ribeiro, por exemplo, abre o canto VIII do seu bello poema *D. Jayme* com uma estancia de tres syllabas, a qual principia assim:

Dentro no antro escuro, na habitação do vicio,
a noite, inda mais negra qu'as nuvens da tormenta,
cobre as mortiças vascas da luz amarellenta,
que ondeia crepitando, suspensa ao velador!

Este metro de treze syllabas é o mesmo verso alexandrino, com uma differença porem, que nelle não se elide a ultima vogal de um hemistikio com a primeira do hemistikio seguinte, como succede no alexandrino de doze syllabas, que é uma imitação completa do verso heroico francez.

O mesmo Thomaz Ribeiro, no canto supra referido, usa de todos os metros por uma forma bellissima, descendo como n'uma escala musical até chegar ao metro de uma unica syllaba, eil-o:

Martyres
taes,
são.
Miseros
mais,
não.

Os leitores vêem que neste exemplo os versos primeiro e quarto são esdruxulos, e por tanto são chamados pelos modernos de uma syllaba, visto como não contam as duas syllabas breves, que vão alem do accento prosodico, ou pausa metrica, como tudo mais adiante explicaremos.

Ficando, pois, reconhecido o monstro Horaciano, que resultaria da confusão dos pés latinos com as syllabas portuguezas, vejamos se o erro do Sr. critico consiste na confusão dos pés com o metro portuguez.

Queremos suggerir-lhe todos os meios sophisticos, afim de ver se ao menos assim S. S. attenúa o escandalo que deu em fallar daquillo que não entende.

As onze especies de metro de que usamos em portuguez podem dividir-se em duas classes na opinião do illustre autor dos *Ciumes do Bardo*, a saber—*metros elementares ou simplices, e metros compostos;* á primeira destas classes pertencem os versos de duas syllabas, os de tres, e os de quatro; os metros dahi por diante, diz elle, são já compostos, isto é: cada um delles é reduzivel a dous ou mais metros simplices, como notará quem tiver este conhecimento analytico e o exercicio de compor ou ler os versos, como ensina Castilho em seu *Tratado de metrificação portugueza*.

Cada verso de cinco syllabas consta de dous versos ou metros, sendo o primeiro de duas syllabas e o terceiro de tres. Cada verso de seis syllabas pode ser desmembrado de quatro modos, a saber; em tres metros de duas syllabas ou em dous de tres syllabas, ou em um de duas e outro de quatro, ou em um de quatro e outro de duas. O verso de sette syllabas, chamado redondilho perfeito, admitte muito variadas composições de dous e tres metros. Os Italianos pausam sempre na terceira syllaba de taes versos; entretanto n'um poema de versos setti-syllabos, diz Castilho, não só é commodo para o autor, mas agradavel ao leitor, que os haja de todas as conlexturas. O verso de oito syllabas é pouco usado entre nós. José Anastacio da Cunha que o estreou em Portugal não tem tido imitadores, a excepção de Castilho, e Thomaz Ribeiro que poucas vezes delles tem usado, pelo que sua harmonia não está devidamente fixada. Entretanto compõe-se elle de dous metros de quatro syllabas; ou de quatro de duas; ou de um de duas, e outro de seis; ou de dous de tres, e um de duas; ou finalmente de um de duas, e dois de tres. O verso de nove syllabas, que é bello e harmonioso, apenas se compõe de dous metros de tres syllabas cada um, e qualquer composição diversa deturpará esta sua justa medida. O ver-

so de dez syllabas, denominado tambem Italiano, branco, e por anthonomasia heroico, é o hendecassyllabo antigo; e as suas pausas constantes são das syllabas decima e sexta; ou faltando esta a quarta e a oitava. Este verso heroico compõe-se de dois, ou de tres, ou de quatro, ou de cinco metros. E quando bem feito é um verso tão sonoro e musical que dispensa a rima, como se vê nos poemas de versos soltos. O verso de onze syllabas, denominado tambem de arte maior, consta de dous metros, um de cinco syllabas, outro de seis; ou de quatro metros, sendo um de duas syllabas e tres de tres. O verso de doze syllabas, denominado alexandrino, é uma imitação do verso epico francez. Entre os francezes é este verso denominado heroico, da mesma maneira que o decassyllabo o é entre os Italianos, Castelhanos e Portuguezes; e os de seis pés ou hexametro entre os Latinos e os Gregos. Este verso de doze syllabas compõe-se de dous metros de seis syllabas cada um, ficando bem sensivel o hemistikio, como exactamente no verso francez, por exemplo—este de Boileau :

« *Avant donc que d'écrire—apprenez à penser*,

é igual, no metro, e nas syllabas, e ate nos hemistikios, ao verso alexandrino seguinte de Castilho :

« *Quem mede em tio sabio--esquece o Imperador.*

Alguns poetas fazem versos alexandrinos de treze syllabas, porque entendem que podem deixar de elidir a ultima syllaba do primeiro metro, quando breve, na que se lhe segue. Diz Castilho que isto é um erro, entretanto escriptores de bôa nota o fazem, como o afamado poeta brasileiro Alvarenga, que incontestavelmente foi feliz neste genero de composição.

Eis aqui resumido o systema de metros simplices e compostos em geral, os quaes nada tem com a integridade das palavras, mas tão somente com as pausas e o som musical. Por falta de espaço neste artigo não podemos especialisar cada verso com os seus metros e pausas competentes, entretanto quem se quizer dar a esse trabalho, para melhor comprehender o que fica exposto, encontrará no Tratado do Sr. Castilho especialisados todos os exemplos.

O nosso fim está conseguido, pois foi mostrar, que, com quanto os metros constem de syllabas como os pés do verso latino, nenhum ponto de contacto tem entre si, porque quando fallamos do metro portuguez não curamos da integridade das palavras, mas tão somente do som musical, isto é de numero e pausas, ao passo que assim não succede, quando tratamos de pés, os quaes formam parte integrante de qualquer verso latino.

Alem disto a melodia do nosso verso não depende da mistura das syllabas longas e breves que constitue o pé e harmonia do verso latino; mas sim da ordem e da successão das syllabas accentuadas, pelas quaes se conhece o metro, ou medida parcial de cada verso.

Vêem os leitores por tanto, que o Sr. Bustamente nem ao menos pode sophismar ou ter evasiva por este lado.

Alem disto os versos setti-syllabos, de que é composta a poesia—*Batalha de Humaytá*, variam de dous a tres metros, pois é o maior numero de pausas que elles podem conter, ao passo que o Sr. Bustamente dá-lhes 7. 8 e 9 pés, que, —como fica demonstrado, não são metros, não são syllabas, e ninguem sabe o que são na metrificação portugueza !!!

Agora, Sr. Bustamente, que está patente a sua ignorancia sobre metrificação, assim como sobre tudo quanto falla em sua critica, seria conveniente reflectir sobre o pensamento daquelle verso alexandrino de Boileau acima citado, que diz :— *Convem pensar antes de escrever.*

E se arrependido quizer tomar este sabio conselho do grande mestre de Racine, leia primeiro que tudo o que diz Freire de Carvalho em suas *Lecções elementares de Poetica Nacional* sobre os seus infalliveis pés .

« Convem observar, que a introducção dos — *pés* não tem logar na versificação portugueza; porque o genio desta lingua não corresponde exactamente ao da Latina, e ainda menos ao da Grega : alem de que a differença entre as syllabas longas e brevos no acto da pronuncia é nella pouco sensivel, e a liberdade de as mudar a arbitrio tão ampla, que a quantidade só por si não produz quase effeito algum na versificação portugueza. »

Quer ver agora a prova desta verdade? leia ainda o que diz Castilho para depois pensar, e, depois de pensar, poder escrever sobre a questão.

Eis o que diz Castilho :—« A tentativa não já moderna, mas em que tanto insistiu modernamente o nosso, aliás bom engenho, Vicente Pedro Nolasco, de fazer versos portuguezes hexametros e pentametros, é uma quimera sem o minimo vislumbre de possibilidade. Carecendo de quantidades, condicção indispensavel para os onze pes do distico, o portuguez nada mais pode que arremedal-o como um João de las Vinhas, mechido por arames, imitaria os passos, gestos, e acções, de um actor vivo e excellente; mas insistir em tão evidente materia, e que de mais a mais ninguem hoje contraria, fôra malbaratar o tempo que as sãs doutrinas estão pedindo. »

Pegue no seu látego, Sr. critico, e zurza Cas-

tilho, e Freire de Carvalho, e todos os poetas, e todos os rhetoricos, grammaticos e mestres da lingua portugueza, que ousam dizer que no verso portuguez não ha *pés !* E' desaforo do Sr. Castilho chamal-o—um *João de las Vinhas*, que entre nós quer dizer o mesmo que *bisnagas !* Apadrinhe-se com o cego Vieira, o seu querido trovador, e fôgo n'elles.

Em quanto o Sr. critico se acha enfurecido, eu suspendo a penna para continuar no artigo seguinte a ensinar-lhe a medir versos, dando-lhe por norma todos quantos S. S. achou--*com pés de mais e pés de menos*. Já então deverá estar menos irritado contra os nossos mestres, e, se não fôr caprichoso contra o seu proprio interesse, deverá aprender o que ignora.

Parahyba 20 de Abril de 1869.

ARTIGO X.

Em vista do que ficou exposto no artigo antecedente, estou convencido que os leitores dispensariam por fastidiosa a medição dos versos censurados pelo Sr. critico, visto como elle revelou ignorancia dos principios mais comesinhos de versificação. Mas como ha muita gente assim, hão de permittir que eu dê as razões dos meus ditos; e espero que me desculparão se vou mais longe, pela necessidade que tenho de exemplificar e documentar todas as minhas proposições e theses.

Scribtur non solum ad narrandum, sed ad probandum.

Vejamos, pois, se—*O vento rumorejar* é um verso côxo, e se o verso—*De um gigante a resonar* principia na Parahyba e vai acabar na Groelandia, como disse o espirituoso critico.

Meçamos toda a quadra para sua intelligencia.

Ou-ve-sea-pe-nas-no-ri-o
O-ven-to-ru-mo-re-jar.
Qual-o-bran-do-mur-mu-ri-o
Deum-gi-gan-tea-re-so-nar.

Os antigos chamavam estes versos *octo-syllabos*, de oito syllabas, mas modernamente chamamos *heptasyllabos* isto é de sette syllabas, porque só contamos por syllabas de um metro as que nelle se proferem até a ultima tonica ou aguda, onde fazemos a pausa, sem darmos importancia á uma ou duas syllabas breves que se possam seguir, como succede nos versos graves e esdruxulos.

Esta nova pratica sustentada logicamente por Castilho em seu Tratado de *Metrificação portugueza* é fundada nas regras dos grandes mestres das nações mais cultas.

Na lingua franceza, por exemplo, esta é a regra admittida. O verso de qualquer metro e nume-

ro de syllabas, cuja ultima palavra acaba em —*e* mudo não conta a ultima syllaba, seja como em *soupire*, seja seguido de—*s* como no plural—*hommes*, ou seja seguido das lettras—*nt* como no plural dos verbos,—*ils aimaint*. Os versos assim acabados por uma syllaba muda chamam-se femininos, e chamam-se masculinos os que acabam por syllaba aguda, ou tem a pausa final, como na palavra *maison*. (Veja-se os tratados de versificação franceza por—*Constancio* ou *G. Harmoniére*—ou por outro autor qualquer).

Assim pois vê-se, que não é novo este modo de contar as syllabas e denominar os metros, se não na nossa lingua.

Eis um exemplo do verso setti-syllabo francez por *G. Harmoniére*.

J'a vais juré d'etre sa-ge
Mais avant peu j'en fus las.

J'a-vais-ju-ré-d'è-tre-sa-ge
Mais-a-vant-peu-j'en-fus-las.

Eis um exemplo do verso setti-syllabo portuguez por Castilho :

Que eu fosse emfim desgraçado
Escreveu do fado a mão.

Queu-fos-sem-fim-des-gra-ça-do
Es-cre-veu-do-fa-doa-mão.

Vê-se, pois, quer no francez, quer no portuguez que as syllabas só se contam até a tonica ou pausa, perdendo-se no son da pronuncia a syllaba breve que se lhe segue, como aquella syllaba—*ge* final do primeiro verso francez, e aquella—*do* do primeiro verso portuguez.

Os antigos e mesmo os metrificadores modernos, que não seguem esta regra fundam-se em que os versos graves são mais frequentes, que os agudos e esdruxulos; e por tanto nelles se firmam, como sendo o medio entre os agudos e esdruxulos, para a contagem das syllabas.

E Freire de Carvalho, aliás um bom engenho, em suas *Licções de poetica* ainda segue esta opinião antiga, mas é natural que a reforme nas edições fucturas de sua excellente obra adaptada ao ensino da mocidade.

Os modernos, alem das razões já apresentadas, refutam os antigos fundando-se em que é absurdo chamar octo-syllabo, por exemplo, ao verso que só tem sette syllabas, como se vê nos segundos versos do exemplo francez e portuguez acima referidos.

Castilho corrobora esta opinião dizendo que é absurdo chamar v. g. verso de onze syllabas ao

que só tem dez, porque em onze ha sempre dez, mas em dez não ha onze e nem doze. «Aquelles, continúa elle, a quem esta innovação parecer minuciosa, responderemos que não é minucia ser exacto no fallar, e que o sel-o é obrigação, e muito mais quando nenhum lucro se tira do contrario; isto posto, fique entendido que todas as vezes que fallarmos de versos de oito syllabas nos referimos aos que os outros designam por de nove; os alcunhados de oito são para nós de sette, os de setto seis, e assim por diante. »

Achamos justas as razões do Sr. Castilho, e muito de proposito fizemos estas observações para mostrarmos que os versos redondilhos da *Batalha de Humaytá* são heptasyllabos isto é de sette syllabas, e não de oito como suppõe o Sr. Bustamente, que constantemente denomina-os de *oito pés*, querendo dizer por certo de oito syllabas, sem que a lingua rebelde o possa ajudar !

Agora para que o Sr. critico não possa fugir dos bolos, que merece quem erra por não estudar, eu vou apresentar-lhe as regras em que me fundo sempre na metrificação dos meus pobres versos; regras que servem de base a todos os poetas na contagem das syllabas, e que só as ignora quem inteiramente é hospede na materia como S. S.

« *Regra 1ª.*—Uma vogal antes de outra vogal absorve-se nella, ficando as duas syllabas a formar uma só syllaba (os dithongos são fundados neste principio, que é fundado elle mesmo na propria natureza das vogaes); esta regra não só se applica nos casos em que uma vogal está em fim da palavra e a outra no comêço da seguinte como *felicidade inaudita*, que se lê *felicidadi-naudita;* como até nos casos em que duas vogaes concorrem dentro na mesma palavra, como:— pi-e-da-de que pronunciamos pie-da-de reduzindo assim quatro syllabas á tres. » (Castilho)

Gonçalves Dias nos dá disto um exemplo no seguinte verso :

Aterra tão erma, tão quieta e saudosa

Eis ahi está a palavra *qui-e-ta* que tendo tres sylllabas fica reduzida á duas na metrificação, visto como lendo o verso pronunciamos quié-ta. Fica assim applicada a segunda hypothese da regra metrica acima transcripta.

A primeira hypothese, porem, é justamente a que se dá na terceira syllaba do verso:—*Ouve-se apenas no rio*, elidindo o—*e* da particula pronominal *se* no—*a* do adverbio que se lhe segue para formar uma só syllaba em vez de duas.

Nenhum poeta pode prescindir desta regra,

porque a contagem das syllabas não é feita na poesia como ensinam os grammaticos na prosa.

O metrificador não se embaraça com a integridade das syllabas, mas sim com o que aos ouvidos ellas soam.

Os grammaticos n'um trecho de verso acharão por certo um numero mais avultado de syllabas que os poetas. A differença segundo um calculo feito por Castilho anda em nossa lingua por um sexto de excesso.

Eis o que diz a respeito o mestre :—« O grammatico conta por syllabas todos os sons distinctos em que as palavras se podem rigorosamente dividir, sendo cada um destes sons distinctos, ou uma vogal só por si, ou duas vogaes, quase simultaneamente proferidas, a que se chama dithongo, (*aã, ae, ai, ao, au, ei, eo, eu, io, iu, oe, oi, ue, ui,*) ou uma vogal com uma ou mais consoantes, que com ellas ferem, quer lhe fiquem antes, quer depois, quer a levem entre si, como :—*pa, ar, cre, trans;* ou finalmente um dithongo com consoantes, que se lhe articulem, como :—*pae, grei, paes, greis. etc.* »

«O metrificador, porem, não conta por syllabas nem por cousa alguma, as que no modo corrente de fallar passam, ou sem inteiramente se perceberem, ou percebendo-se tão pouco, que é como se não existiram. »

« Governa-se o primeiro por uma especie de philosophia especulativa; o outro, se assim nos podemos exprimir, pela toada da pratica; segundo a qual não só na recitação dos versos, mas ainda na leitura da prosa, e até, e sobre tudo, na conversação, mormente na familiarissima, a cada passo se omittem com a voz sons, que aliás com a penna se representam. Vá exemplo, que ao mesmo tempo sirva de exercicio. Eis aqui versos da primeira fabula da Lafontaine na traducção de Felinto. »

A cigarra a cantar passara o estio
Eis que assopra o nordeste e se acha balda.

Se contarmos grammaticalmente as syllabas do 1°. verso teremos 14,—eil-as :

A-ci-gar-ra-a-can-tar-pas-sa-ra-o-es-ti-o.

Se porem estas 14 syllabas grammaticaes forem contadas pelo poeta, fazendo as elisões necessarias á pronuncia e á toada, teremos somente 11 syllabas, eil-as.

A-ci-gar-rá-can-tar-pas-sa-res-ti-o.

O mesmo sucede com o segundo verso que

tendo 15 syllabas grammaticaes os poetas só contarão 11—v. g.

Eis-que-as-so-pra-o-Nor-des-te-e-se-a-cha-bal-da.
Eis-qua-so-pro-Nor-des-ti-sá-cha-bal-da.

Neste sentido e conformidade principiamos a medir aquella quadra no principio deste artigo, onde se nota a elisão somente no primeiro e quarto verso.

A elisão do primeiro é na terceira syllaba que em vez de—*se a*—sôa—*sa*, elidindo a particula —*se* na vogal seguinte—*a*, que é a primeira syllaba do adverbio *apenas*.

E tal elisão é feita de conformidade com a—

« *Regra 2ª*.—Uma vogal será tanto mais facil de absorver na seguite, quanto for menos forte de sua natureza, menos accentuada e menos pausada. » (Castilho)

Esta mesma elisão se dá na primeira e quarta syllabas do verso—*De um gigante a resonar*, sem que seja preciso fazer a synalepha, como entende o Sr. critico, por ignorar como, e quando se deve empregar esta figura.

A synalepha é uma figura de dicção, pela qual não nos limitamos somente a elidir a vogal final de uma palavra com a vogal seguinte da outra, mas sim, supprimimol-a. E por certo não ha disto necessidade na leitura daquelle verso.

Leia o Dic. Gr. por Alexandre José de Passos, e verá que elle diz o seguinte sobre o caso:—«A *elisão* é muito frequente na leitura, principalmente do verso, mas não supprime inteiramente uma das vogaes que concorrem no encontro das palavras como faz a synalepha.» Esta é tambem a opinião do Sr. Castilho e de todos os entendidos na meteria. Saiba mais que pronunciando a elisão fazemos figuradamente diphtongos e até triphtongos do concurso das vogaes entre uma palavra e outra, independentemente do signal orthographico da synalepha, como no seguinte exemplo pelo mesmo escriptor apontado:

« *De entre os* Deuses em pé se levantava,
Merencorio no gesto parecia;
O for*te escudo ao* collo pendurado
Deitando para traz, medo*nho e i*rado. »

Deixamos em gripho as syllabas e vogaes elididas para que o Sr. critico comprehenda melhor onde se formam os diphtongos nesta estancia de Camões, cujos versos ficam por meio destas elisões com o devido numero de syllabas.

Se o Sr. critico estivesse a par destas regras não diria ainda que ha hiato em—*De um*, pois é justamente por não havel-o que se prova a elisão.

Se o hiato é, como dizem os mestres, a pronuncia difficultosa que resulta do concurso de vogaes entre duas palavras formando um som alongado e pouco agradavel, como v. g. *Ha annos, a alma*, ninguem por certo, a não ser o Sr. critico, descobrirá *hiato* na pronuncia daquellas palavras, tanto mais havendo nellas elisão. A este respeito o melhor guia é o ouvido.

Se no verso citado se pronunciasse—*de* como uma syllaba e—*um* como outra, ainda podia ser que fosse preciso abrir muito a bôcca para pronunciar taes monosyllabos, dando assim logar ao hiato; mas isto não se pode dar por causa da elisão, cujas regras desenvolvemos, mostrando até um exemplo de Camões, no qual se vê o verso principiar pela preposição—*de*—como eu o fiz, elidindo a vogal na vogal da palavra seguinte:

Do que fica exposto segue-se que a causa de todos estes erros e de toda a confusão do Sr. critico é a sua ignorancia—a respeito de taes regras e preceitos estabelecidos pela grammatica e Arte poetica.

Parahyba 23 de Abril de 1869.

——

ARTIGO XI.

Já que estamos *com a mão no compasso* vamos medindo todos os versos, que S. S. em seus artigos achou grandes e pequenos, afim de que aprenda agora, embora tarde, o que já devera saber antes de arvorar-se em Icaro ou Memnipe.

No segundo canto da Batalha de Humaytá, descrevendo eu os preparativos da armada ao entrar em combate, principiei assim a segunda estrophe :

Tudo estava preparado
Para a batalha naval

No Lima Barros, Silvado,
Brasil, Colombo e Cabral.

O Sr. critico, depois de suas infalliveis chalaças diz o seguinte :— *Se o Dr. tivesse um compasso, e quizesse medir este ultimo verso !....*

Sem responder as chalaças eu vou lhe fazer a vontade, não com o compasso como o Sr. critico costuma medir vêrsos, mas com a arte metrica, de que usam os entendidos na materia.

Bra-sil-Co-lom-boe-Ca-bral.

Eis aqui o meu verso setti-syllabo na sua justa medida, sendo elidida apenas a vogal final da palavra Colombo e a conjuncção copulativa que se lhe segue, como se vê na quinta syllaba, que forma um dithongo de — *o e*, segundo Alexandre Passos.

Abra o Sr. critico qualquer livro de versos de autores de bóa nota, e verá em qualquer pagina exemplos desta elisão. Abramos Camões ao accaso, eis aqui uma bellissima quadra em verso heroico:

«—Nos deleitosos campos do Mondego
Quando perto era já teu matador,
Tu sonhavas Ignez posta em socego
Annos sem termo, que doirava amor »

Eis aqui exemplos de elisão em todos tres ultimos versos.

A primeira elisão é igual a do meu verso acima citado, porque consta exactamente das vogaes —*o* e *e*, como se vê na quarta syllaba do segundo verso de Camões, que só chega á sua completa medida fazendo a elisão da vogal final do adverbio—*perto* e a primeira vogal da palavra—*era* que se lhe segue.

No terceiro verso a elisão se dá na syllaba oitava, a qual se pronunciará tem, em logar de duas syllabas—*ta—em*, cuja medida tornaria o verso grande alem do biato.

No quarto verso Camões faz a elisão na syllaba nona fazendo soar—*douravamor*, em vez de —*dourava amor*.

Fica assim satisfeito o pedido que o Sr. critico me fez.

Ensinei-lhe a medir o verso que S. S. julgava errado, agora me diga, não se envergonha destas cousas?

Por certo que não, pois continúa a dizer o seguinte, que envergonharia a outro qualquer censor, por ser uma barbaridade:

« *Quanto ao verso—O chefe de divisão é uma pequena miseria poetica; é um dos buts rhitmeés que tanto dão que fazer a Hugo.* »

Eis ahi de novo *os buts rhitmeés* em vez de

buts rimés, que elle confunde com a *escrescencia metrica*, como já fica tudo demonstrado em nosso artigo VII. Vêem os leitores que a phrase franceza ainda está deturpada em sua orthographia, porque elle *cita de orelha*, sem jamais poder escrevel-a correctamente.

A lingua não o ajuda, mas deixemos esta questão de *tatibitatibis*, e meçamos o verso, cuja metrificação elle chama—*uma pequena miseria*. E' o terceiro da seguinte sextina :

Perseverança e trabalho
Guiam Delfim de Carvalho,
O chefe da divisão ;
E todos seus commandados
Juram morrer abraçados
Do Brasil ao pavilhão !

Vamos amedida :

O-che-fe-de-di-vi-são.

Eis ahi o meu verso com sette syllabas *sem tirar e nem pôr* lettra por elisão ou figura. Diga-nos agora, Sr. critico, de quem é a *pequena miseria poetica ?*

Ficamos satisfeitos com a sua resposta.

Mais adiante fallando dos seguintes versos :

O velho cabo de guerra
Combinou a acção em terra
Com a batalha naval;
E n'esse fogo cerrado,
Simultaneo e combinado,
Destinguio-se o general.

—pede o Sr. critico, que eu lhe encane o pé do verso—*simultaneo e combinado*!

E' o mesmo homem que dá pés ao verso portuguez, apezar da prohibição expressa dos mestres. Hão de lembrar-se que Castilho chama a taes impertinentes—*João de las Vinhas*. Mas eu quero ser condescendente, porque satisfaço o seu pedido, e pratico ao mesmo tempo uma das obras de misericordia—ensinando aos que erram.

Si-mul-ta-ne'e-com-bi-na-do.

Recite agora o verso, Sr. critico, e verá como a elisão se dá naturalmente e sem esforço na pronunciação.

Este verso chama-se grave, e por isso mesmo é heptassyllabo ou setti-syllabo, por não se contar a syllaba alem da pausa; pois são da mesma medida, como já fica explicado, os versos agudos de sette syllabas, os graves que contem oito syllabas, e os esdruxulos que contem nove; porque

não se contam as syllabas breves, isto é aquellas que sobram depois da pausa do verso, como já tudo fica demonstrado.

Agora demonstremos a elisão de tres vogaes que se dá na quarta syllaba, baseados na regra seguinte:

« *Regra 3ª.*—Não só duas vogaes concurrentes se elidem, no caso da primeira não ser longa, mas poderão elidir-se mais, se mais ahi concorrerem com o mesmo requesito; em *piedade e amor* não só absorvemos a primeira na segunda syllaba, mas tambem a quarta e quinta na sexta pronunciando deste modo—*pie-da-dea-mor.* » (Castilho).

Eis aqui Castilho reduzindo a quatro syllabas as sette—*pi-e-da-de-e-a-mor.*

Quer o Sr. critico comprehender isto melhor? eis um exemplo de metro de onze syllabas do mesmo Sr. Castilho:

Mais velha que os sceptros, mais util que a espada.
Mais-ve-lha-queos-sce-tros-mais-u-til-queaes-pa-da

Medido assim o verso vê o Sr. critico, que a decima syllaba é formada pela elisão ou contracção das tres syllabas seguintes: —*que-a-es.* Assim, pois, é por meio desta regra que eu faço a elisão apenas de tres lettras vogaes na quarta

syllaba do verso, que S. S. chamou de—*pé quebrado !*

E' por esta mesma regra que o nosso melodioso poeta A. Gonçalves Dias fez a elisão de tres syllabas no seguinte verso heroico de sua linda poesia—*O Trovador:*

« Não queiras amar, não; pois que a esperança. »

Faça a contagem, Sr. critico, e verá que a oitava syllaba é formada pela elisão das tres vogaes *e, a*; e *e*, afim de que pronunciemos *que-esperança*, em vez de que-a-esperança.

E note-se, diz Castilho, que a absorpção de quatro vogaes em uma só syllaba seria ainda possivel fazer, rigorosamente fallando, quanto mais de tres !

Entretanto se deve sempre evitar, por exemplo :—quem fizesse de *gloria e amor* glo-ra-mor, commetteria um barbarismo ainda que não um erro, apezar de absorver 4 vogaes em uma só syllaba ! !...

Estude estas regras Sr. critico, e leia os bons mestres, que deixará de dar taes espectaculos—isto é, querer emendar versos que estão rigorosamente certos. O bom ouvido, e a pratica das licções dos bons poetas ensinam todas estas cousas muito melhor ainda, que os preceitos theoricos.

que estamos-me ensinando. Poderamos dar-lhe em particular taes licções, se por ventura S. S. não nos provocasse a dal-as em publico. Adiante.

Terminei o canto terceiro da minha poesia com a estrophe seguinte :

Ignea corôa fulgente
Adorna o monte sombrio ;
Tinge-se o valle e a torrente,
E rouxa côr toma o rio !
Rutila a fuzilaria;
De *Londres* a bateria
Rebôa como um trovão !
Sustenta o seu bombardeio
Daquelle rio no seio
A famosa divisão.

Os leitores apreciem agora o que diz o Sr. critico a respeito dos versos desta estrophe, eis a censura—

« *Temos a decima principiada com um verso de oito pés, em quanto que o segundo verso:— Adorna o monte sombrio, tem nove pés, assim como tambem tem nove pés o verso*—Sustenta o seu bombardeio.

« *E' com esta escrescencia poetica, com esta amalgama de proza insulsa arrumada, em carreiras, que o Dr. finda a memoravel parte terceira da sua—Passagem de Humaytá.* »

E' extraordinaria a cegueira do meu hypercritico

bem razão teve La Rochefoucauld para dizer :— *L'envie est plus irréconciliable que la haine.*

Que o Sr. critico ache os meus versos insulsos —*transeat;* porque o gosto não é um principio arbitrario sujeito aos caprichos de cada individuo e nem todo o individuo se acha collocado em circunstancias proprias para servir de regulador do gôsto; mas discorrer sobre materia de que não entende, no intuito de elevar-se acima dos outros, por força ha de descer abaixo de si mesmo, dizendo disparates, e provocando o riso e a hilaridade dos entendidos.

Haja á vista os disparates acima transcriptos sobre metrificação.

E agora vamos provar-lhe que os versos, em que o Sr. critico suppõe que ha *pés* de menos e *pés* de mais, estão certos.

Meçamol-os :

Ig-nea-co-rô-a-ful-gen-te
A-dor-nao-mon-te-som-bri-o
Sus-ten-tao-seu-bom-bar-dei-o.

Eil-os todos tres na sua justa medida, com iguaes numeros de syllabas !

Onde estão os 8 e 9 *pés* de que S. S. nos falla?!

Esse injusto azedume, essa odiosidade, essa raiva sem motivo é uma verdadeira *fatalidade* que hade perseguir sempre áquelles que não se conformam com a sua infeliz sorte.

Continuemos: Descrevendo eu no canto IV da *Batalha de Humaytá* as difficuldades com que luctava Maurity vendo o seu monitor *Alagôas* abordado pelas canôas e chalanas paraguayas, assim me expresso na segunda estrophe:

Não importa, ao homem cabe
Morrer na luta ou vencer:
Quem não tem honra não sabe
Com honra tambem morrer.

Ouçamos agora o que diz a respeito o Sr. critico.

« *O que está escripto, alem de estar em linguagem rasteirissima é o maior desproposito que se pode encontrar em philosophia racional (!)* »

E' incrivel tanto dislate, mas o que é certo é que a transcripção é fiel! Não duvido que o Sr. critico ache de máo gosto a minha linguagem, porque lá diz o rifão antigo—*Sobre gôsto não ha disputa;* não discutirei esta questão delicada e subtil, porque ha quem diga que um Laponio ou um Hottentote tem o gôsto tão puro, delicado e correcto como um Grego, um Latino ou Francez; mas o que não posso concordar é com a *philosophia irracional*, que o Sr. critico admitte, como logicamente se conclue do seu enunciado! Não sei como a philosophia, cuja sciencia significa o amor da sabedoria, isto é o amor do justo, do

verdadeiro, do bello, e do bom, possa se dividir em *racional e irracional !* Socrates, Platão, Aristotelis e Descartes são uns embecis, porque basearam a difinição desta sciencia nas leis soberanas do espirito, nà razão suprema !

A isto é que se pode chamar desproposito, Sr. critico, e não ao pensamento altamente philosophico que se acha contido naquelles meus versos e que S. S. mal interpretou dizendo o seguinte:

« *O destino do homem não é morrer ou vencer na luta, e sim chegar ao seu aperfeiçoamento moral neste mundo, para poder conseguir a felicidade eterna na vida futura. Não queremos contraverter a these do Dr., lembramos-lhe um pedacinho de logica.* »

Em primeiro logar lhe diremos que naquelle verso não tratamos do destino moral do homem, e sim dos dous unicos caminhos, que o militar valente e brioso tem a seguir, quando se acha empenhado em uma lucta como a do Brasil com o Paraguay.

Em segundo logar lhe lembraremos, que a parte da philosophia que explica o fim do homem e o seu destino na terra não se chama *Logica*, mas sim *Ethica*.

Já vê por tanto que, se for a concurso, sahirá tambem reprovado em philosophia como em grammatica, physica, chimica poetica etc.

Mas deixemos as suas heresias philosophicas que não passam de incidentes, e voltemos ao assumpto.

Continuando a analyse dos versos acima citados, diz o Sr. critico:

« *Dispensando o ultimo verso que não está muito bem feito de corpo, veja o leitor, se este verso de Bocage não é igual ao do Dr.* »

« *Saiba morrer com honra*
Quem nunca soube viver. »

Depois desta nova descoberta, que só revela cegueira e paixão, exclama o meu zoilo todo encolerisado: « *Isto com trata calvice feito Dr. é feio, é muito feio.* »

Ainda bem que o meu plagio agora é feito nas obras do grande mestre.

Estimei muito a transcripção dos versos de Bocage para que possam ser confrontados com os meus. E como não posso ser juiz nesse litigio, os leitores que apreciem o plagio, e me digam onde elle existe; pois eu não o descubro.

O meu zoilo esqueceu-se que a transcripção dos versos de Bocage era a sua propria condemnação, e revelou-se como um proscripto das lettras que quer vingar-se a todo o transe, e não como um rival legitimo que mede o objecto de sua ambição pelo seu talento.

Aqui cabe-me dizer como o illustre escriptor espanhol D. Leandro de Moratin em um de seus epigramas.

Tú te bastas y te sobras
Para escrebir disparates.

Em quanto os leitores confrontam os meus pobres versos com os do grande Elmano da Arcadia, eu vou medindo caladinho o verso, que o Sr. critico *acha mal feito de corpo*, para provar-lhe que elle está certo e tão regular como os outros :

Com-hon-ra-tam-bem-mor-rer.

Passemos adiante, para vermos o Sr. critico revestido de sua celebre autoridade negativa blasphemar contra os *pés* dos versos da seguinte sextina, com que feixo a estrophe começada pela quadra supra.

Revezes, golpes da sorte
Não intimidam o forte,
Nem o fazem descorar !
Assim Maurity na guerra,
Não se abate, e nem se aterra,
Eil-o sempre a batalhar !

Agora transcrevo a sua interessante analyse a respeito do terceiro verso que os leitores veem griphado. Ouçamol-o; mas hão de permittir os leitores que eu vá respondendo ao pé da lettra as suas perguntas, eil-as :

« *E' idisculpavel, Dr. este verso*—Nem o fazem descorar.—*Diga tem consciencia desta metrificação*? (Tenho sim, senhor) *Sabe o genero em que tem escripto os seus versos* ? (Sei sim, Senhor.) *Sabe o que ensina a respeito a arte poetica ?* » (Sei sim, Senhor, e tanto assim que passo a medil-os.)

Nem-o-fa-zem-des-co-rar.

Ahi ficam exaradas as minhas respostas para a sua condemnação. Agora assiste-me o direito de perguntar-lhe por minha vez com o meu proprio verso : Estas cousas, Sr. critico,—*Nem o fazem descorar?*

Se assim é, certamente é um homem feliz no meio dos preconceitos e susceptibilidades deste mundo ! ! !

O Sr. critico fez todas estas perguntas banaes, que assim ficam respondidas para mostrar-se entendido na materia; mas por via das duvidas não especialisou *o erro ou defeito indesculpavel* do verso. E para sahir desse embaraço fez como o

mestre eschola do entremez que, em vez de ensinar, interroga os meninos pela rôsca, porque só com ella se contenta. Mas eu como sou um discipulo rebelde, e que não trago rôscas, vou lhe dando destas pitadas para fazel-o espirrar.

Prosigamos.

A sextina final da terceira estrophe do canto IV reza assim :

Maurity nesse conflicto
Mostra ser guerreiro invicto,
Marinheiro imperial;
Ligeiro volve o Alagôas.
E a pique mette as canôas
Naquelle abysmo infernal !

Eis agora a critica :

«—*Maurity nesse conflicto*
Tem oito pés este verso.
—*Mostra ser guerreiro invicto* ;
Ainda que se queira fazer a synalepha tem nove pés.
—*Marinheiro imperial* ;
Este é pequeno como um anão.
Ligeiro volve o Alagôas,
Este é grande como um dos gigantes cantados pelo poeta.
E a propriedade com que está empregado o verbo volver ! »

Aqui findam os disparates do Sr. critico, á quem respondo dizendo—que *volver* significa *voltar, virar*, v. g.—o cabrestante, fazer girar os eixos da moenda, da machina, do leme do navio. Ora já vê o Sr. critico que não podia achar um termo mais proprio que este para mostrar que Maurity, por meio de um ligeiro movimento feito no seu navio, (resultado de sua manobra) mettera a pique as canôas que pretendiam dar-lhe abordagem. Isto mesmo é o que se lê na parte official do Barão de Inhaúma referindo os feitos inauditos praticados por um tão distincto official da marinha brasileira.

Quanto aos erros dos versos com *pés de mais, pés de menos, anão e gigante*, eu limito-me a provar-lhe que estão certos medindo-os.

Mau-ri-ty-nes-se-con-fli-cte
Mos-tra-ser-guer-rei-roin-vi-cto
Ma-ri-nhei-roim-pe-ri-al:
Li-gei-ro-vol-veoa-la-go-as.

Já vê, Sr. critico, que as suas censuras só revelam ignorancia e mas nada. Agora ouça as explicações, e aprenda.

No primeiro verso nenhuma elisão se dá, e a sua medida é portanto natural.

No segundo verso apenas fazemos a elisão da

vogal com que finda a palavra—*guerreiro* na vogal com que principia a palavra *invicto*. para formar a sexta syllaba, pelo que na pronunciação do verso diremos *guerreirinvicto* em vez de guerreiro invicto, o que daria logar ao hiato, que assim fica corrigido.

No terceiro verso a mesmissima elisão se dá na quarta syllaba, formada pela ultima vogal da palavra *marinheiro* e a primeira da palavra *imperial*, como tudo demonstramos por meio de regras no artigo passado.

Abramos ao accaso qualquer livro de poesias que encontraremos exemplos de elisões semelhantes.

Eis aqui um de G. Dias: no *Canto do Piaga* —lê-se

« Vem trazer-vos crueza, impiedade. »

Medindo este verso fazemos a elisão das duas syllabas *za* e *im* para contar-mos uma só, pronunciando *cruezimpiedade*.

Venha outro livro. Eis aqui a *Liberdade*, bella poesia do Senador Alves Branco :

Misera Grecia, lá se despedaçam
As columnas da tua independencia !
Mas que heróe d'alli se ergue ?

Do elmo fuzilam vividos coriscos,
E' Pallas, se demove os igneos olhos ;
E' Coriolano, fumegando em ira;
E' Reinaldo no arrojo impetuoso !.....

Veja o Sr. critico, quantas elisões! No primeiro verso a elisão se dá na mesma palavra Grecia; no segundo se dá na settima syllabra; no terceiro (que é um verso quebrado) se dá na segunda e sexta; no quarto se dá na primeira; no quinto se dá na settima e nona; no sexto se dá na terceira e nona; no ultimo finalmente se dá na quinta e settima, sendo esta ultima elisão feita com as mesmas vogaes *o* e *i* como nos meus segundo e terceiro versos acima citados:

Já vê portanto que em—*guerreirinvicto* se dá a mesma elisão que nas palavras—*marinheirimperial arrojimpetuoso.*

Resta-nos explicar ao Sr; critico a elisão da quinta syllaba do ultimo verso da quadra supra citada—*Ligeiro volve o Alagôas.*

Neste verso fazemos a elisão das tres vogaes —*e o a*—na quinta syllaba, de conformidade com a regra terceira que exaramos no principio deste artigo. E se o Sr. critico quizer se convencer da verdade das regras que lhe temos subministrado, fazendo um pequeno exercicio comprehenderá ainda melhor o modo de fazer ditas

elisões. Para isto basta recitar os versos, evitando o hiato, isto é a pronuncia difficultosa que resulta do concurso das vogaes entre as palavras. Por esta forma o Sr. critico saberá dar o som agradavel da expressão euphonica, que deve haver na bôa pronunciação, maxime na recitação dos versos.

Eu lhe irei fornecendo exemplos para o seu exercicio, abrindo ao acaso alguns livros de poesias que tenho sobre a mesa. Como já deve estar cançado de ler as citações dos classicos portuguezes, eu lhe apresentarei autores brasileiros.

Eis aqui Gonzaga, o autor do immortal livrinho intitulado *Marilia de Dirceo*. Temos debaixo dos olhos uma lyra que principia assim:

Tu não verás, Marilia, cem captivos
Tirarem o cascalho e a rica terra.

Eis ahi a ultima syllaba da palavra *cascalho* se elidindo com as duas vogaes seguintes *e* e *a*.

Vejamos os Cantos de G. Dias; tenho diante dos olhos a quadra seguinte :

Abro os olhos inquieto, medroso,
Manitôs ! que prodigios que vi !
Arde o páo de resina fumosa,
Não fui eu, não fui eu —que o ac-cendi !

Neste ultimo verso deixo—entre linhas todas as lettras que se elidem para formar a seitima syllaba—*queoac*.

E mais adiante lê-se :

Ouve o annuncio do horrendo phantasma,
Ouve os sons do fiel Maracá.

Neste primeiro verso a segunda syllaba é tambem formada da elisão das tres vogaes *e o a*, de cujas lettres consta a elisão do exemplo antecedente, assim como a do meu verso em questão.

Vejamos outro livro. Eis aqui o poeta mais melodioso da nova geração, aquelle cysne que legou-nos nos seus primeiros versos o derradeiro canto, o jovem que causou admiração a Octaviano, o principe dos jornalistas brasileiros. Fallo de Casimiro de Abreu de saudoza memoria ! Em suas *Primaveras* leio o seguinte :

Alegre e verde se balança o galho,
Suspira a fonte na linguagem meiga,
Murmura a brisa :—Como é linda a veiga !
Responde a rosa :—Como é doce o orvalho !

Eis a mesma elisão de tres vogaes na syllaba nona deste ultimo verso. Podera dar-lhe exemplos a fartar, Sr. critico, mas para pôr um ter-

mo á estas citações, eu vou dar-lhe um exemplo de elisão não só de tres vogaes, mais ainda de quatro, e que alguem chamará de cinco. E como para um tamanho arrojo será preciso uma grande autoridade, eu vou citar-lhe um dos nossos poetas mais eruditos, o autor dos—*Factos do Espirito Humano*, (philosophia) das sublimes tragedias—*Antonio José*, *Olgiato e Othelo*, e —dos bellos volumes de poesias, intitulados—*Canticos funebres*, *Urania*, *Poesias avulsas*, *Suspiros poeticos e Saudades*.—Nesta ultima obra citada Domingos José de Magalhães publicou uma ode—a Napoleão o grande, a qual foi admirada e atè mesmo plagiada no estrangeiro pela sua sublimidade; pois é nesta mesma ode que se lêem os versos seguintes :

Ante elles o Thabor. e os Alpes curvos
Viram passar as aguias vencedoras !
E o Rheno e o Manzanar e o Adige e o Euphrates
Em balde a sua marcha se opposeram.

Releia agora o terceiro verso, Sr. critico, pense, reflicta um pouco; e affirmo-lhe que verá nelle só—reunidos todos os exemplos comprehendidos nas regras de elisão que lhe temos ensinado. Para que não confunda as syllabas com os seus infalliveis pés, e a final comprehenda o ex-

emplo eu levo a minha condescendia até o ponte de medir o verso, para separar as syllabas e reunir as vogaes que se elidem :

Eo-Rhe-noeo-Man-zo-nar-coA-di-geeoEu-phra-tes

Veja quantas elisões em um só verso, Sr. critico ! Contemol-as :—de duas vogaes na primeira syllaba, de tres vogaes na terceira e setima syllabas, de quatro vogaes (ou de cinco para quem não contar o dipthongo de e u) na syllaba nona ! ! !

São muito ignaros estes poetas, dirá S S. Pois vá lá. Podera dar-lhe muitos exemplos semelhantes, mas o melhor será que S. S. compre livros e os estude, para não causar nojo ao publico de sua terra, á quem procurou instruir com a sua ignorancia !

Parahyba 28 de Abril de 1869.

——

ARTIGO XII.

A base do rhythmo poetico, Sr. Bustamente, como já deve ter comprehendido pelas licções dos nossos tres ultimos artigos, está na estructura, nas combinações do metro, na quantidade das syllabas combinadas com a sua accentuação prosodica e pausas. Entretanto S. S. bem longe estava de comprehender estas cousas, porque ignorava as regras mais vulgares da metrificação, que limitam-se apenas ao numero das syllabas, ás elisões das vogaes, á cesura e hemistikio do

metro, e mais algumas pequenas particularidades, como tudo lhe temos ensinado.

Quem não estudou a escala da musica, e nem ao menos tem ouvidos para perceber a afinação do instrumento, de balde vibrará as suas cordas, porque jamais comprehenderá os segredos da harmonia. E Boileau em sua Arte poetica corrobora a nossa opinião nos versos seguintes :

Les vers le mieux rempli, la plus noble pensée
Ne peut plaire á l'esprit quand l'oreille est blessée.

Assim pois, Sr. critico, temos feito de nossa parte tudo quanto é possivel para que S. S. aprenda a escala da harmonia poetica, ensinando-lhe as regras; cumpre-lhe agora fazer algum exercicio compassando com certa cantilena e palmas versos alheios. E depois procure fazer versos chamados —*nonsenses*, como ensinam os Inglezes, e neste exercicio perservere por algum tempo, até acostumar o seu rebelde ouvido a perceber o quebro da harmonia.

Acostume-se a este estudo para que possa depois comprehender essa harmonia que deve haver na trasladação dos objectos da natureza para a phrase metrica, como o pintor novel que se adextra nos traços e nas combinações das

cores antes de se abalançar ás grandes composições.

No artigo de hoje eu completarei as licções sobre metrificação, fazendo os ultimos exercicios ainda sobre os versos da Batalha de Humaytá.

Aproveite, Sr. Bustamente, estas licções gratuitas para que se algum dia ainda tiver a velleidade de arvorar-se em critico, ao menos não continue a dizer sobre versos e metrificação as necedades já apontadas, e as que se seguem.

Ouçamol-o :

« *Na segunda decima principia o Dr. por um conceito forte :*

—*Foi um feito grandioso*
—*A passagem de Humaytá.*

« *Este verso ultimo clama aos ceus e a terra pelo mal apropriado da metrificação.*

—*Maurity vem glorioso*
—*Trazer a nova de lá;*

« *Attenda bem o leitor a medição do verso.* »

Em resposta á primeira censura tenho a dizer, que não comprehendo o que quiz revelar o Sr. critico com o seu – *mal apropriado da metrificação*; salvo se entende que eu devia variar o metro

naquelle verso para maior ou menor numero de syllabas (o que seria mais um absurdo,) pois elle está na mesma medida dos outros, como passo a mostrar :

A-pas-sa-gem-d'Hu-may-tá.

Quanto á segunda censura, limito-me a respondel-a, usando de suas proprias palavras :—*Attenda bem o leitor a medição do verso* :

Mau-ri-ty-vem-glo-ri-o-so
Tra-zer-a-no-va-de-lá.

Continuemos com paciencia a soffrer as fraquezas do nosso proximo que vai por diante e sem descorar dizendo o seguinte :

«—*Surgio de novo o perigo*—
Este verso tem oito pés.
—*Para o jovem luctador*—
Este outro tem sette pés.»

Ahi temos de novo os seus infalliveis *pés* em vez de syllabas. Mas o que deve causar riso aos leitores é que o Sr. critico disse uma verdade suppondo, que é erro ter o verso grave uma syllaba de mais alem da pausa do verso agudo!!

E' muita ignorancia ! Quem a não ser o Sr. critico, ignora esta regra infallivel de toda e qualquer poesia escripta, não só na nossa lingua, como na Espanhola, na Franceza, na Italiana e finalmente em todas as linguas cultas ?

Leia o Sr. critico a obra do sabio Ciciliano o abbade Antonio Scoppa, intitulada—*Des beautés poetiques de toutes les langues*, obra coroada pelo instituto da França, e então se arrependerá de ter dito tanta parvoice.

Para seu castigo e seu ensino, abra, Sr. critico, qualquer volume de poesias, não só dos autores de bôa nota, como até mesmo de qualquer estudante; não precisa ser elle do quinto anno, basta que seja um bizonho calouro de qualquer Faculdade do nosso paiz, e verá que nenhum verso é feito sem esta regra sabida por todos que lêem ou fazem versos, e que só por uma *fatalidade* S. S. ignora !

Se tomar o conselho e abrir qualquer volume de poesias verá desde o metro de uma syllaba até o de treze, que o verso agudo serve de balisa ou marco ao menor numero de syllabas de qualquer metro, porque elle indica a pausa final; dahi em diante passam os versos graves com uma syllaba alem da pausa, e os versos esdruxulos ainda vão alem, porque teem duas syllabas breves ou mudas alem da syllaba accentuada !

O seu enunciado, pois, importa em uma heresia que só não faz rir a aquelles que no seculo XIX ainda pensam, que os versos portuguezes teem *pés*, e que estes se medem com *um compasso ou cordão*.

Como S. S. acertou por engano com o numero de syllabas daquelles meus dous versos acima citados, eu deixo de os medir e passo adiante.

O Sr. critico por ignorar as figuras de dicção acha *espichado como borracha* o verso—Foi nova pagina de gloria.—Pois saiba que o verso está certo, porque *pasna* è o que deve ler e pronunciar.

Agradeça aos typographos a licção que lhe vou dar, mas antes disto ouça o que diz o mestre Freire de Carvalho nas suas licções de Poetica ;—

« Note-se que frequentes vezes parece alterar-se a regra geral, que assigna á cada uma das especies de versos o numero de syllabas, que lhe competem, apparecendo nelles já menor, já maior numero de syllabas, do que deveriam ter ou como agudos, ou como ordinarios, (graves) ou como esdruxulos : essa alteração porem é devida ao emprego de alguma das principaes figuras usadas na versificação. »

Ouviu o que disse o mestre ?

Agora ouça o que lhe digo eu.

Assim como as vogaes e até as syllabas se

diminuem na recitação do verso por meio da elisão autorisada pelas figuras *crase e cynerese* sem que fique violada a sua integridade orthographica, assim tambem certas palavras no verso podem ser reduzidas ou augmentadas pela subtracção ou por accrescimo de lettras. E isto se pode dar no principio, no meio ou no fim das palavras, por meio das figuras de dicção— *Aphérese, Syncope e Apócope, Próthese, Epénthese e Paragóge.*

Usamos destas figuras ou por euphonia da linguagem, ou por harmonia do verso.

Applicando agora este modo de alterar o numero das syllabas no verso em questão, deve saber que assim como a figura *Epénthese* faz augmentar uma syllaba no meio da palavra *Marte* autorisando-nos a dizer *Mavorte*, assim tambem a figura Syncope diminue a syllaba no meio da palavra *inimigo* autorisando-nos a dizer *imigo*.

E destes exemplos estão cheios os livros de poesias dos nossos melhores escriptores, cujos modelos nos ensinam a dizer por meio da syncope—*pasna* em vez de *pagina*, cuja palavra esdruxula sendo pronunciada naturalmente sôa *pasna*, sem que seja preciso o leitor fazer esforços na sua contracção, e portanto sem que seja preciso mesmo fazer na escripta a subtracção da

syllaba como eu costumo a fazer, mas que os typographos não o quizeram.

Vou terminar esta resposta, que muito deve aproveitar ao Sr. critico, por um exemplo do mais notavel dos poetas da lingua portugueza :

« Se tenho novos medos perigosos
D'outra Scylla e Charybdis já passados. »

Eis aqui a palavra charybdis sendo pronunciada charydis, afim de que o verso não ultrapasse a sua justa medida. Note-se que a syncope ou a subtracção do—*b* equivale a de uma syllaba, pois ninguem ignora que esta consoante pronunciada sôa—*bê*, assim como sôa *bi* na leitura grammatical do verso citado de Camões, o que seria bastante para alterar a sua justa medida.

Chegamos finalmente ao ultimo verso denominado—errado pelo meu interessante critico. E' o terceiro da seguinte quadra :

Humaytá era um rochedo
C'roado de mil canhões;
E tinha aos pés um torpêdo,
Que amedrontava as nações !

Agora ouçamos a heresia poetica, que a não

ser combatida, seria sufficiente para reformar todos os tratados de metrificação portugueza e estrangeira! A heresia é a seguinte:

« *Levado pelas asas da phantasia diz ainda o Dr. na mesma decima*;

E tinha aos pés um torpedo

Verso de nove pés.

Que amedrontava as nações.

O Dr. por certo que não se referiu as correntes que obstruiam o rio. »

O que quer dizer o Sr. critico com esta algaravia? Os leitores que procurem interpretal-o, pois eu do seu enunciado só pude comprehender que o verso tinha nove *pés*, na sua opinião, e que portanto era um verso errado!

Meçamol-o:

E-ti-nhaos-pés-um-tor-pe-do.

Eis ahi o verso medido com a elisão mais doce que é possivel fazer entre vogaes; onde, pois, os seus nove *infalliveis pés*, Sr. critico?!

Saiba, Sr. critico, que as elisões das vogaes só não podem ser feitas no verso, quando a vogal antecedente é muito fortemente accentuada, ou é parte de dithongo, e portanto não se pode al-

sorver como mui bem dizem os mestres nos seguintes exemplos :

De *só eu*—não podemos fazer *seu*.

De *vai uma*—não podemos fazer *vuma*.

Destas vogaes accentuadas ou mais ou menos duras, é que fazemos excepções nas regras de elisão.

Tenho terminado aqui a justificação metrica de todos os versos chamados errados pelo Sr. critico. Tenho conciencia de haver restabelecido a justa medida de todos elles sem excepção de um só.

Para revelarmos, finalmente, a ignorancia crassa do Sr. Bastamente em materia de verso, basta dizer que em toda a sua celebre critica os unicos versos que nos apresenta de sua lavra são errados! E não dizemos somente, passaremos a demonstrar a nossa asserção.

O Sr. critico em uma de suas pantominas, transformado em Pierrot e Arlequim ou Palhaço, abafa a gloria de um Polichinello atirando-me a chufa seguinte:

« *Que poeta que não foi*
D'Humaytá o cantor. (!)

E notem os leitores que quando escreveu elle

estes versos tinha diante de si aberto o livro das *Lyricas* de Palmeirim, e procurava imitar aquella linda poesia de *Luiz de Camões*, que principia assim :

« Que poeta que não era
Da linda Ignez o cantor ! »

O Sr. critico quiz comparar-me a Camões para escarnecer-me, entretanto tendo Palmeirim por modelo, nem ao menos soube imital-o ! Por mais que contasse os seus pés, debalde comprehendeu a medida do verso que procurou arremedar, pois os dous versos de Palmeirim são setti-syllabos, e segundo a regra o primeiro é grave e o segunde é agudo; ao passo que S. S. principia por um agudo contra todas as regras de harmonia metrica; e em acto continuado outro agudo lhe secunda, sem que seja uma parelha rimada ! !

Mas isto ainda não é tudo, o que admira é que o primeiro tem sette syllabas e o segundo seis, sendo ambos agudos ! ! !

Eil-os :

Que-po e-ta-que-não-foi
D'Hu-mai-tá-o-can-tor.

E' muita negação a versos ! Ora, se o Sr.

Bustamente tendo diante dos olhos aquelles dous versos de Palmeirim, para por elles modelar os seus, jamais pôde conseguir fazer o verso certo, isto é com a sua justa medida; o que succederá quando por ventura tentar produzir de seu proprio intellecto um verso qualquer com a sua medida de pés ? !

Ah ! nesse dia de festa (vou usar de suas proprias palavras)—*o*

Vieira em pomposo motte, depois de um dos seus useiros barrabos, accrescentaria :

«—*Deve ser elogiado*
—*Com mil rufos de tambor.* »

Assim completou a sua quadra o Sr. Bustamente sem saber que serveria para sua coroação de ignorante.

E é um ignorante desta ordem que se arvora em critico daquillo que não entende perante um publico mais ou menos illustrado !

Peço desculpa aos leitores se fui demasiado longo no exame metrico que agora termino; pois não pude ser mais breve em vista de tantos disparates que ahi ficam agora em relevo, e que o Sr. critico suppunha que jamais seriam descobertos pelos seus patricios, tão ignorantes os suppõe !

Do que fica exposto nestes quatro ultimos artigos se vê:

1.º Que nem um só dos versos censurados pelo Sr. Bustamente está errado, e pelo contrario fica demonstrado á evidencia, que todos estão certos.

2.º Que, aposar das varias hypotheses estabelecidas em favor do Sr. Bustamente, não ha regra alguma de Arte poetica ou de metrificação, em que possam ser fundadas as suas celebres proposições e censuras.

3.º Que chama elle *pés* as syllabas do verso portuguez, porque não tendo uso das licções dos mestres ainda usa da expressão vulgar dos ignorantes, que por falta de leitura hão de por força repettir aquillo só que ouvem dizer desde a infancia.

4.º Que chamou—*verso côxo, verso longo, de pés de mais, de pés de menos*, aos versos da Batalha de Humaytá, da mesma maneira que diria inconscientemente o contrario, se isso fosse necessario para agradar-me, e depprimir a reputação alheia.

5.º Que, finalmente, nenhum conceito lhe merece o publico, para quem escreveu, uma vez que procurou illudil-o, em vez de esclarecel-o, e guial-o pelo caminho da verdade e do ensino!

Estas conclusões são infalliveis, depois da lei

tura do que deixamos escripto, afora o que ainda temos de escrever.

Não conheço ninguem neste mundo tão corajoso, e nem tão indifferente ao juizo que delle o publico possa fazer, como o Sr. Bustamente!

E se os leitores o conhecem, não esperem vel-o corrigido, pois já não é a primeira vez que é desmascarado para ser posto a bom caminho! E pelo contrario hão de vel-o com a mesma fleuma apregoar-se de physico, chimico, grammatico, litterato e poeta! Sim, hão de vel-o com a mesma impassibilidade a persistir na ignorancia depois desta licção, que nenhum homem de lettras e de brios provocaria para ter o gosto de ser assim desmascarado nas praças publicas da propria terra natal!

Deus queira que eu me engane, e que esta licção lhe aproveite, reflectindo elle que é na terra natal que mais devemos elevar-nos para honral-a com o nosso merito, e não rebaixal-a com a nossa ignorancia.

Parahyba 2 de Maio de 1869.

— —

ARTIGO XIII.

Tendo terminado o nosso estudo analytico sobre metrificação, com referencia ás proposições absurdas e inconsequentes do Sr. Bustamente, continuaremos a tratar d'ora em diante de seus paradoxos com relação a sua critica litteraria e poetica.

Em todo e qualquer poema ou poesia épica tres cousas são indispensaveis em sua composição, a saber:—*o seu assumpto* ou *acção, os seus actores* ou *caracteres*, e *a sua narração*. E a narração, segundo os mestres de Eloquencia e

Poetica, desde os antigos como Aristotelis, Horacio e Quintiliano até Boileau e Marmontel, e destes até os modernos Blair, Soares Barbosa e Freire de Carvalho, não é outra cousa senão a exposição dos factos, assim como a descripção é a exposição dos caracteres e cousas que constituem o assumpto do poema.

Sendo, pois, a narração a exposição do facto verdadeiro ou verosimil, diz Marmontel—*todas as regras da narração são relativas as conveniencias e a intenção do poeta.*

Qualquer que seja o assumpto, o dever daquelle que narra, ou historia para satisfazer a attenção daquelles que ouvem ou leem, é instruir e persuadir : assim pois, as regras da narração são a clareza e a viva semelhança na exposição dos factos, cuja unidade é effectivamente um dos requisitos essenciaes.

Na relação dos acontecimentos heroicos os factos isolados e desconexos jamais farão impressão. Para que o assumpto empenhe toda a attenção dos leitores e ouvintes, é necessario que a acção principal seja acompanhada dos membros compostos de circunstancias miudas em rapidos traços; visto como taes circunstancias sendo dependentes umas das outras tornam a narração da acção principal mais sensivel e mais interessante.

Se o Sr. critico, antes de escrever para o publico sobre materia litteraria com relação a Batalha de Humaytá, procurasse por cautella estudar estas regras de Rhetorica e Poetica nas licções dos mestres, e depois exercitasse o seu espirito nos modelos que nos fornece a litteratura antiga e moderna, não estranharia a simplicidade da narrativa seguinte:

Lá no porto Elisiario
Tres couraçados estão
Aprestando o necessario,
E pondo tudo em acção.

Observando eu as regras de poetica acima prescriptas comecei a minha poesia narrando as circunstancias relativas ao tempo, ao logar e hora, em que a acção se ia passar, enumerando ao mesmo tempo os vasos de guerra brasileiros, a situação dos contendores, e finalmente a disposição em que elles se achavam para o combate; mas o Sr. Bustamente rio-se desdenhoso do meu trabalho, porque não acha nada disto cabivel na poesia, porque julga impossivel accommodarem-se tres navios encouraçados n'um porto, e por que finalmente, não se acha nessa narrativa, diz elle, —*congraçado o lyrismo de Skiler com o apaixonado de Gœthe; e o enthusiasmo de Byron com o melodioso de Lamartine!*

Deixemos estes seus disparates e ouçamol-o a respeito da quadra supra:

« *Que bella grinalda poetica.* »

« *Sublime! Sublimissimo! Quanta poesia junta! Um porto, tres encouraçados, logo tres com as suas amarras carvoeiras. Isto é que é ser poeta; é que é saber achar termos; é que é conhecer a propriedade da phrase poetica!* »

Depois desta disparatada analyse o Sr. critico toma folego, suppondo ter lavrado uma sentença de morte contra os meus pobres versos, e nisso—

Qual sabio de grande marca,
Poeta de pergaminhos,
Dá parte logo aos visinhos
Da sentença que exhibira!
Passa a mão nos colherinhos
Puxa, afaga e se remira,
Com ares de autoridade
Impondo-se a quem o ouvira!
E depois da necedade
Sorri, meneia-se um pouco,
Pobre zoilo, pobre louco!

Querer achar grinaldas poeticas, sublimidades de estylo em uma tão simples narrativa e descripção, qual a que fica exarada na quadra em questão como uma das circunstancias instructi-

vas da acção principal, é o mesmo que procurar na forma material e sensivel das artes plasticas os prazeres do espirito e da imaginação, essas fontes sublimes de luz e de reflexões estheticas!

Querer em um poemeto afinar sempre todos os sons, sublimar o estylo em toda e qualquer narrativa e descripção; querer ser a todo o proposito e a todo o desproposito onomatopico, fora mais que puerilidade, fora mais que vaidade insensata, fora mais que empenho de nescio ou de louco rematado, porque isso na expressão de um notavel escriptor seria bruteza decidida.

O sublime, Sr. critico, está no pensamento e não nas palavras. Nenhum autor, diz Quintiliano, pode ser sublime por um modo constante.

Não procure, Sr. critico, achar belleza na argilla que o esculptor vai amassando, preparando, e contornando para modelar a estatua!

Quando vir um pintor armado de palheta e pincel destacando distinctos objectos sobre o fundo escuro da tela, não procure achar sublimidades nesses traços destacados, embora tenham de formar mais tarde um quadro sublime de Rubens ou de Raphael.

Sim, esses traços mais ou menos coloridos, esses objectos destacados denotam simplesmente materia, corpo e forma; a alma, a vida, a idealidade, depende da combinação e do pensamento

principal, que enlaça tudo em um centro maravilhoso.

Pois assim é a narração poetica de uma acção ou empreza illustre. Tudo tem o seu tempo e logar; regra esta aconselhada e preferida sobre a materia pelo velho Horacio em um dos versos de sua epistola aos Pisões:—*Ordinis hæc virtus erit Venus, aut ego fallor.*

E não é só o velho Horacio que aconselha esta regra, Cicero tambem a ensina no seguinte trecho :—*La narration serai claire, si les faits y son á leur place et dans leur ordre naturel.*

E assim tambem pensa Castilho tratando do genero descriptivo na poesia. Eis um de seus bellos trechos :—« Retalhai um quadro de Raphael nas innumeraveis partes de que o seu genio o compoz, terois na verdade lindas mãos, formosos olhos e boccas, admiraveis panejamentos, viçosos ramos, tudo ; e esse tudo será nada . porque faltará ahi o concerto, o enthusiasmo que posera tão diversas cousas em relação maravilhosa, não já com os olhos, senão com o espirito de cada espectador. Entretanto, assim como sem essas partes não ha quadro, tambem sem descripção não ha poema; pelo menos ainda não o vimos, e nem lhe imaginamos a possibidade. »

Se isto é assim, como poderia o Sr. critico

achar sublimidade na descripção de—*um porto, tres encouraçados com as suas amarras carvoeiras*, segundo o seu *espirituoso* dito ? !

A unidade é uma das qualidades de um poema qualquer. E por isso observa Aristotelis—Não basta para o desempenho desta regra que o poeta se limite ao circulo das acções de um só homem, ou das acções por elle praticadas durante um tempo marcado; é necessario que a *unidade* appareça igualmente no assumpto, e que elle seja o resultado da intima ligação das partes que formam um só todo.

A unidade do poema Epico. observa Freire de Carvalho, nunca deve ser entendida em um sentido tão rigoroso que exclua os episodios ou as acções subordinadas:—Tem o nome de episodios certas acções ou certos incidentes introduzidos em a narração e ligados com a acção principal. Estes e semelhantes episodios, continùa o mestre são não só permittidos ao poeta epico, mais ao mesmo tempo adornam muito os poemas.

E para isto sabe o Sr. critico quaes as regras que devemos observar ? São as seguintes :—1ª. Que os episodios sejam introduzidos naturalmente e que tenham a devida connexão com a acção capital :—2ª. Que apresentem a vista objectos diversos dos que antecedem, e dos que se seguem na marcha do poema; pois são nelles introduzi-

dos para dar algum descanço ao leitor, mudando-lhe a scena.

Já vê, pois, o Sr. critico, que escrevendo eu senão uma epopéa, ao menos uma poesia epica, senão um poema de grande desenvolvimento, ao menos um poemeto, visto como fiz—*a narração poetica de uma acção ou empreza illustre*, o que constitue o assumpto de todo o poema, segundo as difinições dos mestres de Rhetorica e Poetica, não podia deixar de observar as regras que ahi ficam exaradas, e que S. S. combate com absurdos por ignorancia.

E não pensem os leitores que o Sr. critico sobre qualquer controversia diz um disparate só, não! Elle vai por diante, piscando o olho, encrespando a sobrancelha, mordendo o beiço e com um gesto zombeteiro e *pantufo* lavrando sentenças a direita e a esquerda sem respeitar a ninguem—

Como um goiato na rua,
Que a cidade tem por sua,
Jogando pedra as vidraças
Entre lérias e chalaças!

Eis uma dellas, que elle me atira por amenidade.

« *Na segunda dacima veremos que nem Ho-*

mero descrevendo a armada grega, nem Virgilio a troiana seriam capazes de produzir versos tão sublimes como estes: »

No Lima Barros, Silvado,
Brasil, Colombo, e Cabral.

Todos veem a razão porque elle mutila assim os versos e os destaca! Para produzir o effeito desejado elle até os falsifica, como adiante mostraremos.

E sem tomar folego o espirituoso Sr. critico em acto continuado engendra novas chalaças.

Ouçamol as:

« *Muito perdeu Nelson e ultimamente Farragut em o Dr. não ter sido Inglez ou Americano do norte, porque estariam no Parthenon da gloria e seus nomes em verso pomposo figurariam na exposição universal de Pariz.* »

Ouçamol-o ainda acerca do resto da estrophe:

Não faltava cousa alguma
Quando o Barão de Inhaúma
Disse ao Delfim—marchai!
E o moço marcha adiante
Altivo como um gigante
Nas aguas do Paraguay.

« *Nós que temos lido um pouco, apenas nos*

lembramos de ter encontrado marchando sobre as aguas a Christo e S. Pedro, e este mesmo quase que se afoga por falta de pé. » (Por falta de fé não duvido).

« *O Dr. julgou que o maior elogio que podia fazer a S. Exc. o Sr. Barão de Inhaúma era igualhal-o a Christo.* »

Quanta palhaçaria por ahi não vai!

Quem já viu um destempero semelhante e uma ignorancia tão crassa?!

A' vista destas amenidades os leitores desculpem-me por ter ido a reciprocar, sahindo do meu serio. Eu não pude resistir a tentação de paraphrasear aquelles versiculos do Sr. Cacaes, para esboçar por minha vez um dos typos da typographia humana! E ainda assim estou bem longe da pintura que um meu amigo fez em um poemeto, que a seu tempo será publicado, depois de algumas modificações.

Voltemos ao exame de sua analyse.

O Sr. critico com aquella finura tôla ou tolice fina, que tanto o destingue, não quer que na poesia haja narração de factos, e a enumeração de cousas com os seus proprios nomes, mas ao mesmo tempo desconhece o valor dos ornatos oratorios e das figuras grammaticaes, porque na primeira parte da estrophe em questão toma os casos de guerra mencionados pelos heroes que

lhes deram os nomes, e na sextina final entendeu que o chefe da esquadrilha Delfim de Carvalho para cumprir a ordem do vice-almirante devia abandonar os companheiros, descer as escadas do seu navio chefe, e marchar sobre as aguas como Jesus Christo e S. Pedro ! Pela sua celebre hermeneutica os commandantes dos Corpos do exercito logo que ouvissem a *vóz de marcha* partir do general deveriam apear-se dos cavallos para combaterem a pé o inimigo ! Quem não comprehende uma metonymia tão simples, tão natural e tão usada até mesmo por quem não sabe ler ! Entretanto o Sr. critico que ignora tanta cousa tem o arrojo de nos citar Homero, Virgilio, Schiller, Gœthe e outros genios, dos quaes ouve fallar por tradicção !

Quem cita tão notaveis escriptores tem obrigação de saber que a metonymia é um tropo, por meio do qual usamos de um nome por outro, tomando muitas vezes o continente pelo conteúdo e vice-versa. E foi por meio deste tropo que eu disse—*o Delfim marcha nas aguas do rio Paraguay*, em vez do navio que o conduz, tomando assim o contido pelo continente.

Se o Sr. critico em vez de maltratar as pessoas que estudam, procurasse antes imital-as, cultivando as licções dos mestres da lingua, havia de encontrar a cada passo exemplos semelhantes, v. g.

« Cortava o mar a gente bellicosa
Já lá da banda do Austro e do Oriente. »

Isto escreveu Camões em vez de—*a frota da gente bellicosa cortava o mar.*

Quando o grande epico portuguez escreveu estes dous versos bem longe estava de sonhar que na posteridade, e no seculo XIX principalmente, havia de nascer um critico tão ignorante, que asseverasse em lettra redonda ao publico que *a gente bellicosa*, alludida em seu poema, *cortara as aguas do mar—calcante pede—como Jesus Christo e S. Pedro* !

Se fizermos a applicação da censura supra aos versos de Camões esta será a consequencia infallivel. A heresia é sempre a mesma.

O que diria o Sr. critico ao traduzir aquella phrase do poeta latino—*Jam proximus ardet Ucalegon ?*

Sem duvida exclamaria que—*Já proximo ardia Ucalegon*, levantando um falso ao poeta que teve em mente dizer, que já proximo ardia não o proprio Ucalegon, e sim o palacio de Ucalegon.

Muitos outros exemplos de metonymia podera citar para convencer ao Sr. critico que os bons modelos justificam a correcção da minha phrase e o bom emprego que della fiz na sextina supra ; mas não quero massar o publico que nenhuma

culpa tem dos erros e da crassa ignorancia do Sr. critico.

Quem ignora tudo isto não é muito que chame indecorosa a phrase portugueza *levantar ferro*, de que usei em um de meus versos, sendo aliás uma expressão nautica, e correcta.

A palavra ferro nesta phrase é empregada no sentido figurado para exprimir ancora. E ancora, dizem os lexicographos, é uma hastea de ferro com uma argola no topo e terminada por uma travessa com pontas curvas e triangulares reviradas para cima, para segurar embarcações fazendo preza no fundo d'agua do mar, do rio, ou do lagôa ou nas suas margens. *Lançar ferro* é uma phrase classica na lingua portugueza, que significa deitar a ancora n'agua para que se enterre ella no fundo do mar ou do rio.

Estar sobre ferro significa estar ancorado, fundeado o navio.

Levar, alar, ou *levantar ferro* significa recolher a ancora para navegar, ou surdir avante.

Quem ignora estas phrases não é muito que ignore tambem a phrase adverbial—*ao pé*, que significa *junto proximo*, como os leitores verão da seguinte analyse do Sr. critico.

« *Apreciemos mais uma descoberta do Dr. quase igual a da polvora, encouraçados com pés* ! *E' o que se deduz dos seguintes versos.* »

Estes tres encouraçados
Levam a borda atracados
Tres monitores ao pé.

Isto transcreve-se, mas não se commenta, porque na phrase de Castilho é bruteza decidida. A um critico desta ordem devemos applicar sempre aquelles versiculos do insigne escriptor espanhol D. Leandro de Moratin:—

Tua critica majadeira.
De los versos que escrebi,
Pedancio pouco me altera;
Mas pesadumbre tuviera
Se te gustaram a ti.

Parahyba 4 de Maio de 1869.

———

ARTIGO XIV.

Tratando eu da constancia do chefe Delfim de Carvalho na continuação dos seus heroicos trabalhos de guerra, assim como do valor e heroismo dos seus commandados, ao partirem para a nova e perigosa empresa de forçar os paços da fortaleza de Humaytá, assim me exprimo na sextina seguinte :

Perseverança e trabalho
Guiam Delfim de Carvalho,
O Chefe da divisão ,

E todos seus commandados
Juram morrer abraçados
Do Brazil ao pavilhão.

O Sr. critico ignorando a significação do substantivo perseverança acha-o mal empregado e diz o seguinte :

« *A desciplina, o valor, o desejo de gloria, o patriotismo e a heroicidade não foram os moveis do chefe Delfim na memoravel passagem, foram perseverança e trabalho. Diga-nos Doutor, o chefe Delfim tentou passagem alguma antes da de Fevereiro? Não, será a resposta. Logo o substantivo perseverança aqui empregado é 'ballela,' elle não serve para cousa alguma, por que a sua significação está deturpada.* »

Deturpada sem duvida está a significação que S. S. lhe dá.

Em primeiro logar lhe direi, que Delfim assim como os seus companheiros da armada não só tentaram muitas passagens pelas fortalezas inimigas, como até as realizaram. As brilhantes jornadas de Cuevas, Mercedes, Curupaity, Curusú, e outras, não poderão jamais ser esquecidas por Brasileiro algum a excepção de S. S.

Delfim de Carvalho achava-se nessa lucta renhida, ha muito tempo, e nella perseverava ou preseguia, quando commandou a terceira divisão da

esquadra imperial com direcção a Humaytá, portanto a palavra perseverança está empregada em sua verdadeira significação.

A sua ignorancia, Sr. critico, ha muito está provada sellada e reconhecida; o que admira somente é a sua audacia arvorando-se em preceptor.

Constancio, Moraes, Farias, Lacerda, e finalmente todos os Lexicographos da lingua portugueza nos ensinam que—perseverança—significa *constancia aturada, persistencia em continuar a empreza começada atravez dos maiores perigos e até mesmo do infortunio.*

E foi justamente esta virtude que conduzio Delfim de Carvalho e os seus commandados á victoria. *Perseverantia Nautarum*, como diziam os romanos.

O successo das grandes emprezas, diz o Conselheiro Bastos, nasce a mais das vezes da perseverança. E nos militares principalmente por mais apreciaveis que sejam as outras virtudes perdem de seu valor, quando não as acompanha a perseverança. Já vê, pois, o Sr. critico que a significação desta palavra não foi por him deturpada.

Leia o tomo primeiro do—*Ensaio sobre synonimos da Lingua portugueza* por D. Fr. Francisco de S. Luiz á pagina 92 da nova edicção; e se for susceptivel do pudor que deve ter o escrip-

tor publico, ficará por certo corrido de vergonha por ter dado o espectaculo de querer emendar aquillo que é correcto.

Esta obra, proposta pela Academia Real das sciencias de Lisbôa para promover o adiantamento da litteratura e da lingua portugueza, e reimpressa pela sociedade de instrucção elementar do Rio de Janeiro para servir á analyse ideologica e grammatical da lingua nacional como o mais util e mais importante trabalho deste genero, diz a respeito dos synonimos—*Continuar, proseguir, perseverar, persistir*, o seguinte :

« *Continuar* é ir fazendo o que se começou a fazer, não interromper a obra ou o trabalho; não o descontinuar. »

« *Proseguir* é propriamente seguir avante ; ir sempre andando apóz. »

« *Perseverar é proseguir* não só com determinado proposito ; mas até sem querer mudar ; ou antes com animo de não mudar. »

« *Persistir é proseguir* com constancia, com apego, com afinco e talvez com obstinação. »

Reflectam os leitores sobre esta sabia licção de Fr. Francisco de S. Luiz, para que bem possam avaliar da accusação sobre o emprego da palavra—*perseverança*

Já vê o Sr. critico que *perseverar*, como qualquer um de seus synonimos é sempre proseguir.

E o militar persevera no proseguimento de suas fadigas e sacrificios, como o litigante no proseguimento da causa que ententou; como o homem probo no caminho da virtude; como o artista na obra que começou. E' no decurso da vida de soffrimentos que a perseverança, esta virtude heroica, vem reanimar os espiritos no meio das fadigas e das emprezas mais laboriosas para fortificar a constancia na lucta com a adversidade. *Qui perseveraverit usque ad finem, hic salvus erit, diz o Evangelho.*

E' pois a perseverança a salutar egide que ajuda o homem a realisar os designios mais espinhosos, e a vencer as emprezas mais temerarias. Newton jamais descobriria as maravilhosas leis da attracção no systema do Universo, se não perseverasse no proseguimento de seus estudos physicos e mathematicos. Perseverança e trabalho foram as causas das maravilhosas descobertas de Buffon e Humboldt nos tres reinos da natureza. Raphael e Rubens, antes de avultarem entre as maravilhas da arte da pintura, perseveraram tanto quanto mais tarde Pergolese e Rossini, para que podessem encher o mundo de encantos e harmonias.

Ora, se a perseverança é necessaria em todas as profissões ou estados da vida social, quanto mais em relação ao militar que ama sinceramente o

seu paiz, que lhe consagra seus dias de vida, os seus sacrificios penosos e quase sempre inevitaveis, attentos os laços de familia e de amisade.

A perseverança era a virtude por excellencia entre os Romanos, e consistia em supportar os trabalhos, e affrontar os perigos da mesma maneira que os estoicos affrontavam a dor, como disse Cicero:—*Perseverantia omnis in dolore, aut in labore, aut in periculo spectatur.*

Os heroes lusitanos, que avassalaram os mares e levantaram triumphantes as quinas portuguezas nos muros de Góa, Diu, e Malaca, não são menos famosos pela *perseverança* com que supportaram trabalhos inauditos e desgostos profundos com que a ingrata patria os amargurava, que pelo denodo e força de animo com que se arrojaram no meio de tantos perigos O mesmo dizemos nós a respeito dos nossos bravos marinheiros, que por sua perseverança forçaram os paços de Humaytá depois de tantas trabalhos e desgostos, sem com tudo se deslisarem do caminho da honra, do brio e da lealdade brasileira.

E o que seriam o valor, a coragem e o patriotismo sem a perseverança? Esta virtude, Sr. critico, se acrisola tanto mais quanto mais numerosos e difficeis são os obstaculos que a combatem, porque ella é a firmesa do animo nas boas resoluções, apezar dos trabalhos e desgra-

ças que possam sobrevir; é por assim dizer o heroismo em acção prolongada!

A perseverança habituando o soldado a partilhar, quer no remanso da paz, quer no estrepito das armas, todas as eventualidades e sacrificios não pode deixar de corroborar e caracterisar o *verdadeiro patriotismo, a coragem, o valor, e sangue frio*, cujos predicados ornam os officiaes da nossa armada. Como, pois, o Sr. critico tem o arrojo de dizer que a—*perseverança* com relação ao chefe Delfim de Carvalho é ballela, e não exprime cousa alguma?!

Não ha virtude, por certo, que mais exprima o espirito heroico, magnanimo e firme do que a *perseverança*, tanto é assim que Aristotelis compara esta virtude ás formigas, que, levando o sustento para os seus celeiros, vão todas enfiadas, e nunca se afastam do caminho, que uma vez tomaram, perseverando sempre na mesma ordem e fadiga!

Plinio a compara a Aguia, que é a unica ave que vôa contra os ventos, e nunca estes lhe podem reprimir a força do seu constante vôo. E muitos são os poetas que a assemelham á *pirausta*, animal que no fogo nasce, no fogo vive, e no fogo morre!

Sophocles no Philoctetes óra a compara á Lúa

que ainda eclipsada prosegue constante no seu acostumado curso, ora a compara ao diamante que nem agua o abranda, nem o fogo o consome, nem o ferro o lavra, nem os golpes do martello o quebram, mostrando sempre uma durissima constancia !

Lucano e Ovidio a comparam á palmeira que persiste em sua verdura, e tanto mais se eleva e excede a altura das outras arvores, quanto mais os seus ramos a pretendem opprimir ! E nunca se dobra ao peso dos annos, porque a neve do inverno não a cresta, não a secca o ardor do estio, não a arranca o vento, e nem a consome o tempo !

Cicero a compara ás embarcações de remos, que perseveram em navegar com mares contrarios não alterando a sua derrota !

Alciato, finalmente, a compara á agulha nautica que não obstante as turbulencias do mar persiste apontando para o Polo !

Ora, se todos os escriptores antigos e modernos consideram a *perseverança* como o symbolo da constancia, da firmesa, e do heroismo no proseguimento das mais elevadas e nobres acções, como ousa o Sr. critico negar esta sublime virtude aos nossos bravos marinheiros ?

Saiba, pois, Sr. critico, que a perseverança só não tem valia para os homens indolentes e igno-

rantes, que em vez de sentirem o fogo de uma ambição nobre e elevada, o fluxo generoso do enthusiasmo, o valor que sustenta a honra, a dignidade e o patriotismo, dormem pelo contrario o pesado somno da indifferença, e vivem sem aspirações, maldizendo áquelles que o sobrepujam, e vegetando habituados ao jugo estupido da —*Fatalidade !*

Não faça, pois, esta injustiça aos heróes que forçaram os paços de Humaytá, que perseveraram e venceram a exemplo de Vauban, de Condé e Turenne, os grandes transumptos na arte da guerra, cujos typos deixaram padrões indeleveis de grande *perseverança* e trabalho. *Omnia labor vincet.*

Avista destas considerações veem os leitores que eu não podia achar outro termo mais proprio para exprimir não só os trabalhos do chefe Delfim, como tambem a sua constancia e o seu proseguimento na *disciplina, no valor, no desejo de gloria, no patriotismo e na herocidade*, cujos predicados o Sr. critico achou incompativeis com a *perseverança e trabalho* naquella solemna occasião da batalha de Humaytá.

Passemos adiante :

Se o Sr. critico ignora a verdadeira e legitima significação litteraria dos termos e seus synonimos, como fica demonstrado, não admira que não

comprehendesse tambem as expressões figuradas que encontrou no meu trabalho, v. g: *Trombetas soam no ar!* Entretanto é uma phrase, na qual se nota uma bella metonymia, usada pelos escriptores de bôa nota, embora S. S. metta a rediculo a expressão!

D'ora em diante não faça mais isto. Sr. critico, estude para não continuar a ser objecto de risotas.

Eu vou explicar-lhe a phrase.

Consistindo a metonymia no uso de um nome por outro com relação a objectos e cousas intimamente connexas, successivas e coexistentes como, por exemplo, a causa pelo effeito e vice-versa, estamos autorisados a dizer—as trombetas soam no ar, em vez do som das trombetas. Quer um exemplo?

Eu lhe darei mais de um para que, S. S. fique sabendo o que ignora.

Abra o immortal poema dos Lusiadas, e leia a estancia 76 do canto VII, que verá o seguinte:

A trombeta, que em paz, no pensamento
Imagem faz da guerra, rompe os ares:
Co'o fogo o diabolico instrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.

Eis ahi temos a metonymia logo nos dous pri-

meiros versos:—a trombeta rompendo os ares, o que não é possivel, mas sim o son, que é o effeito produzido pela trombeta.

Nos dous versos ultimos temos de novo a metonymia, porque o grande epico portuguez diz—o diabolico instrumento se faz ouvir. Entretanto comprehende-se que o som do instrumento é justamente o que se faz ouvir, e não o proprio instrumento.

Isto é o mesmo que dizer:

—Cantando espalharei por toda a parte
As armas e os varões assignalados.

Ninguem por certo dirá, que Camões cantando espalhou por toda a parte as armas e os varões, mas sim que, por meio dos seus cantos, espalhou por toda a parte a fama das armas e dos varões assignalados.

Vou terminar a explicação citando-lhe versos de um dos melhores poetas brasileiros. Na bellissima ode do nosso illustre compatriota Domingos José Gonçalves de Magalhães, intitulada—Napoleão em Waterloo, lê-se os dous versos seguintes:

Que importa, que Grouchy, surdo ás trombetas,
Surdo aos trovões de guerra, que bradavam....

Eis ahi duas bellas metonymias empregadas nessa poesia, que incontestavelmente é uma das melhores do cantor de Tasso, e tanto é assim,

que Fr: Miguel do Sacramento Lopes Gama no 2.º tomo de suas—*Licções de eloquencia nacional* no-la apresenta, como modelo de estylo sublime.

No primeiro verso lemos—Grouchy surdo ás trombetas, em vez de surdo ao som das trombetas. No segundo verso lê se— surdo aos trovões em vez de surdo ao estampido dos trovões.

Eu vou procedendo assim com paciencia, Sr. Bustamente, mostrando-lhe o bom caminho, e entretanto S. S. no seu ingrato trabalho, com as suas palhaçarias e intolerancia me fez responsavel até pela suppressão de um—c na palavra tacteando, quando a culpa é somente dos typographos !

O que é notavel é que S. S. no mesmo periodo, em que censura este erro propriamente typographico, commette o mesmo erro supprimindo um—c—na palavra diccionario pois escreveu *dicionario*. E o que é mais notavel ainda é que no proprio enunciado da censura S. S. escreveu *encorrem* em vez de incorrem ! ! !

E' muita leveza de espirito !

Se o Sr. Bustamente pretendia passar por um grande lexicógrapho entre os seus patricios, denunciando um erro typographico que encontrou em toda a poesia—Batalha de Humaytá, então não devia escrever em seus celebres artigos—*es-*

calpelo em vez de escalpello; *sobre mesa* em vez de sobre a meza; Goucher em vez de Roucher; *Porthenon* em vez de Parthenon; *pactelico* em vez de pathetico; *dico* em vez de dice; *discreptivo* e *descretivo* em vez de descriptivo; *cancas paraguayas* em vez de não sei o que; *senedoche* em vez de synedoche; *Skiler* em vez de Schiller; *Welther* e *Wether* em vez do Werther; *seguessè* em vez de segue-se; *Phylosophia* em vez de Philosophia; *omonotopico* em vez de onomatopico; *fasem* em vez de fazem; *indiscapavel* em vez de indesculpavel; *iremos* em vez de dizemos *eteruo* em vez de eterno; *ceusa* em vez de cousa; *pé* em vez de fé: *pinta* em vez de tinta; *aglomeração* em vez de agglomeração: *ligna* em vez de lingua; *catarata* em vez de cataracta; *aforciore* em vez de a fortiori, pois a expressão é latina assim como é transcat, que S. S. escreveu tranzeat; *produsire* e *redusir* em vez de produzir, e reduzir, pois a etymologia ensina a escrever taes verbos com — *z*, assim como todos os dirivados do verbo latino *duco, is*, etc. etc.

Suspendo aqui para tomar folego e dizer ao Sr. Bustamente que muitos erros orthographicos e barbarismos se encontram em sua fatal critica, alem destes, de que agora me recordo.

E creio que outro qualquer homem que tivesse pundonor não se abalançaria a notar em escripto

alheio um unico erro typographico commettendo na mesma occasião e na propria critica todos estes que ahi ficam notados, accrescendo que nem todos são typographicos !

Isto não revela só falta de bom senso, revela tambem mau caracter, porque o bom senso, segundo affirma o sabio Vouvenargues, é uma qualidade que nasce mais do caracter do que do espirito.

A' vista do exposto veem os leitores que o Sr. critico foi desmascarado ainda neste ponto, porque não observou aquella sabia e prudente maxima de Duclos, que diz :—*Uma das primeiras virtudes sociaes é tolerar nos outros aquillo que existe em si mesmo.*

Erros typographicos, Sr. critico, não desdouram e nem deslustram a ninguem : pois os melhores e mais correctos escriptores a elles estão sujeitos. Eu mesmo que tenho posto em relevo a sua crassa ignorancia litteraria; não o responsabilisso pelos erros que ahi deixo notados. Nestes meus artigos muitos tem sahido contra a minha vontade, apezar mesmo de ter emendado alguns na ultima prova, e até mesmo sobre o prelo na ultima hora ! Só quem nunca escreveu para o publico ignora estas cousas que não são estranhas até mesmo áquelle que mandou alguma vez annuncios para o jornal.

Assim pois aceite esta errata que lhe faço como uma retribuição apenas da cortezia e delicadeza que teve para commigo, tornando-me responsavel pela culpa dos typographos! E tenho consciencia de ter sido generoso na retribuição; pois para resgatar o meu pobre—*c*—naquelle verbo *táctear* entrego-lhe vinte e tantas cauções de erros seus, cambiados agora na praça dos Lexicographos. E dizem os cambistas que muitas outras cauções existem, caso seja necessario resgatar mais algum erro typographico no futuro.

Feito assim com tanta pontualidade este pagamento, não resta duvida que ficou augmentado o nosso credito na praça.

Deixemos agora o desvio, a que fomos arrastados por este importuno incidente, e voltemos ao caminho real para continuarmos a nossa marcha.

Parahyba 8 de Maio de 1869.

ARTIGO XV.

Trataremos hoje das descobertas amphibologicas feitas pelo Sr. critico—na Batalha de Humaytá. Elle começa assim;

« *Principiemos pela terceira parte da poesia, que é a maravilha do mundo, porque a oitava é o rediculo redactor do Publicador. A primeira decima da terceira parte não tem cousa alguma que se possa aproveitar, quer politica, quer grammaticalmente. Vamos por partes e o leitor avalie.* »

—Como avulta a magestade
Do auriverde pavilhão,
Que vai plantar liberdade
Na terra da escravidão!

« *Quem é que vai—plantar liberdade na terra da escravidão.* » (Esqueceu-se do ponto de interrogação).

« *E' a magestade que avulta ou o auriverde pavilhão ?* »

Eis a luminosa critica do meu censor! Quanta ignorancia e tolice por ahi não vai! Mas de tudo o peior foi o falso que me levantou na quadra supra, que por cautella já fica corrigida. Era nada menos que o augmento de uma syllaba no terceiro verso, o qual elle transcreveu fazendo preceder a palavra liberdade de um artigo! Se foi somente a ignorancia que conduzio o Sr. critico á falsificação eu lhe perdôo; mas se entrou n'isso tambem a calumnia perdeu o seu tempo, e basta o martyrio de Sosypho que o persegue, para que eu nada mais lhe deseje.

Deixando este incidente apreciemos agora a critica acima transcripta.

Não vejo na *Batalha de Humaytá* cousa alguma que motivasse aquella mordidella á furto no redactor do «Publicador!» Desconhecido e

ingrato é o Sr. critico, que assim morde a mão que procurou desvial-o do trilho erradio das *Fatalidades* tão cheio de atoleiros e *camaleões*, para apontar-lhe o verdadeiro caminho das lettras, apezar de sua invencivel negação!

Todos sabem que aquelle redactor tem constantemente procurado pôr á bom caminho o Sr. critico, em cuja tarepha tambem agora me acho empenhado.

Ensinar os ignorantes, e castigar os que erram—são duas obras de misericordia, e não peccados. Culpado não foi elle certamente de seu emperro e cegueira! E pelo contrario estamos convencidos que se por ventura S. S. tivesse tomado em tempo os seus prudentes conselhos como um generoso aviso, não teria cahido no profundo pôço de ignorancia em que agora se acha quasi asphixiado por submersão.

Ditas estas palavras, mais por um sentimento de justiça do que por defesa ao redactor do «Publicador», que não me encommendou o sermão, passarei agora a demonstrar os erros de apreciação do Sr. Critico, quanto as amphibologias que descobriu na minha poesia.

Principiemos:

Quem vai plantar liberdade na terra da escravidão, Sr. critico, é o pavilhão auriverde, cuja magestade avulta. E' isto o que se lê na-

quella quadra, cujo conteúdo S. S. diz ingenuamente que ignora.

Nenhum homem de lettras ignora que o pronome relativo *que*, que ata aquellas duas orações, significa—*o qual* referindo-se *a pavilhão*, que é o substantivo visinho e determinado que lhe antecede. E nem outra pode ser a interpretação, visto como a palavra *magestade* significa apenas a *elevação e sublimidade* do pavilhão brasileiro ; e portanto essa *magestade* que é um titulo, uma circunstancia, ou um predicado associado *ao pavilhão*, não exprime por si acção de natureza alguma ; ao passo que o pavilhão na accepção em que deve ser tomado exprime acção independentemente do seu predicado ; porque figuradamente o pavilhão, a bandeira, ou o estandarte, symbolisa o exercito tomando-se o signal pela cousa significada. E este exercito symbolisa por sua vez a propria nação brasileira, que afinal é *quem vae plantar liberdade no Paraguay, a terra da escravidão*.

Sobre este ponto eu não poderei dizer melhor, que o communicante deste jornal que primeiro refutou a critica do Sr. Bustamente; eu não quero roubar-lhe a gloria, e deixo que elle falle :

« Em primeiro lugar estabeleçamos o verdadeiro sentido da palavra—decima—que o critico não hesita em confundir a cada passo com as

quadras: Decima é exclusivamente uma poesia composta de dez versos. »

« Em segundo lugar não sei qual seja o valor politico, que o anonymo quereria achar nessa quadra. Que pensamento d'essa ordem pode exprimir qualquer das partes de um trecho lyrico, dictado simplesmente pela inspiração patriotica, no qual o poéta solemnisa um feito brilhante das armas de sua patria? Quando se accusa é preciso pôr um cuidado extremo no emprego das palavras. Quem se arrisca nessa posição renuncia a toda benevolencia, que elle é o primeiro a recusar. »

« Quanto ao valor grammatical, o critico descobre na quadra uma grave amphibologia que obscurece inteiramente o sentido della, e a torna um cahos. »

« Ora, nós contestamos precisamente que na quadra, de que se trata haja uma amphibologia no sentido stricto da palavra. »

« Amphibologia é a *possibilidade de dous sentidos n'uma mesma phrase*.—Esta difinição é exacta. Quando dos dous sentidos que se podem attribuir á uma phrase, um é possivel, mas o outro não, a amphibologia não existe. Entre uma idéa rasoavel, e um absurdo o espirito desprevinido não hesita. Para esclarecer a applicação da difinição resolvamos a quadra nas propo-

sições, que ella envolve. Temos as duas proposições: »

« *Como a magestade do auriverde pavilhão, que vai plantar a liberdade na terra da escravidão, avulta.* Quaes são aqui os dous sentidos possiveis? De um lado—*a magestade do pavilhão auriverde*—do outro—*o pavilhão auriverde.* »

« A amphibologia consiste, na opinião do critico, em não se saber qual dessas duas cousas vai plantar a liberdade na terra da escravidão. »

« Concebe-se muito bem que o poeta por uma methonymia aliás summamente expressiva tenha querido personificar no pavilhão auri-verde o conjuncto dos guerreiros que combatem á sombra delle. Mas pode-se transportar sem absurdo esse mesmo sentido para a magestade do pavilhão? Pode-se suppor seriamente que o poeta tenha querido dizer que é a « *magestade do pavilhão,* » isto é a um simples attributo, que não existe fora da substancia, que elle modifica? quem vai plantar a liberdade em alguma parte? »

« O que é em si a magestade do pavilhão? O que é a bellesa, a justiça, a magestade de uma cousa independentemente da cousa mesma? O pavilhão é um ser real, um individuo, e a idéa de associar as conquistas e os triumphos de um povo á essa devisa solemne de sua nacionalida-

de, a parte os effeitos imprevistos, que della pode tirar a imaginação do poeta, é commum, entra na linguagem ordinaria. Assim diz-se: as victorias do pavilhão... francez, por exemplo, pelas victorias do exercito francez &c. &c. »

« Aqui não ha pois amphibologia, porque um dos dous sentidos é possivel, o outro não. »

« Pode o anonymo agarrar-se á uma vã sublilesa grammatical, e teimar em attribuir um absurdo ao pensamento do poeta: mas isso não é culpa deste, e nem se chama amphibologia. »

« E' um phenomeno, que vem do anonymo, e tem outro nome. que não é grego. »

« A arte de escrever não se lembra desses leitores, dominados pela *raiva de não entender*. »

« Em verdadeira amphibologia cahe o anonymo, que pratica com muito pouco escrupulo esses preceitos, que aliás professa tão *sabiamente*, e applica com tanto rigôr. Eu vou mostrar-lhe não só um, porem dous desses defeitos que pela gravidade, com que os considera, devião inspirar-lhe horror. »

« Um pouco acima do olho, em que o anonymo surprehende com delicia o argueiro escandaloso, eu leio esta phrase « *principiemos pela* « *terceira parte da poesia que é a maravilha* « *do mundo* » Estou certo que já me advinhou.

« Qual das duas cousas é a *maravilha do*

mundo ? A terceira parte da poesia (a magestade do pavilhão auriverde) ou a poesia mesmo (o pavilhão auriverde) ? »

« Applicando a difinição do vicio á esta construcção, como applicamos a outra vê-se que é aqui que ha verdadeira amphibologia, porque a mesma phrase encerra dous sentidos possiveis. Pode ser que *a terceira parte* de uma poesia, insipida em todas as outras partes seja a *maravilha do mundo*, e pode ser que o seja a poesia mesma. »

« Mais abaixo diz o anonymo : *reforma na orthographia da lingua, que já está um pouco barbara*. Advinhou-me o pensamento outra vez. Qual das duas cousas está *um pouca barbara* ? *A orthographia da lingua* (a magestade do pavilhão auriverde) ou a *lingua* (o pavilhão auriverde) ? Uma applicação analoga da definição demonstra que tambem aqui ha uma verdadeira amphibologia. Pode ser que seja a *orthographia da lingua*, que está barbara, e pode ser que seja a *lingua* mesma. »

« E' excusado fazer sentir ao anonymo a gravidade desse vicio de estylo—: porque *se estudou sabe, e se não sabe aprenda que amphibologia é um dos oito vicios contra a claresa, que a ambiguidade é um defeito grammatical, portanto deve concordar com o erro de palma*

toria que deu nas composições acima, erro reprovado pelos rhetoricos desde Quintiliano até o capadinho do padre Honorato. »

Vejamos agora outra descoberta amphibologica feita pelo Sr. critico nos versos seguintes :

Em quanto aquelles escravos
Batalham com homens bravos
Sem esperanças de luz.

A critica reza assim :—«*Esperanças Dr. é plural. A quem se refere o substantivo esperança? á homens bravos ou aquelles escravos?*»

Apreciemos esta algaravia.

O Sr. critico entende que o substantivo *esperança* não pode formar plural (primeiro dislate) e em acto continuado julga relativo o mesmo substantivo, porque se refere a alguem (segundo dislate).

Saiba, Sr. critico, que—*Sem esperanças de luz* é uma circunstancia de modo, porque batalham aquelles escravos, e essa circunstancia qualifica assim o seu improficuo trabalho. Esse complemento pois é accrescentado para esclarecer tão somente a triste posição dos soldados paraguayos, que são os unicos que precisam de luz, por viverem nas trevas da escravidão.

Ouça ainda desta vez o que diz o illustre com-

municante, e se não for emperrado creio que ha-de ficar satisfeito com a sua licção. Eil-a:

« Uma justa interpretação do termo—*luz*—dessipa a amphibologia, que o anonymo suppõe encontrar no complemento—*sem esperanças de luz*—»

« A palavra luz está empregada, como é evidente, para significar, não o facto physico, mas a civilisação e suas verdades. »

« E' a luz moral e intellectual, os dous raios divinos, que esclarecem as almas, em opposição á ignorancia, e ao vicio, as sombras que as obscurecem. »

« Ora quaes são aqui os dous sentidos possiveis, que exige a difinição de amphibologia? De um lado aquelles escravos, que o poeta representa curvados sob uma dictadura tenebrosa: do outro os *homens bravos* que elle celebra, como os cidadãos livres do paiz livre, que é a sua patria. Pode-se suppor que seja a estes que o poeta nega não somente a luz, mas ainda as esperanças della, tomada a palavra luz, na accepção, que eu determinei? Como já disse o anonymo pode teimar em attribuir um absurdo ao pensamento do poeta, mas nesse caso não ha phrase que não seja amphibologica, porque não ha nenhuma, que não contenha um sentido legi-

timo, e outro qualquer, que lhe queirão emprestar. »

Lá no exercito acampado.
Nas linhas de Tuyuty
O fôgo foi sustentado,
Como nunca fora alli.

« Parece-me que o poeta diz que em Tuyuty sustentou-se um fôgo, como nunca se sustentou alli : conclue o anonymo, que o *fôgo não passou de meia duzia de tiros*. »

« Deixando de parte futilidades eu quizera achar uma palavra que exprimisse a impressão, que fez nascer em mim a leitura dessa unica quadra. Essa forma graciosa e pura, harmoniosamente facil, docemente murmurante, desperta instantaneamente n'alma o instincto delicioso da musica. Eu senti alguma cousa passar-me pelo espirito, como o perfume querido de uma flor já respirada : eu reconheci nesse echo, que me chegava isolado, a mesma voz, que alguns annos nos cantava enternecida sobre o tumulo de Mariz e Barros :»

Quem foi mais bravo que elle ?
Quem pelejou com mais fé ?
(*Citamos de memoria.*)

« O desabrochar fresco, e suave, o sópro ma-vioso, que se exhala, e vos penetra insensivel-mente é o caracter da poesia do Dr. Cordeiro. Nada de esforço ; as cordas da lyra agitão-se por si só, e põem-se a resoar como as harpas eolias : essa poesia é o movimento espontaneo de uma organisação melodiosa. »

Vejamos ainda a ultima descoberta amphibo-logica do Sr. critico na seguinte quadra :

Muitas chatas e canôas
Das trevas surgem alli
Abordando o Alagôas,
Que commanda o Maurity !

Diz o Sr. critico :— « *Chatas surgindo das trevas ! O Dr. porcerto que não conhece a prosodia portugueza ; se conhecesse não escre-veria tão impropriamente o verbo surgir. A-bordando o Alagoas—Eis a maldicta amphi-bologia* »

Temos aqui tres censuras a saber:

1.ª Que as chatas e canôas não podiam sur-gir das trevas. (Primeiro dislate.)

2.ª Que empreguei impropriamente o verbo surgir por não conhecer a prosodia portugueza. (Segundo dislate.)

3.ª Que na expressão—*Abordando o Alagôas*

ha uma maldita amphibologia, porque (confessa com toda a ingenuidade o Sr. critico) não sabe se o Alagôas é abordado pelas trevas ou se pelas canôas ! (Terceiro dislate.)

Eu tenho paciencia bastante para continuar a praticar as obras de misericordia para com o Sr. critico, afim de ver se o salvo de tão crassa ignorancia.

A' primeira censura respondo, que as chatas surgiram das trevas, por que nellas estavam occultas até o momento em que foram presentidas pela tripolação do monitor Alagôas.

Surgir (em latim *surgere*, levantar-se. ir crescendo) significa— subir, levantar-se, crescer em altura, erguer-se debaixo como se do meio das aguas fossem surgindo de mergulho as terras (Moraes.) Já vê, pois, o Sr. critico que dizendo ou—*as chatas e canôas surgem das trevas alli, isto é proximas ao Alagôas ;—é* o mesmo que dizer que as chatas e canôas se destacam das sombras em que se acham envoltas, e, *como se das aguas fossem surgindo, levantam-se, erguem-se* diante do monitor Alagôas, e *crescem em altura*, a ponto de lhe darem abordagem.

Eis ahi empregados os significados da palavra *surgir* de conformidade com o lexicographo acima citado.

Ouça agora os classicos, Sr. critico, reflicta e verá que eu empreguei o verbo surgir com toda a propriedade no verso em questão.

O padre Vieira, chamado o grandiloquo na lingua classica e puritana de Portugal, diz :— *A não meio sepultada surgio e se pôz em via.*

Fr. Luiz de Souza, cujo estylo elegante e sentencioso serve de modelo na nossa lingua, usa das seguintes expressões :—*A aurora surge do horisonte, das trevas, das ondas.*

Barros, o celebre historiador portuguez, diz:— *Surgiram diante da povoação.*

Castilho finalmente diz :—*Onde esperaes que vos baixe do céo como a pomba candida, surge-vos do abismo.*

Assim, pois, dizendo eu as chatas surgem das trevas (como do abismo) *diante do Alagôas* (como diante da povoação) segui as lições dos mestres da lingua, os quaes por sua vez participam das censuras e epigrammas do meu Zoilo, visto como corroboram assim os meus erros.

A sua segunda censura, Sr. critico, é um absurdo, que revela bem o grão de sua ignorancia e o valor de sua critica ; porque dizer que a Prosodia ensina a conhecer a propriedade e significação dos termos da lingua é desconhecer os preceitos da Grammatica, é dizer um absurdo, é dizer o maior dos disparates.

A prosodia é uma parte da Grammatica que ensina apenas a pronunciar as palavras, segundo o som das lettras e o accento e quantidade das syllabas. Essa parte da Grammatica na accepção geral da correcta pronunciação pode se chamar—Orthoépia. Mas o que temos nós com o pronuncia do verbo *surgir*, cujo vocabulo não admitte duvida quanto a accentuação e quantidade das syllabas ?

O que quer dizer a Prosodia quando se trata de determinar, não a accentuação vocal da palavra, mas sim o valor e precisão do termo, o sentido logico da idéa ?

A significação propria dos termo de qualquer Lingua, Sr. critico, nada tem de commum com a Prosodia da mesma Lingua. Isto é confundir alhos com bugalhos. As partes da Grammatica que tratam das palavras e phrases são a Etymologia e a Sintaxe, e estas por si sos ainda são insufficientes para ensinar a fixar com toda a precisão philosophica o valor dos vocabulos e a propriedade dos termos.

Termo improprio quer dizer vocabulo que não exprime bem a idéa. E o meio, que se nos offerece para obstar esse erro ou depravação da Lingua não é porcerto o conhecimento da *Prosodia*. O unico meio que se nos offerece então é o estudo da Arthologia, que ensina a fallar cor-

rectamente ; é o estudo dos principios philosophicos da Grammatica geral applicados aos preceitos da Grammatica do nosso proprio edioma, é o estudo não só do material, como do intellectual das palavras, tendo por fim facilitar as operações do espirito que dizem respeito a Logica.

A grammatica, segundo Duvivier tem duas sortes de principios : uns são de uma verdade immutavel e uso universal ; e outros são de uma verdade hypothetica e dependente de convenções livres e variaveis de cada povo que as adopta. Neste caso a Grammatica é particular e se chama uma arte ; naquelle porem, é geral e se chama uma sciencia, visto como os seus principios pertencem a natureza do pensamento e seguem a sua analyse, e o seu resultado.

Não confunda pois, Sr. critico, a *Prosodia*, que é uma parte da Grammatica que trata unicamente do som das lettras e dos accentos das syllabas, com a propria Grammatica, que com taes paincipios acima mencionados nos ensina a fallar e escrever correctamente, dando-nos preceitos e regras para precisar o valor das palavras, descriminar os termos da oração, e conhecer o sentido logico da expressão da phrase.

Passando a responder a terceira e ultima censura que se deprehende do enunciado do Sr. critico, direi que ainda desta vez S. S. achou *um*

phibologia onde ella não existe; pois ainda quando haja na construcção da phrase em questão alguma transposição autorisada pelo uso universal, não só na poesia como até mesmo na prosa, os termos da proposição, á que S. S. se refere, são tão significativos que ninguem pode enchergar nella dous sentidos differentes. Ouça:

As sombras não podiam abordar o monitor Alagôas, porque abordar é um verbo neutro e absoluto que significa:—*pôr a borda de uma embarcação contigua á outra, entrar atacando, saltar de um navio dentro do outro, accommetter, assaltar.* (Constancio). E essa acção de abordar o *Alagôas* não podia ser feita pelas *trevas* que na accepção empregada é um complemento regido de preposição; e sim pelas chatas e canôas, que sendo os agentes da oração principal do periodo exprimem a acção exercitando o significado do verbo *surgir*, do qual é complemento o gerundio *abordando*. como tudo se vê no verso acima transcripto. E o Sr. critico não deve ignorar que os gerundios designando o tempo denotam, como mui bem dizem os Grammaticos, a consequencia de uma acção já declarada com relação ao sentido da phrase principal. Leia Soares Barbosa ou Alexandre Passos, e senão for bronco tudo aprenderá.

Leia o Sr. critico os Diccionarios de Constan-

cio, de Moraes, de Correia de Lacerda e outros; e verá que *abordagem* é a acção de abordar, abalroar, acto de ir a bordo para atacar. Chama-se assim, segundo a technologia da marinha militar, aquella operação que a tripulação de uma embarcação faz assaltando, investindo e escalando o bordo de uma inimiga. Ora, se isto dizem os Lexicos, como é que o Sr. critico tem a ingenuidade de suppôr que as trevas tambem podem dar abordagem fazendo esta operação ?

Terminando este artigo aconselho ao Sr. critico que deixe de ser arlequim para ser homem serio, afim de que não dê mais o escandalo de fallar daquillo que não entende. Sim, antes de se abalançar a nova empreza critica leia primeiro os Lexicos, estude as regras da syntaxe, reflicta sobre os preceitos da Grammatica geral, e sobre tudo cave com mão nocturna e diurna, segundo a bella expressão de um escriptor contemporaneo, nas ricas minas dos nossos bons classicos, para que possa um dia libertar-se dessa maldita ignorancia.

Parahyba 12 de Maio de 1869.

— —

ARTIGO XVI.

Ao travar-se a lucta entre a esquadrilha brasileira e a fortaleza de Humaytá, lê-se no canto III, estrophe primeira, da minha poesia o seguinte :

Mas Lopez na jaula freme,
De raiva convulso treme,
Encrespa a juba de lá !

A critica do Sr. Bustamente a estes versos tão parva, quanto luminosa é a resposta dada

pelo illustre campeão que me precedeu nesta tarepha. Eu passo a transcrevel-a :

« O critico nota aqui os seguintes defeitos 1°. A metaphora : Lopez tremendo, 2°. O pleonasmo : treme convulso, 3°. Outra metaphora : Lopez com juba, 4°. A expressão ambigua : juba de lá. »

« 1°. Lopez tremendo.—Nós contestamos que aqui haja uma metaphora. »

« *A metaphora é uma figura pela qual se transporta a significação propria de uma palavra para uma outra significação, que não lhe convem, senão em virtude de uma comparação subentendida.* »

« Assim dizemos : o sorrir da aurora.—*A significação propria da palavra sorrir foi aqui transportada para outra significação* : o raiar da luz *em virtude de uma relação subentendida* entre o *sorrir e o raiar da luz.* »

« Qual é nessa expressão—Lopez tremendo *a palavra cuja significação propria foi transportada ?* Não sendo certamente o nome proprio ha de ser *tremendo.* Qual *é a significação propria* da palavra tremer ? Qual é a *outra significação* para a qual a *significação propria foi transportada ?* »

« Ou por outra, quaes são os dous termos da

comparação, que toda a metaphora suppõe? Um será tremendo, e o outro?»

« Aqui não ha dous termos, não ha comparação, e por conseguinte não ha metaphora. »

« 2º. Treme convulso—A censura de um pleonasmo, que importa a proscripção de licenças analogas como a inversão, e a ellipse, attestão que o espirito do anonymo, é inteiramente extranho ao trato dos modelos d'arte. O grande segredo da forma poetica, esse segredo que faz o tormento, e a gloria do artista, consiste principalmente no emprego feliz dessas figuras, que animão, e renovão a linguagem. A poesia fará bem submettendo-se, sempre que isso lhe for possivel, ás regras da rhetorica, e da grammatica, mas sem comprometter nessa livre submissão os seus nobres previlegios. Quando chegar o momento, em que essas regras se transformem em cadeias, e queirão prendel-a, é preciso que ella tenha o poder de escapar-lhes, e tomar altivamente o seu vôo. »

« O pleonasmo é um recurso precioso para communicar a valentia, e a côr, á uma palavra que por si só seria fraca e pallida. »

« Camões abrindo magestosamente o 4º. canto do seu poema dirá: »

Depois de *procellosa tempestade*
Nocturna sombra, e sibilante vento

« Mais abaixo : »

Aparta o sol *a escuridade*
Removendo o temor do pensamento

« No primeiro exemplo sobretudo o adjectivo —*procellosa*—qualificando o substantivo—*tempestade*—produz com elle um pleonasmo tão harmonioso quanto energico. »

« Já se vê que essa licença é muitas vezes nª poesia uma grande bellesa, em vez de ser por si mesma um defeito, como pretende o critico. »

«Abstrahindo, porem, toda a questão d'arte para cingir-me ao facto, eu nego positivamente, que a expressão—tremer convulso—encerra um pleonasmo. A idèa de tremer não implica a de convulsão. »

« Eu concedo, sem as restricções convenientes, que sempre que ha convulsão ha tremor; mas a reciproca é evidentemente falsa. »

« Uma impressão do ar, a qual agita ligeiramente os nervos produz o *tremor*; mas ninguem dirá, que esse movimento é uma convulsão. »

« Está no mesmo caso o verso. »

« *Ignea corôa fulgente* »

que o critico toma por objecto de suas insipidas

zombarias. E' um erro dizer que o que é *igneo* é por isso só fulgente. »

« *Igneo é qualquer corpo simplesmente inflammado*. Fulgente chama-se aquelle, que despede de si brilhantes raios, aquelle que fulge. O pavio *inflammado* de uma vella é um corpo *igneo*. Fulgentes são as estrellas, que em uma bella noute, scintillão na abobada azulada do firmamento. »

« No verso acima não ha pleonasmo. »

« 3°. Lopez com juba.—Confessa o anonymo com ingenuidade, que nunca ouviu dizer que os homens tivessem jubas. Eu o creio, mas não era a juba que devia assustal-o. Desde que o poeta imagina o energico tyranno, encerrado com a sua vingança em uma jaula, logar onde se prendem as féras, symbolos da raiva indomavel, elle estabeleceu uma metaphora. Ahi no ponto, em que assenta a figura, é que o critico devia ter parado. Admettida a comparação, attribuir ao tyranno uma juba, signal caracteristico da féra, é uma consequencia natural, que já acha preparado o espirito do leitor. »

« 4°. Juba de lá.—Com effeito esta expressão presta-se á malicia. Pode-se attribuir-lhe um sentido qualificativo, e, se me fosse licito offerecer um conselho á aquelle que reconheço cordialmente por mestre, eu lhe diria, que em uma

reimpressão de sua poesia a substituisse por outra, quando mesmo tivesse de alterar a construcção geral da estrophe. Não tanto por essa puerilidade, mas porque o adverbio—*id*—precedido pela preposição —*de*—produz um som desharmonioso, e deve até enfraquecer o sentido. Conhece-se pelo tom desafinado, que foi uma concessão involuntaria, feita á rimas. »

Eis ahi a que ficou reduzida a critica do Sr. Bustamonte. Sinto, porem, ter de fazer algumas observações relativas á esta ultima parte da apreciação do meu illustrado advogado. Sinto tanto mais porque tendo sido assaz generoso para commigo em todos os argumentos de sua luminosa analyse, foi ainda demasiadamente delicado e modesto neste unico ponto em que divergimos.

Eu já disse em um dos meus primeiros artigos que acceitava com a melhor vontade as correcções bem cabidas dos adversarios, os conselhos dos amigos, sem desprezar com tudo os de minha intima consciencia. E a respeito do ponto contravertido acho-me infelizmente preso á esta ultima hypothese, pelo que peço desculpa ao meu advogado se opponho ao seu generoso conselho, não de discipulo mais de collega illustre, as reflexões seguintes :

Não pode haver ambiguidade onde não ha pa-

lavra equivoca, onde não ha abuso do hyperbato e obscuridade da metaphora, onde não ha sentido amphibologico. E me parece que neste caso se acha a phrase—*Encrespa a juba de lá*, quer se considere em sua integridade, quer se a considere em suas relações com as orações antecedentes.

Vejamos :

1°.Não ha *palavra equivoca*, porque nenhuma dellas se pode entender em dous ou mais sentidos, porque nenhuma dellas tem varias significações destinctas, porque nenhuma dellas, finalmente, se confunde com outra que se pronuncie ou escreva do mesmo modo, posto que tenha um significado diverso, como succede com os homonymos.

2°. Não ha *abuso do hyperbato*, porque nessas orações não ha inversões e nem anastrophes que tragam a mistura ou confusão, e pelo contrario todos os termos da oração em questão estão collocados em ordem a saber :—*o sujeito* declarado na primeira oração do periodo, e subentendido por ellipse; *o verbo activo*, *o seu attributo*, e o *complemento circunstancial* que completa o sentido.

3°. Não ha *obscuridade da metaphora*, porque o seu fundamento existe na relação de semelhança, que se dá naturalmente entre os ob-

jectos comparados, como facilmente comprehendeu o meu illustre collega em seu penultimo paragrapho. E na verdade, desde o momento em que se imagina Lopez, o energico tyranno, tremulo e convulso de raiva, encerrado com a sua vingança na fortaleza como numa jaula, encrespando a juba, signal caracteristico da féra assanhada, e bramindo como um leão que vae entrar em lucta, claro fica o objecto de que se falla, e a imagem que o representa; e portanto a metaphora é natural; obvia e facil é a sua comprehensão. Dadas estas circumstancias o espirito do leitor como que fica disposto a receber a impressão da semelhança que é o fundamento da metaphora.

4°. Não ha *sentido amphibologico*, como quiz fazer crer o Sr. critico, ou por malicia ou por ignorancia destacando propositalmente as palavras—*juba de lá* do resto da oração, porque não ha quem ignore que o substantivo feminino—*juba* significa exclusivamente a *coma do Leão*, e portanto este substantivo não pode se referir senão ao animal e jamais á cousa indeterminada.

O Sr. critico destacando do verbo e sujeito da oração o attributo—*juba* para unil-o ao complemento circunstancial—*de lá*, com o fim de deturpar o sentido da oração, esqueceu-se do que estas partes da oração não podem andar separadas do verbo, que é o nexo ou copula que une-o.

attributo ao sugeito independente de qualquer complemento indirecto.

A expressão adverbial—*de lá*—é um complemento terminativo que designa apenas mera circunstancia de logar, onde se acha Lopez, furioso e ameaçador, como um Leão sedento de vingança dentro da sua jaula. A esse complemento circumstancial de logar ou—terminativo ninguem por certo attribuirá *um sentido qualificativo* ou attributivo, como suppõe possivel o mui illustre collega a quem com toda a doferencia respondo.

E' verdade que a preposição—*de* não só mostra o termo *d'onde* parte a acção, como tambem marca a relação da palavra antecedente, e designa uma distincção de cousa. Mas na phrase —*Lopez encrespa a juba de lá;* ninguem dirá que a preposição—*de* mostra a relação da palavra antecedente, e não o termo do logar de onde parte a acção, pois no primeiro caso o sentido qualificativo é um disparate, e no segundo o sentido terminativo é regular e completo, qualquer que seja a construcção da phrase, cuja inversão é admittida na poesia.

Jeronymo Soares Barboza, diz em sua Grammatica philosophica, que nos adverbios de logar o complemento é composto de duas idéas, uma geral expressiva do lugar ; e outra individual, indicada por algum dos demostrativos ; mas-

ambas encolhidas e concentradas em um pequeno vocabulo. Assim, por exemplo, no adverbio do logar *Onde*—ha uma ellipse da preposição *em* ; a qual, como se não exprime, dá logar a este mesmo adverbio se poder juntar com outras preposições, como: D'onde, Por onde, Aonde, Para onde; o que acontece em quase todos os adverbios desta classe ; v. g : *De lá*, desse logar, (*indeterminado*) *por lá*, por esse lugar, *para lá*, para esse logar.

Fica assim provado exuberantemente *que o adverbio—lá,—precedido pela preposição—de—longe de enfraquecer o sentido em que foi empregado*, dá-lhe toda a força e clareza ; tanto mais porque é regra grammatical que o nome que significa o logar de onde alguem vem, ou sahe, ou de onde parte qualquer acção, é sempre regido em portuguez da preposição—*de*, assim como no latim é regido da preposição—*a* ou *ab*, *e* ou *ex*, clara ou occulta, por exemplo :—Venho de Roma, do Egypto, da cidade, *Venio a Roma*, *ab Egypto*, *ex urbe*.

O meu illustre collega acha tambem desharmonioso o som dessa expressão—*de lá*, entretanto o som agudo com que termina esse verso, que é o setimo da decima, é o mais regular nas estrophes deste genero em que tanto primou o melodioso cantor da *Lua de Londres*. A rima aguda

nos versos 2. 4, 7, e 10, dessas estrophes é considerada entre os metrificadores modernos como uma belleza; e eu não me afastei uma só vez desta regra de harmonia estabelecida por João de Lemos, abraçada sem discripancia pelos nossos melhores poetas, e applaudida por Castilho nos seguintes termos :—« Quande as estrophes constam de dous ramos, quer estes sejam iguaes em quantidade de versos, quer desiguaes como nas decimas, em que o primeiro ramo consta de quatro versos, e o segundo de seis (como nas da Batalha de Humaytá) o ouvido approva muito que os finaes destes ramos rimem em agudo.»

A vista do exposte, meu illustre collega, os tres versos acima transcriptos sobre os quaes tem versado toda a analyse deste artigo não deverão causar estranheza aos homens entendidos como S. S., embora prestem-se á malicia dos zoilos como o Sr. Bustamente, de cuja ignorancia nenhuma culpa tenho.

Posso estar em erro nas observações que expendi, não duvido, mas serão elles então filhos, não do orgulho, mas tão somente das fracas luzes de minha rasão e dos conselhos de minha intima consciencia. Sinto divergirmos neste ponto, tanto mais porque reconheço as bôas intenções de um amigo tão illustre quanto generoso.

Parahyba 2 de Maio de 1869.

ARTIGO XVII.

Na tactica militar dá-se o nome de batalha as acções que se passam entre dous exercitos armados em ordem de combate. *Chama-se batalha campal* ou terrestre, a que se dá em terra entre os exercitos; e *naval*, a que se dá entre armadas ou esquadras. Os lexicographos ainda não nos deram um termo proprio para especialisar a batalha entre uma esquadra e uma fortaleza; mas os Inglezes, cuja autoridade na materia ninguem pode contestar, costumam darlhe a mesma classificação de *batalha naval*

como o fizeram annunciando em seu jornal *Standart a batalha de Humaytá.*

O Sr. critico, porem, que falla sobre tudo que não entende com o maior displante contesta os Inglezes com ares de sufficiencia dando a entender que devemos classificar tal batalha de *campal ou terrestre!*

Como o Sr. critico não fundamentou a sua opinião, continuamos a seguir a dos Inglezes, já pela autoridade que exercem elles sobre a materia, e já porque o termo de *batalha* em sua origem significou o proprio logar onde os homens se exercitavam na peleja. E na verdade o campo da batalha de Humaytá foi o rio. Entre os contendores não existia espaço occupado por terra; os projectis se crusaram sobre as aguas. Entretanto não faço disto questão, pode o Sr. critico chamar essa batalha terrestre, e lá se avenha com os inglezes que a chamaram naval.

Passemos adiante.

Tratando ligeiramente do combate havido em terra no mesmo dia da batalha de Humaytá assim me expresso:

O velho cabo de guerra
Combinou a acção em terra
Com a batalha naval;
E nesse fogo cerrado

Simultaneo e combinado
Distinguiu-se o general.

Em uma nota eu disse que me referia nestes versos ao Marquez de Caxias, e o Sr. critico diz que—*é falsa essa referencia, e que se eu tivesse lido o boletim do Exercito havia de ver que o dito Marquez a frente de uma força atacava o forte estabelecimento e não estava em Tuyuty.*

Quid inde? Então porque o Marquez se achava a frente de uma força atacando o forte Estabelecimento, segue-se que não era o General em chefe, sob cujo commando achavam-se todos os corpos do Exercito desde Tuyuty até o Estabelecimento, em cujos pontos entermedios rolava o fôgo ? !

A paixão o cega, Sr. critico, e o faz perder o senso commum, porque de suas proprias palavras se conclue, 1°. que o nobre Marquez não era então o general em chefe do nosso Exercito, e que era apenas um official subalterno visto como só commandava uma força em frente do forte Estabelecimento. 2°. que elle não combinou a acção que se deu em terra com a acção naval !

Pobre zoilo, querendo dizer-me lérias não duvidou rebaixar o nobre Marquez, e, o que é peor, fazel-o passar por mentiroso !

Agora que já deve estar arrependido e calmo

do triste espectaculo que deu, leia o que disse o Marquez em sua parte official dirigida por essa occasião ao Governo :— « *Havia dado minhas ordens e expedido as convenientes instrucções para que logo que se ouvissem, na madrugada de 18 para 19 do corrente (Fevereiro) os tiros convenccionados da esquadra, o exercito começasse o seu movimento.* »

Diga-me agora, Sr. critico, quem leu o boletim do Exercito fui eu ou S. S. ? Se o leu não o entendeu por certo, e eu nada duvido de sua fina hermeneutica, o que admiro é o erro proposital que S. S. commetteu logo abaixo das palavras referidas, com o fim de calumniar-me. Attendam os leitores o caso que passo a referir, e admirem :

Eu principiei a 3ª. estrophe do canto 3º. pelos seguintes versos :

De Humaytá choviam balas
De cento e oitenta canhões
Por sobre os barcos em alas
Com grandes *detonações*.

O Sr. critico, por um capricho estropia-me o verso e a palavra *detonações* para calumniar-me e illudir o publico, asseverando ter eu escripto-

Com grandes *denotações* !

Eu não escrevi tal; e o folheto da Batalha de Humaytá corre impresso por todas as mãos nesta cidade; quem quizer verificar a astucia pequenina e miseravel abra a pagina 11, e no fim della verá escripto no verso citado—*detonações*, e não *denotações* ! ! !...

E não é só nessa pagina que se encontrará essa palavra, abra-se ainda a pagina 27 e encontrar-se-ha em a nota 9 escripta a mesma palavra —detonações.

Mas, perguntar-me-hão os leitores, para que fim adulterou assim o critico esta palavra ?

A resposta é facil; foi para ter o gôsto de escrever sobre ella as banalidades que fielmente passo a transcrever: eil-as :

« *Quasimodo, o sineiro corcunda, não daria —denotações tão fortes no sino da torre de Notre Dame, como as denotações dos barcos em alas. Pobre lingua, pobre substantivo ! Tu que ficas de hoje em diante reduzido á materia explosiva, deves lançar um brado protestante, deves fazer um appello ao suppremo tribunal da litteratura patria para mandar por accordo unanime ao Dr. estudar um pouco da nossa lingua, sendo obrigado a cumprir essa sentença com um diccionario diante dos olhos.* »

E' até onde pode chegar o desfaçamento ! Levantar falsos para commental-os ao seu bello pra-

zer é uma indignidade que revela bem o desespero que consome o meu hypercritico.

A verdade, Sr. critico, deve ser dita ainda mesmo quando fallarmos contra os nossos inimigos.

Nada é mais bello que a verdade: como mui bem disse Boileau traçando para a propria fabula o seguinte preceito:

Rien n'est beau que le vrai: le vrai seul est aimable

A calumnia pelo contrario é um vicio infame; e não é só um vicio é um crime tambem, tanto assim, que em Roma no tempo da Republica os calumniadores eram marcados na testa com a lettra—k assignalada com ferro em braza! o Papa Adriano os condemnou a penas de açoites! a igreja os anathematisou como assassinos até a morte! e na Polonia antigamente a lei impunha ao calumniador e maldisente a obrigação de comparecer em uma praça publica, e ahi, diante de todo o povo, e postas as mãos no chão, devia ladrar como um cão por espaço de um quarto de hora!

Diz o douto D. Fr. Francisco de S. Luiz—que a ociosidade, a loquacidade e a ignorancia são as vezes as causas unicas da *maledicencia*;—que a detracção é ordinariamente filha da inveja;

—mas que a *calumnia* parece não ter outra origem que o odio cego e implacavel. E o Sr. critico, percorrendo a escalla destes vicios chegou agora ao ultimo degráo, impellido ainda pela ignorancia e sobre tudo pela inveja, essa molestia incuravel das almas fracas!

Mas o Sr. critico deve fazer um esforço sobre si mesmo, para curar-se deste mal, attendendo que a dignidade do censor deve ser tão alta quanto profunda é a sua responsabilidade perante o publico para quem escreve. E não supponha que a opinião publica, quando sorri das lérias e palhaçadas do Arlequim, esquece a infamia do calumniador! Não, a sua apreciação é sempre justa, porque não troca a estima dos homens de bem pelo despeito dos miseraveis.

Creia na verdade destas reflexões, e não se vandije nunca mais a sua palavra que é a mais nobre manifestação do pensamento. A palavra retrata quase sempre o interior do coração daquelle que a profere: e dahi extrahiu o grande Hypocrates aquelle seu aphorismo—*Mens sana in corpore sano*.

A palavra (disse Dupanloup bispo de Orleans no dia em que foi recebido na Academia franceza) reflecta o pensamento; e depois do pensamento e da palavra de Deus, nada é maior que o pensamento e a palavra do homem! Não queira

portanto, Sr. critico, profanar a maxima sublime desso espirito evangelico e altamente illustrado servindo-se da palavra para exercitar a calumnia, e, o que é peor ainda, prostituindo a imprensa na sua collaboração!

Prosigamos: A estrophe principiada pela quadra supra, falsificada pelo Sr. critico, termina pela sextina seguinte:

Nessa terrivel batalha
Foguetes, bombas, metralhas,
Rasgavam da noite o véo!
Tremiam ribas e fraguas!
Tremiam até as aguas!
Tremia a terra e o céo! . . . .

Tendo o Sr. critico principiado a analyse da estrophe por uma falsificação e calumnia, era justo que a terminasse por uma blasphemia! Eil-a:

« *Deus o autor do universo, á cujo mando se movem os mundos, vio-se obrigado a consentir sem ter vontade em todo esse tremor, que chegou até o céo. Ah! Dr! olhe a sagrada congregação do index.* »

E' incrivel, mais é textual!!!

Deus sendo obrigado a consentir sem ter vontade!!!

Quanta estulticia, em tão poucas palavras!

Quem, Sr. critico, será capaz de obrigar a Deus, *a cujo mando se movem os mundos?* Quem será capaz de contar as suas obras, e limitar o poder de sua vontade?

Se o Sr. critico suppõe que não disse uma blasphemia, então suppõe que a sua liberdade de escriptor dá-lhe direito até de dizer heresias fallando de Deus, da Quelle que é (Exodo cap. 3-14); que sonda os rins e o coração humano. (Apocalip. c. 2. 23); que faz tornar atraz os sabios e a sua infatuada sciencia (Izaias c. 44, 22. 25.); que creou todas as cousas nos céos e na terra, visiveis e invisiveis (S. Paulo aos Colos. c. 1. 16. 17); que é Rei dos Reis e Senhor dos Senhores do mundo (Timoth. c. 6. 15. 16); que é mais elevado do que o céo, e mais profundo do que os infernos?!! Iob. c. 11. 7. 8.).

Deixando de parte a heresia, encaremos a sua critica litteraria sobre o tremor da terra e do céo, a que chamou *maleita poetica*.

Nesses tres versos ultimos que S. S. censura pela repetição do verbo *tremem* não ha defeito, e pelo contrario ha uma *anaphora* de que usam os oradores e os poetas mais notaveis como uma belleza, para entimar com mais força o pensamento, fixando sobre elle a attenção dos que ouvem, ou leem.

O padre Antonio Vieira em seus bellos ser-

mões emprega essa figura muitas vezes repetindo a mesma palavra no principio de muitas orações.

Eis um bello exemplo deste notabilissimo orador :— « *Divertia-os a ambicção, divertia-os a soberba, divertia-os a autoridade e ostentação propria.* »

O vigario Marques, admirando as perfeições da virgem em um dos seus bellos sermões pregado na festa da Conceição, usa da seguinte anaphora :—« O' grande Deus ! .... Vós a destinastes para Mãe do vosso Unigenito ! Vós a enchestes de todas as graças ! Vós a preservastes do geral contagio ! Vós nol-a destes para nossa protectora ! »

Vejamos agora os Poetas.

Mendes Leal, um dos talentos mais fecundos da sabia geração portugueza, descrevendo as bellezas *do Estio* e uma de suas noites formosas e puras no abençoado clima de sua patria, pinta e retrata ora em prosa ora em verso varios quadros que são uns modelos de elegancia, de estylo e de harmonia. Pois é desse bello escripto que eu transcrevo o seguinte exemplo de anaphora :

« Dorme o outeiro, dorme o vale,
Dorme a selva, e dorme o prado.

Dorme inquieto o rico vil;
Dorme affeito o pobre honrado. . »

Não é menos bella a anaphora que o nosso primoroso Gonçalves Dias empregou nos seguintes versos:

« Tornam prados a despir-se,
Tornam flores a murchar,
Tornam de novo a vestir-se,
Tornam depois a seccar. »

E' digna de mensão tambem a anaphora empregada pelo nosso patricio Costa Ribeiro em seu *canto de amor*: (Horas vagas pag. 76).

Dei-te os meus pensamentos mas bellos,
Dei-te a vida do meu coração,
Dei-te o fado da minha existencia,
Dei-te o fogo d'ardente paixão.

Muitos outros exemplos desta figura de palavra podera citar para justificar o uso que della fiz nos versos em questão; mas para que, se os leitores podem ver essa figura no primeiro livro de poesia que por ventura lhes chegue as mãos?

Apreciemos outra accusação.

Suppõe o Sr. critico, que eu commetti ainda

um erro dizendo *que as explosões do combate faziam tremer a terra e o céo !*

E' outra revelação infeliz do Sr. critico, porque importa dizer que desconheco o uso de um dos tropos mais geralmente usados em prosa como no verso.

E' lamentavel que S. S. ignorando tanta cousa se abalance a fallar do que não entende, e ouse apresentar ao publico como defeito aquillo que a Rhetorica e Poetica preceituam como belleza !

Recordo-me agora de alguns distinctos escriptores que offerecem exemplos de hyperboles semelhantes áquella por mim empregada no verso *Tremia a terra e o céo.*

Eduardo de Farias, historiando a ultima viagem de Vasco da Gama á India diz, que a sua esquadra experimentando horriveis tempestades, foram todos os navios inopinadamente agitados ; o que produzio no animo de todos geral perturbação, mas que Vasco da Gama voltando-se para os que o rodeavam disse-lhes :

« *Coragem meus filhos a terra das Indias treme, é isto um bom signal, ella tem medo de nós.* »

Eis ahi a terra tremendo ; já vê o Sr. critico, que eu não disse alguma asneira. Mas perdão

esquecia-me que S. S. quer os exemplos não em prosa, mas sim em verso.

Pois é pena; porque teria o prazer de citar-lhe bellos exemplos dos classicos João de Barros, Sá de Miranda, Manoel de Faria e Souza, e do insigne Fr. Luiz de Souza na vida de Arcebispo. Mas eu deixo todos estes modelos de elegancia e gôsto, e passo a satisfazel-o:

« Do undoso leito donde repouzava
O mar, move as areias do mais fundo,
Que fervendo nas ondas levantava
As entranhas abrindo do profundo:
Com Boreas Austro a um tempo se encontrava
Como que querem destruir o mundo.
Treme co'a força do soberbo Eóto
O céo nos eixos de um e de outro Pólo. »

Sabe o Sr. critico quem foi esse poeta que ousou dizer *esse disparate* primeiro do que eu?

Eu lhe digo: foi o grande classico portuguez Gabriel Pereira de Castro, no seu poema heroico Ullissêa. E elle não era só poeta, foi insigne jurisconsulto tambem, foi corregedor do crime da Corte de Lisbôa, e morreu Chanceller-mor no seculo XVII.

Apezar da repugnancia que o Sr. critico tem em acceitar a hyperbole—*tremia a terra e o*

céo, ou quero sempre dar-lhe a rasão pela qual os poetas usam della nas suas mais sublimes descripções. Uma batalha, um furacão ou uma tempestade, por exemplo, são objectos sublimes na opinião de Quintiliano e de todos os mestres de Oratoria e Poetica; e portanto para que a descripção corresponda a natureza dos objectos não basta o emprego de vocabulos communs; são precisos os adornos oratorios e imagens que encham a alma de idéas grandes e remontadas.

Quando estamos assim penetrados de uma idéa sublime e grande os termos communs são apoucados para nos elevar o espirito até a expressão correspondente, não é verdade Sr. critico? Pois dahi nascem naturalmente os vocabulos hyperbolicos e *ultra verum* sem com tudo ser *ultra fidem*, de que nos servimos para vivamente representar o objecto ou significar a cousa, que pretendemos descrever, como se vê por exemplo nos dous seguintes versos de Camões (Lusiad. Cant. VI, Est 80).

« Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova furia ao céo subia. »

Bellos exemplos de hyperboles semelhantes se encontram no poema—*Henriqueida* de D. Fran-

cisco Xavier de Menezes, socio das Academias dos Generosos e dos Anonymos; no poema— *Affonso Africano* de Vasco Mouzinho de Quebedo, Doutor em leis e poeta insigne; e no poema—Malaca Conquistada, de D. Francisco de Sá de Menezes e depois Fr. Francisco de Jesus.

Se este artigo já não estivesse longo demais eu citaria alguns exemplos destes poemas; mas não quero abusar da paciencia dos leitores, ainda mas do que tenho feito. Eu vou terminal-o: citando um exemplo final que vale por todos. E' o principe dos poetas latinos, que vae agora justificar o meu verso— *Tremia a terra e o céo* com os bellos versos das suas Georgicas.

Ipse pater, media nimborum in nocte corusca
Fulmina molitur dextra, quo maxima motu,
Terra tremit; fugêre ferœ, et mortalia corda
Per gentes humilis stravit pavor.

Parahyba 20 de Maio de 1869.

— —

ARTIGO XVIII.

Comprehende-se que em uma noite de escuro grande deve ser o effeito do fogo vivo de uma batalha, em que de varios pontos surgem foguetes, bombas e varios projectis. Eu descrevi esse effeito como pude pelo modo seguinte :

> Por sobre a Lagôa Pires,
> Curupayti, Curusú,
> Surge como um arco-ires...

O Sr. critico analysando estes versos diz que

eu usei de um hyperbaton tão complicado, que não pôde entender qual é o agente dessa *embrulhada*.

Não tem rasão o Sr. critico, porque não ha escriptor que possa dispensar o hyperbaton, cuja figura dá elegencia e ornato a Elocução por meio da transposição das palavras. E os nossos classicos usaram de uma locução mais transpositiva ainda, porque se modelavam mais pela lingua latina do que pela franceza, como fazem hoje os modernos. O hyperbaton só é defeito quando degenera em Synchyse, que é a desordem ou confusão das palavras na oração, o que certamente não existe nos versos citados. O que me parece é que o Sr. critico não comprehendeu a syllepse, de que usei naquelles versos como passarei a demonstrar.

Os poetas usam da syllepse com muita liberdade dando logar a que o adjectivo expresso na oração concorde muitas vezes com o substantivo occulto que teem em mente, vindo assim a fazer uma discordancia material e apparente para fazer uma concordancia real com a palavra que exprime a idéa. A isto deram os Grammaticos o nome de Syllepse ou Synthese, que segundo Soares Barbosa que dizer *Concebimento ou Combinação*.

Quer ver o Sr. critico como se torna claro e

pensamento daquelles versos que S. S. não entendeu ? Desmanche o pequeno e facil hyperbato, que existe, e applique a syllepse (essa especie de ellipse pela qual fazemos a concordancia mais conforme as palavras que temos na mente do que ás expressas) e verá como se torna claro o seguinte enunciado :—*Um objecto como o arco-iris surge por sobre a Lagôa Pires, Curupayti e Curusú.*.

Onde, pois, está á complicação ?

Abra o Lusiadas do immortal Camões no canto V, e leia a sua Estancia 24, que observará um bello exemplo desta figura.

« Mas já o planeta que no céo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro
Mostrara, em quanto o mar cortava a armada. »

Aqui temos neste exemplo o attributo *appressada* concordando com o sujeito *lua*, que não existe expresso, mas que subentende-se, da mesma maneira que naquelles meus tres versos—o adjectivo numeral—um concorda com o substantivo—*objecto ou signal*, que subentende-se.

A' vista do exposto passemos adiante, pois nenhuma culpa temos da ignorancia do Sr. critico sobre estas cousas.

Na ultima estrophe do canto VI, descrevendo o sublime espectaculo da Batalha de Humaytá eu digo assim :

Nesse concerto offuscante,
Nesse horisono fragor,
O fogo cruza constante
Os paços do Dictador.

Vejamos agora a critica do Sr. Bustamente a respeito, eil-a :

« *Que o brilho, a luz, a chamma offusquem, transeat, porque é da natureza da cousa : mas que um concerto, quer tomado no sentido de harmonia, brilhe, offusque, é o que nunca poderá succeder.* »

A isto é que se chama *embrulhada grammatical*, porque o Sr. critico fechou o periodo deixando no tinteiro a segunda hypothese, que a conjunção disjunctiva—*quer*, depois da palavra *concerto*, deixou suspensa no animo dos leitores ; pois não deve ignorar que essa conjunção usa-se sempre repetida, como quando dizemos :—quer isto, quer aquillo. Assim, pois, desde que o Sr. critico nos diz—*o concerto, quer tomado no sentido de harmonia*, e não nos diz qual o outro sentido em que é tomado, commetteu um erro crasso de grammatica, e a sua locução tornou-se uma verdadeira algaravia.

Quanto á sua censura respondemos que não tem cabimento, porque *concerto offuscante* com relação a descripção que fiz importa o mesmo que dizer a harmonia e consonancia produzidas pelos instrumentos de guerra entre as trevas da noute e o clarão do fogo dos projectis, cujo espectaculo devia necessariamente offuscar a vista dos espectadores. O que põe tão diversas cousa em relação maravilhosa, não já com os olhos, se não com o espirito de cada espectador, diz o sabio Castilho, é justamente o *concerto*. Já vê, pois, que o mestre da lingua foi quem nos ensinou a exacção e precisão philosophica deste vocabulo na accepção em que foi empregado.

Ouça ainda o que diz o sabio mestre da lingua :

« O triste que para uma idéa não possue mais que uma só palavra, ver-se-ha obrigado a parar consternado diante de taes espectaculos sem sabel-os exprimir.» E' o que succede ao Sr. critico, e por isso estranha a variedade de qualquer, phrase poetica !

O melhor modo de colher, analysar, coordenar e registrar as diversas palavras com que cada idéa pode ser expressa, Sr. critico, é ler não só os bons poetas, mas os prosadores com reflexão ; é habituar-se a uma analyse comparativa e philosophica do valor e força dos vocabulos e seus synonimos com relação as idéas.

Entretanto S. S. que descuida-se destas obrigações mette-se a fallar sobre litteratura! Os disparates hão de ser por força uma consequencia infallivel do seu atrevimento.

Passarei agora a tractar dos plagios que o Sr. critico me attribue, sem excepção de um só para que os leitores reconheçam a sua esperteza na mutilação dos meus pobres versos com o *innocentissimo calculo* de cortar-lhes o sentido e dar-lhes a apparencia de versos alheios!

Homero teve o seu *Zoilo*; Virgilio teve os seus *Bavios e Mevios*; e eu apezar de ser pequeno tenho tambem o meu impagavel *Bustamente*, que, considerada a respeitosa distancia, não é menos interessante no genero.

Apreciemol o.

Eu disse:—Das sombras da noute ingente aurora explendida sahe; e o Sr. Bustamente entendeu que é o mesmo que dizer—*A aurora explendida sahe do gelo das noutes frias, das vossas dores sombrias*, como se vê na poesia *Nunes Machado* do Sr. Palhares á pag. 130!

Adiante eu disse:

Aquella grande victoria
Foi nova pasna de gloria
Que Maurity escreveu.

E Palhares na poesia *Pedro Affonso*, por elle citada á pag. 120, diz :

Nos livros da nossa historia
Seu nome vae-se escrever ;
E' mais um louro de gloria
Que nos vem enriquecer.

Ora, ahi tem baucê, como dizia um gallego.

Este plagio realmente só podia ser descoberto por um cego apaixonado como o Sr. Bustamente, que acha muito semelhantes *alhos com bugalhos*, assim como é semelhante o meu verso—Humaytá era um rochedo—com o verso do Sr, Palhares—*Torna-se o mundo um rochedo !*

Não é menos interessante a similitude dos versos—

Sua grande e regia c'rôa
Vacilla, treme, e lá cae ;
O seu sceptro se esborôa
A seus pés no Paraguay !

com a quadra seguinte da poesia—*A Polonia*:

Da frente regia sem c'rôa
Cahe-te do sangue o suor,

O teu solo se esborôa
Sob o corcel do oppressôr.

O meu zoilo presumiu que, envolvendo tudo com pilherias e chalaças, alcançaria obscurecer a verdade, e attrahir a admiração publica; mas nem ao menos lhe passou pela imaginação que *a mentira quando espera não ser apanhada, esquece-se que tem as pernas curtas como o anão.* E nós iremos assim obrigando-o a mostral-as reduzindo o anão as suas verdadeiras proporções.

Prosigamos:

Não te valeu grande fama,
Collosso do Paraguay,
Pois Delfim, qual outro Gama,
Ferçou-te o passo, e lá vae!
Tambem eram mui seguros
De Troia e Thebas os muros,
De Memphis, de Jerichó;
Babylonia como o Egypto
Tinha torres de granito.
Mas tudo mordeu o pó.

« *Estes versos [illegible] o [illegible] são filhos legitimos do pensamento [illegible] gerou os [illegible] versos de Palhares:* [illegible] Para [illegible] as pilherias apre-

ciem melhor o meu pensamento e o do Sr. Palhares, e ao mesmo tempo possam avaliar até onde chega a má fé de meu zoilo, eu cito integralmente a estrophe, da qual elle citou apenas tres versos mutilados.)

Sublime até na desgraça
De joelhos fere-te o mal;
Orando entonas a taça
Da sanguinea bacchanal.
Nas horas em que medites
Desatando as negras fitas
Do teu funerario véo,
Vês Troias pulverisadas,
Babylonias derribadas
Nos sulcos dos seios teus!

É esta! Não ha impossiveis para um critico sem criterio, pois é capaz até de reorgenisar o cahos, se lhe aprraz discorrer no proposito de illudir os incautos, e menoscabar da opinião publica.

Nestas duas estrophes eu e o Sr. Palhares nada temos de commum, como veem os leitores. Eu reflecto, apreciando o valor da illusão mesquinha a que ficou reduzida a poderosa fortaleza de Humaytá, depois da triumphante passagem da esquadrilha brasileira por baixo do fogo vivo

dos seus canhões ! E o Sr. Palhares lança um protesto contra a Russia e as nações que observam impassiveis esse *combro de destroços* da infeliz Polonia, e com ella medita e suspira naquella sua sentida estrophe, como verá melhor aquelle que quizer ler toda a poesia desse joven poeta em seu volume—*Mocidade e tristeza.*

Onde, pois, existe o plagio ?

Existirá nas palavras Troias e Babylonias, apezar de ter elle usado dellas no plural, e eu no singular ? Se assim é então até os lexicographos plagiaram o Sr. Palhares, e verifica-se o—*nihil novum sub sole*—da sagrada Escriptura, isto é, tudo no mundo é plagio.

Passemos a desmanchar a ultima urdidura da vespa manhosa.

Dirigindo-me ao povo Paraguayo no ultimo canto do meu pobre poema (assim me pronuncio :

Ah ! povo escravo, descança,
Que a redempção ha de vir ;
Pois do Brasil a vingança
Consiste em dar-te um porvir.
Cede os pulsos as cadeias
Que vão lançar-te nas veias
Um sangue nobre e gentil,
E um dia a posteridade

Exclamará :—Liberdade
Plantou aqui o Brasil !

Diz o meu hypercritico, que nestes versos ha plagio, porque o Sr. Palhares disse algures em uma estrophe—*A redempção hade vir*, em outra disse—*cede os paisos a cadeia!* E' um gosto vel-o todo afadigado esbofar-se por achar plagio em versos destacados e espalhados aqui e alli a dente de cão com o firme proposito de illudir o publico, que felizmente já está apar de todas as suas manhas. Taes versos alem de não serem iguaes na forma tem applicações differentes no sentido em que são empregados, como poderá verificar o leitor benevolo, que quizer dar-se ao trabalho de lel-os, e acareal-os.

Cede os paisos as cadeias não é phrase peculiar, nem minha nem do Sr. Palhares, que disse—*Cede os paisos a cadeia*, porque muito antes de nós já tinha usado da mesma phrase o maravilhoso autor das *Horas vagas* na sua bella poesia—*Canto de amor*; e antes deste muitos outros: entretanto ninguem chamará por isso plagiario ao Sr. Palhares.

As phrases curtas e pequenas construcções de palavras, Sr. critico, não são propriedades de ninguem. Gonçalves Dias por exemplo, diz na sua bella poesia *Desterro de um pobre velho* :—*A aurora vem despontando*; *Não tarda o sol*

a raiar. Em outras poesias diz:—*Era uma pobre mendiga*;—*As lagrimas dos olhos me cahiram*;—*Dôce riso de pura innocencia*;—*Maria porque me fuges*;—*Porque me fuges donzella*;—*Das estrellas os fulgores etc. etc.*

Entretanto estes versos do nosso primeiro poeta são phrases, que tem sido usadas não só por outros poetas como até mesmo por alguns prosadores. Quantos não terão dito com nosco—*Eu clamará liberdade*, sendo o agente desta oração ora a posteridade, ora a republica, ora o povo, ora o individuo? Mas ninguem diz isto, por que será considerado plagiario do Sr. Palhares.

Estas parvoices causam riso a gente. Foram estes os meus plagios! Ainda bem.

Ficam assim derrubados todos os castellos, desfeitas todas as ordidoras, desarmados todos os laços, que me preparou o Sr. Bustamente que aliás tem rasões de sobra para andar assombrado com os plagios.

Viram os leitores que não ficou de pé nem uma só das accusações, que me fez o Zoilo no intuito de apresentar-me ao publico como plagiario. Apezar de dar-se elle ao trabalho de colar em varias poesias de um volume inteiro um verso aqui, outro acolá, para entrecalhar entre os que escrevi na Batalha de Humaytá, ainda assim não pôde conseguir o seu intento; e pelo con-

trario só revelou a sua má fé e o seu desespero.

Se por ventura entre mim e o Sr. Palhares deu-se o encontro de duas ou tres palavras unidas pelo pensamento como nas phrases incompletas e já citadas: —*Exclamará liberdade, E um dia a posteridade*, não admira, porque taes encontros se dão constantemente entre escriptores os mais notaveis, como passo a provar-lhe. Ouça, Sr. Bustamente:

Conhece as Trovas de Laurindo da Silva Rabello? Pois bem, abra esse volume impresso em 1854, á pagina 33, e verá que a primeira estrophe da bella poesia—*A minha resolução*—principia assim:

> Coração porque palpitas,
> Porque palpitas em vão?

Abra agora a pagina 104 do *Cancioneiro popular* do poeta portuguez Theophilo Braga, impresso depois em 1867, e verá:

> *Coração porque palpitas*
> *De um modo tão desusado*...

Aqui temos o mesmo verso escripto por ambos esses notaveis poetas; e ninguem dirá por certo que o talentoso joven portuguez plagiou o poeta brasileiro, de quem talvez nunca viu as poesias.

Ouça mais, Sr. Bustamente.

O nosso patricio Dr. Joaquim da Costa Ribeiro escreveu na *Canção de um trovador*, á pag. 69 do seu volume de poesias—*Horas Vagas*,—o seguinte:

> Houve tempo em que meus olhos
> N'outros olhos se embeberam.

Gonçalves Dias em seus Primeiros cantos principia a terceira parte da poesia—*Quadros da minha vida* pelo modo seguinte:

> *Houve tempo que meus olhos*
> *Se extasiavam de ver.*

E note-se que Gonçalves Dias, longe de ver nisto um plagio do Costa Ribeiro, disse em uma reunião de literatos na Bahia que o volume das —Horas vagas era um dos mais primorosos que haviam sido impressos no Brasil! E na verdade aquelas respeitaveis palavras honraram a nossa provincia.

Gonçalves Dias na poesia acima citada diz ainda:

> *[illegible]*
> *Estando sobre [illegible] [illegible].*

E este verso [illegible] André Rodrigues de Matos na sua traducção da Jerusalem Libertada.

..... a noute escura
Estende o negro manto...

E o mesmo verso já tinha sido escripto pelo immortal Camões na estancia que principia assim: *Já levava o Antipoda o dia.*

Entretanto estes 3 poetas são os mais notaveis de Portugal e Brasil, e nenhum delles por certo plagiou aquelle mesquinho verso.

Ouça ainda. Br. Bretanente.

O grande poeta Baiano e meu mestre, de saudosa memoria, Francisco Moniz Barreto, em seu *natalicio* disse:

Sinto dentro do peito
Bater frouxo o coração

E este segundo verso foi igualmente formulado por G. Dias, que naturalmente não o tinha lido quando escreveu na sua bella poesia—*Destino de um pobre velho*—o seguinte:

Louco velho já não sentes
Bater frouxo o coração?

Podera citar muitos destes encontros entre os mais notaveis poetas, e entretanto ainda ninguem classificou isso de plagio.

Ouça mais ainda, meu Zoilo:

O grande Almeida Garret na sua bella poesia *O natal de Christo* disse:

Gloria a Deus nas alturas
E paz na terra aos homens!

Lamennais logo na primeira pagina do seu bello livrinho—*Paroles d'un croyant*, impresso em 1833 diz: *Gloire à Dieu dans les hauteurs des cieux, et paix sur la terre aux hommes...*

As lettras santas dizem: *Gloria in excelsis Deo et in terra pax hominibus.*

Todos dizem a mesma cousa; entretanto ninguem dirá que Almeida Garret plagiou Lamennais, e nem que este escriptor plagiara os padres, que constantemente recitam *o gloria*.

O Paraizo perdido e a *Escriptura Santa* se encontram em muitos pontos relativos aos preceitos divinos, entretanto ninguem ainda disse que Milton é um plagiario.

Ferreira o autor dos *Lusitanos* disse:

Que a minha terra amei e a minha gente.

Camões disse no Lusiadas:

Que a minha patria amei e a minha gente.

Ambos estes poetas foram muito respeitados no seu tempo; e Camões falleceu dez annos depois de Ferreira. Quem plagiou um ao outro? Plagio é aquillo que o Sr. Bastamente sabe fazer.

e que os Parahybanos conhecem por—*Fatalidades.*

Muitos outros exemplos de encontros de palavras e de phrases entre autores de boa nota podera citar, se por ventura não fora esse trabalho uma futilidade. Eu portanto vou terminar estas citações dando um exemplo de casa.

O humilde autor destes artigos, desconhecido inteiramente entre os escriptores portuguezes, publicou no periodico—*Estudante*, impresso na Bahia em Fevereiro de 1854 um romance, intitulado *O Pescador*, em cujo canto III se lê o seguinte :

E o mar furioso
Medonho bramia,
Qual féra bravia
Dos filhos ciosa ;
E o vento zunia,
E a chuva cahia
Na praia arenoza !

Entretanto, oito annos depois, em 1852 o illustrado e famoso poeta Thomaz Ribeiro publicou o seu bello poema *D. Jayme*, em cujo canto II se nota uma estrophe no mesmo metro e gosto, succedendo até haver *mutatis mutandi* versos iguaes na forma e no pensamento. E o pobre parahybano que não tem a honra do ser conheci-

do em seu paiz como escriptor, está certo, de que já mais será plagido por Thomaz Ribeiro, que é uma das glorias de Portugal.

O que ha, pois, nestes encontros não é plagio, e sim idéas associadas e palavras precisas para traduzil-as, o que não é previlegio de ninguem. E não poucas vezes succede que o pygmêo sente a mesma inspiração do gigante; e ambos se encontram ao menos nos limites, que os separam; isto é, subindo um do seu estylo rasteiro, e descendo o outro do seu estylo elevado e sublime. Pois foi isto justamente o que se deu entre o pigmêo que escreve estas linhas e o gigante que escreveu o poema D. Jayme...

Medite sobre estas cousas, Sr. critico, que se arrependerá do trabalho baldado, em que consumiu os seus dias, no intuito de reduzir-me á sua esteira.

Quer medite, quer não, é sempre certo que estou satisfeito com o trabalho que tive em desmascaral-o.

Parahyba 25 de Maio de 1869.

———

ARTIGO XIX.

CONCLUSÃO.

Não quero eternisar estes artigos; cumpre acabar e neste proposito resumirei hoje a analyse patenteando as ultimas accusações do meu hypercritico, as quaes não passam de tolices, como vão ver os leitores.

Descrevendo eu a impressão, que o intrepido Maurity causara ao almirante, quando de novo voltara a bater-se com a fortaleza de Humaytá, digo:

O general ficou pasmo
De ver tanto enthusiasmo,
De ver tanta intrepidez.

E o meu zoilo suppondo que a palavra—*pasmo* é synonimo de *morte* exclama: « *O general ficou pasmo e ainda está vivo!* »

Ora, realmente é preciso pachorra para aturar tanta ignorancia e tolice; já agora levarei a cruz ao calvario.

Pasmo, Sr. critico, significa estado da pessoa *attonita, admirada, maravilhada, enleiada, sorprehendida* por algum prodigio, como exactamente aquelle practicado por Maurity. E Gonçalves Dias no mesmo sentido emprega este vocabulo dizendo nas sextilhas do Fr. Antão—

Era pasmo vel-os juntos
Pelas ruas passear.

Abra qualquer diccionario e verá em todos a mesma significação; em nenhum porem achará a palavra—*pasmo* como synonimo de *morte*.

Esta tolice escrupulosa do meu critico é semelhante aos escrupulos dos censores de algum dia, de que trata um escriptor portuguez, referindo os seguintes casos:

Alguns dos individuos *litteratos* ou não litteratos, *sabios* ou charlattes, escolhidos pelos tribunaes para a censura previa dos livros, eram

tão casmurros e escrupulosos, que embicavam com uma simples e innocente palavrinha, por mais desacompanhada que fosse de epithetos *eggravantes*, e condemnavam sem dó ao esquecimento o livro; e fortuna era se o autor escapava da mais damnada proscripção. Neste ponto ha casos atrozes: citaremos porem alguns puramente ridiculos. (como os do Sr. Bustamente) Um censor não consentio que se imprimissem umas lettrinhas para canto, que tinham por estribilho:

Amor é fado
Vontade o mais.

Encheu duas laudas de papel para reprovar a palavra—*fado*—como anti-christan, e ficou muito senhor de si e fresco com cara de frade !.... Ainda não ha muitos annos foi reprevada uma collecção de poesias, porque o censor achou tres ou quatro vezes a palavra—*beijo ! !*.... O capitão Manoel de Souza, traductor do Telemaco, foi buscar a casa do censor certa obra que tinha a licenciar, e vio com o maior pasmo (note o Sr. critico o emprego da palavra pasmo) que o homem, exorbitando do seu officio lhe riscara no seu manuscripto a palavra—*orelha*, *porque era rasteira e trivial e não quadrava com a prosa harmoniosa e sublime !* Manoel de Souza, com toda a sua pachorra perguntou-lhe

—O' padre, o que foi que S. Pedro cortou a Malcho na occasião da prisão de Christo ?...

—Foi uma orelha, respondeu o padre todo balbuciante.

—Pois então, lhe tornou o capitão, como hei de eu chamar á essa parte do corpo humano ?

O padre ficou embatucado, mas o malicioso capitão accrescentou logo :

—Agora me lembro... latinisando, lhe chamarei *auricula*, porque Persio diz, meu padre —*auriculas asini quis não habet ?*

Qual é o censor desta ordem que não deixa ver as pontinhas d'orelhas d'asno ?...

Deixemos o capitão Manoel de Sousa com o seu censor escrupuloso e casmurro, e voltemos ao nosso Bastamente, que não é menos escrupuloso e faceiro ; por exemplo lendo elle o verso : *Sobe a esquadra o Paraguay*, disse que o Paraguay está empregado por sinedoche ! E' interessante, ora desconhece as figuras quando aliás devem ser empregadas ; ora as descobre onde ellas não existem, como no verso em questão, onde *Paraguay* é tomado no sentido litteral, e não figurado, pois Paraguay é o proprio rio a que me refiro.

Adiante :

Mas nosso Imperio gigante
Não pode Humaytá temer ;

Manda a sua esquadra ovante
Forçar o passo e vencer.

Analysando esta quadra diz o meu critico, que *ovante* é participio, e pede aos leitores que combinem com o infinito pessoal *vencer!*

Dous erros de palmateria.

Ovante não é participio, Sr. critico, é um simples adjectivo que significa—*o que triumpha em ovação, triumphante, ufano,* e neste sentido o empreguei. Para ser participio devia sel-o do verbo *ovar* que segundo os Lexicographos significa crear ovas como o peixe, ou pôr ovos como a galinha.

Vencer não é infinito pessoal, e sim impessoal em logar de substantivo complementar do verbo manda, o que é tão usual na Grammatica pela figura Enallage, e dá-se a isso o nome de linguagem virtual. O Sr. critico, se não fosse tão ignorante devia saber que o infinito do verbo fica tambem na forma impessoal (ainda que se refira á pessôa ou cousa determinada) quando é regime e tem o mesmo sujeito do verbo principal ou regente.

Isto succede a quem é pedante e quer passar por instruido fallando sobre aquillo que ignora.

Adiante.

Referindo-me á fortaleza de Humaytá depois de forçada pela esquadrilha brasileira digo:

Aquelle medonho espectro
Já não tem throno e nem sceptro
Que prive a navegação.

O Sr. critico ao ler estes versos exclama todo cheio de si, *que nunca viu navios com thronos e sceptros!* E vai por diante chalaçando como um palhaço, suppondo ter eu dito alguma blasphemia!

A sua primeira tolice consiste em não entender a referencia, que é feita a fortaleza e não aos navios. A segunda consiste em não comprehender S. S. a metonymia empregada na locução supra, devendo tomar o signal pela cousa significada. A corôa e o sceptro ahi significam a dignidade, o prestigio, a potencia, o dominio real e a soberania da fortaleza de Humaytá sobre o rio Paraguay; o que tudo ella perdeu desde o momento em que foi vencida pela esquadrilha brasileira. Quem não comprehende essa expressão é melhor que abandone por uma vez as lettras e cuide de outro officio.

Adiante:

Estabelecendo eu em seguida uma antithese sobre a força moral da esquadrilha e a força material da fortaleza, esse gigante de granito, que empunha respeito ao estrangeiro com as suas extensas e grossas muralhas, e com os seus calibrosos canhões, disse:

Quando a idéa surge e medra,
Petreo gigante o que é ?
Brilha a idéa sobre a pedra,
Ao granito vence a fé !...

O Sr. critico ou por ignorancia ou por malicia mutila-me o verso e adultera-me o pensamento, levantando-me falsos e dirigindo-me lérias e chufas, como as seguintes :

« *Agora o negocio é mais serio, tem dente de coelho ; os cantéos e os padres que respondam ao Dr : os primeiros como é que uma idéa brilha na pedra ; os segundos como o granito vence a fé. Quanto a nós julgamos que só um individuo vulgarmente chamado pedra, tendo idéas de pedra, as faz brilhar na pedra.* »

E' espirituoso !

Parece impossivel que se diga tanta tolice em tão poucas palavras ; entretanto ahi está transcripto fielmente nesse paragrapho o enunciado do Sr. critico, ao qual respondo apenas com a maxima de La Bruyere : *La moquerie est souvent indigence de esprit*.

O comico, o faceto, o engraçado e o chulo podem ser meios indispensaveis a esses *criticos* sem criterio, a esses *sabios* ignorantes ; mas as suas composições jámais reunirão em si a grandeza do fim a que se propõem. Sim o ridiculo

pode agradar por momentos como diz Quintino Bucayuva, pode mesmo chegar a conquistar a popularidade de um instante em quanto o seu effeito actua sobre o espirito do publico; mas não poderá jamais fortificar-se em sua lembrança; hade por força desapparecer tão breve como o riso que promove, hade por força morrer desde o instante em que o leitor volte as costas ao jornal que o traz impresso em suas columnas. O que fica, o que se grava indelevelmente na memoria do leitor e na alma do povo, diz o mesmo escriptor em seus *Estudos criticos e litterarios*, é aquillo que lhe chama a reflexão, ou que lhe promove o affecto, aquillo que lhe falla á razão ou ao sentimento, aquillo que é philosophico, que é moral e que deve occupar todo o empenho do critico para que a sua missão não seja illudida.

Longo e fastidioso fora acompanhar o Sr. critico em suas palhaçarias, passemos adiante.

No ultimo canto da Batalha de Humaytá eu principio a estrophe pela seguinte quadra:

Minha Patria, estes teus louros
Nunca mais hão de murchar,
Nesse feito hão-de os vindouros
Ler Aboukir, Trafalgar!

Vejamos agora a critica do Sr. Baslamente a respeito.

Sobre os dous primeiros versos diz elle : — «*Aqui o verso é cheio, ha harmonia da phrase, exactidão da medida e mais que tudo consonancia poetica.* »

Sobre os dous ultimos diz logo em seguida :

«*Queda de estyllo, queda de harmonia, queda de medição.* »

E esta ! Em uma sò quadra quanta belleza, quanto deffeito ! Isto ou é capricho ou loucura. O seu elogio é tão inepto quanto é vãa a sua critica, pois nem uma e nem outra cousa são fundadas em provas.

Se a harmonia, fallando com propriedade, é a agradavel censação que resulta da simultaneidade com que muitos sons accordes ferem o orgão do ouvido ; e se essa harmonia é na poesia a musica da linguagem que por uma feliz mistura de syllabas, metro e sons exprime os movimentos dos nossos affectos, é claro que o Sr. Bustamente elogiou e censurou essa quadra por mero capricho, visto como o pensamento dos dous ultimos versos é o complemento dos dous primeiros; e a forma em todos quatro é exactamente a mesma quanto ao numero e medição, quanto ao rythmo e harmonia metrica.

Assim, pois, não aceito o elogio, e desprezo a censura vãa, que é feita por quem ignora os Preceitos mais comesinhos d'Arte poetica e as

regras d'harmonia metrica, como tudo já deixei provado em meus artigos anteriores.

E' verdade que ha pessoas tão mal organisadas, ou tão pouco habituadas a perceber o som e a doçura das palavras, que, segundo diz meu mestre de Rhetorica, escusadas são regras, escusados exemplos para lhes formar o ouvido, para destinguir o aspero do fluido, o brando do suave. A' taes individuos succede o que refere Plutarco daquelle Rei dos Scytas, que havendo captivado na guerra ao celebre musico Ismenias, lhe ordenou tangesse a sua flauta; e como todos os mais captivos se maravilhassem de sua habilidade, juro (disse elle) pelo vento, e pela espada que muito mais grato me fora ouvir os relinchos de um cavallo!

Não quero dizer que a negação do Sr. critico para a harmonia vai até ahi; mas o que não lhe posso negar é a incontestavel rudeza já tantas vezes demonstrada.

Os seus dislates vão até a sua ultima palavra como vão vêr os leitores. A estrophe começada pela quadra supra termina pela sextina seguinte:

Os netos de Castro e Gama,
De quem corre ainda a fama
Que venceu Adamastor,
Não envejam Espartanos.

Nem as glorias dos Romanos,
E nem os vôos do Condor.

Eis agora a critica do Sr. Bustamente fielmente transcripta :

« *Erro obsoluto de grammatica ; o desconhecimento da syllepse, quando o collectivo está no plural, seguido ou precedido de preposição —de, que deve concordar com o verbo da oração principal venceram. Erro de construcção, a collocação da ideia relativa*—de quem corre ainda a fama, *no meio das ideias obsolutas* : netos de Castro e Gama que venceu Adamastor. »

Quem já viu tanta tolice dita em tão poucas palavras ? ! Nem D. Quixote seria capaz de levantar tantos moinhos para combater.

Pobre grammatica, em que mãos foste cahir ! Como se converte em juiz, quem não passa de réo ! Como se converte em agente quem jámais deixou de ser paciente !

Analysemos as filagramas desta algaravia, e as tolices do Sr. critico.

1.ª tolice. *Erro absoluto de grammatica consistindo no desconhecimento da syllepse.* Leia de novo quem quizer os versos em questão, e verá que nelles não ha erro de grammatica, e que nelles não ha syllepse nem de genero, nem

de numero e nem de pessóa, cujas especies mui bem descrimina Soares Barbosa em sua *Grammatica philosophica*.

Só pode haver syllepse quando ha descordancias apparentes, em que por uma parte o adjectivo parece descordar do seu substantivo ou em genero, ou em numero, ou em tudo isto ; e por outra o verbo parece descordar do seu sujeito ou em numero ou em pessóa. Entretanto nas orações comprehendidas na sextina supra não ha nenhuma destas descordancias apparentes. A syntaxe de concordancia é regular de palavra com palavra e nunca de palavra com uma ideia occulta como succede na syllepse.

2.ª tolice. *O collectivo está no plural seguido ou precedido da preposição de.* E esta ? Qual é nessas orações o nome collectivo seguido ou precedido da preposição *de* ? Será *netos ?* Será Castro ? ou será Gama ?

Tem por certo muita coragem quem affronta assim a opinião ! Saiba, Sr. critico, que nenhum destes nomes é collectivo, porque nenhum delles exprime collecção. Collectivo é o nome que embora esteja no numero singular exprime e designa muitos individuos da mesma especie v. g. *Assembléa, exercito, povo, multidão, arvoredo*. Estes nomes se chamam collectivos geraes ; ha porem outros que se denominam par-

ciaes ou partetivos e precisam ser determinados pelo complemento restrictivo, como por exemplo *a maior parte, ametade, um terço* &.

3.ª tolice. *Diz elle que o verbo da oração principal é vencêo, e que portanto devera fallar no plural—venceram—para concordar com os seus suppostos sujeitos collectivos!* E' muita sandice. A oração principal, Sr. critico, é a seguinte :—*Os netos de Castro e Gama não envejam Espartanos*; e são por ellipse continuadas as que se lhe seguem. Já vê pois que o verbo é *envejam* concordando com o sujeito *netos* em numero e pessôa sem precisão da syllepse. O verbo *venceu* não tem precisão de ir ao plural, porque não é a copula da oração principal; e sim é o verbo da oração incidente e subordinada que tem por agente o pronome relativo, que se refere a Gama; pois delle é que corre a fama que venceu o Adamastor. O seu erro não é somente de grammatica, é tambem de historia.

4.ª tolice. *Erro de construcção, a collocação da ideia relativa no meio de ideias absolutas!* Não ha erro de construcção por isso, Sr. critico; porque em qualquer periodo a construcção ou collocação das palavras ou phrases pode ser *directa* ou *inversa*; e as orações podem ser simples, ou complexas, ou compostas de proposições subordinadas. O que se quer a bem da

bôa construcção é, que n'um periodo a phrase principal deva preceder sempre a subordinada, de sorte que em todo o arranjo de palavras as primeiras idéas ou absolutas precedam ás segundas ou relativas, para a bôa percepção do sentido. E' justamente isto o que querem os Grammaticos e foi justamente isto o que eu pratiquei na construcção da sextina supra.

Ouça o que diz a respeito o erudito Soares Barboza em sua Grammatica philosophica: « Quanto a construcção das proposições sobordinadas por ordem á principal na composição e coordenação de qualquer periodo a principal sempre é a primeira na ordem directa. Ella se dá a conhecer logo pela linguagem indicativa, quando a sua affirmação se não suspende com alguma conjuncção propria a produzir este effeito. »

Tenho concluido a analyse aos sete artigos do Sr. Bustamente. Tenho consciencia de haver destruido todas as accuzações que me fez e respondido a todos os seus argumentos sem excepção de um só, apezar de ter elle concluido o seu ultimo artigo pelas seguintes palavras:

« *Estamos bem certos, que o Dr. Cordeiro na alta posição que occupa no mundo litterario, não descerá a uma defesa, mesmo porque não ha defesa possivel diante dos factos taes quaes apresentamos.* »

Mas eu desci : agora deve estar consolado, porque não o despresei, apezar de me terem a isso aconselhado os meus mais illustrados amigos. Deve estar consolado ainda mais, porque deffendi-me com as minhas paoprias armas, e não acobertei-me (como o Sr. Bustamente receiava) com as cartas de felicitações que o conselheiro Castilho e muitos outros notaveis escriptores me tem dirigido, por occasião da publicação de minhas pobres producções litterarias. Não foi preciso nada disto.

A vista do que fica exposto em toda esta polemica litteraria, veem os leitores, que o Sr. Bustamente por suas idéas turbabas e confusas, por suas phrases resiveis, e por suas banalidades, diffundidas pela ignorancia ou pela especulação, pertence sem duvida á essa tribu nomada de sophistas *critiqueiros*, e bedoinos que assaltam todas as reputações. O Sr. Bustamante pertence sem duvida á essa legião famelica, insaciavel, e sem nome, que quando logra aproximar-se da imprensa a apouca e degrada, e quando nella se introduz a avilta e perverte dizendo.

« *Impios são todos, e eu de todos o sangue beber quero. Tudo erra só eu acerto.* »

E' assim que elle falla sobre litteratura, sobre sciencias, sobre eloquencia, sobre poesia, sobre grammatica, e sobre tudo com o maior despudor.

Elle nada entende, entretanto lá vai por esse mundo fóra teso como um prego, fanfarrão e arteiro como um jogral, não de reis, nem de fidalgos, mas de todos a quem falla;

Um escriptor francez em face de um critico como o Sr. Bustamente disse com muito espirito:

Il furette la grammaire
Comme un chat furette un rat;
Quant aux vers, il a beau faire,
L'homme ne s'y connait pas.

E eu concluindo agora o meu trabalho peço desculpa aos leitores pela massada que lhes dei, e arremedando o nosso bom Alvarenga offereço os seguintes versos alexandrinos ao—

SR. BUSTAMENTE.

Se acaso Bestamente—fizeste algum idyllio
Em verso portuguez—de pés alatinados,
Não te julgues por isso—Theocrito ou Virgilio.
Teus plagios inda hoje—na prosa são lembrados!
Em quanto Eugerio Sue—tu ias plagiando
Por um grande escriptor—suppunhas ir passando;
Mas tua rica mina,—horror! foi descoberta,
E a plebe iniqua e rude—ficou então alerta
Por ella deshumana,—cruel, tão destinida,
Qu'eu tive grande pena—de ver a tua lida.

Publicador maldito—de espinhos foz-te a cama
E poz em pratos limpos—os plagios do teu drama;
Teu livro me off'receste—temente e respeitóso,
Contando como sempre—qu'eu era generoso.
E grato a tua offerta,—na qual me elogiaste,
Senti essas torturas,—porque então passaste.
Eu quiz duas palavras—dizer p'ra consolar-te,
Mas não achei palavras—nem geitos, e nem arte,
Não pude deffender-te,—soberbo me chamaste,
Mas bem a meu pezar—na lama tu ficaste.

Notaram em teus escriptos—tresentos mil defeitos
E nelles s'embrulharam—adubos e confeitos!
Foi grande essa *arrelia*—nas vendas e tabernas,
Teu genio foi c'roado—de glorias sempiternas!
Serviram teus folhetos—d'embrulho p'ra toucinho,
Arrôz, cebo e manteiga,—pimentas e cominho!
E junto a uns taboleiros—eu vi um peralvilho
Com elles embrulhar—até angú de milho!...
Cruel FATALIDADE—te fez tocar a meta,
Se nada foste em prosa—jamais serás poeta.

Parahyba 29 de Maio de 1869.

— —

POST SCRIPTUM.

Depois de um longo caminhar sento-me hoje no marco da estrada que percorri, e olhando para esse campo esteril e pedregoso que atravessei, sinto-me como o viajante que galga o topo da serra, limpa o suor da fronte, toma folego e olha ainda maravilhado para o abysmo que atravessou!

O abysmo, como diz V. Hugo, é cheio de attracção. E o Sr. Bastamente para lá me attrahiu; mas pude escapar-lhe das garras, e voltei desse barathro profundo, em que elle vive mergulhado.

Coitado, tenho pena de vêl-o lá em baixo a debater-se, mas lá não voltarei, palavra de honra; cada um cumpra a sua sina.

*
* *

Ha seis mezes conclui este trabalho, que o benevolo leitor acaba de folhear; e, agora que já dormi sobre o caso, sinto *ex imo corde* o mal que fiz ao Sr. Bustamente, pondo em durissimo relevo a sua ignorancia litteraria, e mais ainda o seu caracter.

O maior numero dos artigos, de que se compõe este livro, resente-se naturalmente da excitação febril que exige o desafogo da imprensa periodica. Aggredido injusta e descommunalmente pelo Sr. Bustamente desci a responder talvez o que não devia, visto como não desprezei nem uma só de suas accusações, por mais futil que fosse, desde o burlesco até a puerilidade, apesar de me aconselharem o contrario alguns illustrados amigos.

Diziam elles que não valia apenas discutir com um individuo ignorante e de má fé, escolhido *ad hoc*, como instrumento cego de uma cega politica, para punir aggravos e vingar affrontas pessoaes!

E meus illustrados amigos tinham talvez razão á vista do que ahi deixei em relevo. *Ex fruc-*

tibus eorum cognoscetis eos. Mas é que as vezes a sociedade pode a punição desses ignorantes ociosos, que vendem a sua omnimoda cooperação a quem primeiro os arremessa contra a reputação alheia! E' preciso que a sociedade uma ou outra vez seja vingada desses zangões, *quorum lingua prompta et temeraria.*

Calar quando a consciencia se indigna é trahir a propria dignidade, e o silencio tambem pode ser uma mentira, assim como o desprezo uma deslealdade.

A imprensa quer a luz nas discussões, porque o publico pode ser illudido por meio de arguciaz e calumnias. A imprensa quer a coragem e lealdade nos escriptores, porque a penna é a arma da rasão e não o florete do espadachim.

Nos combates da estacada o publico vem afinal a reconhecer o que fere como cavalleiro, e o que tumultua como arruador nas rixas de quadrivio.

Assim pensei ao ler os sete artiguitos do Sr. Bustamente e não hesitei em descer a arena, certo de que a imprensa basea-se na justiça como todos os poderes. Se ella se curvasse a quem quer que fosse, deixaria de ser um oraculo para ser uma mentira, deixaria de ser a idéa para ser uma mercancia!

Bem sei que não ha merito litterario neste

trabalho, porque discuti com um homem que não tem pensamento, que ignora as theorias mais comesinhas, que nega os factos mais evidentes, as verdades mais conhecidas, que renega os raciocinios mais perfeitos, as conclusões mais logicas, que faz-se pueril para ser mais perverso, que desce a infantilidade para calumniar, que torna-se palhaço para melhor tocar a selvageria! Mas ao menos ficará em relevo a perversidade do Sr. Bustamente, que, em vez de pairar nas nuvens como aguia, arrasta-se hoje no pó como reptil.

Não sei se fiz bem, ou se fiz mal, e se perdi o meu tempo; não importa, foi um capricho, mas o que é verdade é que elle sempre produzio algum effeito, porque durante a impressão dos primeiros artigos no «Despertador,» recebi do Sr. Bustamente (pois de outro não podia ser) em carta fechada um soneto ou pasquim, como elle os sabe fazer, em tom de ameaça!

Reconheci por isso o seu desespero; não fiz caso do seu arreganho, e continuei a publicar os meus artigos, porque vi então que não eram de todo inuteis.

Em compensação dos seus insultos recebi cartas de illustrados amigos, que me animaram a proseguir na minha tarefa, e uma dellas dizia o seguinte:—« *Você tem feito o Bustamente arrenegar a hora em que se metteu a critico. Si*

todos os Bustamentes encontrassem sempre o que o seu encontrou o numero dos zoilos estaria certamente muito reduzido. »

Mas elle, e somente elle foi o culpado, resta-me ao menos esse consolo.

Penalisa-me ter sido provocado por elle a usar as vezes de uma linguagem severa, pois nada mais bello que a cortesia nas discussões litterarias. Mas á vista do que neste volume fica revelado o transcripto de sua critica burlesca e calumniosa, como era possivel conter-me ?

Delle partiu a provocação, era mister portanto pol-o a bom caminho ; só sinto haver-me uma ou outra vez deixado ir a reciprocar; mas isto succedeu ao Sr. Castilho, quanto mais á minha pobre individualidade.

O Sr. Bustamente tem um diploma de bacharel em sciencias juridicas e sociaes (parece incrivel nesta terra, onde este titulo assenta bem a muitos pelos seus talentos) é geralmente conhecido de todos os Parahybanos, não é pois um homem tão insignificante, que não se envergonhe hoje de sua propria ignorancia e leviandade em face da publicação deste livro ! Não é possivel que seja elle, como dizem, tão encouraçado, que não deixe transparecer o rubor nas faces como qualquer homem regularmente organisado.

Talvez o exemplo aproveite, a a sociedade Pa-

rabyhana ficará vingada desses pobres de espirito, que, ebrios de inveja e saturados de odios, desafogam a vaidade no vituperio, promovem questões, incitam infimas paixões só sentindo e só escrevendo, como diz o satyrico hespanhol,—*por la boca de su herida*.

*
* *

Ninguem pense que os achaques serios do espirito se desfarçam com argucias e selvajarias, porque nem mesmo os do corpo podemos occultar. O cancro pode ser coberto pela cataplasma anti-sceptica, mas será descoberto pelo olfato. Ninguem pense que o desleixo e o abuso repetido da imprensa chegará triumphante a um como estado normal da sociedade. Quando esse despudor e menosprêzo publico quizer se arvorar em costume elevando a excepção quase á regra, a sociedade tem então o direito de reprimil-o, e não é somente esse o seu direito, esse é o seu dever, porque as excepções jamais poderão invalidar as regras.

Do contrario seria a sociedade acoroçoando o crime, a devassidão affrontando a honra, a venalidade sobrepujando a independencia, o vicio escarnecendo a virtude, a maledicencia desalentando o trabalho, o deliquente esbofeteando a justiça, sem escrupulo, sem pudor e sem freio.

Isto seria então a prostituição do direito natural, a inversão dos costumes, a coroação do cynismo, e o desprezo de todas as leis da moralidade.

Só negam a magestade da imprensa aquelles que ajoelham supplicantes diante do seu poder para motejar ironicos de sua moralidade, como fizeram os juizes que arrastaram Suzana aos tribunaes, porque não poderam pervertel-a e deshonral-a!

Só estes falsos apostolos procuram illudir a opinião para insultal-a sem pejo; mas a sociedade cumpre precaver-se contra estes paradoxistas e scepticos.

A sociedade trabalha para o futuro e deve corrigir os abusos e os crimes: e injustiça fora proscrever a imprensa, esse agente grande e util, esse esteio possante da liberdade universal, só porque ha quem lhe dê uma má e damnosa direcção.

O falso apostolo pode prejudicar a religião com os seus erroneos discursos e com os seus máos costumes, mas não a condenna, e nem a pode desacreditar.

A instituição destinada para o bem não tem culpa de a desviarem para o mal, e a sociedade deve zelar cuidadosamente a sua moralidade e o seu decoro, negando os fóros da communidade á-

quelles que lhe põem em perigo os creditos. E' assim que as corporações, que se respeitam, riscam do seu gremio os individuos, que as invergonham e rebaixam.

A faculdade de transmittir o pensamento pela imprensa é um direito natural, indiscutivel, inalienavel e inconcusso, como dizem os melhores publicistas, e a prova é que todos recorrem á ella; mas semelhante direito exclue o abuso e a perversidade. E o perverso que abusa não está a sombra desse direito, e nem pode invocal-o.

Assim pois o Sr. Bustamente abusou, devera ser castigado, e de hoje em diante deve convir que andou caminho errado, pois cada individuo tem o seu talento que deve seguir, a sua meta que jamais deve ultrapassar. E todo aquelle que despresar esta prudente maxima, e pretender sahir fora da sua esphera para alar-se á uma região superior, que lhe não pertence, hade cahir por força nessa sua temeraria ascensão, voltando para o ponto baixo d'onde sahiu destroncando as pernas, luxando os braços e fracturando a cabeça.

Foi justamente esta desgraça que succedeu ao Sr. Bustamente no seu infeliz retrocesso. O unico remedio que lhe posso hoje applicar para que não seja conhecida a sua deformidade nas outras provincias é occultar-lhe o verdadeiro nome, pelo qual é geralmente conhecido nesta nossa bôa terra.

Eu não me nego a attenuar assim o mal que lhe fiz, afim de que, se occupar algum dia cargos publicos fora da provincia, não seja escarnecido, como é pelos seus patricios.

Faço sinceros votos para que estude e se regenere; e possa eu algum dia reconhecer-lhe algum merito na carreira das lettras.

*
* *

Dos homens do *Jornal da Parahyba* estou igualmente vingado, porque, no intuito de offenderem-me como adversario politico, procuraram elevar um homem sem merito, suppondo-o litterato, e afinal rebaixaram-se até elle!

As mas paixões são como as parasitas, estereis de sombra, e de fructos. Nem abrigo nem colheita nos trazem, a sua cultura por tanto é improficua, se não mesmo venenosa e prejudicial.

Tenho hoje certeza do arrependimento em que estão, porque não só perderam o seu tempo e trabalho, mas, o que é peor ainda, hoje já se maltratam pela imprensa! *Hodie mihi cras tibi*.

Quando a politica se constitue a arte hedionda dos rancores; quando se substitue o bem commum pelo despeito pessoal; quando se quer o poder não para fazer a felicidade publica, mas para opprimir e desconceituar o adversario; quando se desce da magestosa altura dos inte-

resses sociaes para patinhar no lodo desses ajustes de contas, de odios mesquinhos e individuaes; quando finalmente o jornal deixa de ser o promotor publico do interesse commum e do progresso para ser o carrasco das idéas, o instrumento de vinganças tão repugnantes, que nem as pode confessar com a propria assignatura; não é de pasmar que tudo isto aconteça, pois é axioma antigo que os máos por si se destroem.

Fiquem certos os redactores do *Jornal da Parahyba*, que quando não sabemos manejar as armas quase sempre nos ferimos com ellas; e saibam mais, que o odio é um veneno, que, se muitas vezes prostra aquelles que o recebem, mata rapidamente os que o trazem no seio!

Eu lhes perdôo o mal que me quizeram fazer, pelo castigo que já receberam do proprio Sr. Bustamente.

*
* *

Ao terminar este livro corre-me o dever de agradecer a illustrada redacção do «Despertador» o bom acolhimento que deu em suas paginas aos meus artigos, embora não podesse publicar os ultimos por causa dos trabalhos d'assembléa provincial, que occupavam quase todo o jornal. Só sinto não poder agradecer tambem aos seus typographos os trabalhos da impressão

deste livro, porque apezar, da morosidade com que andaram, pouco caso fizeram das minhas correcções e dos meus constantes pedidos na justificação das provas, resultando disso muitos erros typographicos, que os leitores deverão ter encontrado, e dos quaes peço desculpa.

Parahyba 4 de Dezembro de 1869.

A. C. Cordeiro.

Na Botica á rua d'Aterro n. 100 e na casa n. 43 da mesma rua se acham á venda as seguintes

OBRAS DO

Dr. A. da C. Cordeiro.

IMPRESSÕES DA EPIDEMIA, 1 volume de 300 paginas, brochado . . . . . 2$000
A MESMA OBRA encadernada. . . . . 3$000

PROLOGO DA GUERRA OU O VOLUNTARIO DA PATRIA, 1 volume de 170 paginas, drama em verso, brochado . . . . . 2$000
A MESMA OBRA encadernada. . . . . 2$000

ESTUDO BIOGRAPHICO acompanhado de alguns discursos oratorios do vigario Marques, 1 volume de 304 paginas, brochado. . . . . 2$500
A MESMA OBRA encadernada. . . . . 3$200

ESTUDOS LITTERARIOS, 1 volume de 400 paginas, brochado. . . . . 2$500
A MESMA OBRA encadernada. . . . . 3$200

EPISODIO DA ESQUADRA BRASILEIRA em 10 de Fevereiro (Batalha de Humaytá) Poesia 1 folheto por. $00

Na Livraria franceza dos Srs. Laillacar & C.ª em Pernambuco se acham expostas á venda estas mesmas obras.

UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY
A 000 089 529 2